


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Daniel Teixeira dos Santos

Crise e Reestruturação da Indústria Têxtil no Município de
Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro

(Versão corrigida)

São Paulo
2020

An aerial photograph of a large, multi-story building complex, likely a university or industrial facility, situated in a valley. The building has a long, rectangular structure with many windows. In the background, there are several large, rounded mountains. The foreground shows some trees and a road. The overall scene is in black and white.

Daniel Teixeira dos Santos

Crise e Reestruturação da Indústria Têxtil no Município de
Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana sob a orientação do Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo.

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de
Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237c Santos, Daniel Teixeira dos
Crise e Reestruturação da Indústria Têxtil no
Município de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro
/ Daniel Teixeira dos Santos ; orientador Carlos de
Almeida Toledo. - São Paulo, 2020.
280 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Geografia. Área de concentração:
Geografia Humana.

1. Arranjo Produtivo Local. 2. Reestruturação
Produtiva. 3. Trabalho. 4. Indústria. 5. Urbano. I.
Toledo, Carlos de Almeida, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do aluno: Daniel Teixeira dos Santos

Data da defesa: 27/03/2020

Nome do Prof. orientador: Carlos de Almeida Toledo

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 26/05/2020.



Carlos de Almeida Toledo

Folha de Aprovação

SANTOS, Daniel T. dos. Crise e Reestruturação da Indústria Têxtil no Município de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro. 2020. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo
Orientador

Departamento de Geografia – PPGH – USP

Prof. Dr. Daniel Manzione Giavarotti

Departamento de Geografia – PPGH – USP

Prof. Dr. Fábio Teixeira Pitta

Departamento de Geografia - UFES

Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Junior

Departamento de Geografia – PPGH – USP

Agradecimentos

Agradeço essa Tese,

À minha família. Claudio, Carla, Bruno, Claudia, Martin, Wanda e Ary, sem o apoio dado por vocês essa tese e pesquisa não seriam possíveis.

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Almeida Toledo, agradeço especialmente por me acolher e se dedicar em um momento tão delicado, minha eterna gratidão.

Aos professores que compõem a banca avaliadora Prof. Dr. Ricardo Mendes, Prof. Dr. Fábio Teixeira Pitta e Prof. Dr. Daniel Manzione Giavarotti.

Aos professores do Departamento de Geografia Humana da FFLCH, todos foram de extrema importância na construção desse processo, em especial a Profa. Dra. Rita de Cássia.

Ao meus amigos, Nathalia, Bruno, Vanessa, Mathews, Daniel, Gustavo e Jessica pelo apoio emocional e pelos momentos lúdicos nesse processo tão estressante.

Em especial gostaria de agradecer ao meu companheiro Gustavo, pelo apoio emocional em todos os momentos, sem você não essa tese não seria possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que viabilizou a produção dessa tese e a permanência estudantil na universidade.

RESUMO

SANTOS, Daniel T. dos. Crise e Reestruturação da Indústria Têxtil no Município de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro. 2020. 280 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O objetivo da pesquisa é compreender o processo de reestruturação do espaço urbano/industrial do Arranjo Produtivo Local da Moda Íntima, de Nova Friburgo, localizado no estado do Rio de Janeiro, relacionando o processo de reestruturação produtiva, que recentemente se manifesta a partir de políticas públicas e ações privadas ligadas às teorias de desenvolvimento local, à transformação do espaço urbano e à organização do mundo do trabalho. Nesse processo podemos identificar dois fenômenos: a flexibilização das relações de trabalho e a fragmentação da produção. Neste movimento há a consequente explosão do fenômeno urbano em escala regional. Definimos, portanto, como objeto de pesquisa, as fases do processo de reestruturação produtiva do espaço urbano e industrial do município de Nova Friburgo, em relação ao Arranjo Produtivo Local de moda íntima.

Arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. Existe uma vasta literatura nacional e internacional sobre o fenômeno da aglomeração de empreendimentos de uma mesma atividade produtiva em uma determinada região geográfica. Há muitas denominações e ênfases diferentes de se investigar este fenômeno.

Tendo em vista o objetivo acima apresentado, o processo de reestruturação produtiva, as transformações no mundo do trabalho, na indústria e no espaço urbano, estabelecemos o problema da pesquisa partindo da premissa que o município de Nova Friburgo passa por um processo de reestruturação urbana e industrial, que gera uma ruptura e fases de reestruturação da forma de ação e organização do capital. Portanto,

estabelecemos como problema a seguinte pergunta: qual a relação entre o Processo de Reestruturação Produtiva do Espaço Urbano e Industrial do Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo, a explosão do fenômeno urbano em escala regional e a flexibilização/fragmentação da produção e do mundo do trabalho?

A hipótese apresentada é a de que o município de Nova Friburgo passa por um processo de reestruturação urbana e industrial estimulada e financiada por empresas privadas e políticas públicas ligadas às teorias de desenvolvimento local. Este processo intensifica a explosão do fenômeno urbano, que tem como características um alcance regional e uma materialização desigual, reorganiza a produção do espaço urbano/industrial e transforma a natureza do trabalho, fragmentando-o e flexibilizando-o.

Palavras-chave: Arranjo Produtivo Local, Reestruturação Produtiva, Trabalho, Indústria, Urbano, Nova Friburgo, Moda Íntima, Desenvolvimento Local, Flexibilização e Fragmentação.

ABSTRACT

SANTOS, Daniel T. dos. Crisis and Restructuring of the Textile Industry of the Municipality of Nova Friburgo, state of Rio de Janeiro. 2020. 280 f. Dissertation (Doctoral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This research aims to comprehend the restructuring process of the urban/industrial space from the Underwear Local Productive Arrangements, in Nova Friburgo, a city in the state of Rio de Janeiro. It also intends to link the process of productive restructuring - which recently manifests itself through public policy and actions connected to theories of local development - to the transformation of the urban space and the organization of the labor environment.

In this process, two phenomena can be identified: the flexibilization of work relations and the dissolution of the production. There is, consequently, the burst of the urban phenomenon on a regional scale in this movement. Therefore, the phases of the productive restructuring of the urban and industrial space of Nova Friburgo were defined as this research object, regarding the Underwear Local Production Arrangements.

Local Productive Arrangement is a gathering of companies in the same region, which presents specialized production and keeps bonds of articulation, interaction, cooperation, and apprenticeship between itself and other local agents, such as government, business associations, lending, education, and research institutions. There is extensive national and international literature about the agglomeration of enterprises with the same productive activity in a determined geographic locality. This phenomenon can be studied through different designations and perspectives.

Owing to the previously mentioned objective, the premise that Nova Friburgo city goes through a process of urban and industrial reestablishment settled the problem statement of this research. This process develops a rupture and the reconstitution phases of the action and organization of the capital. Thus, the problem statement was set accordingly to this question: what is the

relation between the process of productive restructuring of the urban and industrial of the local production arrangement from Nova Friburgo, the burst of the urban phenomenon on a regional scale and the adjustment/ flexibilization of the production and the labor field?

The presented hypothesis is that Nova Friburgo city is going through a process of urban and industrial adjustment financed by private companies and public policy connected to local development theories. The urban phenomenon burst is intensified by this process, which has as its characteristics the regional reach and unequal attainment. It also reorganizes the urban/industrial space and transforms the nature of the work, fragmenting and flexibilizing it.

Keywords: Local Productive Arrangement; productive restructuring; labor; industry; urban space; Nova Friburgo; underwear; local development; flexibilization and fragmentation.

RESUMÉ

SANTOS, Daniel T. dos. Crise et Reestructuration de l'Industrie Textile dans la Municipalité de Nova Friburgo, état de Rio de Janeiro. 2020. 280 f. Thèse (Doctorat) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

L'objectif de cette recherche est de comprendre le processus de restructuration de l'espace urbain/industriel de l'Arrangement Productif Local de Sous-vêtements de Nova Friburgo situé dans l'état de Rio de Janeiro, et de relier le processus de restructuration productive qui se concrétise récemment à travers des politiques publiques et des actions privées liées aux théories du développement local, à la transformation de l'espace urbain et à l'organisation du monde du travail. Dans ce processus, nous pouvons identifier deux phénomènes: la flexibilisation des relations de travail et la fragmentation de la production. Ce mouvement entraîne par conséquent l'explosion du phénomène urbain à l'échelle régionale. Nous définissons donc comme objet de recherche les phases du processus de restructuration productive de l'espace urbain et industriel de la municipalité de Nova Friburgo, par rapport à l'Arrangement Productif Local de Sous-vêtements.

Les Arrangements Productifs Locaux sont des agglomérations d'entreprises situées sur un même territoire qui présentent une spécialisation productive et maintiennent des liens d'articulation, d'interaction, de coopération et d'apprentissage entre eux et avec d'autres acteurs locaux, tels que: le gouvernement, associations professionnelles, établissements de crédit, d'enseignement et de recherche. Il y a une abondante littérature nationale et internationale sur le phénomène d'agglomération de projets ayant la même activité productive dans une région géographique donnée. Il existe de nombreuses dénominations et priorités pour enquêter sur ce phénomène.

Compte tenu de l'objectif décrit ci-dessus, du processus de restructuration productive et des changements dans le monde du travail dans l'industrie et l'espace urbain, nous avons posé le problème de la recherche sur la prémisse que la municipalité de Nova Friburgo traverse un processus de

restructuration urbaine et industrielle créant une rupture et des étapes de restructuration de la forme d'action et d'organisation du capital. Nous établissons alors la problématique suivante: quelle est la relation entre le Processus de Restructuration Productive de l'Espace Urbain et Industriel de l'Arrangement Productif Local de Nova Friburgo, l'explosion des phénomènes urbains à l'échelle régionale et la flexibilization et fragmentation de la production et du monde du travail?

L'hypothèse présentée est que la municipalité de Nova Friburgo passe par un processus de restructuration urbaine et industrielle stimulée et financée par des entreprises privées et des politiques publiques liées aux théories du développement local. Ce processus renforce l'explosion du phénomène urbain, qui se caractérise par une portée régionale et une matérialisation inégale, réorganise la production de l'espace urbain/industriel et transforme la nature même du travail, en le fragmentant et en le flexibilisant.

Mots-clés: Arrangement Productif Local, Restructuration Productive, Travail, Industrie, Urbain, Nova Friburgo, Sous-vêtements, Développement Local, Flexibilisation et Fragmentation.

RESUMEN

SANTOS, Daniel T. dos. Crisis y Reestructuración de la Industria Textil en el Municipio de Nova Friburgo, estado de Río de Janeiro. 2020. 280 f. Tesis (Doctorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

El objetivo de la investigación es comprender el proceso de reestructuración del espacio urbano/industrial del Arreglo Productivo Local de la Moda de Ropa Interior de Nova Friburgo, municipio ubicado en el estado de Río de Janeiro, relacionando el proceso de reestructuración productiva, que recientemente se manifiesta a partir de políticas públicas y acciones privadas relacionadas a las teorías de desarrollo local, a la transformación del espacio urbano y a la organización del mundo laboral. En ese proceso, podemos identificar dos fenómenos: la flexibilización de las relaciones de trabajo y la fragmentación de la producción. En ese movimiento, hay la consecuente explosión del fenómeno urbano en escala regional. Definimos, por lo tanto, como objeto de investigación, las fases del proceso de reestructuración productiva del espacio urbano e industrial del municipio de Nova Friburgo, respecto al Arreglo Productivo Local de Moda de Ropa Interior.

Arreglos Productivos Locales son aglomeraciones de empresas localizadas en un mismo territorio, que tienen especialización productiva y mantienen vínculos de articulación, interacción, cooperación y aprendizaje entre ellas y con otros actores locales, tales como: gobierno, asociaciones empresariales, instituciones de crédito, enseñanza y pesquisa. Hay una extensa literatura nacional e internacional sobre el fenómeno de la aglomeración de emprendimientos que ejercen las mismas actividades productivas en determinada región geográfica. Existen muchas denominaciones para ese fenómeno y muchos abordajes para investigarlo.

Considerando el objetivo presentado, el proceso de reestructuración productiva, las transformaciones en el mundo del trabajo, en la industria y en el espacio urbano, establecimos el problema de la investigación a partir de la

premisa de que el municipio de Nova Friburgo pasa por un proceso de reestructuración urbana e industrial, que resulta en una ruptura y en la reestructuración de la forma de actuación y organización del capital. Por lo tanto, definimos como problema la siguiente cuestión: ¿Cuál es la relación entre el Proceso de Reestructuración Productiva del Espacio Urbano e Industrial del Arreglo Productivo Local de Nova Friburgo, la explosión del fenómeno urbano en escala regional y la flexibilización/fragmentación de la producción y del mundo laboral?

La hipótesis que se presenta es la de que el municipio de Nova Friburgo pasa por un proceso de reestructuración urbana e industrial estimulada y financiada por empresas privadas y políticas públicas relacionadas a las teorías de desarrollo local. Ese proceso intensifica la explosión del fenómeno urbano — que tiene como características un alcance regional y una materialización desigual —, reorganiza la producción del espacio urbano/industrial y transforma la naturaleza del trabalho, fragmentándolo y flexibilizándolo.

Palabras clave: Arreglo Productivo Local, Reestructuración Productiva, Trabajo, Indústria, Urbano, Nova Friburgo, Moda de Ropa Interior, Desarrollo Local, Flexibilización y Fragmentación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1	- Anúncio de festa de comemoração aos colonizadores...	58
IMAGEM 2	- Anúncio comemorativo dos 100 anos de funcionamento da fábrica de rendas ARP.....	59
IMAGEM 3	- Casas no bairro do Cônego que reproduzem a arquitetura dos colonizadores.....	60
IMAGEM 4	- Área de expansão nobre em encosta no bairro das Braunes, também se observa muitos chalés de arquitetura alemã.....	60
IMAGEM 5	- Condomínio que reproduz arquitetura alemã no bairro do Cônego, esse tipo de condomínio é encontrado por toda o município.....	61
IMAGEM 6	- Vista aérea da vila operária da fábrica de rendas ARP....	79
IMAGEM 7	- Trabalhadoras e maquinário da fábrica de rendas ARP.....	79
IMAGEM 8	- Maquinário da fábrica de rendas ARP.....	80
IMAGEM 9	- Vila operária da fábrica de rendas ARP.....	80
IMAGEM 10	- Vila operária da fábrica Filó.....	82
IMAGEM 11	- Grande planta industrial da fábrica Filó.....	82
IMAGEM 12	- Grande planta industrial da fábrica YPU.....	85
IMAGEM 13	- Grande planta industrial da fábrica SINIMBU.....	86
IMAGEM 14	- Grande planta industrial da fábrica Haga.....	88
IMAGEM 15	- Vista das lojas e confecções no bairro de Olaria.....	112
IMAGEM 16	- Produção do espaço informal, com baixa infraestrutura e doméstica, vista no distrito de Conselheiros Paulino.....	114
IMAGEM 17	- Produção do espaço informal, com baixa infraestrutura e doméstica, vista no distrito de Conselheiros Paulino.....	114

IMAGEM 18	- Vista das lojas e confecções no bairro de Olaria.....	124
IMAGEM 19	- Feira de negócios de moda íntima FEVEST.....	148
IMAGEM 20	- Alunas no curso técnico de vestuário.....	166
IMAGEM 21	- Costureiras de uma grande empresa no bairro de Olaria.....	199
IMAGEM 22	- Antiga Fábrica Filó em 1925 – Grande Planta Industrial.....	279
IMAGEM 23	- Antiga Fábricas de Renda Filó em 2017.....	268
IMAGEM 24	- Antiga Fábricas de Renda Filó em 2017.....	269
IMAGEM 25	- Vista Aérea do Bairro da Vila Amélia.....	270
IMAGEM 26	- Antiga Fábrica ARP em 1920 – Grande Planta Industrial.....	271
IMAGEM 27	- Antiga Fábrica ARP em 2017 – Grande Planta Industrial.....	272
IMAGEM 28	- Antiga Fábrica YPU em 1930.....	273
IMAGEM 29	- Antiga Fábrica YPÚ em 2017.....	274
IMAGEM 30	- Confecção no Bairro de Olaria.....	275
IMAGEM 31	- Confecção no Bairro de Olaria.....	276
IMAGEM 32	- Lojas populares no bairro de Olaria.....	277
IMAGEM 33	- Lojas populares em viela no bairro de Olaria.....	278
IMAGEM 34	- Lojas de alto padrão localizada no bairro da Ponte da Saudade.....	279
IMAGEM 35	- Lojas de alto padrão localizada em centro comercial no bairro da Ponte da Saudade.....	280

LISTA DE MAPAS

MAPA 1	- Arranjos Produtivos Locais e Concentrações de Atividades no Setor Têxtil-Vesturário – Estado do Rio de Janeiro.....	33
MAPA 2	- Escalas de Representação do Espaço da Moda Íntima de Nova Friburgo.....	34
MAPA 3	- Área urbanizada, Estabelecimentos em Área Rural e Área Florestada do Município de Nova Friburgo.....	39
MAPA 4	- Distribuição Distrital do Município de Nova Friburgo.....	40
MAPA 5	- Distribuição distrital das empresas de moda associadas ao Sindvest no município de Nova Friburgo.....	233
MAPA 6	- Distribuição por bairros das empresas de moda associadas ao Sindvest no distrito sede no município de Nova Friburgo.....	234
MAPA 7	- Distribuição por bairros das empresas de moda associadas ao Sindvest no distrito de Conselheiro Paulino, município de Nova Friburgo.....	235

LISTA DE TABELAS

TABELA I	- Estado do Rio de Janeiro - Estabelecimentos Industriais e Número de Empregados da Cadeia Têxtil por Região no ano de 2015.....	99
TABELA II	- Região Centro Norte Fluminense - Estabelecimentos Industriais e Número de Empregados na cadeia Têxtil por município ano de 2015.....	100
TABELA III	- Número de Micro e Pequenos Empreendedores Individuais da Indústria Têxtil no município de Nova Friburgo.....	219
TABELA IV	- Empregos formais no setor de indústria têxtil número total e proporção em relação aos municípios que compõem o APL de moda íntima de Nova Friburgo (1985 – 2010).....	224
TABELA V	- Estabelecimentos formais no setor de confecção têxtil nos municípios do APL em número total e proporção (2010).....	227
TABELA VI	- Percentual de empregos formais no setor de confecção têxtil em Nova Friburgo por gênero (1985 – 2010).....	229

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEX	Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos.
APL	Arranjo Produtivo Local.
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.
FGV	Fundação Getulio Vargas.
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.
FMI	Fundo Monetário Internacional.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
INEA	Instituto Estadual do Meio Ambiente.
MEI	Micro Empreendedor Individual
MDIC	Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio.
ODCE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico ou Económico.
PIB	Produto Interno Bruto.
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.
SIL's	Sistemas Industriais Locais.
SINDVEST	Sindicato das Indústrias do Vestuário de Nova Friburgo e Região.
SPILS	Sistemas Produtivos e Inovativos Locais.
STIVNF	Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário de Nova Friburgo.
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
UNOPAR	Universidade Norte do Paraná.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	22
Apresentação.....	23
Justificativa e Relevância do Tema.....	42
Objetivo.....	44
Problemática.....	46
Hipótese.....	47
Referencial Teórico e Estrutura da Tese.....	48
1. CAPÍTULO 1 – Reestruturação Urbano no Município de Nova Friburgo: da rigidez das grandes fábricas à flexibilização.....	52
1.1 Caracterizando o Município de Nova Friburgo: ideologia e o “mito da Suíça brasileira”.....	56
1.2 As Indústrias e a Produção do Espaço Fordista.....	76
1.3 Caracterizando o Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo: transformações e reestruturação.....	89
1.4 O Processo de Reestruturação Urbana do Município de Nova Friburgo: flexibilização, fragmentação e reorganização da indústria e do urbano.....	105
2. CAPÍTULO 2 – Políticas públicas e as Transformações no mundo do Trabalho no Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo.....	143
2.1 A indústria da Moda Íntima, as Políticas Públicas no Arranjo Produtivo Local no município de Nova Friburgo.....	146
2.2 Territorialização do Capital, Reestruturação Produtiva e as Políticas neoliberais.....	160
2.3 Globalização, Empreendedorismo, Estado e as Políticas de Desenvolvimento Local.....	170
3. CAPÍTULO 3 – Crise e Reestruturação do Mundo do Trabalho e as Transformações do Cotidiano no Município de Nova Friburgo.....	186
3.1 Reestruturação Produtiva da Indústria, flexibilização e terceirização no mundo do trabalho no APL de Moda Íntima de	

Nova Friburgo.....	190
3.2 O Trabalho Feminino à Domicilio: a força da produção local no Arranjo Produtivo de Moda de Nova Friburgo.....	209
3.3 Espaço da produção de Moda Íntima no município de Nova Friburgo.....	231
3.3.1 O Distrito do Centro: Bela Vista e Olaria.....	236
3.3.2 O bairro de Conselheiro Paulino.....	237
3.4 O novo proletariado.....	238
CONCLUSÃO	245
BIBLIOGRAFIA	258
ANEXOS	266

INTRODUÇÃO

Apresentação

Na tese aqui apresentada analisaremos o processo de territorialização do capital na modernidade e contemporaneidade no município de Nova Friburgo, que tem em seu cerne a mundialização, que é econômica, política, cultural e social. Temos como objetivo analisar esse processo em relação à urbanização e à industrialização, em dois distintos tempos que reestruturam a forma de organização da ação do capital/trabalho. Símbolos da modernização se espalham pelo município hoje. Após a crise do nacional desenvolvimentismo, vimos as teorias de desenvolvimento local invadirem o imaginário social e o cenário científico. Essas concepções trazem em seu cerne o discurso das comunidades locais, dos talentos humanos, das relações de reciprocidade, da cooperação, da sustentabilidade e da governança local como alguns dos atributos que condicionam o desenvolvimento.

As concepções de desenvolvimento mais populares contemporaneamente são as localistas e têm deixado de lado as perspectivas críticas da sociedade, resgatando os conceito de comunidade e cooperação, essa construída por atores e agentes locais, abandonando a perspectiva das classes sociais e das relações de opressão que se estabelece entre e nas classes. Essas abordagens compartilhariam suas ações pelos valores da auto-identidade, de tradição e do pertencimento de comunas, mais do que pelas relações de classes. Nossa preocupação está fundada na análise da realidade contemporânea do município de Nova Friburgo em suas múltiplas dimensões, aspectos e dos processos mais recentes de transformação da produção do espaço urbano.

O município de Nova Friburgo encontra-se em um sítio de elevadas altitudes, em média entre 800 e 1500 metros, podendo chegar a elevações superiores a 2000 metros de altitude. Nele se encontram algumas das montanhas mais altas do estado do Rio de Janeiro. As cadeias de montanha da Serra do Mar são superfícies altas e onduladas, cortadas por vales entupidos de detritos e com fundões úmidos. Nesses fundos de vale encontram-se rios e córregos. A rede hidrográfica principal do município afunda-se em um platô construído de material rochoso, resistente a erosão (granitos e gnaisses), responsáveis pela lentidão do processo de alargamento dos vales, que

permanecem estreitos. Desta maneira a paisagem encontra sua explicação, ao colher, nos diversos conjuntos topográficos, os vestígios reveladores de formas herdadas de um passado, mais ou menos remoto. O objetivo aqui em descrever a paisagem é entender como essa geografia fragmentada intensificará o processo de fragmentação do espaço urbano no município.

A análise do fenômeno urbano que se manifesta neste sítio natural é igualmente complexa, e denuncia a sua história e suas condições de desenvolvimento, revelando o peso do passado na organização do espaço urbano da época contemporânea. Nova Friburgo é um importante centro regional do estado do Rio de Janeiro. Possui cerca de 190.0084 habitantes, segundo dados do IBGE no censo de 2018, está localizada na Região Centro-Norte fluminense de acordo a divisão político administrativa, possui um alto índice de desenvolvimento municipal 0,745; um PIB per capita em 2014 em preços correntes de 22.112,55 reais.¹ Possui uma indústria diversificada, tendo como as mais importantes a moda íntima e a metalurgia. O município é canalizador de indústrias desde o final do século XIX. Hoje configura-se como um centro regional de serviços, também possui turismo e agricultura como importantes setores econômicos. Porém, a moda íntima é a seção da indústria que mais recebe atenção por parte de políticas públicas e programas de desenvolvimento do governo federal, o município é o maior centro produtor de lingerie do Brasil e um centro regional de moda, o que a faz receber altos investimentos para se especializar na produção de moda íntima e *fitness*.²

Por todo município encontramos vestígios de outros tempos, antigas plantas industriais de fábricas de tecido ou renda, as vias estreitas das vilas operárias, ao redor de praças e igrejas. O centro urbano principal encontra-se no vale do Rio Bengalas, um vale estreito, que em certas áreas não passa de 1km de extensão de lado a lado, cercado por montanhas com altitudes superior a 2000 metros. Na região central e em outros distritos como Conselheiro Paulino, esse vale encontra-se completamente ocupado por atividades humanas, sejam elas habitacionais, industriais, urbanas ou com atividades agrícolas. Na tessitura urbana ainda se reproduz por vezes o desenho do fracionamento rural, indicando

¹ Dados Retirados do Censo do IBGE de 2018 Disponível em > <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-friburgo/panorama>

² A moda Fitness é o ramo da indústria têxtil especializada na produção de roupas para exercícios físicos.

a um tempo o avanço da cidade sobre o campo. Entendemos, esse processo como a formação da produção do espaço urbano e da territorialização do capital.

A ação humana tende a transformar o meio natural em espaço geográfico, isto é, em espaço moldado pela intervenção do homem no decurso da história. O município encontra-se em meio a floresta tropical atlântica de altitude, uma mata densa, que proporcionou, desde o início da colonização dificuldades para ocupação e desenvolvimento. A ocupação humana no município de Nova Friburgo remonta ao século XVII, em que ali já existiam assentamentos de tribos indígenas dos goitacases. Em 16 de maio de 1818, o Rei Dom João VI, sentindo a necessidade de estreitar os laços de amizade com os povos germânicos, a fim de obter apoio contra o Império Francês, propôs uma colonização planejada, com o objetivo de promover e dilatar a “civilização” do Reino do Brasil, ele tinha a intenção de criar um exército de reserva com trabalhadores brancos, que dentro do discurso ideológico da época, estariam mais acostumados e qualificados ao trabalho assalariado, diferentemente da mão-de-obra escrava que era usada no Brasil até então. O imperador brasileiro então, baixou um decreto que autorizou o agente do Cantão de Fribourg, na Suíça, a estabelecer uma colônia de cem famílias suíças na Fazenda do Morro Queimado, no Distrito de Cantagalo, localidade de clima e características naturais semelhantes às de seu país de origem. Entre 1819 e 1820, a região foi colonizada por 265 famílias suíças, totalizando 1 458 imigrantes. Foi batizada pelos suíços com o nome de Nova Friburgo, em homenagem à cidade de onde partiu a maioria das famílias, Fribourg ("Friburgo" em português, "Fribourg" em francês, "Freiburg" em alemão, idioma em que foi criado o nome da cidade a partir das palavras "frei" - livre e "burg" - castelo/forte), no Cantão de Fribourg. Foi, também, o primeiro município no Brasil colonizado por alemães, tendo estes imigrantes, ao todo 456, chegado à cidade em 3 de maio de 1824, três meses antes que imigrantes alemães chegassem à cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Nova Friburgo foi a primeira colônia não lusitana a ser fundada no Brasil em caráter oficial. Neste período a paisagem do município era principalmente caracterizada por pequenos assentamentos agrícolas em meio a vales e florestas tropicais, porém ao longo dos séculos seguintes, essa paisagem vai se modificando, na medida em que mais espaços são apropriados por atividades econômicas e mais pessoas chegam ao município.

Instituições e agentes privados de desenvolvimento possuem uma grande influência no processo de reestruturação urbana, condicionando ações e políticas públicas e privadas, identificamos como as mais importantes no município a FIRJAN, o SENAI, o SEBRAE e o MDIC. A partir da década de 1970, nas ciências em geral e principalmente na geografia ocorreu o que denominamos de *turning geográfico*, quando acontece a retomada da dimensão cultural e crítica no pensamento acadêmico e no entendimento dos processos de transformação e de produção do espaço. A partir do movimento crítico advindo do *turning espacial* os conceitos geográficos vêm sendo redescobertos, reestudados e revistos. Entre eles podemos destacar o conceito de paisagem:

“Este fenômeno está ligado ao futuro das fronteiras da disciplina geográfica. A paisagem, juntamente com outros conceitos, como de ambiente ou de ecossistema por exemplo, ganharam as páginas da mídia e a boca dos cidadãos que se preocupavam com o seu bem-estar, desvelando significados complexos que antes estavam restritos às conversas dos especialistas e agora passaram para o âmbito do varejo das redes mundiais de comunicação, onde os gostos, senão as atitudes culturais, se reciclam rapidamente”. (HOLZER, 1999, p.168).

Portanto, o conceito de paisagem passa a ser vista pela geografia como um produto material em constante movimento de transformação e totalização, isto é, uma fusão de todos os processos e elementos, sendo eles, naturais ou culturais, que são passíveis de manifestação em um espaço físico delimitado. Um sistema complexo, dinâmico e instável, em movimento de transformação, no qual diferentes fatores evoluem e se relacionam, de forma conjunta e interativa. Análoga à natureza e transformada pelas ações humanas, em cada representação manifesta-se um desdobramento de configurações e de tempos específicos, determinados pelas técnicas e tecnologias presentes. Formas antigas, formas recentes, previsíveis imagens futuras, formas eternas todas elas se manifestam e se relacionam no espaço do município. A paisagem nunca é idêntica àquela imagem passada e natural, as marcas impressas pelo humano são processos que se manifestam na realidade material a todo tempo. Definir um conceito que em sua natureza é tão dinâmico e em constante movimento de transformação é uma tarefa difícil. O perpétuo, complexo e constante processo de transformação varia segundo componentes sociais, físicos e biológicos, que

se relacionam aos diversos fragmentos do espaço e do tempo, por isso cada período da história do homem possui um correlato geográfico. Contudo, nada expressa melhor essas relações do que a mútua e interdependente correlação entre os seres humanos. Por conseguinte, a paisagem se expressa como um produto cultural, social, humano e político.

Após do aparecimento de difusão das concepções críticas e humanistas na geografia o conceito de paisagem começou a ser enxergado como processo. Por isso, interpretamos o espaço levando em consideração os diferentes estratos temporais, assim que observamos o espaço do município de Nova Friburgo. Nesse sentido partimos da perspectiva de que o espaço do município torna-se resultado de um processo de desenvolvimento complexo que envolve diferentes agentes em diversas escalas e temporalidades. Toda a percepção da realidade na atualidade só tem sentido quando embasada pela experiência anterior. O conhecimento, as informações e a memória atribuem sentido ao universo. Na delicada, porém complexa paisagem, o espaço torna-se o caminho principal, enquanto o tempo torna-se efeito. Uma infinidade de espacialidades, territorialidades, tempos e incontáveis atores vão organizando os instáveis padrões de uma rede em constante movimento de totalização e transformação. Analisar a paisagem como movimento e processo permite a visualização das diferentes técnicas que derivaram vestígios registrados nas distintas estratificações do espaço geográfico, analisando assim sua dinâmica no movimento de transformação das formas-funções-estruturas. Portanto, podemos reconstruir a história do município e compreender suas realidades materiais e imateriais em suas dimensões físicas, biológicas, humanas, metafísicas, espirituais, dentre outros aspectos.

O espaço e as materialidades é um elemento fundamental para a análise do município de Nova Friburgo. Um dos elementos principais que podemos citar está presente na arquitetura e nas formas materiais do município. Podemos encontrar muitas construções tombadas de diversos estilos e tempos, desde construções barrocas, característica dos colonizadores portugueses, assim como edifícios de arquitetura austríaca (hotel Butsky no bairro de Mury), suíça e principalmente alemã. Podemos somar às materialidades (formas) construídas pelo humano, as montanhas e as florestas, que dão um ar “campestre e natural” à paisagem e se configuram como valor de troca e de mercadoria na venda dos

espaços. Estes elementos são fundamentais para o setor do turismo no município, o turismo de aspectos naturais é um forte ramo da economia local. A materialização desses elementos no espaço é apropriada pelos capitalistas e torna-se agregado de valor e mercadoria para a venda dos espaços. A paisagem se torna uma mercadoria. Até mesmo edifícios modernos e contemporâneos seguem o padrão da arquitetura germânica, vincula-se este elemento mais à construção de um imaginário que confere valor à paisagem criada, do que aos aspectos culturais dos colonizadores. A paisagem é resultado da produção material e imaterial da sociedade. A produção material da sociedade se manifesta a partir da reprodução do capital constante (os fixos e as matérias primas) e do capital variável (o trabalho). Portanto, existe em cada racionalidade expressa no tempo uma paisagem que se diferencia, resultado do desenvolvimento técnico das sociedades em determinados momentos históricos. Neste sentido a paisagem torna-se depósito da racionalidade humana e da história, ou seja, um produto das práticas entre indivíduos e a realidade natural em que são confrontados.

No município de Nova Friburgo diversas materialidades que se relacionam à tempos distintos. O que é mais característico, além das casas baseadas nas construções dos colonizadores de origem alemã, são as grandes plantas industriais e as vilas operárias, ambas características de tempos da modernidade. As plantas industriais são de grande importância na materialidade e na urbanização do município, podemos encontra-las desde o distrito central do município até regiões com mais características predominantemente rurais, principalmente às margens da RJ 130, estrada que liga Nova Friburgo ao município de Teresópolis, também na região serrana do Rio de Janeiro. Muitos dos antigos complexos industriais, antes produtores de tecidos, couro e metalurgia, estão hoje sem uso ou com uso muito reduzido, o exemplo mais característico é a fábrica de artefatos de couro Ypú.

Outras fábricas adquiriram novos usos. Em grande parte essas plantas industriais tiveram seus espaços sublocados para pequenas confecções ligadas à moda íntima, centros comerciais, restaurantes, escolas ou universidade, como veremos mais à frente. Essas grandes plantas industriais tiveram a sua origem vinculada à um processo de urbanização com características da economia fordista, porém que hoje sofre intensas modificações de função, com a mudança

de racionalidade para uma economia mais flexível, marcada pela fragmentação e flexibilização da produção e do trabalho. As grandes indústrias que continuam com suas plantas completas e em funcionamento, são fundamentalmente as metalúrgicas. A Haga/Stan (indústria de fechaduras), foram duas das empresas do município que ainda mantiveram suas propriedades fordistas, devido principalmente as características da produção da metalurgia. Outras grandes plantas industriais, como a Tinken, que produzia câmbio de direção para os carros da Wolskswagem e da Ford, e a SINIMBU, produtora de insumos e produtos metalúrgicos para moda íntima, como agulhas e alfinetes, hoje permanecem com as mesmas funções. Porém a Ypú, a Filó e a ARP, totas ligadas à produção de tecido e renda, adquiriram outras funções, como veremos mais à frente.

Portanto, pretendemos analisar e compreender o movimento da realidade concreta considerando um caminho em que estrutura, forma e função, momentos e fases, rupturas e continuidades do processo de reestruturação do espaço se constituem em síntese na análise das relações complexas da problemática socioespacial do município de Nova Friburgo. A reestruturação do espaço, aqui é entendida como conceito e sintetizada como processo de significativo potencial explicativo na dinâmica da produção do espaço urbano, está lançada nessa perspectiva e se manifesta no movimento: estruturação-desestruturação-reestruturação. Vemos nesse movimento um caminho interpretativo para a compreensão da dinâmica que produz e reproduz o espaço geográfico e “recria as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital” (CARLOS, 2008, p. 83). Instituições importantes na consolidação desse processo são a FIRJAN, o SENAI, o SEBRAE e o MDIC.

Portanto, na tese analisamos o último processo reestruturação produtiva e a mudança de uma produção da indústria de cunho fordista/taylorista para de acumulação flexível, processo no qual espaços do município e da região tendem à especialização, fragmentação e regionalização da produção industrial. Em nossa pesquisa o **objeto empírico** é o município de Nova Friburgo na Região Centro-Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro, a manifestação da especialização produtiva se configura de maneira regional e Nova Friburgo é o centro dinâmico dessa concentração industrial especializada produção de moda íntima.

Há como consequência do processo de reestruturação produtiva uma explosão de pequenas indústrias e conseqüentemente do espaço urbano e uma flexibilização das relações trabalhista, que tem como característica a predominância do trabalho feminino, assim como da produção; a terceirização torna-se característica de organização do trabalho e a construção doméstica torna-se propriedade da urbanização, tanto das casas dos trabalhadores quanto das pequenas indústrias, pois muitas vezes não existe separação entre o lar (lugar privado da morada) e do trabalho, já que estas indústrias são domésticas. A mudança do capitalismo taylorismo-fordista para o capitalismo organizado pela acumulação flexível produz uma nova racionalidade de organização industrial e de produção dos espaços, que implica na produção material e imaterial e nas relações sociais que se estabelecem. Destacamos como palavras-chave: urbanização, Nova Friburgo, desenvolvimento local, cluster industrial, reestruturação produtiva.

O capitalismo se manifesta no espaço e na sociedade por meio de crises e se reproduz ao se apropriar de novos espaços, transformando relações e afetando até mesmo a escalas da vida cotidiana. O município de Nova Friburgo possui uma história de industrialização estruturada em modelos fordista e taylorista de organização do trabalho e produção, portanto nas materialidades destaca-se em sua paisagem rugosidades destes tempos, grandes plantas industriais, vilas operárias e bairros burgueses, porém na contemporaneidade esses espaços vêm adquirindo novas funções, fábricas se tornam, universidades, escola, restaurante e espaços das antigas fábricas fordistas são alugados para pequenas confecções de moda íntima, estas materialidades adquirem novas funções ligadas ao capitalismo contemporâneo ligados à características da acumulação flexível, espaços antes industriais adquirem características de serviços.

Nesse sentido o município se consolida como um centro regional de serviços, a exerce uma centralidade por toda região centro-norte fluminense, porém o ramo da indústria têxtil da moda íntima também tem uma grande participação na construção de riquezas do município. Essas mudanças de uso dos espaços urbanos é característica do último processo de reestruturação produtiva e este é um conceito que vamos explorar ao longo da tese. A partir da crise da forma de organização e racionalização industrial fordista o Estado e

alguns agentes locais vêm organizando sua forma ação e desenvolvendo políticas públicas com o objetivo de reestruturar o município, tendo em vista mantê-lo competitivo em um mercado cada vez mais globalizado e concorrente. Apesar do Brasil não ter estabelecido um fordismo consolidado, algumas cidades brasileiras como Nova Friburgo, esse modelo foi a principal forma de organização da indústria, do trabalho e do espaço urbano.

Portanto é necessário que se faça a análise da realidade do município de Nova Friburgo tendo em vista a perspectiva histórica que nos inspira a ponderar as transformações pelas quais o município passou tendo na periodização das fases de rupturas e nas continuidades o movimento do processo de reestruturação do espaço geográfico, como resultante e constitutivo do processo de produção do espaço: de um município industrial com grandes plantas concentradas à um centro de serviços e de industriais fragmentadas concentradas-dispersas, não apenas no sentido da institucionalização de uma região, mas na relação com o espaço regional e com os processos socioespaciais característicos dessa nova fase do contexto urbano. Para essa análise espacial recorreremos às categorias *forma-função-estrutura* (LEFEBVRE, 1971, 2000) como instrumento metodológico para a análise dos diferentes momentos do processo de reestruturação do espaço.³

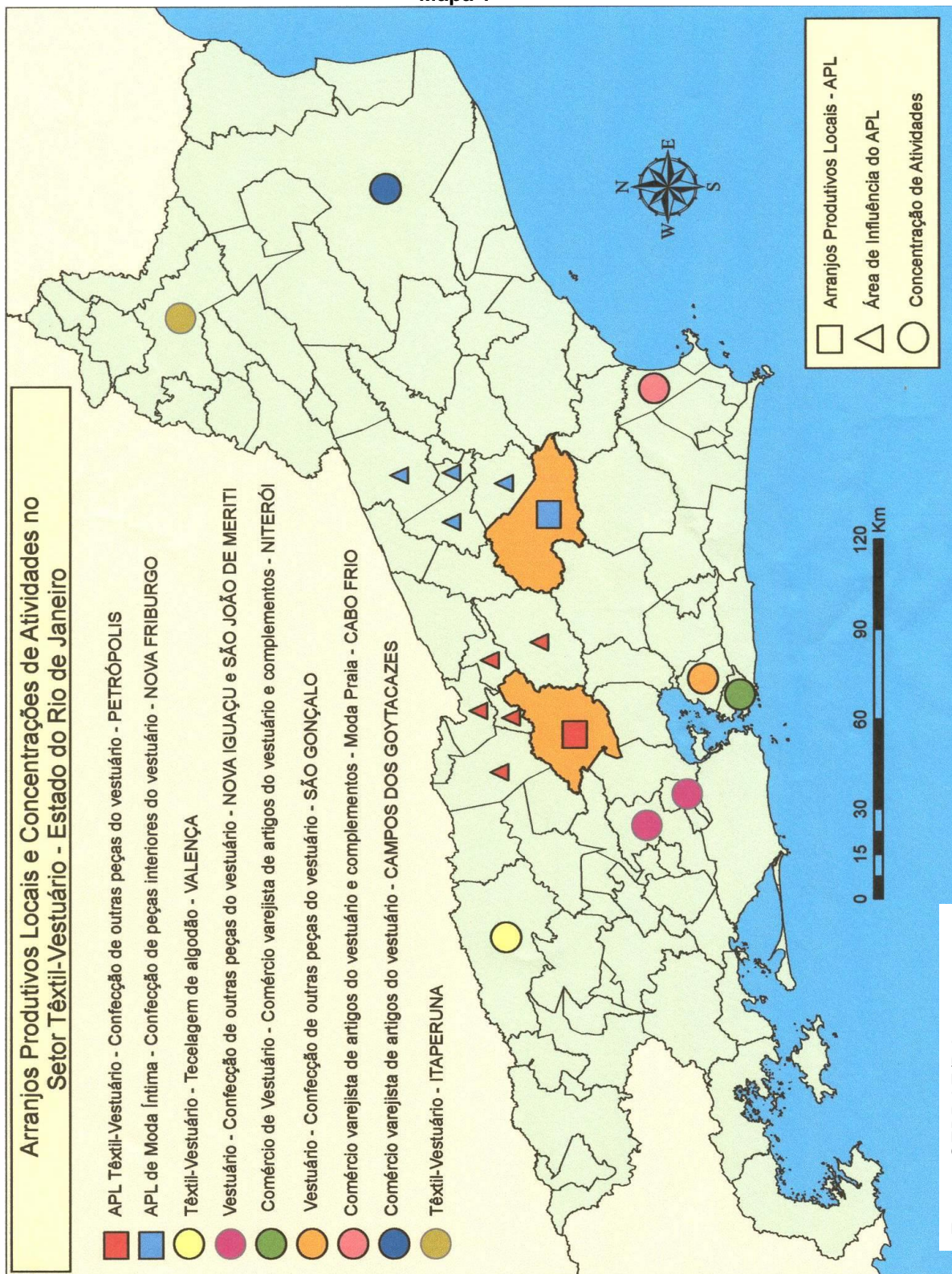
Ao realizar uma análise empírica da realidade do município em sua contemporaneidade, entendemos o espaço de Nova Friburgo como resultado da produção/reprodução das relações capitalistas de produção, que, mais recentemente, se manifesta a partir do processo de metropolização do espaço urbano. Entendemos, no entanto, que precisamos ir mais adiante do modo de produção em si, colocando o ponto focal da análise na reprodução das relações de produção e na análise da vida cotidiana, pois é através dela que o capitalismo se mantém e manifesta transformando a vida em lugares, para isso é necessário entender acerca do processo de reestruturação produtiva do urbano e da indústria, estabelecendo uma revisão da forma de urbanização no passado e no presente, além de analisar a sua manifestação no município, que ocorre de forma particular e complexa.

³ Em anexo estão algumas fotos que ajudam o entendimento do leitor e mostram o processo que estamos descrevendo ao longo do texto, sugerimos que o leitor veja as fotos antes da leitura dos capítulos, já que elas exemplificam o processo que analisaremos.

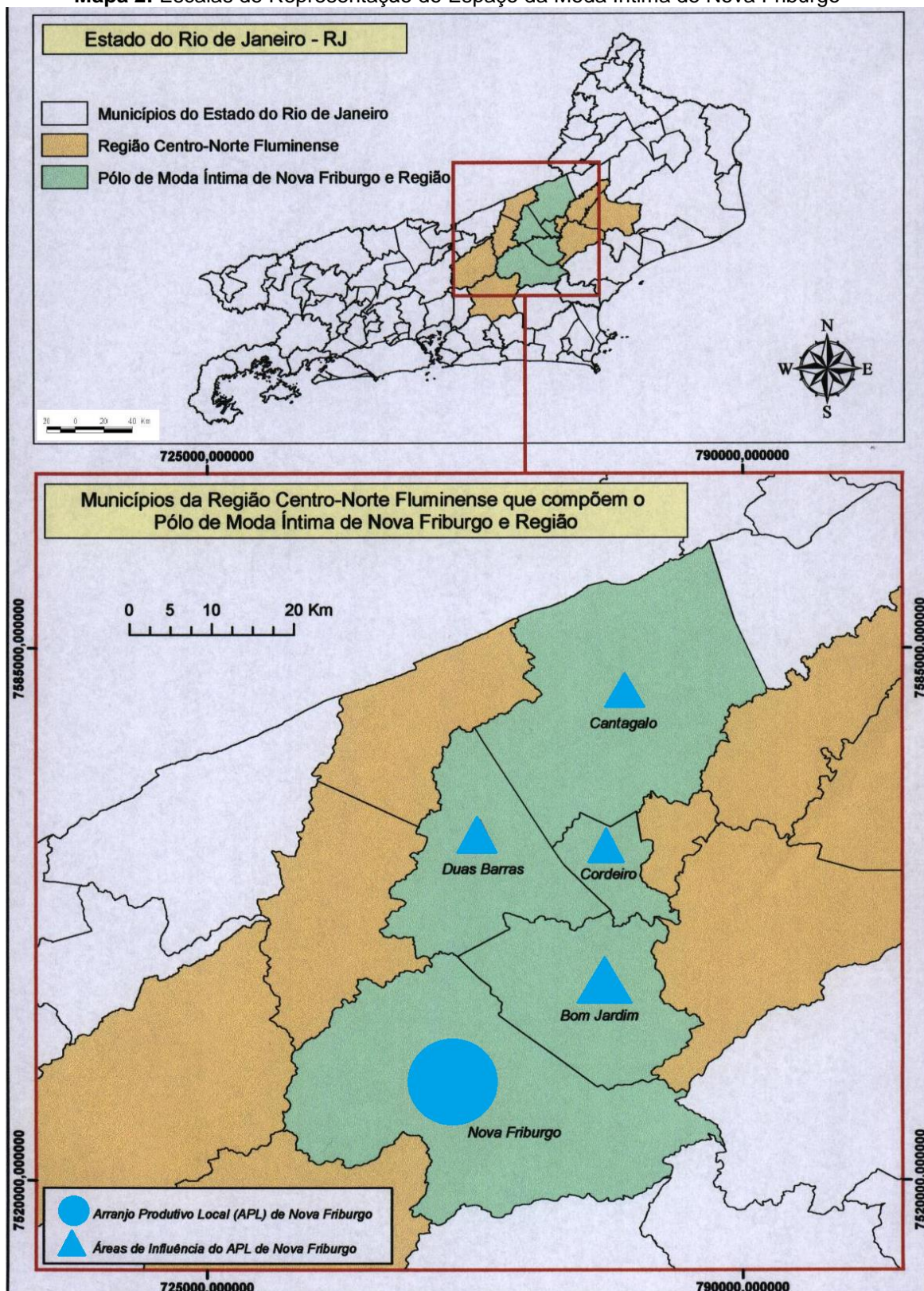
Um dos fenômenos transescalares observados nos últimos anos no município e na região foi o fenômeno dos arranjos produtivos locais, de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois esse modelo vem a se constituir como principal política pública para o desenvolvimento da indústria no município a partir dos anos 2000, o que muda de forma significativa a forma de ocupação, produção, reprodução da vida cotidiana, transformando as relações de trabalho. O arranjo produtivo não se limita a Nova Friburgo, pois a produção de moda íntima não é concentrada totalmente no principal município do arranjo, pois essa produção também compreende outros espaços, tanto rurais quanto urbanos, tanto no município, quanto fora dele, nos municípios vizinhos. No entanto Nova Friburgo é o principal município do arranjo, ele é o principal lugar de produção, nele se concentra a maior parcela populacional ligada a essa forma de produção, e também nele estão instaladas as principais instituições, como o Sebrae e a Firjan, porém a escala desta produção é regional. A seguir, nos mapas 1 e 2, podemos visualizar essa nova configuração de produção industrial em escala regional.

Portanto, acreditamos na necessidade de realizar uma análise das mudanças produtivas, organizacionais e de regulação ocorridas nos últimos anos que propiciaram o reconhecimento da dimensão espacial como, também, uma das condições para o desenvolvimento local. As transformações tecnológicas propiciaram maior fluidez na localização espacial do capital produtivo como também na criação de novos espaços “produtivos” como aqueles demarcados por um ambiente voltado para a pesquisa e desenvolvimento de novos “produtos” como os tecnopólo. Porém, a pressão por rebaixamento de custos, aumento da produtividade e da qualidade propiciou que espaços produtivos denominados de distritos industriais ou sistemas produtivos locais, marcados por intensa atomização das unidades produtivas, construídos pelo conjunto do trabalho familiar e com produção bastante fragmentada se tornassem “modelos” de um desenvolvimento também interpretado como “novo”, devido a escala mais localizada de atuação dos seus agentes.

Mapa 1



Mapa 2: Escalas de Representação do Espaço da Moda Íntima de Nova Friburgo



Fonte: SEBRAE/RJ 2000

Os acontecimentos dos últimos quarenta anos parecem confirmar a dialética do processo de internacionalização da economia através de pares organicamente integrados: homogeneizar/ segmentar, centralizar/ desverticalizar, re-construir/ destruir que constituem uma unidade, uma totalidade chamada processo de acumulação de capital. Ao mesmo tempo em que a sua expansão rompe barreiras, como, nela se constitui, impondo uma nova ordem, quebrando autonomias, gerando heteronomias, criando desigualdades, diferenciando os lugares, fragmentando e flexibilizando a produção.

Essa dialética é intrínseca a esse modo de reproduzir-se, de expandir-se, a esse tipo de desenvolvimento. Grandes transformações têm contribuído para redefinir o capitalismo contemporâneo. Esse processo de mudanças ocorreu inicialmente nos países capitalistas centrais, decorrentes dos antagonismos estruturais do denominado fordismo-keynesiano, evidenciando sintomas de esgotamento de um modo de regulação do capitalismo e de gestão e organização do processo de trabalho. A dialética entre as políticas públicas e as ações privadas de desenvolvimento local e o processo de territorialização do capital revelam um processo de deterioração das relações de trabalho e dos direitos adquiridos no período do nacional desenvolvimentismo. É esse movimento que desejamos desvendar, a partir do diálogo com autores como Mattos (2011) e Oliveira (2012), que estudam a manifestação desse processo na realidade cotidiana do município de Nova Friburgo, além de Dardot e Laval (2016) e Standing (2014), que analisam esse processo em escalas mais gerais. No primeiro capítulo apresentamos o processo de formação territorial do período do nacional desenvolvimentismo, ou fordismo, e nos capítulos 2 e 3 apresentamos o processo de reestruturação a partir do desenvolvimento local e da acumulação flexível.

Alastrando-se, posteriormente, em nível mundial, sua natureza globalizante deflagrou processos ao mesmo tempo (des)estruturantes dos espaços produtivos e sociais locais, transfigurando uns, arruinando outros. A globalização é uma tendência proveniente da natureza do capitalismo desde o seu início: o desenvolvimento de um sistema internacional de dominação e subordinação onde o Estado tem um papel fundamental, na organização do espaço e do território. O sistema do capital compõem-se de estruturas internamente fragmentadas, a produção e a circulação, que se articulam como

Estados nacionais através de um duplo padrão: internamente, nos países centrais, propiciando um melhor padrão de vida e na “periferia subdesenvolvida” exercendo o seu autoritarismo e avalizando a exploração do trabalho.

Podemos observar no mapa 1 o Arranjo Produtivo da indústria têxtil do ramo da Moda Íntima de Nova Friburgo e sua área de influência, assim como o Arranjo Produtivo Têxtil do ramo do vestuário de Petrópolis e sua respectiva área de influência, e no mapa 2 observamos as escalas de representação do espaço do Arranjo Produtivo de Moda Íntima do município de Nova Friburgo. O Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo é considerado um dos mais bem estruturados pelos gestores do Estado e a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, no entanto, essas políticas não se restringem à APL de Nova Friburgo. Essa forma de organização produtiva está presente em outros espaços que se configuram em experiências similares. Podemos encontrar outros APLs nos estados de Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Também é importante observar a localização do município de Nova Friburgo em relação a capital, o município está localizado a cerca de 150 km do município do Rio de Janeiro.

O APL de moda íntima de Nova Friburgo abarca uma região fictícia estipulada pela FIRJAN (Federação das indústrias do estado do Rio de Janeiro, similar a FIESP em São Paulo), que compreende os municípios de Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu, Teresópolis, Santa Maria Madalena, Duas Barras, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Carmo, Bom Jardim, Cordeiro, Trajano de Moraes, Macuco e Sumidouro. Sendo Nova Friburgo a sede e o principal município do arranjo. Discutiremos a relação entre políticas públicas e a reestruturação produtiva em Nova Friburgo no segundo capítulo, para isso analisamos documentos do (SEBRAE, 2003) e (MDIC, 2004). Na Tese estudamos como se organiza o arranjo produtivo, porém com foco no município de Nova Friburgo, pois ele se configura como centro dinâmico deste arranjo, investigamos sua à contiguidade urbana⁴. Porém sabemos que a produção de

⁴ Entendemos nesta pesquisa a região urbana do município de Nova Friburgo como a área em que os fenômenos urbanos se reproduzem e se manifestam. Esta região urbana não se restringe apenas ao distrito sede do município, mas abarca também outras regiões da contiguidade urbana, compreendendo localidades nos distritos de Conselheiro Paulino, Mury, Riograndina, além do Centro do município. Porém, entendemos também que os fenômenos urbanos não se manifestam somente nos espaços urbanos. Já que a produção de moda íntima pode se encontrar em diversos espaços.

moda íntima não está somente localizada no espaço urbano do município, pelo caráter doméstico da sua forma de produção, em que não são necessárias grandes complexos industriais, o trabalho pode se realizar em estabelecimentos em área rural, como um complemento da renda familiar, o que se caracteriza como pluriatividade, em que famílias na área rural exercem atividades urbanas com o objetivo de agregar mais renda ao domicílio.

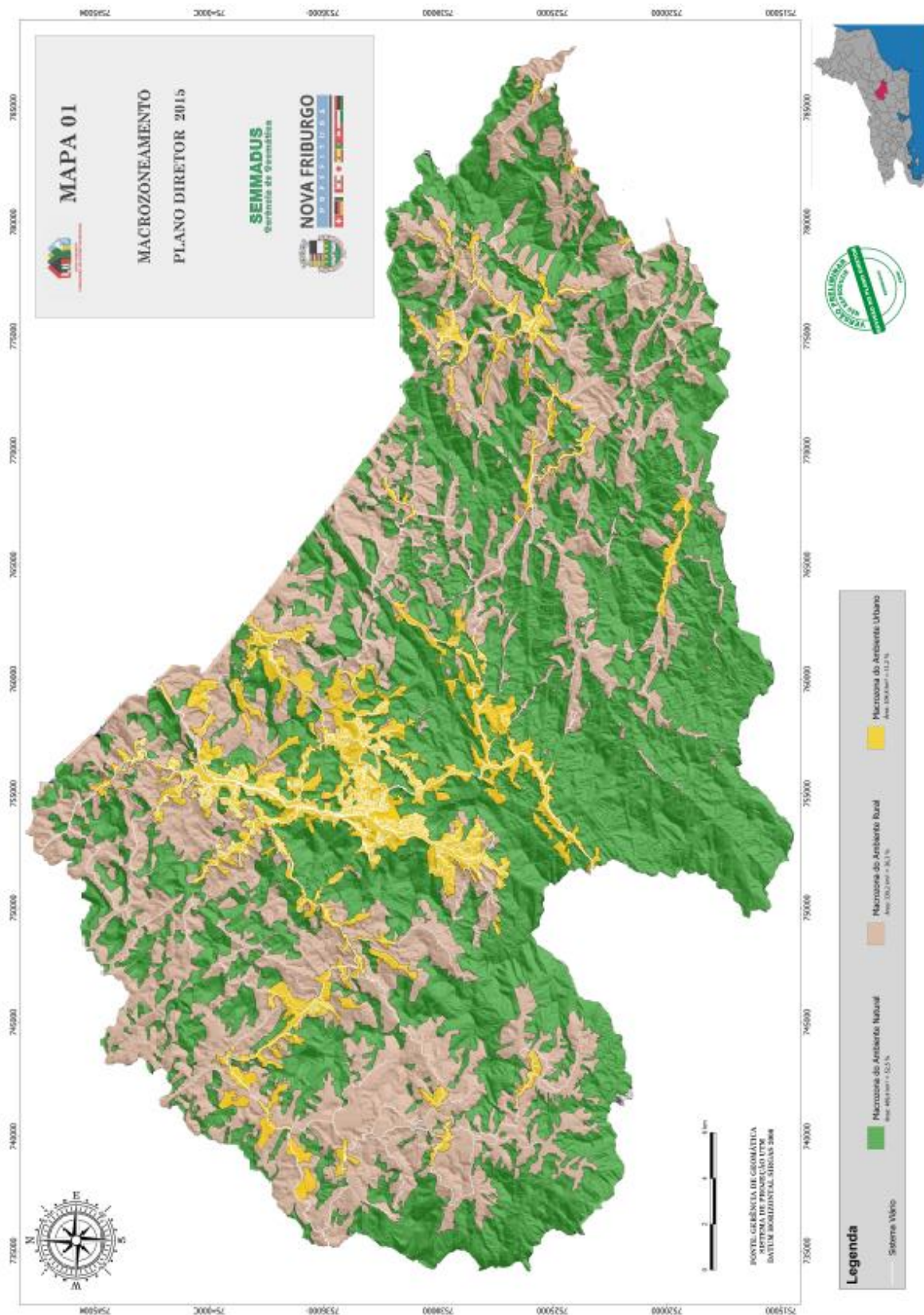
No mapa 3 podemos observar a continuidade da área urbanizada do município, notamos que a região com maior densidade urbana encontra-se no vale do rio Bengalas e nos vales do Rio Cônego e Santo Antônio, em que se localiza a sede municipal, também é nessa região em que encontra-se a maior quantidade de serviços urbanos, a indústria e os principais estabelecimentos do Arranjo Produtivo Local do município. Há uma maior concentração de centros urbanos na bacia de drenagem do Rio Bengalas. Ali também está localizada a sede municipal, assim como outros distritos que possuem importante produção industrial, como Conselheiro Paulino e bairros como Olaria (principal área produtora). Outra área de expansão do eixo de urbanização é a bacia de drenagem do rio Corrego d'Antas, região que concentra grande parte da produção rural municipal, mas que também vem se urbanizando e há uma grande concentração de indústrias, principalmente ligado ao trabalho doméstico da produção da moda íntima, que se caracteriza pela pequena unidade industrial, muitas vezes residencial.

A produção industrial doméstica pode ser encontrada em todos os distritos do município, além de outros municípios, isto se deve a característica da produção do Arranjo Produtivo Local, que é dispersa e fragmentada, possui uma forte influência do trabalho feminino e domiciliar. Cada indústria fica responsável por uma etapa do processo produtivo, a produção da moda íntima é altamente fragmentada (este tema será abordado posteriormente, durante o desenvolvimento da tese). Portanto hoje vivenciamos, de fato, a explosão das contradições do capital mundializado que, para ser compreendida, coloca a necessidade de articulação de instrumentos analíticos capazes de interpretar seu movimento e, conseqüentemente, os limites do seu sistema metabólico. Para descobrir a essência dos processos socioespaciais, na perspectiva da reestruturação do espaço urbano, vemos a necessidade de percorrer o caminho

das transformações e processo (do movimento em transformação e totalização), assim como entende Lefebvre (1973).

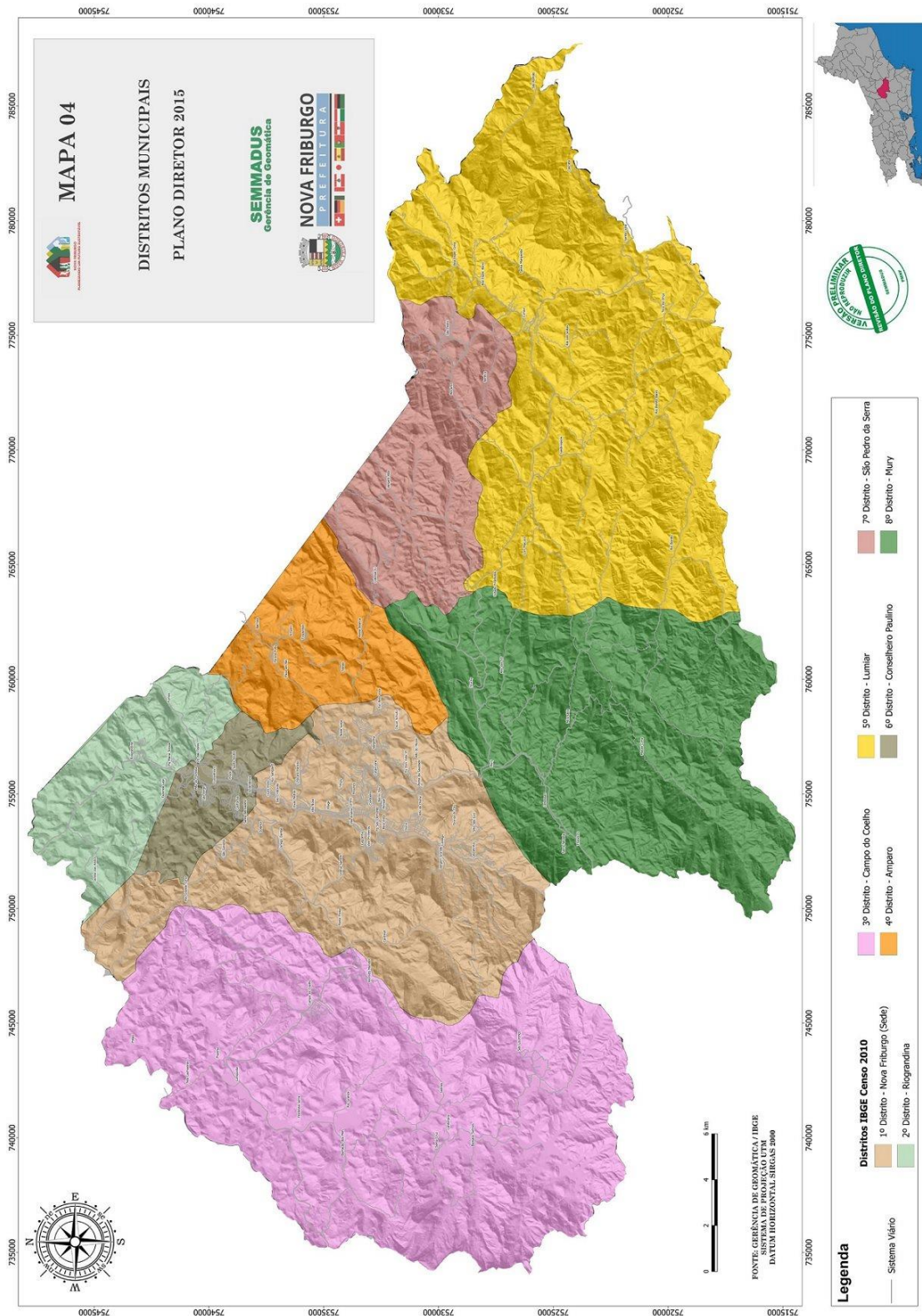
Podemos observar nos mapas 1, 2 e 3 a configuração territorial do município de Nova Friburgo na atualidade, observamos também alguns eixos de urbanização (mapa 3) ao leste em direção à cidade de Teresópolis no eixo da rodovia RJ-130, à oeste em direção aos distritos de Lumiar, Amparo e São Pedro da Serra, e ao noroeste em direção ao município de Bom Jardim (se consolidando como uma conurbação) e ao norte em direção aos distritos de Conselheiro Paulino e Riograndina.

Mapa 3: Área urbanizada, Estabelecimentos em Área Rural e Área Florestada do Município de Nova Friburgo



Fonte: BRASIL. Prefeitura municipal de Nova Friburgo. Macrozoneamento. Plano diretor, 2015. Disponível em < <http://www.planodiretornf2014.org/revisao-final>>. Acessado em março de 2017.

Mapa 4: Distribuição Distrital do Município de Nova Friburgo



Fonte: BRASIL. Prefeitura municipal de Nova Friburgo. Macrozoneamento. Plano diretor, 2015. Disponível em < <http://www.planodiretornf2014.org/revisao-final>>. Acessado em março de 2017.

Grande parte da produção industrial do município, as indústrias metalúrgicas e as pequenas estabelecimentos da moda íntima estão localizadas no distrito sede do município, no bairro de Olaria e nos distritos de Conselheiro Paulino e Riograndina, neste eixo principal se concentram a maioria dos serviços urbanos e indústrias, que no mapa 3 podemos observar em amarelo, cortando o município de norte ao sul. E no mapa 4 as regiões de maior concentração estão representadas pelas cores marrom clara (distrito do Centro), marrom escura (distrito de Conselheiro Paulino) e verde claro (distrito de Riograndina).

Porém, apesar da sua concentração, principalmente nos bairros de Olaria e Conselheiro Paulino, a produção encontra-se dispersa por todo território do Arranjo Produtivo Local e do município, também em regiões com paisagens predominantemente rural, dentro e fora do município. Outros distritos que se destacam pela concentração de empresas ligadas ao ramo têxtil e de moda íntima são os distritos de Mury (em verde escuro), Amparo (em Laranja) e Campo do Coelho (em rosa), os dois últimos também destacam-se pela concentração de atividade agrária e o crescente turismo rural. Com menor concentração atividades do ramo têxtil estão os distritos de São Pedro da Serra e Lumiar, respectivamente em marrom avermelhado e amarelo, apesar de também encontramos produção doméstica da moda íntima nesses distritos eles têm como uma importante atividade econômica o serviço, o turismo natural e rural.

Observamos alguns eixos de urbanização, em direção ao distrito de Campo do Coelho e à cidade de Teresópolis a Leste e ao distrito de Amparo à Oeste, estes com uso misto entre pequenas propriedades de produtores rurais, industriais de alimentos (cerveja e produção de frios, chocolate e laticínios), pequenas confecção ligadas ao Arranjo Produtivo Local e bairros de urbanização recente com pouca densidade de infraestrutura urbana e caracterizada pela construção doméstica. Há também um eixo de urbanização em direção aos distritos de Mury, Lumiar e São Pedro da Serra, que tem como característica o turismo rural e o ecoturismo, uma variada rede de hotéis, eco resort, restaurantes, produção de flores e pequenos produtores locais de cervejas, chocolates, produtos alimentícios regionais, apicultura, piscicultura e produtos artesanais.

Portanto nossa abordagem metodológica busca evidenciar, a partir dos conceitos e noções já anunciados, o movimento de transformação da sociedade

e processo de produção do espaço urbano e suas transformações ao longo do tempo. Mas aquela sociedade anunciada por Lefebvre como virtualidade nos anos 1970 e, na fase atual, realizando-se como produto da urbanização completa da sociedade, a sociedade urbana. Nas palavras do autor.

Partiremos de uma hipótese: a urbanização completa da sociedade. Hipótese que posteriormente será sustentada por argumentos, apoiada em fatos. Esta hipótese implica uma definição. Denominaremos "sociedade urbana" a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real. (LEFEBVRE, 2008, p. 15)

Pelas características morfológicas em que o município está inserido, na denominada Região Serrana do Rio de Janeiro, a sua urbanização segue a direção dos fundos de vale e as margens dos rios, as rodovias que estruturam estes eixos também se localizam próximo no fundo de vale das bacias de drenagem do município, o processo de urbanização de novas áreas também segue esta morfologia, muitas fábricas hoje se instalam no eixo da RJ 130, nos bairros de Córrego d'Antas e Campo do Coelho, regiões que em sua paisagem apresentam configuração predominantemente rural, porém expõem uma crescente produção industrial, ali encontram-se fábricas de cerveja e de armação de óculos, assim também como diversas pequenas confecções de moda íntima. As montanhas das Serras de Nova Friburgo estão entre as mais altas do estado do Rio de Janeiro, a altitude pode variar de 800 à 2333 metros.

Justificativa e Relevância do Tema:

Escolhemos a análise do município de Nova Friburgo, pois nele percebemos a manifestação de processos contraditórios do capital e sua realidade material contemporânea, caracterizam-no como um bom exemplo do processo mais geral aqui estudado: o processo de reestruturação produtiva do urbano e da indústria e sua manifestação na produção dos espaços urbanos. Quando preciso também serão utilizadas as demais escalas de análise do fenômeno espacial, sabemos da necessidade de se realizar análise crítica em múltiplas escalas, já que entendemos a realidade de forma complexa que não pode ser fragmentada e nem reduzida a recortes administrativos ou políticos, os

processos aqui estudados não se limitam a escala municipal ou regional, já que é um fenômeno global que se manifesta de forma singular em cada parte dos espaços ou territórios. Como podemos observar no mapa 1 o Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo se configura em escala regional, pois encontramos produção industrial integrada com pequenas confecções nos municípios de Cordeiro, Bom Jardim, Cantagalo e Duas Barras, porém Nova Friburgo é o centro do deste arranjo.

Ao revelar a realidade do município em sua contemporaneidade percebemos os espaços dos bairros e distritos de Nova Friburgo como resultado da reprodução das relações capitalista, que têm como sua manifestação mais recente, o processo de metropolização do espaço. Porém, compreendemos a necessidade de ir além do modo de produção em si, deslocando o ponto focal da análise para a reprodução das relações de produção e para o processo de reestruturação produtiva. Porque é a partir desses processos que o capitalismo se mantém e reestruturando lugares, que adquirem novas funções ou especializam-se. Portanto é necessário uma análise crítica acerca do processo mais recente de urbanização, estabelecendo uma revisão da forma de ocupação passada e presente além, de analisar sua manifestação no município, que ocorre de forma singular e complexa.

Sendo assim, o trabalho se justifica por se tratar de temas de importância na sociedade contemporânea: o processo de urbanização, sua manifestação desigual no espaço e os discursos ideológicos que homogeneízam lugares à lógica do capital. Portanto, pesquisar sobre o conceito de reestruturação produtiva, desenvolvimento e urbanização de uma maneira crítica é importante para entender a forma com que o urbano e as cidades são produzidas.

Creemos que este trabalho seja de extrema importância por se relacionar à um tópico de gravidade na sociedade contemporânea. O processo de desenvolvimento linear, científico e racional, típico das sociedades ocidentais, influencia diretamente e indiretamente as particularidades das formas de reprodução do vivido, reestruturando o processo de urbanização e reorganizando o mundo do trabalho e conseqüentemente a escala do vivido. Analisa-lo de maneira crítica, questiona-lo e destrincha-lo de extrema importância para o avanço e entendimento de uma sociedade mais justa. Repensar o processo de desenvolvimento a partir de olhar crítico é uma forma

de resistência, e uma diferente maneira de se enxergar a realidade local que possibilite um avanço global, e um desenvolvimento social mais igualitário, que respeite as diferenças culturais. Principalmente quando pensamos nas contradições do município de Nova Friburgo este trabalho se torna mais relevante.

O modelo de desenvolvimento linear e (i)racional que temos nas concepções ocidentais arretou consequências irreversíveis à vida de muitos trabalhadores do município. As formas como ocupamos o ambiente e como nos apropriamos dos recursos naturais locais conduziram a sérios problemas ambientais e sociais. Em janeiro do ano de 2011, mais de 700 pessoas foram mortas por vários deslizamentos de terra no município, e outras milhares ficaram desabrigadas. Entendemos que a forma de urbanização, uso e ocupação destes espaços e sua característica desigual de urbanização geram áreas de risco. Repensarmos de forma crítica as formas de ocupação e uso dos recursos naturais nos ajuda no desenvolvimento de qualidade de vida para muitas pessoas no futuro, portanto é importante entendermos a forma pela qual este modelo de desenvolvimento tornou-se ideologicamente dominante nas concepções acadêmicas na atualidade em todo mundo, decodificando as suas ferramentas ideológicas de opressão e manipulação, e principalmente reconhecendo como ele se manifesta e transforma a realidade local e a escala da vida cotidiana.⁵

Objetivo

O objetivo da pesquisa é compreender o processo de reestruturação do espaço urbano do Arranjo Produtivo Local da Moda Íntima, de Nova Friburgo, localizado no estado do Rio de Janeiro. Compreender o processo de

⁵ Reconheço que essa Tese é de extrema relevância para o meu desenvolvimento como pessoa e pesquisador, uma vez que o município de Nova Friburgo foi o lugar em que passei grande parte da infância e adolescência, minhas experiências no cotidiano e do vivido, vivi durante muito tempo no bairro da Bela Vista, grande concentrador de pequenas e micro empresas e próximo a Olaria (principal bairro de produção da moda íntima). Neste sentido cresci observando a dinâmica das trabalhadoras no município, inclusive dentro de casa, já que minhas duas avós eram funcionárias das fábricas da cidade que depois construíram negócios próprios no ramo da moda. Possuo experiência vivida, por conhecer o cotidiano do município, suas transformações e contradições, além de possuir compromisso de contribuir para o seu desenvolvimento social, para a construção de uma crítica radical à realidade como ela é dada, ao processo de produção do espaço capitalista e sua manifestação local e na vida dos trabalhadores de Nova Friburgo.

reestruturação urbana e suas consequências no mundo do trabalho. Essa reestruturação recentemente se manifesta a partir de políticas públicas e ações privadas ligadas às teorias de desenvolvimento local, à transformação do espaço urbano e à organização do mundo trabalho. Nesse processo podemos identificar dois fenômenos: a flexibilização das relações de trabalho e fragmentação da produção. Neste movimento há a conseqüentemente explosão do fenômeno urbano em escala regional.

Definimos, portando, como **objeto** de pesquisa as fases do processo de reestruturação produtiva do espaço urbano do município de Nova Friburgo, em relação ao Arranjo Produtivo Local de moda íntima.

Arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. Existe uma vasta literatura nacional e internacional sobre o fenômeno da aglomeração de empreendimentos de uma mesma atividade produtiva em uma determinada região geográfica. Há muitas denominações e ênfases diferentes.

O mesmo fenômeno é às vezes denominado arranjo produtivo local, sistema produtivo local ou mesmo “cluster” pela literatura britânica. No Brasil a expressão mais difundida é arranjo produtivo local. Entre os diversos conceitos existentes, destaca-se o descrito abaixo, de autoria da Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais, uma rede de pesquisa interdisciplinar, formalizada desde 1997, sediada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu principal foco de pesquisa são os arranjos e sistemas produtivos locais.

“Arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais - com foco em um conjunto específico de atividades econômicas - que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas - que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros - e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras organizações públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos, como escolas

técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento”. (ALBAGLI & BRITO, 2003)

A tese aqui apresentada realiza uma crítica às concepções de desenvolvimento localistas e ao Arranjo Produtivo Local, tendo em vista a forma que ele se manifesta hoje na realidade de Nova Friburgo. Dividimos o texto em 3 capítulos, que iremos decorrer mais à frente nessa introdução, para alcançar tais objetivos estabelecemos como **objetivos específicos**:

I. Investigar as transformações no mundo do trabalho decorrentes do último processo de reestruturação produtiva.

II. Identificar o caráter fragmentado (que se manifesta no urbano), domiciliar e majoritariamente feminino desta produção e do mundo do trabalho no município e como eles se manifestam no espaço urbano.

III. Investigar a transformação do processo produtivo na indústria e sua relação com a explosão de urbanização com características metropolitanas e a manifestação desses processos na produção do espaço urbano.

IV. Entender como esse processo se manifesta em uma escala regional da produção da moda íntima.

V. Investigar as políticas de desenvolvimento local, seus principais agentes, e sua relação com a consolidação do Arranjo Produtivo da Moda Íntima. Investigar o caráter ideológico deste discurso.

Problemática:

Tendo em vista o objetivo acima apresentado, o processo de reestruturação urbana que transforma os padrões produtivos da indústria, as transformações no mundo do trabalho e no espaço urbano. Estabelecemos o problema da pesquisa partindo da premissa que o município de Nova Friburgo passa por um processo de reestruturação urbana, que gera uma ruptura e fases

de reestruturação da ação e organização do capital. Qual a relação entre o Processo de Reestruturação do Espaço Urbano do Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo, a explosão do fenômeno urbano e a flexibilização/fragmentação do mundo do trabalho?

Para averiguar o problema acima apresentados investigaremos duas tríades a partir de uma olhar lefebvreano:

A tríade urbano, indústria e trabalho, que nos ajudara a relacionar à fragmentação industrial ao processo de urbanização e à deterioração das relações trabalhistas no processo de reestruturação produtiva e de territorialização dos capitais do período do nacional desenvolvimentismo e hoje no Estado neoliberal.

Outra tríade a ser explorada ao longo de todo da tese é produção/reestruturação, Estado e trabalho, que permite entender a produção de um espaço urbano, fragmentado e regional. O âmbito do Estado, institucional, das políticas públicas e do concebido serão discutidos nos capítulos 1 e 2. E a dimensão da produção do espaço, urbanização e do trabalho nos capítulos 2 e 3.

Hipótese:

A hipótese aqui apresentada é a de que o município de Nova Friburgo passa por um processo de reestruturação urbana estimulada e financiada por empresas privadas e políticas públicas ligadas às teorias de desenvolvimento local. Este processo intensifica a explosão do fenômeno urbano, que tem como característica uma materialização desigual, reorganiza a produção do espaço, e transforma a natureza do trabalho, fragmentando-os e os flexibilizando.

Há portando nos últimos anos o advento de concepções de desenvolvimento localista, alternativas para as concepções mais tradicionais de desenvolvimento, porém estas “novas concepções” não quebram com a lógica econômica, portanto constituem-se como discursos um grande paradoxo, pois o neoliberalismo global não promove um crescimento global de distribuição equitativa. Portanto, o discurso de regiões “atrasadas” que necessitam se adaptar aos “novos tempos” nos parece falacioso e mitológico, já que não é da natureza do capitalismo assegurar o desenvolvimento econômico e social de

todos os países de uma forma igualitária, muito pelo contrário, é de sua natureza do subjuga-lo no objetivo de aumentar a expropriação e ampliar seus lucros. Na contemporaneidade, há de se reconhecer que a esfera da produção capitalista se ampliou, envolvendo as domínios não materiais da vida no campo da produção/apropriação de valores, da geração de mais-valia e exploração do mundo do trabalho. Estas concepções de desenvolvimento o veem como instrumento ideológico, político e econômico para o fortalecimento do domínio capitalista sobre as diferentes culturas.

Referencial Teórico e Estrutura da Tese:

Em relação ao referencial teórico utilizaremos uma abordagem conceitual que pretende compreender o processo de reestruturação socioespacial e suas implicações para o entendimento da realidade contemporânea do processo de reestruturação produtiva do espaço, tendo Nova Friburgo como o recorte para a compreensão dos processos socioespaciais em curso. Neste sentido nosso **objeto** investigativo torna-se o processo de *reestruturação produtiva do espaço urbano* do município de Nova Friburgo, em relação com o Arranjo Produtivo Local da Moda Íntima.

No capítulo 1 temos como objetivo específico analisar o processo de industrialização do município de Nova Friburgo, considerando o período fordista do nacional desenvolvimentismo e as ideologias que os sustentam, para mostrar as características que estruturaram sua urbanização no passado. Iremos discutir as correntes ideológicas que fundamentam este processo, estruturam e condicionam a produção e reprodução do seu espaço, investigando os principais agentes, conflitos e eventos que estruturaram o município no passado até o presente. Também analisamos os discursos de desenvolvimento no período do nacional desenvolvimentismo tentando entender as estruturas de poder que os sustentam, usando como referencial teórico o diálogo dos textos (SANTOS, 2014), (GRAMSCI, 1978) e (MARX E ENGELS 1984).

Em um segundo momento iremos discorrer sobre o processo mais recente de urbanização e produção do espaço urbano ligado ao capitalismo na contemporaneidade, analisando, assim, uma nova forma de organização, não só de cunho ideológico, mas também das políticas que substituem aquelas da

modernidade e do pensamento único e os suprem por teorias e ideologias ligadas ao desenvolvimento local. Esse conjunto de concepções ideológicas acarreta uma nova racionalidade da produção e reprodução do espaço no município e em sua região, transforma as relações de trabalho, fragmenta a produção industrial e flexibiliza tanto o trabalho quanto a produção. Para atingir tais objetivos entendemos a cidade como processo, que passou por períodos críticos de desestruturação e reestruturação que se sucederam no tempo e espaço e usamos como referencial teórico (LEFEBVRE, 2006, 1973) e (FANI, 2011). Para introduzir o processo e reestruturação produtiva da indústria e suas consequências no processo de fragmentação e flexibilização das grandes plantas industriais e uma intensificação da urbanização com características desiguais nos apropriamos das leituras de (SOJA, 1993), (BRANDÃO, 2003), (LENCIONI, 2015) e (LEFEBVRE, 2006, 1973).

Aqui, analisaremos o processo de reestruturação produtiva, industrial e urbana no município de Nova Friburgo tendo em vista a dinâmica entre forma/função/estrutura (LEFEBVRE, 1973). Também analisaremos as mudanças na racionalidade do capitalismo, com o advento das teóricas pós-industriais e as transformações no processo de territorialização do capital a partir das teorizações de (HAESBART, 2002) tendo em vista que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico. Além disso apresentamos as dinâmicas do desenvolvimento local (SOJA, 1992). Relacionamos os conceitos de industrialização e urbanização (LEFEBVRE, 1973) e as transformações no processo de territorialização do capitalismo fordista/taylorista para acumulação flexível e sua manifestação no município de Nova Friburgo. (MATTOS, 2011).

No capítulo 2 temos como principal objetivo a análise do discurso ideológico que sustenta as concepções de desenvolvimento local, considerando o papel do Estado e das agências de desenvolvimento no processo de consolidação do APL de moda íntima do município de Nova Friburgo, para entender as relações de poder que estruturam e fundamentam tal argumento, ou seja, entender o âmbito das representações do espaço. A partir da pesquisa sobre as políticas públicas em escala local, sustentamos nesse capítulo a Tese de que há uma participação menos importante de pesquisas em escala regional e nacional no planejamento do APL de Nova Friburgo.

Portanto, nesse capítulo analisamos a dimensão das políticas públicas no Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo, os principais agentes e instituições, seu papel no âmbito das representações do espaço e do concebido (LEFEBVRE, 1973). Observamos os discursos institucionais que sustentam o APL a partir da análise de documentos do (SEBRAE, 2003) e (MDIC, 2004). Entenderemos como essas políticas públicas transformam a lógica de territorialização do capital e uma crítica ao neoliberalismo (FURTADO, 1969). Desvendaremos as relações entre forma/função/estrutura, continuidades e descontinuidades. (LEFEBVRE, 1973) e (MATTOS, 2011), flexibilização e fragmentação (MATTOS, 2011) e a manifestação desigual do processo de territorialização capitalista no espaço do município. (HAESBAERT, 2002).

Analisaremos a relação entre as políticas públicas, Estado e desenvolvimento local, entendendo o processo de reestruturação das formas de acumulação do capital e o desenvolvimento das teorias localistas (DARDOT e LAVAL, 2016). Entendendo as estratégias do neoliberalismo, o conjunto de práticas, discursos e dispositivos que sustentam relações para a manutenção do poder de classe e o aumento do lucro capitalista a partir da fragmentação e flexibilização do trabalho na indústria e a intensificação da exploração do trabalho (DARDOT e LAVAL 2016). Importante aqui ressaltar a questão do MEI (micro empreendedor individual) e entender o Estado como lugar de organização das forças dominantes (POULANTZAS, 1985).

No capítulo 3 temos como objetivo principal a análise do processo de reestruturação produtiva do município de Nova Friburgo, tendo em vista as políticas públicas de desenvolvimento local e as transformações na organização do mundo do trabalho e na vida cotidiana, realizando uma análise crítica referente às transformações trazidas pelo processo de reestruturação produtiva da indústria e as mudanças no vivido do trabalhador e destacando as características do trabalho no município e na região que compreende o Arranjo Produtivo Local, suas especificidades. Este processo é caracterizado pelo trabalho doméstico, feminino, fragmentado e altamente flexibilizado. As experiências de campo a partir do vivido e do cotidiano como morador de Nova Friburgo foram essenciais para um olhar crítico e analítico sobre a realidade social dos processos estudados, tendo em vista que vivo muito próximo do principal centro de produção de moda íntima, o bairro de Olaria, portanto possuo

conhecimento prévio, experiências familiares, mesmo com as dificuldades no levantamento de dados devido à informalidade.

Compreendemos como a exploração do trabalho se tornou o principal elemento de organização e o principal fator de lucro no APL. Mostramos o protagonismo do trabalho feminino e doméstico, que é altamente flexível caracterizado pela informalidade, precarização e flexibilidade (MATTOS, 2011) e (DARDOT E LAVAL, 2016). Entenderemos as redes de empresas e as relações de poder entre elas (MATTOS, 2005) e (OLIVEIRA, 2012). Entenderemos o papel da informalidade a partir de análise de dados e tabelas. Também realizamos a espacialização das empresas de moda íntima de Nova Friburgo associadas ao SINDVEST (Sindicato das Indústrias de Vestuário de Nova Friburgo). E por fim, analisaremos a emergência de uma nova classe social caracterizada pela flexibilização e instabilidade o que (SATANDING, 2014) denominada “precariado”.

Por fim, na conclusão da tese retomamos a discussão realizada nos 3 capítulos. Ressaltamos a importância do processo de territorialização do capital no movimento da reestruturação produtiva e as transformações no espaço decorrentes. Neste momento resgatamos o protagonismo do trabalho como elemento importante da organização do APL de Nova Friburgo. Também trazemos para o centro da discussão a questão da flexibilização do trabalho e a fragmentação da produção industrial, que deixam as antigas fábricas e invadem o privado, a residência. Reestruturam-se as relações entre forma/função, mantendo as materialidades como continuidade, mas transformando as funções, agora ligadas ao capitalismo na contemporaneidade, em descontinuidades. Fábricas tornam-se escritórios, universidades, restaurantes, pequenas oficinas artesanais, confecções, facções ou serviços. Esse processo manifesta-se em escala regional deixando o velho centro urbano da cidade, alcançando e transformando outros territórios, sejam em regiões urbanas ou rurais, dentro ou fora do município. Além disso, retomamos o papel da informalidade, da indústria doméstica, familiar e feminina como construtora de identidades pessoais, coletivas e locais no cotidiano e no trabalho produtivo.

CAPÍTULO 1

1. Reestruturação Urbano no Município de Nova Friburgo: da rigidez das grandes fábricas à flexibilização do trabalho doméstico

Neste capítulo temos como objetivo analisar o processo de industrialização como forma de crescimento e aceleração da urbanização. Para alcançar tais objetivos articulamos os conceitos de urbanização e territorialização do capital no município de Nova Friburgo.

No item 1.1 iremos caracterizar este processo no município tendo em vista o período fordista do nacional desenvolvimentismo, e as ideologias que os sustentam, com o objetivo de mostrar as características que estruturaram sua urbanização no passado. Iremos discutir as correntes ideológicas que fundamentam este processo, estruturam e condicionam a produção e a reprodução do seu espaço, investigando os principais agentes, conflitos e eventos que estruturaram o município no passado até o presente. Pretendemos analisar o processo de formação territorial dos núcleos de povoamento e urbanização do município articulados à província do Rio de Janeiro (SANTOS, Daniel. 2014), a partir dos conceitos de urbanização, desenvolvimento e ideologia no período do nacional desenvolvimentismo. Buscamos a análise a partir de imagens, propagandas e fotos que exemplificam a cultura, as tradições e as relações de poder (GRAMSCI, 1978) e (MARX E ENGELS 1984), que condicionam esse processo. Realizaremos uma crítica que se vincula às ideias de ideologia fundamentadas por Gramsci (1990), no objetivo de resgatar como se construiu uma cultura e um mito fundado na identidade dos colonizadores alemães e como essa ideologia sustentou a industrialização do município durante o período do nacional desenvolvimentismo. Neste momento iremos reaver pontos que nos ajudam a entender e apresentar o processo de territorialização do capital, ou seja, trata-se de recuperar o período do processo de formação do fordismo e seu discurso ideológico e compreender a formação de seu correlato material e imaterial.

No item 1.2 realizamos um levantamento das principais indústrias do município e do protagonismo delas condicionado à produção do espaço e urbanização do município durante a modernidade. Buscamos compreender o processo de acumulação capitalista e de acumulação e territorialização do capital fordista do nacional desenvolvimentismo e seu conseqüente processo de

urbanização. Entender como o processo de urbanização ligado ao de acumulação de capital durante o período do nacional desenvolvimentismo criou um correlato geográfico que está presente no município até os dias atuais. Para ressaltamos o protagonismo da indústria têxtil e metalmeccânica. Vamos, no item 1.2, apresentar as formas que influenciaram na produção material e imaterial das relações estabelecidas na modernidade e apresentaremos uma pequena descrição da importância e das representações contidas nesse processo. Entendemos como pressuposto que a espacialidade e a territorialidade são determinadas historicamente.

Já no item 1.3 analisamos o processo mais recente de urbanização e produção do espaço urbano ligado ao capitalismo na contemporaneidade. Para isso fazemos uma crítica do panorama atual do Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo, apresentando o problema central da tese: o processo de reestruturação produtiva da indústria e do urbano. Analisando assim uma nova forma de organização, não só de cunho ideológico, mas também das políticas que substituem aquelas da modernidade e do pensamento único e os suprem por teorias e ideologias ligadas ao desenvolvimento local. Esse conjunto de concepções ideológicas acarreta em uma nova racionalidade da produção e reprodução do espaço no município e em sua região, transforma as relações de trabalho, fragmenta a produção industrial e flexibiliza tanto o trabalho quanto a produção.

Fazemos nesse sentido uma análise da questão do desenvolvimento local que substitui o condicionante do nacional desenvolvimentismo fordista pelo taylorismo ou acumulação flexível, em um movimento estruturado em uma tríade de flexibilização da produção industrial e do trabalho, fragmentação e explosão das plantas industriais em uma escala regional e a intensificação da urbanização com uma característica desigual. Analisaremos, portanto, o processo de reestruturação econômica e produtiva da indústria que influencia direta e indiretamente na produção do espaço urbano, acentuando desigualdades em um modelo de explosão urbana em uma escala regional, considerando a transformação de uma racionalidade de produção industrial fordista/taylorista (grandes plantas industriais, movimentos sindicais, trabalho rígido e alienado, etc), para uma racionalidade flexível e fragmentada estruturada a partir das teorias de desenvolvimento local, identificando os principais agentes nesse

processo. Para isso recorreremos a autores que analisam o processo de desenvolvimento capitalista e suas contradições como Brandão (2003), Soja (1993), Carlos (2011) e Lencioni (2015) e Lefebvre (2006 e 1973).

No item 1.4 damos início à caracterização do processo de reestruturação produtiva da indústria pelo qual passa o município de Nova Friburgo. Para alcançar tais objetivos faremos uma descrição desse processo no espaço do município e as mudanças na relação entre forma-função-estrutura (LEFEBVRE, 1973), tendo em mente o processo de flexibilização, fragmentação e reorganização da indústria e do urbano, fazendo um diálogo com Santos (2014), Soja (1992), Mattos (2011) e Diniz (2001). Sendo assim, evidenciamos as mudanças condicionadas pela transformação da racionalidade capitalista, realizando uma crítica da questão da pós-modernidade (CASTORIADIS, 1992), buscando entender o processo de flexibilização, fragmentação e reorganização da indústria e do urbano.

Neste item buscamos entender o processo de reestruturação produtiva e as transformações no processo de territorialização do capital na contemporaneidade, relaciona-lo ao processo de urbanização, que produz um espaço diferenciado, transforma a vida cotidiana, altera padrões de territorialidade, flexibiliza e fragmenta o trabalho e a produção industrial. Aqui, portanto vamos desenhando o problema da tese, realizando uma crítica do conceito de desenvolvimento local (SOJA, 1992) e de industrialização/urbanização (LEFEBVRE 1973) e (MATTOS, 2011), considerando a reestruturação condicionada pelas mudanças nos padrões de territorialidade fordista para acumulação flexível e sua manifestação no município. Portanto, temos como objetivo analisar esta ruptura entre um discurso ligado à modernidade e ao pensamento único ao pensamento contemporâneo, ligado ao neoliberalismo e as teorias de pensamento local. E, por fim, analisar as transformações deste processo na forma de produção, urbanização e nas relações de trabalho no município e no APL como um todo.

1.1 Caracterizando o Município de Nova Friburgo: ideologia e o “mito da Suíça brasileira”

O município de Nova Friburgo teve a sua raiz com “no processo de formação dos núcleos coloniais de povoamento e urbanização articulados à Província do Rio de Janeiro” (SANTOS, Daniel T. 2014 p.70). Interessa aqui reaver pontos que nos ajudam a entender e apresentar o processo de territorialização do capital, trata-se de recuperar o período do processo de formação do fordismo e seu discurso ideológico e compreender a formação de seu correlato material e imaterial. Aqui desejamos resgatar como essa forma de territorialização produziu seu correlato geográfico e também influenciou no cotidiano da população e no processo de urbanização.

Estes programas foram articulados pelas Campanhas de Colonização, que tinham um objetivo civilizatório e pretendiam com a imigração de mão de obra estrangeira, tornar branca ou mestiça a população brasileira e criar um exército de reserva de uma população branca, que diziam eles ser mais acostumada com o trabalho livre. Pois, acreditava-se que a mão de obra de um país estaria diretamente relacionada às práticas de organização espacial e de planejamento de um território. Sendo assim, a falta de uma classe de trabalhadores que fossem habituados com as práticas do trabalho industrial e assalariado tornava o Brasil atrasado em sua organização espacial e territorial. Pois, naquele período a maioria da população era descendente de escravos, negros ou índios, e esta visão racista, tinha em seu cerne a ideia que o Brasil seria um país atrasado economicamente, politicamente e socialmente.

O discurso do desenvolvimento durante o período do nacional desenvolvimentismo, e em toda modernidade, designa um complexo de subjetividades que traduzem a ação e pensamento ocidental e ocidentalizante. Não estamos aqui nos referindo ao ocidente como dimensão cartográfica, porém estamos nos referindo a um sistema de concepções que nos remetem a uma sociedade capitalista, aquela que seria desenvolvida, industrializada urbanizada e moderna. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.67) resgata o surgimento desses discursos no imaginário social. Descrevemos o processo pelo qual houve o desenvolvimento dessas teorias a partir do evolucionismo e do darwinismo social, em que se acreditavam que os padrões de desenvolvimento iam do

primitivo ao moderno, em um processo linear. Sendo assim, a modernização deveria resultar na universalização da cultura da sociedade industrial e moderna. Por fim, essas teorias culminaram até mesmo nas ideias de branqueamento populacional, que objetivava criar um exército de reserva de uma população europeia e branca, que estariam, segundo essas teorias, mais adaptados às relações de trabalho industrial e assalariada; já que àquela forma de organização e produção do espaço ligada à escravidão era vista como primitiva e atrasada.

Entretanto, apesar das teorias que pretendiam a construção de uma população branca habituada com o trabalho livre, até a chegada dos alemães e seu capital, “no período correspondente ao final do século XIX e ao princípio do século XX o município pouco se industrializou ou urbanizou”, (SANTOS, Daniel dos 2014, p.70). Resgatamos como os colonos provindos da Suíça que se instalaram no município de Nova Friburgo eram pobres e agricultores fugidos da fome e das grandes guerras que abalaram o território do continente europeu durante o século XVIII. Estes agricultores acabaram por reproduzir seus modos de vida relacionados às formas de produção tradicional de seus povos e de seu território original. Eram em sua maioria pequenos agricultores e pecuaristas, tinham como principal atividade econômica a produção de leite, queijo de cabra, tomates, verduras, legumes, o município se organizava em pequenos núcleos habitacionais que possuíam propriedades de múltipla produção, inclusive o espaço em que hoje é o centro do município era pouco habitado. O território que compreende o município de Nova Friburgo iniciou seu processo de povoamento e ocupação com a “chegada dos colonos alemães que montaram seu primeiro acampamento no bairro do Paysandu” (SANTOS, Daniel T. 2014, p.70) (primeira ocupação da área central), também mostramos que eles eram colonos capitalizados e foram alguns dos responsáveis pelo rápido processo de industrialização e urbanização pelo qual este espaço passou no século XIX e início do século XX.

Este processo de colonização teve em seu cerne uma concepção temporal de uma ideologia, que foi resultado da articulação de diferentes grupos e interesses da elite local do estado do Rio de Janeiro, associando empresários, os industriais de origem alemã e chefes de Estado e políticos, que amparados por alguns intelectuais e cientistas da época, sustentaram a visão mítica e ideologizada do município de Nova Friburgo como a “Suíça Brasileira”. Essa

articulação do mito teve o objetivo principal de se impor uma disciplina à classe trabalhadora daquele lugar, que deveria assim crer que vivem em um espaço de natureza exuberante, pujante e de migração histórica de homens e mulheres oriundos da Suíça, trabalhadores brancos, assalariados e livres. Discursos de políticos e chefes de Estado, artigos jornalísticos, livros e as festas comemorativas do município reforçaram, e ainda reforçam, essas estratégias, que foram usadas para a consolidação do imaginário. Podemos encontrar essas representações em inúmeras publicidades, nas festas, anúncios de jornais etc. Na imagem 2 podemos ver anúncio comemorativo dos 100 anos de funcionamento da fábrica de rendas ARP, e como a empresa resgata a memória de seu fundador. Na imagem 1 vemos festa de comemoração aos colonizadores.

Imagem 1



Fonte: BRASIL. Site Nova Friburgo Agora. Disponível em > <http://www.novafriburgoagora.com.br>

Imagem 2



Fonte: BRASIL. Centro de Documentação D. João VI. Disponível em < <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home> >. Acesso em junho de 2017.

Este “Mito da Suíça Brasileira” é, portanto um processo de construção ideológica, que tem como objetivo principal a construção de um exército de reserva composto por uma população branca e livre. Porém, a industrialização que aconteceu no município era decorrente de investimentos de colonizadores alemães e de investimento de políticos locais, da província do Rio de Janeiro, esses homens se estabeleceram no território por volta do final do século XIX e início do século XX. Essa ideologia fundadora do mito sistematizou-se com a construção das indústrias (de base têxtil e metal mecânica) a tensão entre o empresariado alemão e a elite local de tendência conservadora foi elemento responsável pelo interesse de se criar uma cultura ideológica para o domínio da classe trabalhadora, com o objetivo de torna-la dócil e de fácil manipulação.

Observamos, até os dias atuais como essas representações estão presentes no cotidiano e no imaginário da população. Encontramos no município diversas formas que reproduzem as materialidades dos colonizadores. Essas casas localizam-se em bairros nobres do município. É interessante perceber como as elites locais reproduzem esses valores, construindo uma ideologia e um imaginário que ajuda a sustentar relações de poder e dominação. Essas características na produção do espaço urbano está presente em diversos bairros do município. Como podemos observar nas fotos seguintes:

Imagem 3



Casas no bairro do Cônego que reproduzem a arquitetura dos colonizadores. Muitas são vistas pelo município, tanto em regiões rurais quanto em regiões urbanas. **Fonte:** Santos, Daniel T. 2014.

Imagem 4



Área de expansão nobre em encosta no bairro das Braunes, também se observa muitos chalés de arquitetura alemã. **Fonte:** Santos, Daniel T. 2014.

Imagem 5



Condomínio que reproduz arquitetura alemã no bairro do Cônego, esse tipo de condomínio é encontrado por toda o município. **Fonte:** Santos, Daniel T. 2014.

Portanto, partimos do pressuposto que a ideologia de uma sociedade deve ser compreendida como a ideologia da “classe dominante”. A construção deste imaginário se abriga em um determinado espaço fundado aos interesses das elites locais. No município de Nova Friburgo, o cerne da questão ideológica está vinculada à dominação da classe burguesa que ali se instalava. Visto que a ideologia como uma “concepção” ou uma “visão de mundo” se manifesta de maneira implícita nas artes, no direito, na economia e em várias dimensões da vida individual e coletiva de um grupo ou sociedade. De fato trata-se de uma concepção que aponta para a constituição de uma “cultura”, que possui como item central a dominação burguesa em uma sociedade capitalista.

O cerne do termo ideologia é sua concepção material e real em determinado tipo de sociedade e o princípio que a orienta é o de que as ideias não nascem de outras ideias, que as filosofias não nascem de outras filosofias, mas são as demonstrações sempre renovadas e em transformação do desenvolvimento histórico de uma sociedade e da classe dominante. As concepções de mundo nunca são apenas fatos individuais ou isolados, porém

na realidade elas são a expressão da vida comunitária de um conjunto social, de um sujeito coletivo, motivo pelo qual Gramsci as denomina: “ideologias orgânicas”. São essas concepções da realidade que, através de um discurso apropriado e ideológico, movimentam, articulam e condicionam as ações das classes dominantes e dominadas.

É necessário, por conseguinte, distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, “desejadas”. Na medida em que são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam etc. Na medida em que são “arbitrárias”, elas não criam senão movimentos individuais, polêmicas, etc. (GRAMSCI, 1978 p. 62-3).

As ideologias organizam as massas humanas, as comunidades e os grupos sociais, formam um conjunto de elementos pelo qual os homens se movimentam e direcionam as suas ações, adquirem consciência de sua posição no mundo, lutam, resistem, vivem e se apropriam. Esta construção da realidade já estava presente no texto de Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, (1984, p. 72) da seguinte maneira:

As ideias ('Gedanken') da classe dominante são em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem a sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual.

Estes mesmos autores (MARX E ENGELS, 1984 p.74) também apontam a necessidade de intervenção nos elementos ideológicos da classe dominante em relação classe que se quer dominar, ou seja, na relação entre a classe burguesa e o proletariado:

Com efeito, cada nova classe que toma o lugar da que dominava antes dela é obrigada, para alcançar os fins a que se propõe, a apresentar seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade, isto é, para expressar isso

mesmo em termos ideais: é obrigada a emprestar as suas idéias a forma de universalidade, a apresentá-las como sendo as únicas racionais, as únicas universalmente válidas.

Quando entendemos o termo ideologia como uma visão de mundo, ou racionalidade da classe dominante, nos ajuda a entender como as classes se articulam em torno dos seus projetos de poder. Essa articulação pode ter como intenção a manutenção de uma posição hegemônica na sociedade, ou para construir outro tipo de racionalidade, cultura ou tradição. Podemos melhor compreender os caminhos e papéis que desempenham cada uma das classes sociais, suas organizações e até mesmo o nível de possibilidade crítica ou integração, que determinada classe tem em relação às outras concepções de realidade ou racionalidade.

Conforme as instituições e organizações do proletariado atuam de forma interna à ideologia capitalista, elas promovem sua integração à ordem vigente, ou seja, este movimento burguesia/proletariado ocorre de maneira dialética. A expectativa de chegar ao governo e a cargos de direção de Estado (qualificando-se para ser o gerente ou coordenador de acordo com as regras) e o abandono da perspectiva de resistência da classe trabalhadora corroboram esta integração. No momento em que o município de Nova Friburgo se urbaniza e industrializa o crescimento econômico foi dito como um fim, em uma concepção de desenvolvimento único, e a industrialização generalizada aos modelos eurocêntricos como a alvo que todos os outros países necessitariam se enquadrar. Estas concepções de desenvolvimento ligadas ao economicismo são o arquétipo de desenvolvimento imposto à todo mundo, e segue como principal forma de se compreender as concepções de desenvolvimento até o período de crise, até a década de 1970 nos países centrais. Essas perspectivas possuíam em seu fundamento o positivismo, que definiu e influenciou as mais variadas manifestações humanas no mundo. Influenciando desde a ciência, sendo aplicada na arquitetura, na racionalização da produção do espaço. E se manifesta na produção e reprodução da vida cotidiana (sobretudo a partir do trabalho taylorista/fordista – que possui como característica a forte rigidez, porém altamente fragmentada e alienante).

O Estado é sempre organizado a partir de interesses de classe, e ele ganha um importante papel neste contexto, pois é nele que se legitima o poder

da classe dominante, ou seja, da classe burguesa. O Estado, em sua natureza tem como característica a dominação e organização das classes, se contrabalança entre a tarefa de “educar” e “domesticar” as massas – classe trabalhadora, forçando-as se adaptar a determinado tipo de comportamento (conformismo) e, concomitantemente, procura conter todo comportamento tido como inadequado às concepções de vida e pretendem a manutenção de se produzir socialmente como classes dominantes.

A classe dominante organiza toda a vida nacional (social, cultural) construindo em torno do Estado um sistema de aparelhos (privados, semipúblicos e públicos) que constituem as diversas projeções da função de direção política na sociedade civil (GRAMSCI, 1980 p. 149).

Gramsci ao se debruçar nos estudos do processo de expansão do capitalismo da sua época, entende que em sociedades onde este ideário ou imaginário se tornou um senso comum seria menos necessário o uso da força ou repressão, em outras palavras, quanto mais sólidos os imaginários do capitalismo estiverem enraizados nos indivíduos de uma sociedade, e todos elementos que os sustentam, maior proeminência será produzida às extensões de administração do que ao uso da força (sem ignorá-lo) e maior será o poder e supremacia da classe burguesa.

Assim, fordismo, regime parlamentar, e formação intensa de modos uniformes e estandardizados de valores (conformismo de massas) formavam, na hipótese gramsciana, os três tentáculos articulados de modernização do Estado burguês e de sua ‘trama privada’ (GUIMARÃES, 1996, p. 61).

Indissociavelmente ao processo de formação de uma ideologia e um imaginário sobre o lugar, e de formação ideológica da classe proletária, que aspirasse a um ambiente de trabalho e produção industrial controlado e dócil, submisso aos interesses dos capitalistas industriais, que regulavam os meios de produção, neste período também se desenrolava um processo de urbanização do município alavancado pela rápida industrialização. Este projeto de poder estava diretamente vinculado aos interesses que faziam parte das intenções ideológicas dos capitalistas industriais alemães e das elites locais. Conceito central para o entendimento deste processo de desenvolvimento foi desdobrado

por Lefebvre (1996), designado como “representações do espaço”; a noção de representação não deve ser vista como algo fechado em si, mas deve ser compreendida como algo aberto, ativo e em movimento perpétuo de modificação. Esta noção sintetiza as relações dinâmicas entre as criações humanas, sejam coletivas ou individuais. Esta noção também se relaciona à discussão dos níveis abordado pelo mesmo autor, Lefebvre (2008), compreendendo desde o nível local até ao global, passando pelo nível misto, vide capítulo anterior.

A construção do mito da “Suíça brasileira” está diretamente associada às diversas representações que estão presentes no município até a contemporaneidade. Elementos como as festas típicas, que são várias: a festa das flores (o município é grande produtora de flores, parte delas provenientes do bairro de Vargem Alta, local de colonização japonesa e dos primeiros imigrantes suíços), a festa da truta (produção tradicional do município), o festival dos chocolates, o festival de inverno e a festa da cerveja; os dois últimos, inclusive, exaltam a cultura dos colonizadores do município, reproduzindo bebidas, comidas e danças típicas. Os festejos comemorativos do centenário do município foram os primeiros a resgatar as tradições dos colonizadores. Essas festas podem ser denominadas como a “festa da ordem”, já que a partir delas houve a construção das ideias, do imaginário, das ideologias e dos discursos do mito da “Suíça brasileira”. Pretendia-se consolidar uma cultura proletária, subordinada, servil e dócil. Consideramos as festas como elemento central para a construção das bases ideológicas e de poder que dialeticamente deram início ao princípio do processo de industrialização do município, que apesar de já ter sua raiz no final do século XIX, é durante a segunda década do século XX que esse processo se intensifica, com a chegada com capitalistas industriais e o incentivo das elites locais e regionais.

Portanto compreendemos aqui o processo de construção de um discurso de ordem e estabilidade econômica e industrial ligado à modelos, cultura e ideologia europeia. A constituição do mito vinculado ao município de Nova Friburgo à Suíça demonstra a intencionalidade dos capitalistas industriais e das elites locais em associar o território de Nova Friburgo com dimensão de ordem e segurança, aquela reproduzida nos países ricos, modernos e industrializados. Esse discurso se relaciona diretamente ao objetivo por parte do governo federal

de industrializar, modernizar e desenvolver o Brasil no início do século XX. Teria como objetivo e intenção retirar o país do atraso econômico e industrial vinculado à cultura escravocrata, ao trabalho forçado e à agricultura camponesa. Constituir uma política de ordem no território do município estimularia a reprodução do capital nacional e internacional naquele lugar, integrando o município ao capitalismo global moderno e de ponta. O município parece, desde seu princípio, um “paraíso” para o desenvolvimento capitalista de cunho fordista/taylorista.

O processo de industrialização/urbanização do município de Nova Friburgo tem em seu cerne alguns elementos característicos em seus espaços urbanos. O município está em um sítio que apresenta uma geografia montanhosa, recortada por profundos vales, cadeias de montanha, afloramentos rochosos e floresta. Houve durante o período de industrialização e urbanização do município um crescimento desordenado e uma urbanização com características desiguais, que é intensificado ainda hoje. Devido à sua centralidade no interior do estado do Rio de Janeiro e principalmente na região Centro-Norte Fluminense houve um acréscimo populacional no município de imigrantes pobres oriundos das fazendas decadentes do médio Paraíba que foram atraídos para o município de Nova Friburgo pelos discursos “europizantes” de modernização e industrialização. As relações entre este novo grupo populacional e a população local geravam diversos conflitos entre a classe política, os fechos de Estado, os imigrante burgueses alemães e a classe trabalhadora. Em um momento em que se vivencia um aprofundamento da desigualdade econômica e a inserção do Brasil nas relações capitalistas globais, a valorização da força de trabalho estava em alta, enquanto aquele modo de vida mais tradicional ligado à população negra, aos pobres e camponeses eram vistas como atrasadas, primitivas, pouco desenvolvidas, ou até mesmo gerava medo.

Por conseguinte aliada ao crescimento, urbanização e industrialização do município durante o início do século XX, Nova Friburgo também encarou problemas urbanos relacionados às características do desenvolvimento econômico único, se configurando de forma desordenada, desigual e fragmentada. Entretanto, o discurso ideológico que ali havia se desenvolvido deveria ser reforçado pelas classes dominantes, com o objetivo da manutenção da ordem, da população servil, do cotidiano pacato e da segurança. O município se desenvolve, porém também há o acréscimo de uma população pobre e

marginalizada. No início do século XX com a instalação das grandes plantas industriais no município, essa população é reincorporada ao sistema capitalista de produção como força de trabalho e como exército de reserva.

Forma necessária para a territorialização do capital na modernidade e para o desenvolvimento econômico capitalista fordista no município de Nova Friburgo, que orbitou uma acumulação de capital no município e foi de extrema importância em seus processos de urbanização e industrialização foi a estrada de ferro. Ela cruzava todo município, e foi estruturante para a economia da região, especialmente por estar diretamente vinculada à economia cafeeira, a qual foi base da exportação brasileira, e atividade produtiva de maior peso econômico do interior do estado do Rio de Janeiro até então, contudo o crescimento industrial/urbano e a desarticulação da economia cafeeira no início do século XX culminou no enfraquecimento desta produção que se torna secundária em alguns territórios, entre eles no município de Nova Friburgo. A linha férrea que chegará ao município por meio dos aristocratas produtores de café foi elemento centralizador e convergente para o estabelecimento de indústrias na região e o consequente acúmulo de capital econômico. A infraestrutura criada pela lógica capitalista vigente até o início do processo de industrialização, ligada à produção agrária, foi essencial para que o novo padrão produtivo se instalasse e se desenvolvesse no município com a chegada do capital industrial da nova lógica na modernidade.

Essa nova tecnologia e infraestrutura foi condicionante para o aceleração do processo de urbanização no município, já que a população que se estabelecia ali concentrou-se territorialmente em seu entorno, assim como também as novas e grandes plantas industriais. A linha férrea se localizava às margens do Rio Bengalas. Com o crescimento de populacional e a mancha urbana foi se espraiando para o bairro de Conselheiro Paulino, ao norte em direção à cidade de Cantagalo (ainda grande produtora de café) e também ao distrito de Rio Grandina, Amparo e Campo do Coelho. A linha de ferro estruturou uma influência marcante nas formas de organização social e nos modos de vida da população do município, já que era o elemento de contato entre a região de Nova Friburgo, seu interior com produção agrícola e a metrópole do Rio de Janeiro, por meio dela chegavam ideais e ideologias modernas associadas à metrópole, além de direcionar e estruturar o processo de ocupação. Como já

mencionado a chegada de empresários industriais capitalizados foi de extrema importância na formação sócio-espacial do município e influenciou diretamente em seu processo de urbanização e ocupação, como mencionado em (SANTOS, Daniel. 2014, p. 76-77).

A chegada de empresários de origem alemã em Nova Friburgo, entre eles: Peter Julius Ferdinand Arp e Maximilian Falk no ano de 1910 que iniciaram suas atividades industriais em 1911, após a criação das firmas M. Singen e Cia e M. Falk e Cia, é um evento relevante para a industrialização do município. Tais eventos associados com a criação da Companhia de Eletricidade, que era controlada e fornecia elétrica para a indústria de Julius Arp foram de extrema importância para o processo de desenvolvimento e a possibilidade de instalação de indústrias de produção de massa na cidade. (SANTOS, Daniel. 2014, p. 76-77)

Outros elementos também são considerados importantes para a concentração territorial de empresas de cunho industrial fordista/taylorista no município. É necessário entender a expansão do capitalismo em Nova Friburgo como o desenvolvimento e expansão do capitalismo em todo mundo. Porém também é necessário identificar os fatores internos e locais que levaram o município a se industrializar. Muitos são os fatores que explicam e condicionam a centralização do município para o instalação de famílias de origem alemã e recepção de seus investimentos industriais. Entre esses fatores destacam-se os seguintes: (1) isenções e incentivos fiscais, (2) proximidade da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e de grandes centros consumidores, os quais Nova Friburgo já estava ligada por linha férrea, (3) isenção de taxas de transporte e de matéria prima e (4) energia elétrica em vias de instalação. Entre estes fatores também existem as vantagens de Nova Friburgo estar próxima à capital federal, na época o município do Rio de Janeiro, e à Região metropolitana, e conseqüentemente ao seu grande mercado consumidor. A fábrica de rendas ARP foi de extrema importância para o desenvolvimento econômico e industrial no município, como podemos constatar nas seguintes passagens:

[...] Julius Arp tinha a intenção de implantar sua fábrica de rendas no interior do estado de Santa Catarina, porém o estado exigia algumas taxas as quais não eram exigidas pelo estado do Rio de Janeiro. Outro fator que levou Julius Arp a instalar sua empresa na cidade foi o fato de nela já existia uma colônia alemã

desde 1824, e constituída com certa solidez, havendo na cidade também a presença de uma igreja luterana e um cemitério alemão. Além disso, a cidade possuía alguma infraestrutura urbana, o que propiciava certo conforto.

Peter Julius Arp é considerado um dos capitalistas que mais incentivavam o processo de industrialização em Nova Friburgo. Nasceu em 26 de Março de 1858 em Fahrem Holstein, na Alemanha, e era filho de Joachim Arp e Gretze Klindt Arp. Aos 23 anos veio para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 9 de Janeiro de 1882. Inicialmente fixou-se na cidade de Santos, dedicando-se ao comércio de café, retornando mais tarde ao Rio de Janeiro, empregando-se em uma empresa de importação de máquinas de costura, brinquedos e armas. Tratava-se da firma M. Nothmann & Cia, pertencente a Maximillian Nothmann e à sua esposa Clara Nothmann. Em 1895, após a morte de M. Nothmann, tal firma foi transferida para uma nova firma, ARP & Cia, tendo como sócio Julius Arp, participando com um capital equivalente a cento e oitenta contos de réis, e José Ribeiro de Araújo, este participando com capital equivalente a cem contos de réis. A nova empresa situava-se na Rua do Ouvidor, número 68, no Rio de Janeiro. No mesmo ano de 1895 a junta comercial do Rio de Janeiro concedia a Julius Arp a carta de comerciante matriculado. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.77-78).

O mesmo autor continua a relatar a história de formação econômica, urbana do município de Nova Friburgo, fazendo um levantamento das principais indústrias e identificando importantes agentes de transformação territorial.

No ano de 1900, a empresa Arp & Cia entra no ramo industrial associando-se em Joinville a Ottomar Kaiser, dono de uma fábrica de meias e fundador da empresa Kaiser & Cia. A produção dessa indústria seria comercializada, na cidade do Rio de Janeiro, pela empresa Arp & Cia, sócia oficial do empreendimento. Em Joinville, Julius Arp conheceu o caixeiro viajante Markus Sinjen, funcionário da empresa importadora Ernesto Beck e Cia, contratando-o, mais tarde, para gerenciar a Arp & Cia no Rio de Janeiro. Markus Sinjen tornar-se-á um dos sócios de Julius Arp nos empreendimentos situados em Nova Friburgo.

Os primeiros contatos com Nova Friburgo aconteceram através do amigo pessoal e corretor da Bolsa de Valores, o alemão Maximilliann Falck, sócio da empresa Dennis e Falck que adquirira, em 1911, o Sítio Ypu, na cidade de Nova Friburgo. Falck nascera em Berlim, no ano de 1865 e teria vindo para o Brasil, aos vinte e seis anos de idade, como funcionário do Brasiltanische Bank Fuer Deutschland.

A aproximação dos empresários Falck e Arp, assim como as dificuldades percebidas junto ao governo catarinense para instalação da fábrica de rendas em Joinville, fizeram com que os planos de Julius Arp tenham sido modificados no sentido de transferência daquele empreendimento para Nova Friburgo. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.78)

Realizamos um levantamento e uma análise da pequena biografia de Julius Arp e M. Falck (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.78) e não nos deixa dúvidas quanto às origens dos capitais que condicionaram o processo de desenvolvimento industrial de Nova Friburgo. Acreditamos ser evidente que tais capitais são provenientes dos setores comercial e financeiro, tanto de origem alemã e quanto das elites locais e regionais ali já instaladas, devido à acumulação gerada pela infraestrutura proveniente dos produtores de café do Médio Paraíba. Os investimentos dos burgueses de origem alemã estiveram presentes no território do interior fluminense através de empreendimentos ligados ao setor comercial de importação e exportação (principalmente de indústrias têxteis e metalúrgicas), bem como atividades ligadas à Bolsa de Valores. Este processo se intensificou durante as duas grandes guerras, quando o país precisou industrializar-se, substituindo importações. O município de Nova Friburgo tem o seu desenvolvimento condicionado por meio da consolidação do capital industrial e financeiro no Brasil e no mundo. Portanto este espaço se modernizava, ao mesmo tempo se tornava mais complexo. Como já mencionado anteriormente, esta lógica de desenvolvimento teve alicerce nas ideias relativas ao progresso, concepções provindas das teorias da corrente positiva do pensamento único.

Os ideais de modernização como base conceitual concreta e única alternativa para modernidade, teve como conceito-gêmeo o progresso, e ambos se consolidaram após a Segunda Guerra Mundial. Também podemos acrescentar o conceito-síntese de desenvolvimento, considerando os ideais evolucionistas, de caráter sempre positivo e único, como os dois conceitos que o têm acompanhado o desenvolvimento da tese (progresso e modernização), o desenvolvimento se estrutura ideologicamente ainda com maior força e intensidade. Acrescentando que o caráter positivo e evolucionista, sintetiza, também, um projeto civilizatório ocidental eurocêntrico que o coloca como instrumento de operação de um paradigma a ser seguido por todos os modelos de sociedade, uma ideia de pensamento único.

O fundamento mais evidente do processo de modernização e, mais recentemente, do desenvolvimento têm sido as técnicas - conjunto de elementos materiais e imateriais que estrutura a dinâmica sócio espacial como componente

principal nas relações entre essa dinâmica e entre as relações estabelecidas no espaço. Essas subjetividades foram construídas historicamente no município de Nova Friburgo, tendo um dos seus pressupostos, a consolidação desses diversos mitos. A constituição de uma cultura, e tradições que se manifestam nos hábitos, na forma de produção, na urbanização e na racionalização de produção do espaço de seus colonizadores e das pessoas que ali viviam. As formas que comprovam mais empiricamente esse processo são as diversas casas que tendem a reproduzir e imitar formas das casas de seus colonizadores. A modernidade que nos referimos aqui não é relacionada à reflexão dos filósofos, porém à modernidade de caráter histórico e social concreta, pertinente ao conceito de desenvolvimento. As manifestações da modernidade, formas-função-estrutura, (socioespacial e de caráter histórico) ocorrem de forma sincrônica e diacronicamente, e, deste modo, a dimensão histórica é enfatizada e soma-se à dimensão socioespacial. Nos referimos, portanto a estas duas visões restritivas de modernidade ao criticar as teorias de desenvolvimento único, concebido pela maioria, parte da modernidade, e vista restritivamente como modernização.

O município de Nova Friburgo torna-se forma da manifestação de um tempo e de um processo ligado à modernização. As formas-funções das materialidades no município vêm modificando com o objetivo de tornar certos espaços ou materialidades mais adequadas às características do capitalismo na contemporaneidade e às exigências que ele impõe para sua reprodução. Portanto, em um primeiro momento, durante a modernidade, foi essencial se construir uma cultura organizada em bases fordistas, em que a tradição de trabalho deveria ser livre. Ideais estruturados naquele espaço para se gerar aquilo que era entendido por desenvolvimento ou modernização.

O município se estrutura em uma base alicerçada na produção industrial moderna e fordista/taylorista através do capital financeiro internacional que se manifesta e reproduz naquela região do município de Nova Friburgo durante décadas até a crise de 1970, com a crise do desenvolvimento único e dos paradigmas fordistas, como veremos mais à frente na tese. Este processo se torna ainda mais perceptível quando analisamos as materialidades (formas) que ainda se apresentam no espaço do município: a Igreja Luterana, o Edifício Itália, as grandes plantas industriais fordistas, os bairros operários (hoje

descaracterizados ou em processo de descaracterização). Essas materialidades (formas) e imaterialidades auxiliam a visualizar a história e o imaginário que ali se consolidaram e desenvolveram, e essa história torna-se elemento para a produção e reprodução do espaço e do capital.

A defesa da indústria era entendida como sinônimo de progresso, bem-estar material, deveria estar associada às condições de salubridade, higiene e beleza. Essas condições naturais e construídas socialmente, características deste município, deveriam se ligar ao crescimento industrial, responsável pela organização de uma base sólida e indestrutível, vinculada as ideias de pensamento único. O progresso passa a ser visto como condição de felicidade e, a felicidade torna-se reconhecida pela consequência da implantação da indústria e de infraestruturas modernas.

Até mesmo o jornal local de Galdino do Valle Filho assumia uma bandeira ideológica tendo o ideal progressista como base do pensamento, vinculado com a intensão de se gerar condições para a decorrente fixação da indústria no município, encerrando o editorial com estas palavras:

“Apelamos para um iconoclasta, viesse de onde viesse, que destruísse os ídolos e abrisse para esta terra uma era de progresso e felicidade, que tivesse como base sólida, indestrutível, o trabalho e a honestidade”.

Outro elemento estruturante e fundamental para o processo de desenvolvimento, industrialização e urbanização do município foi a construção da usina hidrelétrica Hans, no bairro de Mury. Ali se associava, capitais de empresários burgueses de origem alemã e elites locais representados por Galdino do Vale (dono do jornal local e influente político). Podemos citar um momento simbólico na história do município, no início do século XX, que representou a chegada da energia elétrica: a destruição dos lampiões a gás e depois a ocupação do prédio da Câmara Municipal, estes dois eventos simbolizavam os cirros de um poder municipal nitidamente oligárquico e sua mudança para uma nova estrutura social, ligada à dominação da burguesia industrial. A nova classe burguesa apesar de conservadora, defendia novos interesses alicerçados no desenvolvimento e crescimento industrial, sinônima de modernidade e desenvolvimento tecnológico. Torna-se, portanto, necessário

reiterar que o processo político do desenvolvimento industrial friburguense é evidenciado no momento do episódio do “quebralampião”, que possibilitou a associação entre o fato econômico (implantação industrial) e o fato político (a vitória dos aliados de Galdino), representante dos interesses industriais, em detrimento dos políticos que estavam no poder (à oligarquia agrária). Esse dia histórico para o município foi popularmente chamado como o “dia da quebra dos lampiões” e aconteceu em 17 de maio de 1911.

Portanto, podemos verificar que no município de Nova Friburgo existiu uma consolidação e concentração de capitais privados de origem burguesa industrial. Exemplo deste processo é o fato de que havia uma lei municipal que permitia a Julius Arp e Cia o direito de escolher aquelas empresas ou indústrias que poderiam, ou não, se instalar no espaço friburguense. Esta cláusula baliza as condições em que foram se instalando as novas indústrias no espaço do município, assim como esclarece o enorme poder concedido pela Câmara Municipal especificamente ao empresário Julius Arp e aos outros burgueses industriais. Nos referindo às indústrias modernas que necessitavam de energia elétrica para seu funcionamento, a implantação delas em Nova Friburgo dependia da permissão de um único empresário do setor privado, já que este era proprietário da usina hidrelétrica que fornecia energia para todo município. Importante aqui ressaltar a concentração do poder da burguesia industrial em detrimento ao proletariado. Esse poder em suas dimensões políticas e econômicas se concentrava nas mãos de poucos homens, grandes capitalistas industriais, já que eles possuíam o monopólio sobre a única fonte de energia do município. Portanto, seria possível situar aí as origens históricas do papel hegemônico desempenhado pelos empresários burgueses de origem alemã no município.

[...] A empresa de eletricidade, já iniciando suas operações a partir de 1911, passou a exercer um papel de grande importância no processo de implantação de novas empresas e no direcionamento da ocupação do espaço municipal. Por outro lado, percebemos a presença crescente de empresários alemães na economia de Nova Friburgo. Como se pode verificar, por exemplo, na lista de sócios da própria empresa de eletricidade, que tinha Julius Arp como sócio majoritário; e como sócios minoritários os seguintes empresários: Maximilliann Falck, H. Mutzenbecher, H. Grube, Alfredo Von Sydon, Markus Sinjen, Johannes Haasis, B. Wallnelt. Gostaríamos de lembrar

que desta lista, além de Arp, Falck e Sinjen trouxeram um papel importantíssimo na implantação da indústria em Nova Friburgo. [...] Após garantir o controle do fornecimento da energia elétrica, Julius Arp adquiriu terras dos herdeiros do Barão de Nova Friburgo, às margens do rio Cônego e próximo à Praça Paissandu, dando início à Fábrica de Rendas M. Sinjen & Cia (ainda no mesmo local, hoje abriga restaurantes, o polo de desenvolvimento tecnológico da SEBRAE, pequenas confecções, colégio e uma universidade). É bom lembrar que Markus Sinje foi gerente e procurador da Arp & Cia além de acionista da companhia de eletricidade. Em junho de 1911, chegam as primeiras máquinas alemãs, iniciando-se a produção de rendas, com 36 empregados. Em 1913, há uma diversificação da produção, quando a empresa importa da Alemanha um pantógrafo que produzia rendas bordadas em filó grosso de sete jardas. Para esse setor da produção, foi contratado o alemão Afons Grabers, encarregado da manipulação e operacionalização do novo maquinário. A princípio, a direção desta empresa estava a cargo de Ernesto Kappel, e para dirigir a empresa de eletricidade foi contratado, em 1915, o empresário alemão Heinrich Hans W. Schmidt (represa que localiza-se no bairro de Mury e ainda recebe o sobrenome do dirigente, Usina Hans). (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.82-83)

Com o princípio da Primeira Grande Guerra em 1914 houveram algumas dificuldades nas relações entre Brasil e Alemanha e, este fato culminou no surgimento de dificuldades no que concerne à importação de novas máquinas para as empresas em Nova Friburgo, já que no Brasil tais teares modernos e tecnológicos não eram produzidos. Outro fato de extrema importância também foi relatado por Santos (2014) e se refere:

[...] a apreensão de navios alemães pelo governo brasileiro em 1917 e, nesta ocasião, a tripulação dos navios foi feita prisioneira. Em Nova Friburgo, foram internados 227 alemães em duas casas de alvenaria e quatro barracões de madeira. A esses prisioneiros era permitido empregar-se nas empresas da cidade, desde que fosse mediante comunicado à 1ª comissão militar. Alguns prisioneiros foram empregados nas fábricas de Nova Friburgo, destacando-se a figura do oficial Richard Hugo Otto Ihns o qual, em 1919, assumiu a direção da Fábrica de Rendas, tornando-se, logo a seguir, sócio da empresa, sendo um dos seus diretores até 1960.

[...] em janeiro de 1925, foi fundada em Nova Friburgo a Fábrica de Filó S/A instalada em um grande terreno na Vila Amélia, nas proximidades da Estrada de Teresópolis, próximo também à Praça do Suspiro. Sua criação em Nova Friburgo está ligada à crise capitalista vivida pela Alemanha na conjuntura dos anos 20, assim como às negociações incrementadas por Julius Arp com o intuito de atrair novas empresas para cidade. Ernesto Otto Siems, filho do proprietário de uma fábrica de filó, localizada em

Plauen, Alemanha, encontrara-se com Arp num cruzeiro marítimo e este o convencera a instalar uma fábrica de filó em Nova Friburgo. Foi então, criada a fábrica de Filó, como sociedade anônima, produzindo filó liso, rendas valencianas e derivados destes artigos, tecidos de estofamento e decoração. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.83)

Conclui-se neste seguimento que ao longo desse momento (final do século XIX até crise do capitalismo fordista/taylorista, na década de 70 do século XX) o município de Nova Friburgo se moderniza e desenvolve segundo o padrão de desenvolvimento ocidental único, eurocêntrico, alicerçado pelas concepções e teorias das ciências positivistas e de concepções evolucionistas. Porém, a partir de 1970 essas concepções sofreram uma crise, a crise do modelo de pensamento único, pois não mais atingiam seus objetivos principais: gerar o desenvolvimento e crescimento econômico. Idealizado e influenciado pelas teorias dos Estados de bem estar social e por concepções de cunho evolucionista e desenvolvimentista. Este processo provocou uma ruptura e uma consequente procura por relações e pelas ideias do desenvolvimento local, que se contrapunham a concepção tradicional de desenvolvimento único, concepções predominantes na ciência até aquele momento. Esta ruptura, gerada por uma reestruturação produtiva, acarretará em um processo, que resultará em novas formas de organização urbana e regional e em uma diferente lógica de produção e reprodução do espaço, culminando em transformações da relação entre formas-função-estrutura, no processo de urbanização do município como veremos nos seguimentos a frente.

Partido da pequena análise bibliográfica que encontramos durante a pesquisa da tese quando nos referimos às origens dos capitais no processo de industrialização do município de Nova Friburgo, destacamos o papel dos imigrantes alemães capitalizados e o papel do Estado neste processo (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.83). Destacamos o papel da abertura das grandes fábricas de tecido, couro e rendas no município como elemento “gravitacional” para concentração e territorialização do capital industrial moderno no município, ressaltando o protagonismo das três principais indústrias naquele período, a APR, a YPÚ e a Filó.

É possível estabelecer as origens históricas do papel hegemônico desempenhado pelos empresários de origem alemã em Nova Friburgo

(SANTOS, Daniel dos. 2014, p.82-83), interessa recuperar esse processo aqui para apresentar o processo de territorialização do capital do período do nacional desenvolvimentismo, trata-se do processo de formação do fordismo e seu discurso ideológico. Esse processo de territorialização do capital produziu um correlato material, que condicionou e ainda condiciona o cotidiano dos trabalhadores no município. Concluímos, pois, que este momento de territorialização do capital produziu formas que ainda são importantes e determinantes para o município, uma vez que foi durante esse tempo que se produziram as grandes plantas industriais, os bairros operários, conjuntos habitacionais, muitas escolas e postos de saúde. Essas formas são determinantes para o município e ainda condicionam o cotidiano da população até os dias atuais. Observamos, portanto, um papel misto de políticas de Estado que incentivavam o desenvolvimento do município segundo as concepções determinadas pelas ideologias modernas e o papel do capital privado provindo dos colonizadores. Esses capitais foram determinantes para o processo de produção do espaço do município reproduzir essas formas tão características das estruturas fordistas.

1.2 As Indústrias e a Produção do Espaço Fordista:

Neste seguimento pretendemos realizar um levantamento das principais indústrias do município de Nova Friburgo e seu papel na produção do espaço da modernidade no município. Entender, portanto, como o processo de urbanização ligado ao de acumulação de capital durante o período do nacional desenvolvimentismo criou um correlato geográfico que está presente no município até os dias atuais. Vamos aqui apresentar as formas que influenciaram na produção material e imaterial das relações estabelecidas na modernidade e apresentaremos uma pequena descrição da importância e das representações contidas nesse processo. Importante aqui pensar a espacialidade e a territorialidade são determinadas historicamente.

As práticas espaciais, que são influenciadas pelas estruturas que determinam a acumulação de capital definem as territorialidades. Influenciam nas relações entre o lugar e o mundo e as representações contidas no cotidiano. Aqui pretendemos identificar as principais empresas (indústrias) que foram responsáveis pela territorialização do capital no município durante o período de

1920 e 1980, pois consideramos que foi justamente nesse momento que se possuía no imaginário e na produção do espaço lógicas estruturantes que condicionavam uma territorialização do capital ligada às concepções da modernidade. Portanto destacamos tais empresas como estruturantes nesse processo e durante este período: Filó, Ypú e Arp (indústrias têxteis) e Stam, Haga e Sinimbu (metal-mecânica).

- Fábrica de Rendas ARP

Localizada na Avenida Julius Arp, via que liga o Centro do município de Nova Friburgo ao bairro de Olaria, a história da fábrica teve início com a chegada de Peter Julius Ferdinand Arp ao Brasil, em 1881. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.76). Nascido no município de Fahren, na Alemanha, Julius tinha apenas 23 anos quando desembarcou, como imigrante, em Santos. Trabalhou como comerciante de café e logo depois mudou-se para o Rio de Janeiro, se tornou sócio de uma firma de importação e exportação, a Rothmans e, aos 37 anos, tendo já comprado a empresa, mudou sua razão social para Arp & Cia. Em pouco tempo Julius tornou-se um famoso empresário, com negócios em todo o Estado do Rio e em Santa Catarina. Arp conheceu o município de Nova Friburgo, devido à fama do município de por possuir uma colônia de origem suíça e alemã, e decidiu montar lá uma fábrica de rendas. Primeiro, comprou a Companhia de Eletricidade e, além de novos empreendimentos, trouxe energia elétrica para Nova Friburgo. A Fábrica de Rendas Arp foi inaugurada em junho de 1911, com 36 funcionários, e maquinário vindo da Europa. A eletricidade, junto a primeira grande fábrica do município, incentivou a instalação de outras indústrias, movimentou o comércio, a construção civil, gerou empregos e, conseqüentemente, promoveu o desenvolvimento social e econômico de Nova Friburgo.⁶

Jerônimo Coimbra Bueno Filho, atual diretor da empresa, contou em reportagem ao jornal municipal “A Voz da Serra”, que a fábrica chegou a ter mais de 1.300 funcionários. Contudo, em 1997, foi feito um corte de 400 pessoas, seguido de um aumento de 30% na produção. A empresa teve um período

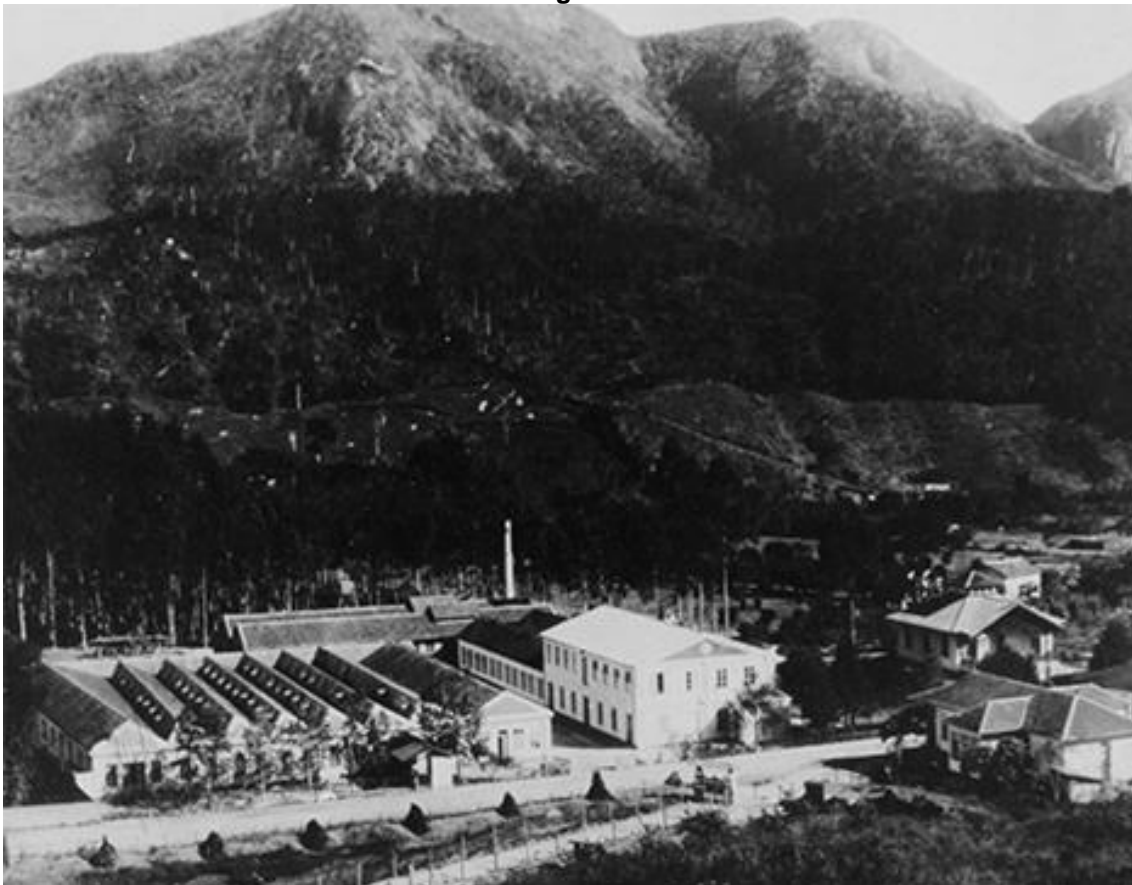
⁶ Informações retiradas do site oficial da empresa ARP. Disponível em > <http://arp.com.br/historia>

recente de glórias, entre 2001 e 2005, quando foi premiada quatro vezes como melhor indústria têxtil do Estado Rio, além de ter se tornado referência nacional no setor e líder nas Américas no mercado de bordados. A Arp era conhecida pela qualidade, máquinas de última geração, investimentos em tecnologia de ponta e pela diversidade de produtos.⁷

A seguir podemos observar algumas imagens que demonstram o cotidiano da classe trabalhadora durante o período de acumulação fordista (imagem 7). Também podemos observar a organização da produção em série e em massa. As grandes máquinas e os grandes espaços, característicos do período fordista (imagens 7 e 8). Vemos também as trabalhadoras costurando as rendas, e a vila operária onde viviam a classe operária. As vilas operárias geralmente ficavam próximas às fábricas (imagens 6 e 9), inclusive muitos bairros do município tiveram origem nas vilas operárias, como o bairro de Olaria e Bela Vistas que originaram-se das vilas operárias da fábrica ARP.

⁷ Informações retiradas de reportagem do jornal municipal “A Voz da Serra”. Disponível em > <http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/arp-antiga-fabrica-atual-sede-de-empresas-e-futuro-complexo-multiuso>

Imagem 6



Fonte: Site do Espaço ARP. Disponível em: <http://arp.com.br/historia>

Imagem 7



Fonte: Site do Espaço ARP. Disponível em: <http://arp.com.br/historia>

Imagem 8



Fonte: Site do Espaço ARP. Disponível em: <http://arp.com.br/historia>

Imagem 9



Fonte: Site do Espaço ARP. Disponível em: <http://arp.com.br/historia>

Consequência do processo de reestruturação produtiva da indústria a fábrica deixa sua produção em 2011, porém os capitais continuam no município. Há uma mudança drástica nas funções das grandes formas oriundas do período de acumulação anterior. O mesmo grupo de origem alemã inaugura o “Espaço ARP”, uma estrutura arquitetônica diferenciada que traz para a região uma nova ideia de empreendimento imobiliário: um complexo multiuso, reunindo diversos estabelecimentos em um conjunto diversificado das áreas: comercial, industrial, educacional, gastronômico, lazer, logística e serviços. Também em parte da empresa localiza-se o centro de capacitação técnica da FIRJAN e SENAI. Ainda abriga serviços como escola, campos da UNOPAR – Universidade do Oeste do Paraná, restaurantes e escritórios. Vemos que aquelas antigas formas adquiriram novas funções ligadas à forma de acumulação e as estruturas neoliberais. Retomaremos esse processo ao longo da tese.

- Fábrica Filó

Fundada em 1925 pelo alemão Carl Ernst Otto Siems em Nova Friburgo, a Filó foi durante muito tempo líder absoluta em rendas de nylon, sendo referência neste segmento (SANTOS, Daniel dos. 2014, p. 83). A empresa foi vendida para o grupo Triumph Internacional em 1968 e encerrou suas atividades em 2010. A Triumph International é uma empresa internacional de moda íntima. Foi fundada em Heubach, Württemberg, na Alemanha.⁸

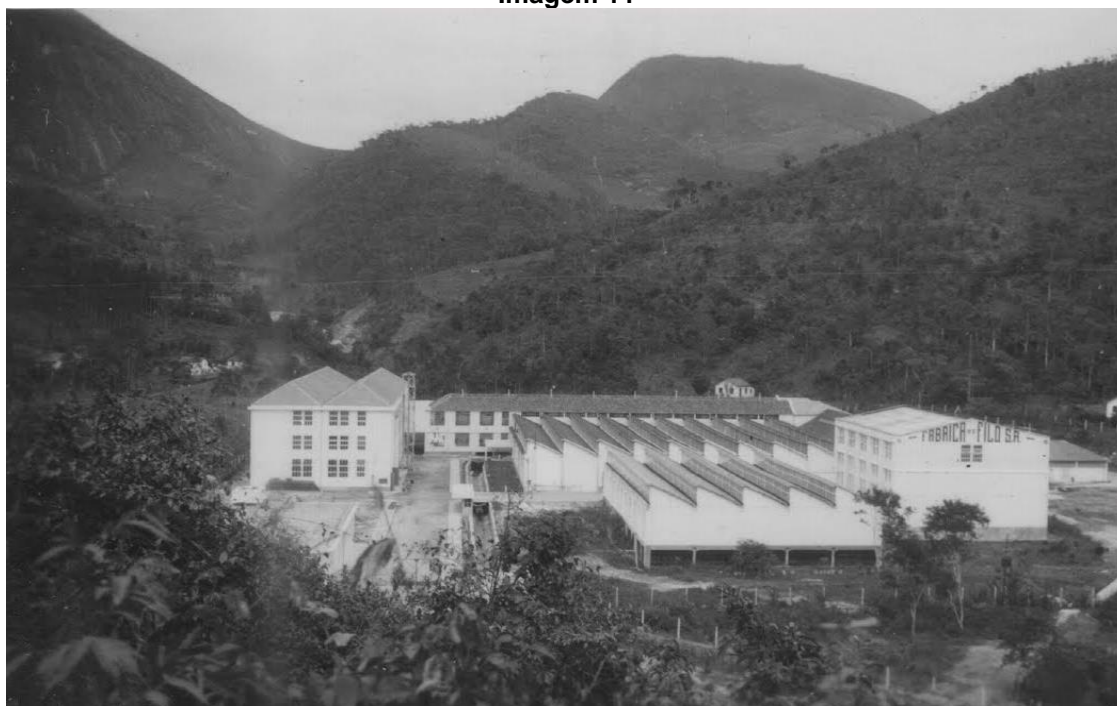
⁸ Informações retiradas do site da fábrica Triumph. Disponível em > <https://www.triumph.com.br>.

Imagem 10



Fonte: Santos, Daniel dos. 2014.

Imagem 11



Fonte: BRASIL. Centro de Documentação D. João VI. Disponível em < <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home> >. Avesso em junho de 2017.

Hoje a empresa ainda produz roupas íntimas e funciona em diversas escalas, sendo uma das principais empresas do ramo no Brasil e no mundo. Porém trabalha com uma quantidade muito reduzida de funcionários e em uma escala menor. Nos espaços em que não estavam sendo utilizadas pela empresa, hoje está instalado campos do Instituto Tecnológico da UERJ, que se mudou para o edifício após os deslizamentos de 2011, quando acesso ao seu campos original foi interditado. Outras áreas em desuso também foram alugadas para pequenas confecções do ramo da moda íntima, caracterizando outro exemplo do processo de reestruturação produtiva, já que grande parte de sua planta industrial hoje abriga outros usos.

Podemos observar na imagem 10 uma foto da vila operária da Fábrica Filó, forma que está presente no município até os dias atuais e hoje sofre com a pressão imobiliária, porque fica próximo a áreas nobres e ao centro do município. Na imagem 11 observamos a grande planta industrial da Filó no passado. Em anexo também se encontram imagens que exemplificam esses processos.

- Fabrica YPU

Em 10 de julho de 1912, Maximilian Falck juntamente com Willian Peacock Denis inicia, em um galpão às margens do Rio Santo Antônio, a fabricação de ligas e suspensórios. Nessa ocasião, a atividade econômica em Nova Friburgo advinha fundamentalmente da agricultura e subsidiariamente do turismo. Sob a razão social de M. Falck & Cia, escolheu-se o nome fantasia de Fábrica Ypu por ter iniciado suas atividades no Sítio Ypu, de propriedade de Maximilian Falck, sua residência de verão. Transcorridos cinco anos desde a sua fundação, a fábrica já tinha 155 operários treinados por técnicos vindos da Alemanha. Nessa ocasião, retirou-se da sociedade Willian Peacock Denis e dois anos depois são admitidos como sócios Julius Arp, proprietário da fábrica Rendas Arp, e João Haasis. Esse último falece no ano seguinte à sua admissão. Na década de 1920, além da passamanaria, a fábrica passa a ter oficinas de tecelagem, trançadeira, tinturaria, engomagem, tipografia, cartonagem, oficina mecânica e carpintaria.

Mais recentemente a indústria se especializa na produção de produtos derivados do couro, como bolsas, sapatos e cintos.⁹

Ao ser vendida em 1986 ao grupo Sayonara, do Rio de Janeiro, a dispensa de funcionários em larga escala se inicia, e a fábrica também se afunda em dívidas. Entre os reclamantes, o Estado, por diversos impostos sonegados, e ex-funcionários, por problemas trabalhistas. Em meio a esses processos judiciais, o terreno e outros bens da Ypu foram penhorados. Por isso, o patrimônio está em leilão há anos e nunca foi vendido até então. Hoje grande parte das instalações da empresa está abandonada e sem uso. Devido às dívidas trabalhistas a Associação de Funcionários da Fábrica Ypu, administra desde 2004 a indústria, e vem pagando os funcionários por meio da locação de alguns espaços para outras empresas.¹⁰ Ela hoje aluga a maior parte do imóvel e mantém pequena linha de produção focada, principalmente, nos bordados. Por isso o destino da grande planta industrial continua incerto. Existiram projetos por parte da prefeitura de transforma-la em centro universitário ou de transferir algumas secretarias para a fábrica, porém não foram concretizados. Hoje alguns espaços são alugados para confecções, academia, locação de evento e empresa de transporte de mercadorias. Grande parte da fábrica encontra-se em péssimo estado. Desde agosto de 2004 a administração participativa dos funcionários da Fábrica Ypu S/A vem resgatando uma reduzida produção de rendas. Na imagem 12 podemos observar a grande planta industrial da fábrica YPÚ.

Observando as fotos podemos compreender um pouco mais do cotidiano da população e as formas de organização do mundo do trabalho no período de acumulação fordista. Vemos as grandes plantas industriais, as grandes máquinas de corte e tecelagem, uma grande quantidade de trabalhadores, um trabalho altamente repetitivo e alienante e uma organização rígida. Também foi durante este período que houve significativamente o aumento dos direitos trabalhistas, as grandes plantas sindicais propiciava movimentos operários que

⁹ Informações retiradas de reportagem do jornal local “A Voz da Serra”. Disponível em > <https://acervo.avozdaserra.com.br/colunas/historia-e-memoria/memoria-das-industrias-friburguenses-fabrica-ypu-parte-1>

¹⁰ Informações retiradas de reportagem do jornal “O Globo”. Disponível em > <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/imovel-historico-de-nova-friburgo-fabrica-ypu-nao-tem-destino-certo-12490421>

lutavam por melhores condições de trabalho. Neste período surgiram as associações de trabalhadores e sindicatos.

Imagem 12



Fonte: Reportagem do Jornal local “A Voz da Serra”. Disponível em > <https://avozdaserra.com.br/node/58659>

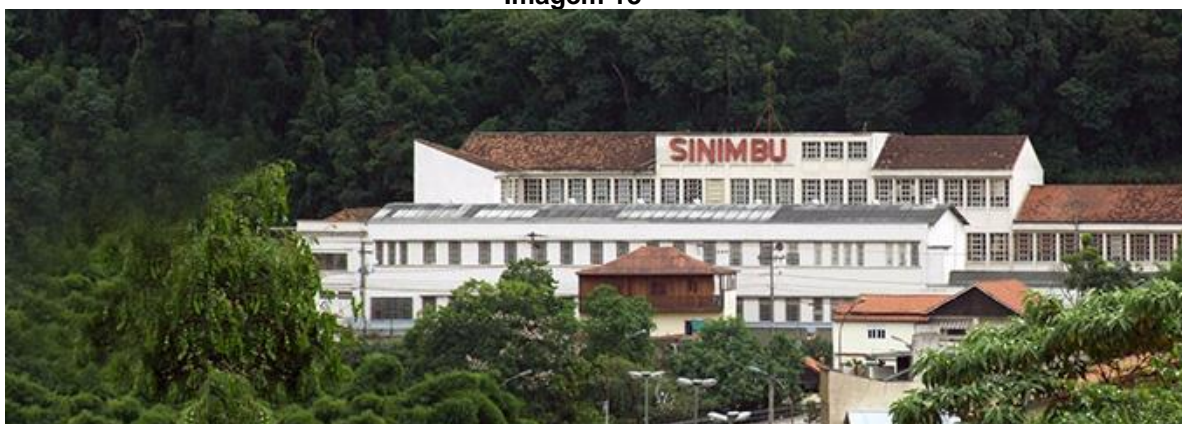
Também observamos as formas que foram produzidas nos espaços urbanos do município. As vilas operárias foram e ainda são formas importantes que representam um imaginário industrial no cotidiano do município hoje. Essas formas ainda são presentes e continuam simbólicas. São uma recordação de um antigo tempo que constrói um imaginário. Muitos dos antigos trabalhadores das industriais dispensados durante o processo de reestruturação produtiva continuam ocupando esses espaços. Hoje, entretanto sofrem com a especulação imobiliária, a maior parte dessas vilas estão no distrito do centro do município, (o metro quadrado mais caro) o que pressiona e ameaça esse legado arquitetônico. Também podemos observar a dimensão das grandes fábricas e isso nos permite entender como se organizam as relações de trabalho e da produção, em série e em massa.

- Sinimbu

A sinimbu é a única empresa do ramo têxtil que ainda permanece dentro de uma estrutura de produção ligada à modernidade e ao fordismo. Como já mencionamos, dentro do processo de reestruturação produtiva existem continuidades e descontinuidades. A Sinimbu é uma empresa que fornece insumos à indústria da moda íntima, e talvez por isso é a única indústria têxtil do período fordista a sobreviver no município.

Criada em 1953, a Sinimbu se consolidou como uma das empresas mais conceituadas do ramo têxtil. Desde então, os produtos Sinimbu são sinônimo de qualidade na decoração e finalização de produtos, embalagens, objetos em geral, peças de vestuário e ambientes. O gigante leque de produtos Sinimbu, destacam-se as fitas decorativas e as fitas de cetim que, em incontáveis larguras, cores e desenhos, apresentam diversas propostas de aplicação, tais como: artesanato, lembrancinhas, festas em geral, decoração de ambientes e de peças de vestuário. A Sinimbu possui ainda produtos com um foco diferenciado: as fitas de gorgurão e as fitas personalizadas, que atendem a necessidades especiais do público industrial, com peças de caráter utilitário.¹¹

Imagem 13



Fonte: Site da Empresa. Disponível em > <http://www.sinimbu.com.br/>

Percebemos, portanto, um processo de continuidade de algumas empresas, mesmo dentro do movimento de reestruturação produtiva. As formas de organização do trabalho e da produção não desaparecem como um todo.

¹¹ Informações retiradas do site da empresa. Disponível em > <http://www.sinimbu.com.br/>

Apesar da flexibilização aumentar, ainda se encontram empresas que funcionam dentro de uma estrutura de produção em massa e em série, principalmente para o mercado nacional. Porém, a automação e a robotização diminuí drasticamente com o número de funcionários. Ou seja, o processo de reestruturação também atinge parte dessa indústria, principalmente quando nos referimos ao mundo do trabalho. Há portanto a exigência de um trabalhador com experiência técnica e qualificação, já que a função dele torna-se mais complexa. Ele ficará responsável por gerenciar várias máquinas autônomas, o que diminuí significativamente o número de pessoal empregado e aumenta a necessidade de especialização por parte do empregado. Podemos visualizar acima foto da empresa Sinimbu que encontra-se no Perissê, bairro que têm sua origem nas vilas operárias da antiga fábrica YPÚ. A empresa também trabalha em diversas escalas, exportando seus produtos para outros países.

- Stam e Haga (metal-mecânica)

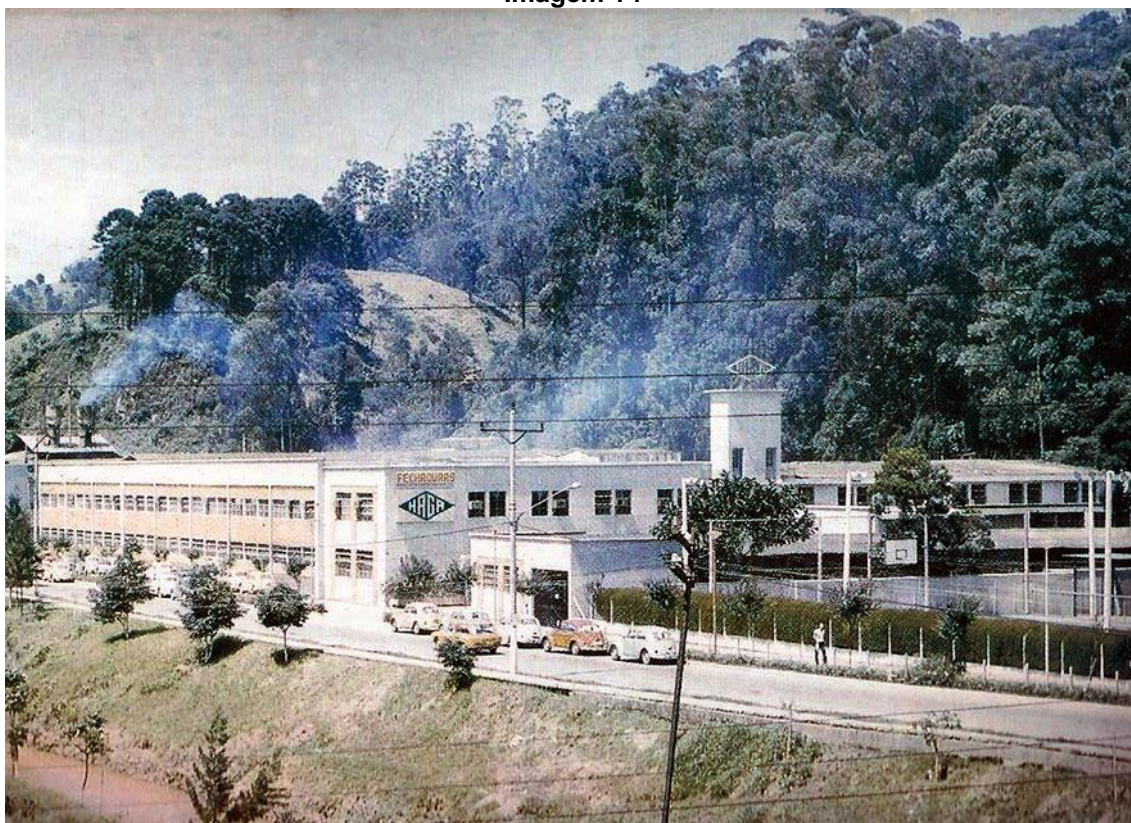
Ainda que essas empresas não façam parte do nosso objeto, acreditamos na necessidade de aqui resgata-las de forma rápida, pois elas são de extrema importância nas dinâmicas de trabalho do município hoje e no passado. As duas empresas têm como base a produção metal mecânica e ainda funcionam dentro de estruturas fordistas e modernas. Apesar do processo de reestruturação, essas formas de organização da produção e do trabalho não desaparecem completamente, elas ainda se apresentam como continuidades do processo de acumulação. Porém, o número de empregados diminuí significativamente, pois os processos de trabalho se tornam mais autônomos com o desenvolvimento tecnológico e a robotização. Inclusive, devido à automação, áreas de produção industrial no interior da fábrica diminuem, fazendo com que partes da grande planta industrial fiquem subutilizadas. Um exemplo desse processo de reestruturação é a Haga, que aluga espaços de sua fábrica para o Tribunal da Justiça Federal.

O Eng. Hans Gaiser foi o precursor da história da indústria metalmeccânica em Nova Friburgo, quando, em 1º de Abril de 1937, fundou a FERRAGENS HAGA Ltda, com 15 operários, cujo nome foi formado com as sílabas iniciais de seu nome e sobrenome. A indústria hoje produz fechaduras, puxadores,

complementos de aço e alumínio, dobradiças etc. É uma das principais indústrias do município atualmente.¹² Na imagem 14 podemos observar foto da grande planta industrial da fábrica Haga no passado.

A Stam é uma indústria mais recente do município, aberta em 1971, quando o empreendedor Francisco Faria dava início ao que seria uma das maiores e mais modernas empresas da América Latina no mercado de cadeados e fechaduras. A Stam é a marca líder no mercado brasileiro de Fechaduras e Cadeados, presente em todo território nacional, de pequenos comércios a atacados de grande porte. Também emprega um grande número de funcionários e está entre as principais indústrias do município.¹³

Imagem 14



Fonte: Site da Empresa. Disponível em > <http://www.haga.com.br/?item=historia>

¹² Informações retiradas do site da empresa. Disponível em > <http://www.haga.com.br/index.php?item=historia>

¹³ Informações retiradas do site da empresa. Disponível em > <https://www.stam.com.br/quemsomos>

1.3 Caracterizando o Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo: transformações e reestruturação.

Hoje nos espaços urbanos, há uma intensificação dos processos e um aumento na velocidade dos acontecimentos, portanto há uma transformação do tempo nas relações humanas, sociais e nas diferentes formas da sociedade se relacionar com o espaço. A cada tempo e ruptura do processo de produção do espaço há um correlato geográfico, uma forma de ação, organização, que modifica a racionalidade da produção do espaço e da reprodução das relações de produção. “[...] a Cidade passou por períodos críticos. Desestruturas e reestruturas se sucederam no tempo e no espaço”. (LEFEBVRE, 2006; p. 55). Portanto, os espaços urbanos e a sociedade são alvo de transformações que modificam a rede de relações que a sustenta, ou seja, entre o humano e os outros humanos e os humanos e a natureza, a ferramenta conectiva nessa relação dialética é o trabalho. A produção do espaço urbano se relaciona à produção da sociedade no movimento histórico da sua reprodução.

[...] a atividade que produz a vida e com ela a realidade social, realiza-se, necessariamente, num espaço e tempo apropriado pela ação. Se a natureza se coloca como condição essencial da qual o homem e depois o grupo humano retira o que necessita para viver, é também o meio dessa atividade, realizando-se ao longo do processo histórico como produto social sem, todavia, perder o sentido natural. Assim, estabelece a tese de que o espaço se define pelo movimento *que situa como condição, meio e produto da reprodução social* ao longo do processo civilizatório. Logo o espaço se define (em seu conteúdo social e histórico) como uma das produções da civilização (nunca abalada, como ela). Desse modo, a partir da relação com a natureza um mundo começa a ser produzido, ininterruptamente, apontando determinações próprias de cada período e constituindo-se como um conjunto de obras e produtos realizados pelo homem no âmbito da atividade que metamorfoseia a natureza em um mundo social. (CARLOS, Ana Fani. 2011, p.23)

Tendo em vista a perspectiva do movimento de transformação da realidade social, o espaço e o urbano adquire significado na análise da ação do humano no mundo como movimento de atividade que possibilita a reprodução vida na terra em sua objetividade material e imaterial, característica do mundo social, no desenrolar do processo civilizatório. Portanto é a partir desta

concepção que segue a nossa linha investigativa, temos em vista as rupturas que geram os constantes processos de reestruturação e que submetem os espaços à certa racionalidade, ao longo da história.

Analisamos um processo de reestruturação econômica e produtiva da indústria que influencia direto e indiretamente a produção do espaço urbano, acentuando desigualdades em um modelo de explosão urbana em uma escala regional. Consideramos portanto a transformação de uma racionalidade de produção industrial fordista/taylorista, com suas características: grandes plantas industriais, movimentos sindicais, trabalho rígido e alienado, etc; para uma racionalidade flexível e fragmentada estruturada a partir das teorias de desenvolvimento local. Porém, temos como objeto empírico o espaço urbano do município de Nova Friburgo na região Centro Norte do estado do Rio de Janeiro. Espaço que durante o Século XX se urbanizou a partir de uma racionalidade de industrialização estruturada por modelos racionais ligados às estruturas fordistas, mas hoje este espaço vem passando por modificações, que geram uma ruptura e um conseqüente processo de reestruturação produtiva da indústria e do espaço urbano.

Vemos uma mudança de racionalidade na produção do espaço, uma produção e uma organização do urbano ligada à flexibilização e fragmentação, característica da acumulação flexível. Deste último processo de reestruturação produtiva decorre um processo de especialização de áreas e regiões em certo ramo da produção industrial, na nossa pesquisa este segmento da indústria têxtil é a moda íntima, para o poder público federal e para agencias de desenvolvimento o município de Nova Friburgo é organizado como um Arranjo Produtivo Local.

Há, como podemos constatar uma ruptura decorrente do processo de reestruturação produtiva e do estabelecimento de novos paradigmas de desenvolvimento, que pode ser identificado na Constituição de 1988, quando o Brasil procurava se enquadrar nos modelos internacionais e modernos de políticas públicas e planejamento urbano. Com a Constituição de 1988 haveria, segundo os defensores do desenvolvimento local, uma maior probabilidade de interação direta entre as escalas locais e globais, que acarreta na maior liberdade para que os municípios concorressem no mercado internacional, argumentos defendidos pelos que confiam nas identidades locais, na cultura, na

tradição, no patriotismo e no regionalismo como fontes do desenvolvimento econômico e industrial, assim como podemos observar na seguinte passagem:

Engajar as cidades e os lugares na competição global, eis as diretrizes, ou palavras-de-ordem-escalares-político-escalares, lançadas por esta corrente. [...].

Em outros termos, o governo local teria a extraordinária capacidade de cumprir de maneira vantajosa as tradicionais funções que sempre foram as dos estados nacionais, quais sejam, a função de acumulação e a função de legitimação. (VAINER, 2001. p.142)

Há portanto, uma “competição” para que os lugares e os espaços se enquadrem com maior eficiência nos padrões internacionais que são exigidos pela nova economia de mercado, o neoliberalismo. Estas correntes vêm se fortalecendo desde a grande crise do petróleo na década de 1970 e se consolida com a crise dos Estados de *Welfare State* (os Estados de Bem Estar Social):

[...] “o local pode tudo” e frente à crescente “sensibilidade do capital as variações o lugar”, bastaria se mostrar diferente e “especial”, propagando as suas vantagens comparativas de competitividade e eficiência, para ter garantida a sua inserção na modernidade. Essa luta dos lugares para realizar a maior “venda da região ou da cidade”, com a busca desenfreada de atratividade e novos investimentos, melhorando o “clima do local dos negócios”, substituindo os custos tributários, logísticos, fundiários e salariais dos empreendimentos, tem conduzido a um importante comprometimento a longo prazo das finanças locais e negligenciado cabalmente as questões estruturais do país e de toda a sua região. (BRANDÃO, 2003. p.01)

Nova Friburgo torna-se laboratório das políticas localistas e neoliberais no Brasil. Foram adotadas políticas de Estado, fundadas na identidade local (industrial e têxtil), na potencialidade que foi atribuída pelos agentes de desenvolvimento àquela região. Com a explosão de milhares de pequenas e micro empresas de confecção têxtil, é atribuído ao município, pelos agentes de desenvolvimento econômico a denominação de arranjo produtivo local. Modelo de desenvolvimento inspirado nas experiências localistas do norte da Itália, os SIL's (Sistemas Industriais Locais); em que os espaços se especializaram naquilo que teriam por “tradição”, identidade ou cultura, como relógios, roupas de frio, cristais, chocolates, óculos etc. Porém, podemos diferenciar os conceitos de Arranjo Produtivo Local e de Sistema Industrial Local:

“Sistemas locais de produção podem ter variadas caracterizações conforme sua história, evolução, organização institucional, contextos sociais e culturais nos quais [...] se inserem, estrutura produtiva, organização industrial, formas de governança, logística, associativismo, cooperação entre agentes, formas de aprendizado e grau de disseminação do conhecimento especializado local. Por isso, definir tais sistemas não é tarefa trivial nem isenta de controvérsias. Uma definição bastante difundida é a que foi adotada pela RedeSist — Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais —, que propõe dois conceitos distintos: (1) “arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais — com foco em um conjunto específico de atividades econômicas — que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente, envolvem a participação e a interação de empresas — que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras e clientes, entre outros — e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento”, e (2) “sistemas produtivos e inovativos locais são aqueles arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, com potencial de gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local. Assim, consideramos que a dimensão institucional e regional constitui elemento crucial do processo de capacitação produtiva e inovativa. Diferentes contextos, sistemas cognitivos e regulatórios e formas de articulação e aprendizado interativo entre agentes são reconhecidos como fundamentais na geração e difusão de conhecimentos e particularmente aqueles tácitos. Tais sistemas e formas de articulação podem ser tanto formais quanto informais.” (SUZIGAN, FORTUNATO, GARCIA E SAMPAIO, 2004. p. 544 - 545)

A classificação desses dois conceitos foi alterada com o tempo, antes adotava-se uma conceituação mais genérica de Sistema Produtivo Local, e os Arranjos Produtivos Locais, eram definidos como um conceito auxiliar. Os últimos (APL's), seriam aglomerações produtivas que teriam a capacidade de se articular entre agentes locais, porém não são suficientemente desenvolvidas para caracterizá-los como um sistema. Decidimos caracterizar na tese o município de Nova Friburgo e sua região de influência como Arranjo Produtivo Local, pois assim foi classificado pelos principais agentes públicos e privados de fomentação

ao desenvolvimento econômico no Brasil, como a FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) e o SEBRAE (Serviço de Apoio à Micro e Pequenas Empresas); porém consideramos que há algumas diferenças conceituais entre os sistemas, e eles resumem-se a variados graus e escalas de desenvolvimento, de articulação entre escalas, de integração da cadeia produtiva, de interação entre agentes e instituições locais, e de capacidades sistêmicas para a inovação tecnológica ou não.

Devido às políticas que fomentam o desenvolvimento local e a forma de resistência e manutenção da reprodução cotidiana por parte da classe trabalhadora como alternativa de trabalho gerada pela demissão em massa pelos fechamentos e falências das grandes indústrias, há uma especialização do espaço urbano e da indústria que vai de encontro à particularização e “tradição” do município na confecção da moda íntima. Porém, outras atividades importantes na composição da renda no município foram deixadas de lado por parte do poder público, entram em decadência algumas atividades como: a metalomecânica, a indústria de couros, a agricultura diversificada, entre outras atividades. Inclusive algumas das indústrias mais tradicionais do município terminaram ou reduziram as suas atividades, como a Ypú (indústria de couros), a ARP e a Filó (industrias de renda) assim podemos observar de forma empírica uma ruptura e um conseqüente processo de reestruturação e reorganização industrial, urbana e regional. Para Soja (1993), a reestruturação se inicia quando há uma descontinuidade nos processos engendrados provando uma freada, que resulta em transformações:

“A reestruturação, em seu sentido mais amplo, transmite a noção de uma “freada”, senão de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca pois, uma combinação sequencial de desmoronamentos e reconstruções, de desconstruções e tentativas de reconstrução, provenientes de algumas deficiências ou perturbações nos sistemas de pensamento e ação aceitos.” (SOJA, 1993; p. 193).

Diferentemente daquilo que era prometido pelos agentes de fomento ao desenvolvimento que defendiam o modelo localista, o município cresce em suas contradições e desigualdades. A irregularidade no trabalho aumenta, assim

como a flexibilização e a fragmentação da indústria, o município se urbaniza de forma mais acelerada e desigual, e conseqüentemente se intensificam as implicações sociais, econômicas e ambientais. Há problemas relacionados à moradia, ao esgotamento sanitário, saúde e ao transporte. Na seguinte citação podemos constatar as formas como se estruturam os modelos localistas:

[...] o modelo localista ou sistema produtivo que se organiza em qualquer escala, está envolvido em um ambiente de articulação oligopólica, sob dominância do capital financeiro e submetido a uma dinâmica intersetorial específica, comandada em última instância por gigantescos blocos de capital e sujeitos à barreiras de entrada nos setores-chave: a economia de escalas e à substituição de capacidade ociosa. Ou seja, uma nova forma de colonialismo. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p. 87-88)

No decorrer deste processo podemos constatar a diminuição da atuação de escalas nacionais ou regionais, o que seria considerado uma ruptura com à lógica fordista e as políticas de estados de bem estar social nos países centrais, porém estas políticas nunca existiram de forma sólida ou consolidada no Brasil. Porém, em alguns espaços estas relações se reproduziram, mesmo de forma insipiente e Nova Friburgo foi historicamente estruturada em bases industriais fortes. O processo de flexibilização gerado pelo fim das grandes indústrias acarretou no aumento considerável de irregularidades trabalhistas, da terceirização, da generalização do trabalho doméstico. Nessa nova lógica de organização laboral não há controle das horas trabalhadas, há considerável diminuição das movimentos sindicais, o aumento da informalidade e flexibilização, deterioração de sistemas públicos de educação e saúde, entre outros elementos.

A forma de urbanização, de organização e de produção do espaço do município e do urbano também se modifica, o município implode/explode em sua industrialização. A construção doméstica torna-se característica, tanto das casa, quanto das pequenas confecções, fábricas ou empresas e dominam as paisagens dos novos bairros. A residência, a moradia e o trabalho se confundem, não há mais separação entre a vida privado e o mundo do trabalho, já que o trabalho em domicílio torna-se padrão. Essa nova racionalidade de produção do espaço vem ao revés do modelo influenciado pela ciência positivista, mas mascara as mesmas estruturas de poder e dominação. As decisões são tomadas

nos países centrais e ricos, e não nas comunidades locais como predizia as teorias de desenvolvimento local. Brandão (2003) prevê um enorme paradoxo subjacente à maioria das formulações teóricas relacionadas ao localismo:

“Ou bem o espaço local é um mero nó entrelaçado em uma imensa rede (i.e., um quase anônimo ponto a mais, submisso em um conjunto gigantesco, funcional à determinação instrumental de uma totalidade onipresente), ou bem parece como recorte particular, dotado de vantagens idiossincráticas e únicas, capaz de autopropulsão, identidade e autonomia. Ora o local se apresenta como “entidade do futuro”, a mercê de uma razão instrumental avassaladora, ora se cai no anacronismo de proclamar o ressurgimento de um agrupamento comunitário e solidário, baseado em relações de reciprocidade, em que as relações mercantis foram subordinadas pelo consenso cívico e cidadão, em que parece não haver lugar para conflitos. Ora há estrutura sem sujeito e ora sujeito sem estrutura.” (BRANDÃO, 2003, p. 43).

A maior parte desta nova racionalidade de ação acaba não quebrando com os paradigmas de opressão das estruturas anteriores, porém esses novos paradigmas saúdam o fim da centralização, da concentração e acreditam em uma utopia antifordista, marcada pela flexibilidade, cultura, “tradição”, pela diversidade e pelo localismo. As regiões transformam-se em ofertas, chantagens e plataforma para atrair investimentos globais, não importando a sua articulação com outras porções do território do país. Isso envolve geralmente guerras fiscais e competição entre regiões, torneios locacionais que são especialmente orientados para atrair plantas industriais, grandes empreendimentos e investimentos públicos ou privados.

O termo sistemas industriais locais é fundamentado em um aglomerado de bibliografias que surgem a partir de a década de 1970 no mundo e toma magnitude nos anos de 1990 no Brasil, designada como *cluster industrial*, influenciado pelos modelos de desenvolvimento local do norte da Itália, como já mencionado. Podemos denominar *clustes industrial* como:

Clusters são concentrações geográficas de firmas setorialmente especializadas, principalmente de pequeno e médio porte (PMEs), onde a produção tende a ocorrer verticalmente desintegrada[...] e em meio a relações interfirmas a jusante e a montante, mercantis e não mercantis e simultaneamente cooperativas e competitivas. Esses ambientes contêm serviços

especializados, tanto de apoio às atividades produtivas como voltados à comercialização em mercados distantes[...], e redes de instituições públicas e privadas que sustentam as ações dos agentes, tendo em vista que representam/envolvem a organização de auto-ajuda (self help). Em muitos casos, observa-se a presença de identidade sociocultural, relacionada ao passado comum dos membros das sociedades locais, que contribui para galvanizar as relações entre os atores, os quais tendem a agir segundo código de comportamento via de regra implícito (Lins, 2000. p.244).

Sendo assim, também podemos relacionar os agrupamentos industriais como os *clusters* a um distrito industrial, aglomeração ou agrupamento de empresas industriais com concentração setorial, arranjos produtivos locais, arranjos inovativos locais, *cluster industriais*¹⁴ etc. A palavra “sistema” é utilizada de uma forma ampla e geral que adquire uma linguagem corrente, quando nos referimos a um agrupamento de atividades econômicas, industriais e funções com algum grau de similitude tecnológica, convergente no propósito, ainda que sem apresentar um alto grau de articulação entre seus componentes, ou entre os diversos agentes no arranjo. Segundo as últimas regionalizações oficiais do estado do Rio de Janeiro, o município de Nova Friburgo encontra-se na região Centro-Norte Fluminense.¹⁵ Na seguinte citação podemos observar estudo encomendado pelo SEBRAE à FGV, com o objetivo de levantar a possibilidade de organizar Nova Friburgo e região como um Arranjo Produtivo Local.

Em estudo encomendado pela SEBRAE à Fundação Getúlio Vargas em 2000, o município de Nova Friburgo foi avaliado com o objetivo da elaboração de políticas públicas que viessem a programar uma metodologia para a indução ao desenvolvimento de redes de micro e pequenas empresas à luz da experiência piloto, os Distritos Industriais Italianos ou Sistemas industriais locais (como já determinamos anteriormente), tendo como foco o município e a região de concentração das confecção de moda íntima no Centro-Norte Fluminense, que tem como centro dinâmico Nova Friburgo. Com este estudo pretendia-se reduzir de forma significativa os custos de transação entre as empresas que formam a fileira produtiva, intensificar a troca de informações tecnológicas e mercadológicas entre as empresas

¹⁴ A palavra *cluster industrial* é a denominação dada aos sistemas industriais locais pela literatura britânica e norte americana.

¹⁵ O APL é formado por uma região fictícia criada pela FIRJAN que compreende os municípios de Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu, Teresópolis, Santa Maria Madalena, Bom Jardim, Cordeiro, Trajano de Moraes, Macuco, Duas Barras, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Carmo e Sumidouro. Tendo Nova Friburgo como sede e principal município do arranjo.

e fazer com que as elas reconheçam a valorização competitiva do distrito ensejando ganhos para o conjunto de empresas, vis a vis, os concorrentes de outras regiões. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.90)

É importante ressaltar que o componente mais relevante do fator produtivo da indústria têxtil no ramo da moda íntima no município de Nova Friburgo e sua região de abrangência é o trabalho, e majoritariamente o trabalho feminino e à domicílio. Relacionamos a intensificação da exploração do trabalho doméstico ao aumento da expropriação da classe trabalhadora, por não mais existirem formas de regulamento das horas de trabalho e garantias de todos os direitos trabalhistas, como descanso semanal remunerado, décimo terceiro ou férias; já que o trabalhador torna-se a própria empresa. Nota-se diferenças entre as indústrias e a caracterização do segmento da moda íntima, que estamos analisando:

“Vamos ter como referência analítica a indústria de transformação, como a de móveis, de aparelhos, de máquinas, de alimentos, de aviões, etc., que pode alcançar grande mobilidade no território. A indústria extrativa não goza dessa liberdade, uma vez que está condicionada aos recursos naturais; ou seja, só pode haver uma indústria extrativa onde há possibilidade de extração de um recurso, a exemplo da indústria extrativa mineral, como a mineração de ferro ou a de cobre. Enquanto essa indústria está aprisionada ao uso que faz do território como recurso natural, a indústria de transformação está condicionada por múltiplos elementos que historicamente são determinados por inúmeros outros aspectos que podem não estar cativos inexoravelmente. Exemplificando, sabemos que produzir palitos de fósforos goza de liberdade de localização que não se encontra na atividade da extração de ouro. Em suma, o que queremos afirmar é que uma das principais características da indústria de transformação é a de buscar a mobilidade territorial para compensar dificuldades que surgem na produção e na concorrência intercapitalista. Por isso, se fazem presentes o abrir e fechar de portas de estabelecimentos industriais, o crescimento, a concentração, a desconcentração ou deslocalizações das plantas industriais. Essas dinâmicas fazem parte de sua vida, fazem parte da indústria de transformação tanto quanto a seiva de uma planta. [...] Portanto, refletir sobre a relação entre o processo de industrialização e o de urbanização requer situar de onde estamos a falar. Como dito, a indústria extrativa está condicionada e aprisionada aos recursos naturais e a da construção civil por descontinuidade da localização da sua produção ocorre em todos os lugares.” (LENCIONE, Sandra, 2015, p.321)

Portanto, na tese analisamos a indústria de transformação, porém mais especificamente a cadeia produtiva têxtil e mais designadamente o ramo de confecções, devido à especialização do município neste específico segmento da indústria. O ramo da indústria têxtil de confecções se diferencia do ramo do vestiário, pois não produz peças completas, as confecções se organizam de forma altamente fragmentada e dispersa, se estabelecendo regionalmente, cada indústria pode ficar responsável por uma pequena etapa do processo produtivo, como o corte ou a montagem de peças. Por isso, estes estabelecimentos comerciais podem se localizar em áreas muito pequenas, até mesmo em quartos, pequenas garagens, fundo dos quintais das casas nos bairros operários, como por exemplo Olaria ou até mesmo em área rural.

Como já mencionado o arranjo produtivo local têxtil de confecções de Nova Friburgo compreende os municípios de Cachoeiras de Macacu, Bom Jardim, Duas Barras, Cordeiro, Cantagalo e Nova Friburgo, sendo este último o maior concentrador de fábricas e confecções e mais importante economicamente, não somente por aglomerar maior número de empresas, mas também por ser onde estão instaladas as empresas líderes e as sedes das agências de fomento, como o SEBRAE e a FIRJAN. Apesar de seguirmos uma tradição lefebvriana que crítica às concepções estruturalista e sistêmica, usamos o termo Arranjo Produtivo Local da moda íntima e Sistemas Industriais Locais, pois são as nomenclaturas usadas por agentes públicos e privados para classificação do município e da região de influência do mesmo.

A tabela I mostra dados do Mapeamento da Cadeia de Moda realizado pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, a Região Centro Norte Fluminense, onde se localiza o polo, ocupa o primeiro lugar em quantidade de estabelecimentos Industriais na Indústria Têxtil (nos ramos de vestuário e confecções). Porém a quantidade de pessoal empregado é menor comparada à Capital, isso é constatado devido ao nível de fragmentação característico do Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo, em que as confecções têm como característica empregar, pouquíssimos funcionários, alcançando a escala doméstica, privada e familiar. A participação do município e da região Centro Norte Fluminense é tão expressiva na indústria têxtil que chega a superar a capital em número de estabelecimentos. Em 1999, já respondia a cerca de um

terço da produção nacional de moda íntima, que foi de 600 milhões de peças naquele ano, se configurando como o maior polo de moda íntima do Brasil¹⁶.

Tabela I: Estado do Rio de Janeiro - Estabelecimentos Industriais e Número de Empregados da Cadeia Têxtil por Região ano de 2015

Região do Estado do Rio de Janeiro	Têxtil de Vestuário		Têxtil de Confecções		Total	
	Nº de Estab.	Nº de Empreg.	Nº de Estab.	Nº de Empreg.	Nº de Estab.	Nº de Empreg.
Região Centro Norte Fluminense	54	817	1223	12462	1277	13279
Capital	121	2638	1104	21535	1225	24173
Região Leste Fluminense	43	418	431	3421	474	3839
Região Serrana	53	1423	387	4480	440	5903
Baixada Fluminense II	34	899	325	3776	359	4665
Baixada Fluminense I	16	329	160	1823	176	2152
Sul Fluminense	18	149	131	2001	149	2150
Norte Fluminense	14	59	102	618	116	677
Noroeste Fluminense	31	379	154	1412	185	1721
Centro Sul Fluminense	7	80	45	1015	52	1095
Total Geral	391	7191	4062	52543	4453	59734

Fonte: Mapeamento da Indústria de Moda. Rio de Janeiro, Maio 2016. Disponível em www.firjan.com.br

O município de Nova Friburgo tinha, em 2016, 977 empresas da cadeia de moda, sendo 39 têxteis e 948 de artigos de confecção (geralmente ligado à moda íntima). As empresas da região do polo de moda íntima tinha meta de

¹⁶ Dados retirados de: LA ROVERE, Renata; HASENCLEVER, Lia; MELO, Luiz Martins de. Dinâmica de inovação na indústria têxtil e de confecções em Nova Friburgo. In: TIRONI, Luiz Fernando (org.) Industrialização descentralizada: sistemas industriais locais. Editora Gerencia de Produção. Rio de Janeiro – RJ. Março de 2001. p. 383 - 417

exportar 30% da produção até o ano de 2000. A princípio foram feitas em associação à FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro), consórcio de exportação e feiras internacionais, contudo, essa meta não foi atingida. Embora ocorressem algumas iniciativas, a parcela majoritária das empresas situadas no município é de pequeno porte e não são voltadas à exportação, porém essa produção é direcionada ao mercado interno, também observamos que o nível tecnológico das empresas do arranjo produtivo é baixo, existe pouco dinamismo e interação entre as empresas, não há troca de conhecimento ou tecnologias, as empresas veem as outras empresas do polo como concorrente e não desenvolveram uma cultura de cooperação. No ano de 2000 apenas 2,3% dos produtos eram destinados à exportação¹⁷.

Tabela II: Região Centro Norte Fluminense - Estabelecimentos Industriais e Número de Empregados na cadeia Têxtil por município ano de 2015

Região Centro Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro	Têxtil de Vestuário		Têxtil de Confecções		Total	
	Nº de Estab.	Nº de Empreg.	Nº de Estab.	Nº de Empreg.	Nº de Estab.	Nº de Empreg.
RJ-Nova Friburgo	39	774	948	9516	987	10290
RJ-Bom Jardim	5	49	79	820	89	869
RJ-Teresópolis	6	17	49	503	55	520
RJ-Cordeiro	2	4	41	666	43	670
RJ-Cachoeiras de Macacu	1	20	10	169	11	189
RJ-Sumidouro	0	0	34	250	34	34
RJ-Cantagalo	0	0	20	141	20	20
RJ-Carmo	1	3	16	114	4	117
RJ-Duas Barras	0	0	14	87	14	87

¹⁷ Dados retirados de: LA ROVERE, Renata; HASENCLEVER, Lia; MELO, Luiz Martins de. Dinâmica de inovação na indústria têxtil e de confecções em Nova Friburgo. In: TIRONI, Luíz Fernando (org.) Industrialização descentralizada: sistemas industriais locais. Editora Gerencia de Produção. Rio de Janeiro – RJ. Março de 2001. p. 383 - 417

RJ-Santa Maria Madalena	0	0	3	87	3	87
RJ-Trajano de Moraes	0	0	4	46	4	46
RJ-São Sebastião do Alto	0	0	2	50	2	50
RJ-Macucu	0	0	1	13	1	13

Fonte: Mapeamento da Indústria de Moda. Rio de Janeiro, Maio 2016. Disponível em www.firjan.com.br

Como podemos observar na tabela acima Nova Friburgo se configura como principal centro industrial da Região Centro Norte Fluminense, concentrando 78% de todos os estabelecimentos da cadeia produtiva de têxtil de confecções da Região. Observamos na tabela II que principalmente no ramo da confecção, que é característica do Arranjo Produtivo Local da Moda Íntima, o município de Nova Friburgo configura-se como principal centro gravitacional industrial. O número de empregados nessa cadeia produtiva no município também é expressiva; 14.134 empregados na cadeia de moda que representam cerca de 13% da população do município que é de 185.082 habitantes segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2016.¹⁸

A estruturação de um Arranjo Produtivo Local exige alta intensidade de relações e cooperação baseadas na incorporação de tecnologia pelas empresas e instituições que configuram o arranjo. Porém, em Nova Friburgo, se observa que a maior fonte de aprendizado e cooperação entre as confecções presentes no arranjo são apenas as demandas dos clientes e não o aprendizado compartilhado entre as empresas, o que mostra o baixo nível de articulação entre as confecções do arranjo, já que a cultura desenvolvida valoriza a competição e não a troca de conhecimento e tecnologia. Foi constatado que as escolas técnicas e outras instituições de pesquisa são consideradas pouco importantes para o aprendizado, o que é incoerente, considerando que o município concentra universidades, inclusive como os campos da Universidade Federal Fluminense e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. As inovações utilizadas pelas confecções estão relacionadas ao *desing*¹⁹ em detrimento à incorporação de

¹⁸ Dados disponíveis em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>.

¹⁹ *Design* é a idealização, criação, desenvolvimento, configuração, concepção, elaboração e especificação de objetos ou peças que serão produzidos pela indústria de transformação ou por

novas tecnologias e equipamentos, o que demonstra baixo desenvolvimento tecnológico do polo.

A partir da análise empírica e analisando estudo encomendado pela SEBRAE à Fundação Getúlio Vargas em 2000 foi detectada que o APL de Nova Friburgo possui pouca articulação e dinamismo na escala internacional, também há clara percepção das confecções e pequenas indústrias locais da necessidade de maior participação institucional das agências públicas, sobretudo quando nos referimos ao crédito. Também não foi detectado dinamismo tecnológico no Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo. Falta-lhe principalmente capacitação técnica e gerenciamento empresarial. Por isso, observamos que essas políticas foram desenvolvidas sem que o município ou a região cumprissem os requisitos básicos para que elas se consolidassem efetivamente, ou não houve por parte do Estado ou das agências de fomento ao desenvolvimento incentivo para essa dinamização.

Nesse sentido constatamos, que as políticas públicas e ações privadas de incentivo ao desenvolvimento local que orientam o Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo possuem, em sua propriedade, uma participação pouco marcante dos agentes que enfatizam as escalas nacional e regional como essenciais ao desenvolvimento. Já que, nas concepções localistas os lugares possuiriam naturalmente uma capacidade de associação direta à escala global, constituindo a esfera global o campo ou arena preferencial para as ações políticas e privadas, deixando de lado as escalas intermediárias, diminuindo sua participação nos processos. Parece, portando um mecanismo de manutenção do poder político e ideológico, um novo projeto colonialista que possuiria em seu cerne uma proposta de cidadania global.

“[...] Grande parte da literatura contemporânea, adotada de forma mecânica e indiscriminada no país – e que informa parcela majoritária das ações públicas em âmbito subnacional -, proclama que bastaria cumprir as “exigências” da globalização, desse modo novo imperialismo da “partilha dos lugares eleitos”, ajustando-se, adaptando-se e submetendo-se a essa inexorável “fatalidade”, para tornar-se um espaço receptivo e conquistador

meio de sistema de produção seriada, flexibilizada, fragmentada e que exigem padronização dos componentes, compatibilização do desenho para o desenvolvimento em maquinário mecânico ou manual. Compreende a repetição das diversas etapas de produção. Essa é uma atividade estratégica, técnica mas também criativa, geralmente condicionada por uma intenção ou objetivo, ou para a solucionar um impedimento.

da confiança de agentes econômicos mais poderosos. Negando completamente a natureza das hierarquias (impostas em várias escalas) de geração e apropriação de riqueza, segundo esse “pensamento único” que invade o debate do desenvolvimento territorial, regional, urbano e local na atualidade, teria ocorrido o fim das escalas intermediárias (e das medições entre o local e global)”. (BRANDÃO, 2007, P.35)

Portanto, a partir da análise das políticas localistas existentes hoje no Brasil, os lugares teriam uma extraordinária habilidade de competir com as tradicionais funções de gerenciamento que tradicionalmente foram dos Estados Nacionais. Apesar dos esforços para se gerar dinamismo e desenvolvimento econômico, na prática observamos que as concepções localistas, da forma como foram desenvolvidas em Nova Friburgo, negam questões estruturais e, diminuem a importância das escalas existentes entre o local e o global.

Outros espaços e lugares desenvolveram ações de construção de competitividade, baseados em movimentos de cooperação coletivos de alta sinergia, esses espaços serviriam como exemplo para diversas regiões, como o ocorrido na terceira Itália ou nos *clusters* ingleses. Analogamente, as políticas públicas adotadas pelos governantes tinham como escopo a reprodução dos sistemas industriais locais italianos em Nova Friburgo e região. Conclui-se portanto, que o processo de busca e seleção nos espaços por lugares que ofereçam maior capacidade e competitividade para a reprodução e apropriação de ações privadas e rendimentos acontece a partir de interesses dos capitalistas e da burguesia, e não a partir da análise da reprodução do cotidiano da população.

Percebemos esse processo a partir de análises empíricas, podemos constatar que, durante os anos de 2000, quando houve o desenvolvimento das políticas públicas e ações privadas para o incentivo e consolidação do APL de Nova Friburgo e região o APL tinha pouco dinamismo, principalmente quando nos referimos à inovação tecnológica e a cooperação entre as confecções. Esses dois elementos são centrais para a consolidação de um sistema industrial dinâmico, assim como as experiências piloto do Norte da Itália. No início dos anos 2000 ainda não existiam agências de capacitação de pessoal, como as que existem hoje (que ainda são muito técnicas e pouco inovadoras). O APL foi estabelecido sem que houvesse agências que fomentassem a inovação técnica

ou tecnológica, e se fundaram na tradição ou no “saber fazer”. As agências de desenvolvimento viram uma oportunidade fundada em uma tradição do trabalho têxtil e feminino, e não na inovação. Outro elemento que desarticula a consolidação plena do APL é a falta de cooperação e a radicada ideologia de competição entre as partes que compõem o APL. A falta de cooperação entre os agentes que compõem o APL também implica no desenvolvimento tecnológico, pois não há compartilhamento de informações inovadoras entre os agentes. Sabemos que a indústria têxtil é tradicionalmente uma indústria com baixo potencial de desenvolvimento tecnológico. Porém existem saídas para inovação, quando nos referimos principalmente aos materiais, conforto e ergonomia. Os tecidos ecológicos poderiam aparecer como inovação, o desenvolvimento de técnicas de conforto também.

As agências de capacitação como o Espaço de Moda do SEBRAE e da FIRJAN não possui cursos de formação em ensino superior. Todos os cursos oferecidos são cursos técnicos, o que não ajuda no desenvolvimento de pesquisas ou inovação. O centro tecnológico da UERJ está mais fundado na capacitação de pessoal para a indústria metal mecânica e não para a indústria da moda íntima ou têxtil. Então, podemos constatar aqui o baixo desenvolvimento inovador do APL, baixa capacidade tecnológica na busca por soluções, em relação aos materiais, descarte ou reciclagem e baixa cooperação entre os agentes que compõem o polo. Os resíduos são outro problema da indústria da moda já que não há no APL tecnologia para soluções inovadoras.

Portanto, constatamos que nas concepções localistas os municípios do APL da Região Centro Norte Fluminense desempenhariam uma função semelhante a de uma empresa, com capacidade de tomar decisões autônomas, realizando de forma racional a escolha de fatores em escala internacional. Quando na prática observamos uma subordinação e manutenção de poderes econômicos e políticos ligados à lógica da concorrência e da reprodução do capital.

1.4 O Processo de Reestruturação Urbana do Município de Nova Friburgo: flexibilização, fragmentação e reorganização da indústria e do urbano.

Como já abordado anteriormente, entendemos que cada racionalidade e ação empregada em determinado tempo possui um correlato geográfico. Observamos na ruptura gerada pelo último processo de reestruturação produtiva da indústria, uma mudança de lógica e de racionalidade das ações e conseqüentemente uma mudança na produção dos espaços no município. Aqui nos referimos à tríade forma-função-estrutura. Observamos nesse movimento uma mudança na função de diversas materialidades (formas) antes industriais que adquirem novos usos e funções, é o caso da antiga fábrica de rendas ARP, que em 2013 se tornou espaço ocupado pelo SENAI, além de abrigar atividades diversificadas, como escolas, universidades, bares, restaurantes, escritórios e também pequenas confecções.

[...] Nova Friburgo a partir de setembro de 2013 passou a contar com um espaço físico voltado essencialmente ao setor de moda íntima. O SENAI espaço de moda (localizado na antiga fábrica de rendas ARP) foi inaugurado durante a abertura do FEVEST (tradicional feira de moda íntima da cidade), [...]. O local será o único destinado a atender de forma integrada as necessidades do segmento de moda íntima no estado do Rio de Janeiro e funciona na antiga fábrica de rendas ARP. Este processo é um exemplo do que vem acontecendo nos últimos vinte anos no Brasil e no mundo. Uma passagem do modelo produtivo fordista para um modelo mais flexível de produção. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.93)

Percebe-se a conseqüente mudança na função de algumas formas e materialidades, como as antigas grandes plantas industriais (nas fotos que se encontram em anexo podemos exemplificar estes processos). As grandes plantas industriais da ARP e da YPÚ em Nova Friburgo adquiriram funções relacionadas às peculiaridades do capitalismo contemporâneo. No caso da ARP, sua planta industrial foi ocupada por restaurantes, bares, escritórios, além de pequenas confecções, cooperativas, escola e universidade. No caso da YPÚ (tradicional indústria de couros), uma pequena parcela da antiga fábrica foi ocupada por confecções, academia, casa de festa, no entanto grande parte do prédio histórico está abandonado, em condições precárias. Houve diversos

projetos para se dar um fim ao espaço da fábrica como a abertura de um centro tecnológico universitário, integrando os campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro ao da Universidade Federal Fluminense (duas universidades públicas que possuem campos no município), e a transferência de parte da administração municipal para fábrica, mas esses projetos nunca se efetivaram.

A estruturação das cidades compreende a sua organização interna, ou seja, os padrões socioespaciais de ocupação de seu território, as formas e funções nelas reconhecidas. Tanto a estruturação quanto a reestruturação estão vinculadas a uma análise dos momentos de um todo, não cabendo a segmentação das partes como se pudéssemos separar as particularidades de um processo e chamá-las de o todo, portanto é importante entender este movimento em um processo de totalização. Para Lencioni:

Proceder a uma análise da reestruturação socioespacial requer incorporar os elementos [referidos]: a noção de forma, função e conteúdo, a concepção de totalidade como totalidade dialética, a percepção da realidade com suas múltiplas temporalidades e um procedimento que busca distinguir e, não, isolar os elementos da análise. A dinâmica socioespacial não deve ser vista sem contradição, sem tensões e descompassos; pois, justamente são as contradições, as tensões e os descompassos, que imprimem o movimento da história. (LENCIONI, 1994; p. 3).

A reestruturação, expressa-se por uma ruptura das dinâmicas dos processos socioespaciais em curso, observamos portanto no município de Nova Friburgo uma ruptura e uma reorganização da organização e produção do espaço. Esse processo é tão antigo quanto as possibilidades de mudanças proporcionadas pelo dinamismo do urbano, é uma forma de manter e ampliar a reprodução do capital e de ampliar a mais-valia e o lucro empresarial, este processo possui especificidades e se reproduzem de formas diferentes em cada lugar. Para Lefebvre:

Toda a formação urbana conheceu uma ascensão, um apogeu, um declínio. Seus fragmentos e restos serviram em seguida para/em outras formações. Considerada em seu movimento histórico, em seu nível específico [...], a Cidade passou por períodos críticos. Desestruturações e reestruturações se sucederam no tempo e no espaço. (LEFEBVRE, 2001; p. 55).

Portando, o conceito de reestruturação socioespacial será central e fundamental para entender as fases do processo de reestruturação urbana do município de Nova Friburgo. Entender a relação entre formas-função-estrutura será fundamental para entender a dinâmica do município, a fragmentação industrial e os novos usos de formas antigas.

Tendo em vista a necessidade de mais espaços de desenvolvimento tecnológico no polo de Nova Friburgo, espaços como o centro fundado pelo SEBRAE, poderão se tornar lugar de possibilidades para a cooperação, troca de conhecimento técnico e tecnológico entre as pequenas indústrias do arranjo, tendo como potencial a possibilidade de associação em diversas escalas e conseqüentemente induzir ao desenvolvimento regional. Hoje a antiga fábrica de rendas ARP se constitui como lugar de formação profissionalizante e abrigando diversas atividades como cursos, oficinas, exposições, palestras, consultorias, atendimento a compradores, e workshops. Ações voltados para o desenvolvimento da indústria da moda íntima, ou seja, aquela velha forma (grande planta industrial) adquire novas funções.

Em relação aos cursos de capacitação tecnológica, há no município grande capacidade de absorção da mão-de-obra técnica. Porém, como já mencionamos, há baixa capacitação em inovação ou em cursos de ensino superior, que hajam pesquisas e inovação. Apesar dos muitos cursos técnicos e do grande mercado que absorve esse pessoal, a remuneração, mesmo nas empresas formais, é baixa e a exploração do trabalho ainda é muito intensa.

Em julho de 2011, o anúncio do fim das atividades da Fábrica de Rendas Arp surpreendeu a todos. Havia naquele momento grande dificuldade de concorrer com os produtos importados de países como a China. Outro fator determinante para o fechamento da empresa, foram as chuvas e enchentes de Janeiro de 2011, quando, além da perda de matéria-prima, houve prejuízos na estrutura da fábrica e 90% do maquinário foi perdido. "Fechamos pelo grande número de importações da Índia, China, e pela carga tributária brasileira, somada ao aumento dos salários. Nosso setor foi muito penalizado. Diversas empresas também fecharam", disse o diretor, acrescentando: "Sem falar que a compra de

novas máquinas depois da tragédia de 2011, nesse cenário, seria algo impossível”.²⁰

Após o fim das atividades têxteis, os diretores da Arp decidiram investir nos setores de construção civil e imobiliária, percebe-se, portanto, que a produção têxtil deixa a fábrica, porém o capital continua no município a partir da incorporação imobiliária. Os empresários decidiram alugar a planta da antiga fábrica e transformar o prédio em um verdadeiro complexo industrial e de serviços. Desta forma, na área da antiga fábrica, funcionam atualmente diversos estabelecimentos, como escritórios de advocacia, confecções, restaurantes, o Senai Moda e alguns órgãos públicos, como o Instituto Estadual do Meio Ambiente (Inea), por exemplo. Também abriga duas importantes unidades de ensino.

Mais um exemplo desse processo é o caso da antiga fábrica de rendas Filó, hoje sua planta industrial foi ocupada pela fábrica de lingerie Triumph, a confecção de moda íntima melhor estruturada da região, que não funciona a partir de terceirização ou informalidade, pois toda a produção encontra-se na fábrica e sua atuação se dá em diversas escalas, inclusive internacional. Em espaços ociosos que não estavam sendo aproveitados pela Triumph, se encontram pequenas confecções que sublocaram partes da antiga fábrica, além disso comporta a sede do Instituto tecnológico da Universidade Estadual do Rio de Janeiro²¹.

Percebemos então um movimento de reorganização da produção que se manifesta a partir do processo de reestruturação produtiva da indústria. Apesar da baixa tecnologia têxtil, essa indústria também se reestrutura a partir da introdução de novas lógicas de produção. Há uma diminuição de espaços ocupados pela produção de moda na fábrica e um aumento da produtividade, que se deve ao desenvolvimento tecnológico, ainda que o APL no geral possua baixo desenvolvimento de inovação. A Triumph é a única empresa internacional do ramo têxtil e traz tecnologias para sua própria produção. As novas tecnologias e maquinários diminuem a necessidade de grandes espaços nas plantas

²⁰ Trechos retirados de matéria do Jornal Local “A Voz da Serra”. Disponível em > <http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/arp-antiga-fabrica-atual-sede-de-empresas-e-futuro-complexo-multiuso>. Acessado em 01 de novembro de 2019.

²¹ Após os deslizamentos de 2011 em que o acesso a Universidade do Estado do Rio de Janeiro ficou bloqueado a universidade passou a funcionar em um espaço ocioso da mesma fábrica.

industriais. E portanto, a indústria começa a alugar seus espaços ociosos para o aumento de rendimentos. A Triumph é uma das indústrias que mais produzem mercadorias diferenciadas, principalmente quando nos referimos ao conforto e design. A empresa é uma das principais no Brasil e funciona em escala internacional. Apesar de se manter como grande produtora de moda íntima, roupas de banho e ginástica, sua planta também se modifica com o processo de reestruturação produtiva, já que seus espaços ociosos adquirem novas funções, mudando a lógica entre forma-função-estrutura.

Apesar de discordamos ideologicamente do autor quanto aos termos “pós-industrial” ou “pós-moderno” (forma pela qual muitos autores caracterizam o caráter do capitalismo contemporâneo), Castoriadis (1992) define algo que na realidade se assemelha ao termo “pós-industrial” e serve como um exemplo do processo de reestruturação do capital que estamos analisando:

“[...] Resumindo em poucas palavras, pelo menos nos países ricos (mas não só neles), a produção (qualquer que seja o sentido desse termo) abandona os altos-fornos e as velhas fábricas sujas e encaminha-se para complexos cada vez mais automatizados e também para diversos “serviços”. Esse processo, previsto desde pelo menos há meio século, havia sido considerado por muito tempo como portador de promessas extraordinárias para o futuro do trabalho e da vida humana. Dizia-se que a duração do trabalho iria diminuir dramaticamente, e sua natureza fundamentalmente transformada. Esperava-se que a automação e o tratamento eletrônico dos dados transformassem o velho labor industrial, repetitivo e alienante, num campo aberto à livre expressão de inventividade e da criatividade do trabalhador.” (CASTORIADIS, 1992 p.14).

Uma análise que comprova empiricamente o processo de reestruturação produtiva da indústria em Nova Friburgo, é a intensificação da fragmentação/flexibilização do trabalho e a deterioração das relações trabalhistas, que vêm se agravando nos últimos vinte anos. As novas possibilidades trazidas pelo desenvolvimento de tecnologias continuam restritos a um grupo reduzido de técnicos e especialistas. Podemos entender esse processo quando analisamos o movimento de reestruturação na Triumph. A empresa se mantém como produtora em larga escala de moda. Porém, a automação e a incorporação de novos maquinários demandam maior capacitação técnica de funcionários e acarretam na diminuição significativa no

número de trabalhadores empregados, mesmo na indústria têxtil, que se caracteriza pela baixa tecnologia. Acontece, portanto, uma reorganização no mundo do trabalho. A robotização e automação das empresas, principalmente as que funcionam em grande escala, como a Triumph, diminui o número de pessoal empregado e exige do trabalhador maior especialização, pois agora ele desempenha uma função de gerenciamento, e múltiplas funções, se diferenciando da organização do trabalho no período fordista, que se caracterizava pela alta repetição do processo de trabalho, já que as tarefas eram rotineiras e alienantes.

A forma de organização e estruturação das relações de trabalho foi alterada para a massa do proletariado, intensificando a expropriação, tanto na indústria quanto nas empresas terceirizadas e prestadoras de serviço. Essas relações, inclusive, se deterioraram. A industrialização à lógica neoliberal/conservadora se alastrou para grandes empresas dos setores não-industrializados. Realizamos uma crítica aos termos “pós-moderno” ou “pós-industrial”, pois não acreditamos no fim absoluto da produção industrial, porém na sua intensificação e reorganização, que visa na realidade, aumentar o lucro, flexibilizando tanto a produção quando as relações de trabalho.

Este movimento de transformação que ocorre no município de Nova Friburgo é o exemplo empírico da transição de um capitalismo fordista que exigia uma organização pautada nas grandes plantas industriais para um capitalismo mais flexível em que essas plantas não são mais necessárias. Portanto processo que podemos designar como reestruturação produtiva da indústria. A produção industrial não é mais concentrada no chão da fábrica, porém fragmentada e terceirizada para residência. Porém, vale aqui destacar que, mesmo na indústria têxtil, dentro do processo de reestruturação existem continuidades. A Triumph destaca-se como indústria de moda íntima que concentra sua produção na fábrica. Outra indústria que se mantém com a produção em sua planta é a Sinimbu, uma vez que foi a única que resistiu ao processo de reestruturação, porque produz insumos para as empresas de moda íntima, ela se manteve enfrentando a crise e suas conseqüentes mudanças.

Um elemento que condiciona o melhoramento da qualidade do trabalho quando ele torna-se doméstico é o transporte. Muitas vezes o transporte para as empresas é exaustivo. Significativa parte das grandes indústrias do município

concentram-se no distrito do Centro, e a maior parte da mão-de-obra do circuito de moda é de origem pobre e se concentram em bairros afastados, como Conselheiro Paulino, um dos motivos da explosão de industriais domésticas nesse bairro. Apesar do benefício da não necessidade de grandes deslocamentos para o trabalhador, esse processo recrudesce substancialmente a mais valia do capitalista, já que o empresário não precisa se preocupar mais com os direitos trabalhistas. Conquistas dos movimentos sindicais característica do período fordista são deixadas de lado.

Como podemos observar a partir da análise das fotos e da vida cotidiana da população, durante o período fordista houve substancial melhoramento da qualidade de vida da classe trabalhadora. É claro que o trabalho era altamente intenso e exploratório, porém, com a luta da classe trabalhadora por melhores condições de trabalho, esse intenso processo de exploração foi sendo paulatinamente abrandado. Houve nesse período a construção de vilas operárias de alto padrão e qualidade, o surgimento de conjuntos habitacionais para as classes médias, as empresas possuíam clubes, espaço para esportes, times de futebol e vôlei, existiam escolas bem próximas às empresas para os filhos dos funcionários. As vilas operárias também eram próximas às indústrias, evitando grandes deslocamentos. Essas conquistas se deram a partir da luta da classe trabalhadora e dos movimentos sindicais.

Essa forma de produção e organização do espaço urbano se tratou de uma forma particular, característica do período do nacional desenvolvimentismo, e produziu um espaço. Com o processo de reestruturação produtiva, ocorre uma mudança na lógica de territorialização dos capitais, que produz um espaço diferenciado, transforma a vida cotidiana, alterna padrões de territorialidade e só pode ser entendido como um processo mais amplo. Como vimos na introdução, o município encontra-se em região de Serra com altitudes superiores a 1000 metros, o processo de fragmentação da produção também se intensifica devidos aos atributos geográficos do espaço, já que os diversos vales, montanhas e rios facilitam essa dinâmica. Olaria, maior bairro de produção de moda, está localizada em área cercada por diversos morros e montanhas, suas ruas e ruelas camuflam a produção, tornam ela invisível aos olhos de quem passa por suas ruas e lojas. Na imagem 15 podemos observar a dinâmica da produção do espaço urbano no bairro de Olaria. Vemos as lojas em baixo e nos diversos e

pequenos sobrados, acima das lojas, se esconde a produção doméstica da moda íntima. A camuflagem dessa produção se materializa no horário do almoço, quando vemos as trabalhadoras conversando nas calçadas, comendo suas “quentinhas”, tomando café ou fumando um cigarro.

Imagem 15



Fonte: Acervo Pessoal. Agosto de 2018

Com o processo de reestruturação produtiva e a mudança nas dinâmicas do mundo do trabalho verifica-se a ampliação da exploração generalizada do trabalhador, uma vez que não existe regulação da jornada de trabalho, férias ou décimo terceiro. Percebe-se uma guinada às políticas neoliberais nos anos 70 e 80 nos países centrais, nos EUA e Europa, e seus consequentes desdobramentos nas economias periféricas, influenciando na geografia histórica do capitalismo global, causando uma onda de efeitos como a adoção generalizada do neoliberalismo como um esforço para restaurar o poder de classe às elites, afetando intensamente no processo de urbanização e produção do espaço urbano.

Considerando que a adoção do neoliberalismo em escala global não promove o crescimento e produção de riquezas de forma equânime, percebe-se uma grande contradição. Este movimento também é observado empiricamente no município de Friburgo, a mudança na reprodução da vida cotidiana dos

trabalhadores, tendo em vista a deterioração das relações de trabalho. Observamos um agravamento nas relações de trabalho cotidiana já que elas tornam-se doméstica, as confecções funcionam nos fundos das casas das famílias, sem infraestrutura, condições de salubridade ou ergonomia. Essas pequeninas fábricas se caracterizam como micro empresas familiares, podendo até mesmo alcançar a escala individual. Parte significativa dessas confecções estão situadas em áreas de risco e de urbanização mais recente, sem infraestrutura urbana e caracterizada pela construção doméstica. Por isso, para analisar este processo utilizamos as expressões formas-função-estrutura que se relaciona ao desenvolvimento geográfico como resultado da dialética histórica e geográfica.

Há uma mudança na forma de urbanização do município, percebemos transformações significativas dos bairros ocupados pela população proletária, como exemplo, o bairro da Vila Amélia, no centro do município que teve sua origem como bairro operário da indústria Filó, que concentrava população operária, este bairro hoje se valoriza por sua proximidade do centro e do bairro do Vale dos Pinheiros, caracterizado por abrigar luxuosos condomínios, que se expandem para região da Vila Amélia. Esse processo de gentrificação força a população operária que ali vivia a ocupar bairros periféricos, especialmente em direção ao distrito de Conselheiro Paulino e ao bairro Duas Pedras que fica as margens da RJ-130 e a RJ - 116, estrada que liga Friburgo à Teresópolis, uma das regiões mais afetadas por deslizamentos e chuvas de janeiro de 2011. Portanto é a partir da intensificação da manifestação dos processos ligados ao neoliberalismo nos espaços urbanos do município que ocorre a potencial ocupação de áreas de risco e com baixa infraestrutura urbana caracterizada pela autoconstrução. Acreditamos que nas áreas de deslizamentos mais intensos foram justamente as mesmas que tiveram um perfil recente de urbanização, em destaque nos dois bairros mencionados, no entanto não é possível desconsiderar os fatores naturais do relevo.

A produção material do espaço urbano contemporâneo no município de Nova Friburgo, e no Brasil como um todo, tem como forte característica a produção doméstica. Ou seja, uma produção urbana das casas e residências feita pelo próprio trabalhador, outro movimento de intensificação do processo de expropriação. Constatamos nos últimos 20 anos um intenso processo de

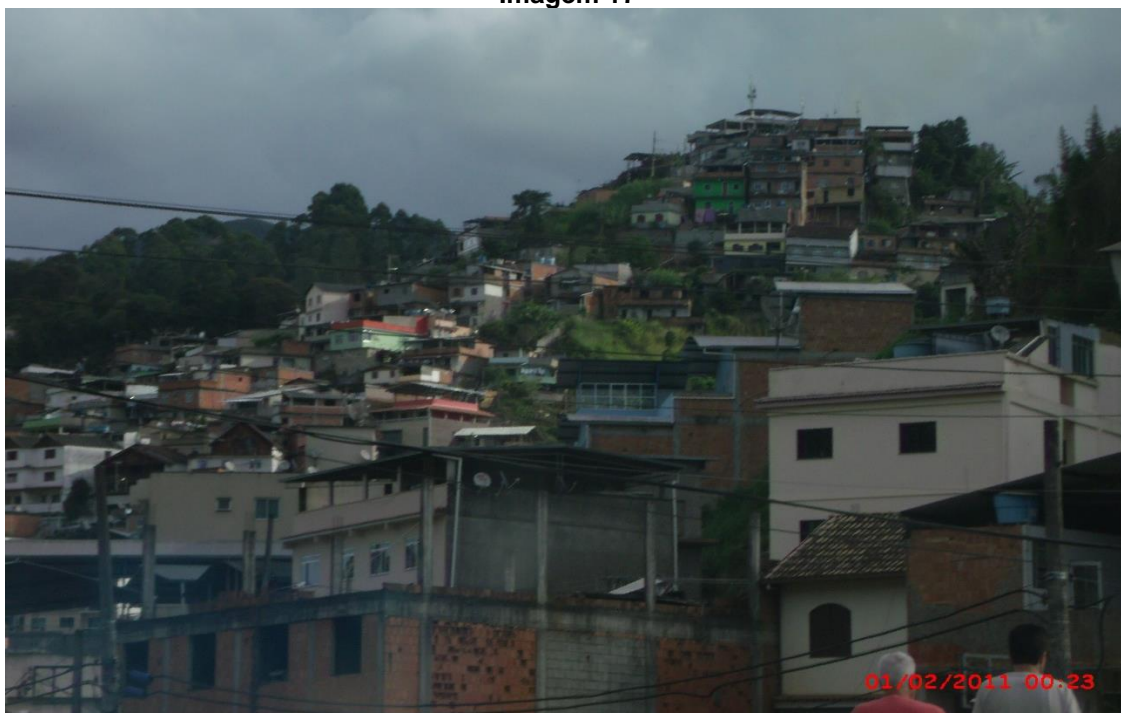
urbanização em áreas e distritos periféricos caracterizado pela baixa infraestrutura urbana e pouca participação do Estado.

Imagem 16



Fonte: Santos, Daniel T. 2014.

Imagem 17



Fonte: Santos, Daniel T. 2014.

O processo de fragmentação das indústrias também é outro elemento que intensifica esse processo, já que a produção transfere-se para residência. Há assim, principalmente nos distritos de Conselheiro Paulino e Olaria, um processo de verticalização, pois se constroem pequenas salas de produção em sobrados, garagens, em cima das residências, nos morros e ruelas. Uma produção do espaço informal, com baixa infraestrutura e doméstica. Ocorre, portanto, uma intensificação da produção desigual do espaço no município. Distrito que se caracteriza pela produção doméstica de seus espaços é Conselheiro Paulino, como podemos observar nas imagens 15 e 16 acima, o distrito é lugar de grande concentração da indústria doméstica. Vemos nas fotos urbanização com características domésticas e de baixa infraestrutura com grande ausência do Estado e da prefeitura no planejamento de áreas. A ocupação de áreas de encostas e de inundação natural do rio, que têm baixo ou nenhum acesso ao saneamento é corriqueira. A produção industrial encontra-se oculta nesses diversos sobrados e quatinhos ou confinada em garagens, demonstrando alta insalubridade no local de trabalho e, também, de residência de diversas pessoas.

A articulação dos modos de produção, o processo de reestruturação produtiva e as rupturas que são trazidas por eles causam uma complexa rede desigual, combinada e contraditória, de enraizamentos e desenraizamentos, de relações sociais e formas de sociedade. Envolvendo as sistemáticas relações entre a reprodução do capital, a história e a geografia da vida cotidiana e social. Nesse movimento as sociedades e a produção e reprodução dos seus espaços interagem de forma dialética e se integram em um sistema de totalização escalar. O processo de reestruturação produtiva reflete de outra forma como diversos grupos sociais vêm se desenvolvendo materialmente e imaterialmente, seus modos de vida e sua reprodução, dentro de uma rede que se manifesta na escala do lugar e na vida cotidiana.

[...] temos que ter em vista que a atividade capitalista está sempre fundada em um lugar (que possui características singulares). Diversos processos materiais (físicos, ecológicos e também sociais) devem ser apropriados e usados para um propósito e caminho de uma acumulação de capital e tudo aquilo que acontece no lugar, desde o trabalho ao processo produtivo de consumo está atrelado à acumulação de capital. Portanto, é inegável que o capitalismo vem promovendo a evolução de formas institucionais, marcos institucionais e especializações

funcionais que promovem o desenvolvimento de um discurso tão abstrato que se torna opaco aos olhos das massas; devido a isto, existe grande dificuldade de associação entre as pequenas indústrias e principalmente entre os trabalhadores. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.97)

Torna-se necessário analisar mais detalhadamente as relações metabólicas entre a acumulação de capital e o processo de reestruturação produtiva urbana e industrial. Considerando que quando transformamos o ambiente transformamos a nós mesmo, e sendo esse o ponto teórico fundamental de Marx ligado à relação dialética e metabólica entre o processo de produção e reprodução do espaço capitalista e o conseqüente processo de reestruturação produtiva, não podemos pensar a urbanização do espaço do município de Nova Friburgo sem analisar o constante movimento de transformação do espaço a partir das relações de trabalho e do cotidiano da vida humana, tendo em vista os processos de totalização e transformação.

Tendo em vista o processo de movimento da totalização a acumulação capitalista do capital acontece através do espaço e tempo. A necessidade de adaptação dos espaços ao desenvolvimento econômico, e portanto o conseqüente processo de reestruturação, opera a partir do pressuposto que as relações de opressão e alienação já estão estruturadas entre as classes capitalistas (burguesa) e proletária. O Estado teria o papel de mediador entre forças e arranjos institucionais (leis, contratos, propriedade privada, direitos jurídicos etc), influenciando diretamente o mundo material, onde a acumulação capitalista se efetiva, sempre considerando os interesses privados de grandes instituições. A política de especialização do espaço produtivo de Nova Friburgo na produção da moda íntima exemplifica este processo.

É relevante destacar a importância da manifestação do processo de reestruturação produtiva no município de Nova Friburgo e região, e a forma como esse processo influencia em sua configuração espacial hoje e no passado. Este movimento de transformação intensifica direta e indiretamente o processo de urbanização em uma escala regional e vice-versa, de forma dialética. Uma vez que a empresa encontra-se na própria residência, neste movimento há uma explosão do fenômeno urbano e de regiões caracterizadas pela construção doméstica, podemos avistar em diversos morros e favelas do município casas

que também são o lugar de uma produção industrial, geralmente camufladas e escondidas nos fundos dos sobrados e residências.

A influência do processo de reestruturação produtiva é observado a partir do espaço, pois ele se manifesta transformando as formas de ação e racionalização da produção e do produto social. O espaço urbano não é apenas um resultado intrínsecos dos processos humanos sobre a paisagem. A visão do movimento de transformação trazido pela reestruturação produtiva tem um nítido contraste com as concepções tradicionais a respeito do espaço. Uma vez que na visão crítica sobre as concepções de espaço ele tornou-se cada vez mais reconhecido como uma força material e não material, ideológica, influente, ordenada e reordenada, produto das próprias relações sociais e produtivas que nele se estabelece. Por isso, o espaço não é um resultado passivo, ou reflexo das relações sociais, mas ele torna-se movimento perpétuo de transformação, contradições e conflitos, um campo de lutas, relações de poder e estratégias políticas. A divisão social e espacial do trabalho, as relações sociais e espaciais e a práxis social e espacial estão relacionadas em um movimento dialético e em totalização:

Quando entendida em sua ação dialética recíproca, a espacialidade é revelada como terreno socialmente constituído da acumulação capitalista e da luta de classes, a estrutura material dinâmica para existência e reprodução dos modos de produção. Desenvolvendo-se constante mas irregularmente, capaz de ser reestruturada ainda não completamente livre do legado de terrenos passados, a espacialidade é socialmente e historicamente produzidas e tomada pela política da ideologia. Em sua natureza verdadeira, contudo, a espacialidade é um produtor e reproduzidor das relações sociais. Sem dúvida, o desenvolvimento histórico do capitalismo pode ser visto como uma revelação sucessiva de espacialidades periodizadas de acordo com a concretização particulares do processo de trabalho, da valorização e desvalorização do capital e das lutas políticas concomitantemente entre e no interior das classes sociais – como um desenvolvimento desigual no espaço e no tempo. (SOJA, 1992, p.54)

Observamos que o município de Nova Friburgo em três momentos distintos passou por períodos de acumulação capitalista: (1) a acumulação agrária, do princípio da colonização, em 1818, até o fim do século XIX e o início do século XX, quando surgem os primeiros núcleos urbanos, sem grandes

alterações na paisagem do município que era predominantemente rural; (2) a chegada dos colonos alemães que, capitalizados, trazem tecnologia industrial europeia do fim do século XIX, quando surgem as primeiras fábricas com grandes plantas industriais fordistas. O município e a produção do seu espaço se organiza a partir da lógica racionalista e moderna, surgem os bairros operários e residências burguesas. Esses colonos investem junto à elites locais em desenvolvimento tecnológico industrial, proporcionando, neste período uma acumulação de capital estruturado numa base fordista/taylorista, com materialidade (formas) relevantes na alteração da paisagem desde aquele período até o presente, estabelecendo relações de trabalho que facilitavam a sindicalização e organização da classe operária. (3) A crise da produção fordista, durante a década de 70 do século XX quando a produção industrial do município se reestruturava, causou uma ruptura, e uma consequente urbanização ligada a uma racionalidade metropolitana e neoliberal da acumulação flexível, em que a política se organiza em um discurso de desenvolvimento local. Na tese priorizamos o movimento dos dois últimos ciclos de acumulação.

A presente pesquisa pauta-se pela análise do espaço tendo como base na geografia urbana e tem como base analítica da translução (método regressivo progressivo) de Henri Lefebvre, sempre buscando na história das fases do processo de produção do espaço relações que foram construídas ao longo do tempo e ainda se perpetuam e se reproduzem no presente. Neste trabalho usamos como ferramenta investigativa o materialismo histórico dialético para o desenvolvimento e investigação, partimos do pressuposto que este método é considerado por nós como o mais indicado para o entendimento de uma realidade complexa, em movimento perpétuo de transformação e totalização.

O quadro de enfoque teórico metodológico na área de geografia urbana tem se ampliado durante os últimos 20 anos, muito disso devido à complexificação da realidade brasileira e mundial. Um dos caminhos teóricos que tem se apresentado para a análise do espaço urbano hoje permeia as contribuições de Lefebvre (1973), que procura na complexidade da vida cotidiana a explicação para uma sociedade em constante movimento de transformação e que cada dia torna-se mais urbana. Ao observar a escala da vida cotidiana o autor nos resgata uma reflexão profunda da sociedade urbana, levando-nos ao entendimento do espaço como produto e condição para a

reprodução das relações sociais de produção no mundo capitalista. Lefebvre (1973) reitera concepções referentes a produção/reprodução do espaço e contribui para o entendimento da realidade. Para o autor o processo de reprodução das sociedades urbanas é altamente complexo por deslocar, modificar e ampliar as questões que mascaram as reais contradições da realidade. Sendo assim, essas concepções são o grande fio condutor na análise da realidade na teoria lefebvriana.

Considerando esse pressuposto, investigamos a complexidade do município de Nova Friburgo partir da análise do conceito de cotidiano para que não haja uma banalização do domínio mundial no lugar, por necessariamente estarmos considerando o viver (plano social) e o vivido (plano pessoal) e encontramos nessas relações mutuas a identificação dos indivíduos (agentes e atores) com a sua história, que se realiza em escala local. O cotidiano é de um lado forma como se expressa a organização empírica da vida humana e de outro, um contíguo de representações que dissimulam essa organização, suas contradições e seus riscos. Investigar de forma crítica esse conceito possibilita a nós compreender as relações e práticas que configuram o município hoje, como as transformações no mundo do trabalho e da produção industrial. A escala de produção da indústria têxtil no Arranjo Produtivo Local invade a escala da vida privada, doméstica, por se caracterizar, como veremos ao longo do trabalho, por uma produção domiciliar.

Para alcançarmos os objetivos da pesquisa pretendemos realizar uma investigação a partir das diferentes níveis de análise da sociedade urbana de Lefebvre (2008):

- G) O nível global
- M) Nível misto
- P) Nível privado, o do habitar

G) Se refere ao poder do Estado, como vontade e representação. É o nível do poder do Estado e dos homens que detêm esse poder, têm uma estratégia ou estratégias políticas. Os homens do Estado tem a concepção política ideologicamente justificada do espaço. Nesse nível entram a ação, com estratégias lógicas, que são “lógicas de classe”. Nesse sentido pode-se falar de

uma “sócio-lógica” e uma “ideo-lógica” (LEFEBVRE, 2008). O poder político dispõe de instrumentos que são ideológicos e científicos. Ele tem capacidade de ação, podendo modificar a distribuição dos recursos, dos rendimentos, do valor, criado pelo trabalho produtivo (ou seja, a mais-valia). Existem, nos países capitalistas atualmente duas formas principais: o *neoliberalismo* (que permite o máximo de iniciativa à empresa privada, e no que concerne ao “urbanismo” aos promotores imobiliários e aos bancos) e o *neodirigismo* (que acentua uma planificação, pelo menos indicada, que, no domínio urbanístico, favorece a intervenção dos especialistas e dos tecnocratas, do capitalismo de Estado. Escala institucional, das relações mais gerais, portanto, mais abstratas e, no entanto, mais essenciais: mercados de capitais e política do espaço.

Observamos nesta escala a ação e tática do Estado ao organizar o município a partir de estratégias e lógicas ligada ao Arranjo Produtivo Local da Moda Íntima e as políticas de desenvolvimento local que foram implementadas no município de Nova Friburgo nos últimos 14 anos, a partir do primeiro governo Lula.

Essas lógicas são lógicas de classe e pretende manter relações conservadoras no mundo do trabalho. Vemos um discurso de empreendedorismo, de liberdade individual e empresarial, ideologicamente liberal, porém culmina na fragmentação da indústria têxtil, flexibilização da produção e das relações trabalhistas. O trabalho torna-se majoritariamente feminino e doméstico, o trabalhador deixa as antigas fábricas fordistas e trabalha como um empreendedor individual, em um sistema de terceirização, onde a produção é vendida pela quantidade de peças produzidas ou cortadas e não pelas horas *trabalhadas*. Caracteriza-se portanto, por pequenas empresas fragmentadas (mais de 900 de empresas no ramo da moda íntima)²² que tem como característica a terceirização. Também há o crescimento de pluriatividade, ou seja, o trabalho industrial doméstico no campo para complementar a renda familiar e observamos explosão da urbanização, também por conta da fragmentação industrial.

²² Dados retirados do Mapeamento da Cadeia de Moda. FIRJAN, 2016.

M) O nível misto, mediador ou intermediário. É o nível especificamente urbano, o nível da cidade. De um lado depende do nível global do Estado e da sociedade, a sociedade, o saber, os edifícios, prédios públicos catedrais etc. De outro, depende do nível P os imóveis privados. Os lugares edificadas e não edificadas: ruas, praças, parques. Agrupamentos: forma-função-estrutura. Pode-se falar das funções do espaço: funções urbanas que relacionam-se ao território circundantes e funções internas, assim como estruturas duplas como, os serviços, comércio, dos transportes. Ou seja, os serviços da vida urbana propriamente dita. Terreno de defesa e ataque, de luta e resistência.

A urbanização e a escala da produção industrial de moda íntima atinge uma configuração regional, pois essa produção se espalha para eixos de urbanização em direção à outros municípios e para distritos rurais. O município de Nova Friburgo apresenta-se como centro dinâmico de serviços, político e também industrial (metal mecânica e têxtil; moda íntima e fitness) por concentrar grande parte destas atividades. Há também uma mudança de função das antigas indústrias fordistas para outros usos, mais relacionados ao setor de serviços, como universidades, escolas e restaurantes.

P) Aqui é o domínio edificado, pode ser considerado os imóveis (habitação, grandes apartamentos e prédios, casas, acampamentos e favelas. Oposição entre os pares antagônicos habitat e o habitar, o primeiro dominado pelo mundo da mercadoria e pelo valor de troca, o segundo pelo valor de uso. A lógica do espaço submetida ao crescimento e à lógica do urbanismo; a lógica do espaço político e da moradia.

É o domínio da contradição entre: Habitat X Habitar: A função simplificada, ligado as práticas espaciais, restringindo o ser humano a algumas atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se, refere-se ao habitat. O habitat como ideologia e prática, chegava inclusive a reprimir as características elementares da vida urbana, é a aplicação de um espaço global homogêneo e qualitativo obrigando o “vivido” a encerrar-se em caixas, gaiolas ou “maquinas de habitar”. O habitar é relacionado ao valor de uso e o habitat ao valor de troca.

Dentro desta perspectiva os objetos, ou as formas do município constituem-se um sistema. Cada objeto comunica a cada ação de seu sistema de significações, que lhe provem do mundo da mercadoria, do qual ele é

vinculado. Trata-se do nível sócio-lógico. A mudança de função do uso dos objetos, relaciona-se a reestruturação produtiva, em que há uma transformação no sistema de significações e uma conseqüente mudança na função daqueles objetos (processo que pode ser exemplificado pela mudança de uso das antigas indústrias fordistas, que hoje dão lugar a universidades, escolas ou restaurantes).

O trabalho doméstico configura-se como característica do Arranjo Produtivo da Moda Íntima de Nova Friburgo. O vivido, ou o domínio P (privado) está totalmente subordinado à lógica da mercadoria, pois o habitar também é lugar de trabalho e o nível em que podemos observar as relações cotidianas.

O urbano se define como a unidade de todos esses níveis com o predomínio do nível P. O planejamento urbano e regional, portanto a forma de organização da indústria em um Arranjo Produtivo Local é comandado pela racionalidade da industrialização em que o espaço inteiro se planifica. A ideologia industrial, tecnocrática ou individualista é homogeneizante, atinge uma escala regional.

Por fim, tendo em vista o método lefebvriano da translução prevemos três movimentos investigativos que estão se relacionando de forma dialética ao longo da Tese: (1) descritivo, que se dá pela observação do objeto de estudo, com a partir de técnicas que possam ajudar na descrição da realidade material, sua complexidade horizontal, da vida social que deve ser reconhecida na descrição do visível e do vivido; (2) analítico-regressivo, que prevê a crítica da realidade descrita, sem fechá-la totalmente, ou seja, deverão ser consideradas as contradições e as possibilidades; e (3) histórico-genética ou fase regressiva/progressiva, em que reestabelecemos o presente já descrito, remontando as mudanças que a estrutura expõe. Esse é o momento no qual investigamos a origem da formação das estruturas, orientando o marco geral para transformação, seus eventos de mudança, porém, sem perder de vista, o processo perpétuo de reestruturação e totalização.

Indispensável no materialismo histórico dialético analisar as interações das estruturas recentes sobre as estruturas e formas do passado, subordinadas ou integradas à primeira. Esses movimentos é essencial ao longo da tese, sendo assim buscaremos na história questões estruturantes para entender as relações que se estabelecem na contemporaneidade. Almejamos a partir do método

progressivo-regressivo analisar a realidade complexa do município de Nova Friburgo em suas múltiplas relações na contemporaneidade, avaliando portanto o modelo de desenvolvimento local, característico da realidade do municipal e regional na atualidade, porém buscando nas estruturas do passado características que levaram às estruturas presentes.

O espaço urbano produzido no ciclo de acumulação no período em que se expandia o fordismo periférico no Brasil estabeleceu uma territorialidade. Hoje, essa territorialidade rígida, das grandes empresas e dos bairros operários, expressa um conflito e uma resistência à forma de reprodução do capital no novo ciclo de acumulação, entrando em contradição com a nova forma de produção do espaço urbano.

Esse movimento se expressa pela falência de parte do capital têxtil no município, e o movimento de reestruturação das fábricas e da produção industrial. Muda a lógica entre forma-função-estrutura. As fábricas viram universidade, como podemos contatar nas fotos em anexo. As residências viram lugar de produção, como também podemos observar nas imagens 14, 15 e 16. Podemos identificar esse movimento a partir de observação empírica desse processo. É difícil, constatar, catalogar e identificar a produção doméstica da indústria da moda íntima, já que esta produção, em grande parte não é formal. Grande parte das facções trabalham a partir de terceirização. Essa produção é camuflada no cotidiano, contato com a trabalhadora também é muitas vezes difícil, já que elas tem medo de relatar tais atividades. Porém podemos visitar uma micro facção individual em uma garagem no bairro do Cordoeira no distrito do Centro do município e observamos as condições e os processos de trabalho na residência. A facção era composta por apenas três máquinas de costura e as trabalhadoras eram responsáveis pela montagem das peças, sendo terceirizadas de uma confecção. As condições de trabalho não eram boas, as máquinas estavam em uma garagem úmida e escura, com apenas um basculante. As mulheres respiram resíduos e poeira dos tecidos. Essas características são muito comuns em bairros no município de Nova Friburgo, principalmente no distrito do Centro, no bairro de Olaria e no distrito de Conselheiro Paulino. Podemos observar exemplo dessa produção do espaço na imagem 18, a seguir. Muitas confecções de Nova Friburgo encontram-se nessa rua no bairro de Olaria.

Imagem 18



Fonte: Acervo Pessoal. Agosto de 2018

Fica evidente que no município a luta de classes se manifestava cada vez mais por meio dos confrontos entre a produção e o controle dos espaços. Em decorrência do processo de reestruturação produtiva do urbano e da indústria há uma intensificação do desenvolvimento desigual e combinado, causando uma explosão do fenômeno urbano e de pequenas fábricas domiciliares. Podemos observar esse processo na imagem 18 acima, existem nesta rua muitas pequenas confecções, com lojas voltadas para a rua, e a pequena produção nos andares superiores. A espacialidade é o elemento essencial para análise na tese pois pressupõe relações socioeconômicas que se estabelecem na sociedade no decorrer do tempo – essas relações estruturam a espacialidade e mantêm ou transformam relações de produção, com o objetivo da manutenção dos poderes de classe, como aponta Alain Lipietz:

[...] concreto sócio-econômico aparece tanto como articulação dos espaços analisados, tanto como um produto um reflexo da articulação das ciências sociais, e ao mesmo tempo, até o ponto que o espaço concreto já existe diz respeito, como uma coação objetiva imposta sobre o redesenvolvimento dessas relações sociais. Nós devemos dizer que a sociedade recria seu espaço em bases de um espaço concreto, sempre estabelecido previamente. (LIPIETZ, Alain. 1980, p.61)

As relações sociais e divisão social do trabalho se manifestam como espaço formador (materializante) e concomitantemente espaço contingente (materializado), em outras palavras em cada momento de acumulação existe uma lógica de produção do espaço, essas racionalidades se confundem, porém a ação sobre as sucessões espaciais se modificam, gerando uma ruptura e uma reestruturação. No movimento de reestruturação também estão contidas continuidades, como as formas das grandes fábricas, que adquirem novas funções, ligadas as racionalidades presentes no capitalismo contemporâneo, o neoliberalismo. Ou seja, o espaço é produto de um processo dialético sócio espacial que se passa no tempo em uma sucessão de espacialidades criadas. Portanto, cada formação social deve ser vista como uma formação espacial. O resultante desse processo na paisagem é a expressão particular da articulação da racionalidade da produção capitalista, se reestruturando no tempo e no espaço.

Nova Friburgo, se expressa como forma de manifestação, de objetivação, e de concretização do processo de reestruturação produtiva, e seu consequente correlato geográfico na produção do espaço e na acumulação do capital possui em seu cerne as características desiguais e combinadas em seu desenvolvimento. Para a manutenção do sistema de expropriação e acumulação é necessário existam indivíduos incluídos de forma precária no sistema de acumulação, para que outros possam acumular riquezas. Portanto, há espaços priorizados pela administração pública para receberem mais infraestruturas. Os investimentos públicos no município se manifestam de forma desigual, uma vez que bairros que concentram população de classes média, média alta e burguesa são privilegiados como no caso dos bairros do Centro, Braunes, Vale dos Pinheiros, Parque São Clemente, Mury, Stuky, Cônego e Cascatinha, enquanto bairros como Conselheiro Paulino, Olaria, Vila Amélia, e Córrego D'antas são deixados de lado pela administração pública. Também podemos identificar esse processo na análise das fotos neste seguimento. Vemos Olaria e Conselheiro Paulino, assim como algumas localidades no Centro do município como o bairro do Cordoeira como concentradores de população de classes mais baixas, caracterizados pela produção doméstica de seu espaço e também da produção industrial, como podemos observar empiricamente nos mapas, mais na frente na

Tese. Esses bairros possuem menor infraestrutura urbana, menos acessibilidade e menos saneamento.

Portanto, como já mencionado, a cada momento do processo de racionalização econômica e social dos modos de produção há uma transformação no correlato geográfico. Um jogo de correlação entre as formas-funções-estruturas, que incidem sobre a reprodução das relações de produção, sobre o espaço e suas materialidades. No espaço urbano, esses movimentos tornam-se perceptíveis e se manifestam na relação dialética do processo de desenvolvimento desigual das forças produtivas/reprodutivas e nas relações sociais de produção/reprodução do espaço. Correlacionamos a explosão industrial/urbana à fragmentação e à acelerada da urbanização do município e região nos últimos vinte anos. Também devido à nova racionalidade neoliberal há uma intensificação das características informais na produção doméstica e das indústrias, já que muitas vezes elas se confundem. Este movimento entre os pares dialéticos industrialização/urbanização se manifesta em uma unidade histórica. Henri Lefebvre diz que a industrialização e a urbanização constituem processo duplo:

“[...] que se revela cada vez mais difícil de ser apreendido, uma vez que a industrialização não produz apenas empresas (os operários e os diretores de empresas), mas sim um conjunto de serviços diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos” (Lefebvre, 1973, p. 17)

O processo de desenvolvimento desigual e combinado em Nova Friburgo se manifesta de uma forma desigual, em seu cerne estão características de uma produção doméstica e com baixa infraestrutura em seus espaços, marginalizada pela administração pública, em benefício de outros espaços que são priorizados e possuem empreendimentos privados. Esse processo não é exclusivo de Nova Friburgo e também se manifesta em outros países periféricos, essa dinâmica tem se intensificado a partir das características difundidas pelo neoliberalismo e a explosão do fenômeno urbano. Uma vez que hoje as políticas públicas visam projetos descentralizadores, buscando uma possibilidade da autoregulação dos recursos circundantes pela comunidade local. Porém, esse discurso, da forma com que foi empregado pela administração pública, é falacioso. Observamos que diferentemente daquilo que haviam prometido os agentes fomentadores do

desenvolvimento local, as comunidades não tem efetiva capacidade de gestão dos recursos ou políticas, no máximo seu poder de ação é a resistência, paralisando as iniciativas do poder central (barrando políticas de Estado e conseqüentemente dos interesses dos acumuladores de capital). Mas, os detentores do poder ainda se preocupam em diminuir essa capacidade, criando formas de manutenção da reprodução do capital.

Outros autores defendem as políticas de desenvolvimento local como alternativa ao desenvolvimento racional e linear da modernidade. Eles valem-se do argumento que no cerne do localismo existiria o exercício da liberdade e da autogestão dos recursos. Reafirmando que a liberdade de gestão seria a alternativa para o desenvolvimento de novos valores. Amartya Sen (2000, p.24-25) é exemplo destas concepções:

“O fato de que a liberdade de transações econômicas tende a ser tipicamente um grande motor do crescimento econômico tem sido muitas vezes reconhecido, embora continue a existir críticos veementes. É importante não só dar o devido valor aos mercados, mas também apreciar o papel de outras liberdades econômicas, sociais e políticas que melhoram e enriquecem a vida que as pessoas podem levar. Isso influencia até mesmo questões controversas como o chamado problema populacional. [...]

[...] As liberdades não são apenas fins primordiais do desenvolvimento, mas também meios principais. Além de reconhecer, fundamentalmente, a importância avaliatória da liberdade, precisamos entender a notável relação empírica que a vincula, uma à outras, liberdades diferentes. Liberdades políticas (na forma de liberdade de expressão e eleições livres) ajudam a promover segurança econômica. Oportunidades sociais (na forma de serviços educação e saúde) facilitam a participação econômica. Facilidades econômicas (na forma de oportunidades de participação no comércio e na produção) podem ajudar a gerar a abundância individual, além de recursos públicos para serviços sociais. Liberdades de diferentes tipos podem fortalecer umas às outras.”

As concepções de desenvolvimento localistas vêm tomando corpo nos últimos anos e se generalizando em ações e políticas públicas por Estados e agentes locais de desenvolvimento, reestruturando esses aglomerados industriais, a natureza da organização do “chão da fábrica”, da produção do espaço urbano e do mundo do trabalho. A noção acadêmica internacional legitima esse discurso, e reflete a estrutura de poder, política e social do

neoliberalismo reforçando e criando legalidade científica para a ação e reprodução do sistema capitalista. Acreditamos, assim como o autor supracitado na possibilidade de participação efetiva na produção do espaço dos agentes locais, cremos a gestão dos recursos de forma localizada pode ser um caminho para melhor organização da classe trabalhadora e de resistência. Porém, tendo em vista a forma de organização e racionalização impostas pelos paradigmas da acumulação flexível acreditamos também, que este discurso visa a manutenção da expropriação do capital e dos poderes dominantes. A forma flexível em que essas aglomerações industriais se apresentam hoje não corresponde com os discursos de autonomia. A afirmação falaciosa de que o trabalhador pode se tornar a própria “empresa”, na realidade o individualiza e o isola, quebrando com a força dos movimentos sindicais e a luta por direitos trabalhistas. Sendo assim, a associação dos pequenos industriais e da classe trabalhadora continua nos parecendo a melhor alternativa de resistência, para que esses indivíduos tenham possibilidade de diálogo em diversas escalas. Não existe melhor forma do que a associação coletiva.

É importante reiterar que discordamos diametralmente de Amartya quando se refere às transações econômicas. Pretendemos seguir uma linha investigativa que tem como pressuposto desconstruir as ideias neoliberais como melhor alternativa para o desenvolvimento. Os discursos de defesa ao desenvolvimento local na prática não quebra com as estruturas de poder positivistas de desenvolvimento único e linear, porém a transmuta em uma nova aparência, a qual reforça um discurso ideológico, que soa mais agradável, porém não desarticula as estruturas de poder e dominação do capital sobre a vida cotidiana da classe trabalhadora.

Há um crescimento nas concepções acadêmicas, principalmente entre os economistas, de que a escala local teria poder ilimitado. Esse discurso vem sendo repetido no embate acadêmico sobre o desenvolvimento urbano e regional no Brasil e no mundo. O município de Nova Friburgo demonstra esse processo, que afeta diretamente a atuação da administração pública e o direcionamento dos investimentos privados em escala nacional. Esses argumentos diminuem a importância das hierarquias escalares. Não quebrando com as estruturas de apropriação de riquezas, conforme o “pensamento único”, apesar de redirecionar os estudos da dimensão espacial do desenvolvimento

capitalista. A introdução dos paradigmas localistas inicia o fim das escalas intermediárias (das mediações entre o local e o global).

Diversas concepções a respeito das abordagens do desenvolvimento de *cluster*, sistemas locais de inovação, incubadoras, distritos industriais, entre outras, possuem tal viés. A generalização e banalização de definições como “capital social”, “redes”, “economias solidária e popular”; o abuso na detecção de toda sorte de empreendedorismo, voluntariados, microiniciativas, comunidades solidárias; a crença que os formatos institucionais ideais para que se gere desenvolvimento necessariamente passem por cooperativas, agências, consórcios ou comitês, criaram um falso ideal de que o local pode se associar diretamente à escala internacional e desfrutar dos benefícios que existiriam a partir dessa integração. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p. 104)

Brandão (2003 p.79) considera este processo como uma “endogenia exagerada das localidades”. Tendo em vista que se cria uma concepção ideologizada sobre a capacidade das localidades. Estas novas subjetividades fazem com que os trabalhadores acreditem veementemente na capacidade e iniciativa dos atores de uma comunidade empreendedora e solidária. A comunidade possuiria a capacidade de auto-controle sobre seu destino, e procuraria promover a sua governança virtuosamente no lugar. A luta de classes, ação e organização pública e hegemonia econômica dos grupos sociais seriam componentes, forças e características de um passado totalmente superado ou em superação. Autores como Amin e Robins reforçam esses argumentos (1994, p.79) e creem no fim da centralização e na potencialidade dos lugares:

“Fim da centralização, da concentração, da massificação e da estandardização e [a vitória] de uma utopia antifordista, caracterizada pela flexibilidade, pela diversidade e, em termos espaciais pelo localismo”.

Devemos estabelecer aqui crítica a tais perspectivas, insistir demasiadamente nas ideias da capacidade de transformação das estratégias concernentes, incluindo as micro, pequenas e grandes empresas não quebra com os paradigmas do desenvolvimento positivo, mas o coloca em uma nova roupagem, produzindo assim continuidades dentro do processo de reestruturação produtiva. Já que o lugar e a iniciativa individual tem baixa

capacidade de se associar diretamente à escalas internacionais e globais sem o auxílio de políticas públicas nas escalas intermediárias (nacionais e regionais). Portanto, reafirmamos a crítica de Veltz (1996, p.13):

“No se insistirá nunca demasiado sobre la Idea de que la transformación de las estrategias y organizaciones concierne tanto, e incluso más, a las grandes empresas como a las pequeñas. La oposición entre un mundo de pequeñas empresas flexibles e innovadoras, soporte principal de la territorialización de la economía, y un universo rígido de grandes empresas atrapadas en los modelos de la producción en serie, e indiferentes a los territorios, me parece radicalmente falsa.”

Observamos, nos últimos 20 anos uma invalidação da sociedade enquanto sistema social, que está em vias de substituição pela identidade, pelo lugar e pela tradição. As perspectivas localistas abandonam a existência da luta de classes, direcionando ênfase nas relações estabelecidas pelas “comunidades cívicas”. Essas concepções tem como pressuposto que o capital social poderia ser desenvolvido a partir do trabalho. Autores que defendem a literatura localista afirmam que não existe, neste novo movimento do capital, necessidade de haver propriedade sobre os meios de produção. Exemplo de que uma utopia anticapitalista apropriada pelos setores mais liberais da economia.

Nova Friburgo, assim como outros espaços torna-se incubadora para tais políticas. O município, apesar de ainda ser o maior produtor do Brasil de moda íntima do Brasil, vem perdendo espaço para outros centros, como por exemplo o polo de Fortaleza e do Agreste de Pernambuco, que tem como principal município Caruaru, esses polos vêm apresentando crescimento e grande dinamismo, porque oferecem mão-de-obra ainda mais barata que a encontrada em Nova Friburgo. Portanto demonstram capacidade de concorrência, o polo de Fortaleza só perde, em termos de produção, para o de Nova Friburgo. Fenômeno que também corrobora com a mudança das lógicas de produção industrial. Já que durante o processo de reestruturação produtiva há uma transição da economia fordista para uma mais flexível, quando as grandes indústrias vão em busca de diversos atrativos locais, tais como: mão de obra mais barata, lugares com melhor infraestrutura de circulação, proximidade de eixos de escoamento e exportação, isenção e incentivos fiscais etc. Espaço que vem

desenvolvendo atividades têxteis ligadas ao ramo da moda íntima é a região Nordeste do Brasil, mais especificamente o polo de moda da cidade de Recife:

“[...] segmentos leves e de baixa sofisticação tecnológica ou com poucas exigências de integração interindustrial têm se deslocado para região Nordeste, em função da exigência de matérias primas, trabalho barato e incentivos fiscais.” (DINIZ 2001, p.12)

As concepções localistas e o discurso do neoliberalismo se mundaniza, nos âmbitos ideológicos e nas práticas sócio espaciais. Reestrutura as formas se compreender e agir; modifica a gestão do mercado e do poder político. Influencia direto e indiretamente na concepção do público e privado, na ordenação da sociedade e na visão de mundo. As características da globalização alteram a “sociedade universal como uma sociedade civil mundial” (IANNI 1993, p.27). Há uma reconfiguração das coisas, das pessoas, do subjetivo e das ideias, enfrentamos uma generalização desterritorializadora. Nas ruas, nas fábricas e no cotidiano do município de Nova Friburgo há a materialização destes processos. O discurso de desenvolvimento local e endógeno se consolida no imaginário social da classe trabalhadora, com ele uma falsa sensação de identidade e sustentabilidade. Na prática observamos uma generalização dos discursos individualistas, ligados à concorrência e ao livre mercado.

Um dos pilares do paradigma fordista foi a crença na capacidade dos Estados Nacionais de influenciar diretamente os parâmetros do desenvolvimento econômico. Especialmente quando nos referimos às taxas de juros, empréstimos internacionais, políticas de crescimento econômico, organização e gestão territorial, estímulos às políticas públicas etc. As mudanças do paradigma de desenvolvimento trazidos pelo processo de reestruturação produtiva da indústria que redireciona as de políticas públicas ligadas ao desenvolvimento tradicional e linear para o localismo se configurariam como uma quebra de paradigma? Altvater (1999, p.109) não classifica como crise, porém rupturas de paradigmas, dentro dessas rupturas existiriam continuidades:

“[...] são acontecimentos raros da ciência social. A adulteração de hipóteses é o contrário de uma crise e de uma mudança de paradigmas. [...] No entanto, o paradigma é mais que uma metodologia. Inclui conteúdos, isto é, afirmações sistemáticas

sobre um assunto real e a vida real. Os entendimentos compartilhados facilitam a comunicação desses conteúdos dentro da “comunidade científica”. A ideia de adulteração nem sempre aparece, pois as descobertas científicas estão tão assimiladas que ninguém as coloca em questão. Consequentemente o princípio de adulteração é ele mesmo historicamente adulterado (Lakatos). Os paradigmas podem mudar porque o poder explicativo dos conceitos teóricos falha diante dos desafios históricos. De repente, eles passam a ser vistos como não convincentes, embora nenhuma hipótese produzida com base em certo paradigma teórico tenha sido adulterada. Na economia, este foi o destino do keynesianismo no início da década de 70, quando a “revolução neoliberal” (Milton Friedman) conquistou universidades, publicações científicas e populares e, por fim, o comitê de economia do Prêmio Nobel que, desde então, concedeu a maioria dos prêmios a economistas neoclássicos, com algumas exceções keynesianistas.”

Acreditamos portanto que o processo de reestruturação da forma de ação dos agentes públicos e privados gera uma ruptura. Nas ciências sociais e humanas a busca por respostas teoricamente aceitáveis e politicamente persuasivas precisavam ser apresentadas às demandas criadas pelo desenvolvimento social, econômico e político. Entretanto referir-se à uma crise de paradigma capitalista na economia ou do paradigma de desenvolvimento linear nas ciências humanas e sociais soa um exagero. Percebemos algumas transformações, principalmente quando nos referimos ao mundo do trabalho, a organização da produção e ao mercado financeiro, porém este movimento não quebra com estruturas de dominação, de poder ou de subordinação, muito pelo contrário, observamos grande concentração de capitais e renda.

Diferentes concepções e argumentos fundados por formas distintas de se enxergar o objeto (fenômeno) transformam o espaço material e imaterial. Vimos como estas visões de mundo variam conforme as mudanças de racionalização ao longo do tempo. Essas concepções reestruturam a forma como a sociedade se organiza e a forma como ela se urbaniza. Tendo em vista a ação dialética do capitalismo, entendemos o movimento recíproco em que a espacialidade é revelada, torna-se espaço socialmente construído a partir das dinâmicas de acumulação, da luta e da resistência das classes. O material torna dinâmica a existência e possibilita a reprodução dos modos de produção. Este processo se desenvolve em movimento de totalização, mas é irregular, carrega em si descontinuidades e continuidades.

O espaço é social e historicamente produzido e apropriado pela política, pela ideologia e pelo poder econômico das classes dominantes. Em sua materialização, o espaço é produto e reproduzidor das relações sociais de produção. Portanto, o desenvolvimento histórico do capitalismo é uma sucessão de espacialidades periodizadas, que é influenciado pelas relações sociais, pelo mundo do trabalho, pela valorização e desvalorização do capital, e pelas lutas políticas no interior entre as classes. É necessário estabelecer as mudanças sociais que transmutam os paradigmas positivista e criam rupturas. Mattos (2011, p.3) corrobora com nossos argumentos quando aponta a distinção entre o *taylorismo fordista* e a *acumulação flexível*; segundo ela o capitalismo fordista com base no taylorismo se caracteriza pelo:

“[...] “os princípios da administração científica”, de Frederick Winston Taylor, que um novo padrão de gestão e organização do trabalho, o “taylorismo”, passa a constituir um dos pilares do capitalismo denominado fordista. O “taylorismo” ou “administração científica do trabalho” ou “o método para aumentar a produtividade do trabalho” surgiu nos albores do século XX, período em que o conhecimento científico se tornou mais decisivo no desenvolvimento de diversas áreas da produção industrial (mecânica, elétrica, química, metalúrgica, construção naval, dentre outras). É um método que separa o trabalho manual do intelectual, fragmentando as tarefas, o que acarreta um grande crescimento da sua produtividade assim como a perda da capacidade criadora do trabalhador, tornando-o um operador de máquinas sob um controle hierárquico do seu trabalho.”

É possível extrair da citação acima, que a acumulação capitalista do período fordista, produziu novas formas de racionalização sobre o espaço, que se consolidaram por meio de instrumentos e formas institucionais de controle social e de critérios do uso social da produção. Sendo função do Estado regular a economia e resguardar o bem-estar dos “cidadãos”. Foi um período de fortalecimento das associações sindicais, da luta por direitos e por melhores condições de trabalho. Também, neste período observamos o melhoramento das instituições de ensino e saúde, assim como grande investimento em infraestrutura urbana e industrial. Sabemos que no Brasil as políticas de bem-estar-social nunca se desenvolveram de forma plena, porém em alguns espaços a atuação destes paradigmas na organização da indústria, e conseqüentemente

do trabalho estabeleceram relações sociais parecidas àquelas desenvolvidas nos países já industrializados, como no caso do município de Nova Friburgo.

O Estado assumiu o papel de grande articulador do pacto fordista, tornando-se o seu principal financiador. Com responsabilidade ativa no controle da conjuntura econômica, direciona investimentos em infraestrutura e em setores vitais para a produção e o consumo de massa, articulando mecanismos de cobertura social e de poder de intervenção direta e indireta no pacto entre o trabalho e o capital. É a construção do *american way of life*, simbolizando um modelo de desenvolvimento gerador de novos padrões de renda, consumo e qualidade de vida, uma forma de reprodução e realização social. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.109)

Naquele período o município de Nova Friburgo era caracterizado por possuir boa qualidade de vida, relacionava-se o alto padrão de desenvolvimento à industrialização, como já mencionado anteriormente, o município apresentava boas taxas de qualidade de vida, alta empregabilidade no setor das indústrias, boa infraestrutura urbana e de habitação, muitas escolas, conjuntos habitacionais e vilas operárias, podemos observar esse processo na foto em anexo, em que podemos notar a vista aérea do bairro da Vila Amélia, no distrito do Centro, ele é um bom exemplo das características da forma de produção do espaço em todo município durante o ciclo de acumulação fordista.

Percebemos, portanto, que no espaço do município haviam grandes plantas industriais fordistas desde a primeira metade do século XX. Entretanto, essas características vêm sendo alteradas, passando por um processo de reestruturação. Materialidades e subjetividades que representavam às estruturas fordistas, como as grandes fábricas, o trabalho segmentado, as linhas de produção vêm se transmutando e são substituídas por outras formas de organização e de racionalização do mundo do trabalho. A acumulação flexível nasce como uma nova forma de produção e reprodução que as empresas e pessoas devem se harmonizar, conforme as ideias mais modernas sobre o desenvolvimento, Mattos (2011, p.5) afirma:

“O paradigma tecnológico que se impôs contribuiu para alterar as relações inter e intraempresas, mudando a natureza da desverticalização produtiva que passa da busca da redução dos preços relativos de produtos para mercados de massa, para uma desintegração voltada para a produtividade por diversidade,

qualidade e rapidez, possibilitando maior participação de pequenas e médias empresas, além da linha de montagem reestruturada, na lógica da acumulação flexível. A desintegração produtiva, nesses marcos, se constituiu em estratégia de crescimento econômico baseada na transferência de setores antes verticalizados para outras empresas, criando vantagens competitivas ancoradas em procedimentos mais dinâmicos de gestão e organização, como integração por redes de comunicação, capacidade de inovação e maior agilidade frente às mudanças de mercado, além de precarizar as relações de trabalho dos “Trinta Anos de Ouro”.

O fim da rigidez estrutural fordista permite uma nova configuração espacial, mais fluida, que garantiria um alto grau de liberdade, de “flexibilização”, de reorganização da produção e circulação, instituindo novas ou atualizando “velhas” territorialidades. Essa diferente forma de racionalização sobre o espaço resulta no surgimento e na valorização de aglomerados espaciais. Estes arranjos estruturam uma nova divisão regional do trabalho, assim como os tecnopolos, os centros de inovação, os parques científicos, entre outros. Assim como geram aglomerações industriais, como observado em Nova Friburgo, as denominadas áreas-sistema ou distritos industriais. Que podem ser definidas como:

[...] constituídas por um conjunto de empresas concentradas territorialmente, com baixo volume de capital fixo, forte fragmentação do processo de trabalho e voltado para um mercado bastante diversificado. São pequenas e médias empresas fortemente integradas através de formas específicas de coordenação e de organização da produção. (SANTOS, Daniel dos. 2014, p.110)

Esses espaços produtivos são identificados como “distritos *marshallianos*” (MATTOS, 2011 p.05) que possuiriam vantagens locacionais, já que se estruturam a partir de grandes escalas de produção, decorrentes da agregação territorial de micro e pequenas empresas especializadas de produção diversificada. Essas vantagens seriam adicionadas ao fato dessas aglomerações possuírem um único mercado de trabalho local envolvido por um “espírito de iniciativa empreendedor”.

O interesse científico e das políticas públicas pelas teorias localistas, pelo “saber fazer” e pela tradição destaca-se pelas condições que favoreceriam a industrialização de pequena escala, sustentadas por estruturas baseadas em relações de familiaridade, etnicidade ou religiosidade, valem-se daquilo que

alguns autores definem como “potencialidades”. O “saber fazer” tradicional era visto como um obstáculo para a reprodução do capital fordista, já que nele não era interessante que o trabalhador tivesse o domínio de todas as etapas do processo produtivo. Já, hoje o “saber fazer”, a tradição e a cultura são apropriados pelo capitalismo e tornam-se mercadoria. A tradição do trabalho têxtil feminino em Nova Friburgo se configura como mais um agregado de valor no processo de acumulação de capital.

Essas tradições foram resistência para o desenvolvimento do capitalismo em suas estruturas mais modernas naquele período, ou seja, impedimentos para o espraiamento do capitalismo fordista, do pensamento positivo, progressista e linear. Contudo no neoliberalismo, essas características parecem constituir “vantagens” e possibilidade propulsora de desenvolvimento localizado e territorializado, direcionado ao gerenciamento local por meio de governanças e associações. Mattos (2011, p. 23) explicita como o espaço de produção de moda íntima transforma a sua lógica reprodutiva como forma de resistência para se enquadrar aos parâmetros “impostos” pela nova lógica do capitalismo global:

“O crescimento do espaço da moda íntima modificou a lógica reprodutiva local na medida em que, a tradição fabril, até então, era constituída de tempos forjados pela lógica taylorista/fordista, portanto mais longos e repetitivos, nos quais se inseria a produção, valores de uso tornados mercadorias para compor a reprodução societária. Seu acelerado crescimento, além de expressar as consequências dos antagonismos estruturais vividos pelo capital em momento de “crise”, o desemprego, decorreu, de fato, de sua própria lógica expansionista que modifica a relação do tempo de uso social.”

No movimento de transformação da ação do capitalismo no mundo os meios de produção são resumidos em capital. Em sua transmutação os meios de produção deixam de atender as necessidades da vida cotidiana da classe trabalhadora, e converter-se de novo em capital. A isso soma-se a intensificação do processo de expropriação, em um ciclo de auto reprodução ampliada. Na qual os ganhos de produtividade alteram o padrão de consumo, e também a forma como os indivíduos são empregados. O trabalho torna-se emprego. Os bens consumidos e os instrumentos pelos quais ele são produzidos também se reestruturam e flexibilizam. Mattos (2011, p.24) reafirma os mecanismos ligados a expansão da acumulação flexível:

“[...] a expansão e (des)(re)construção do capital, acelera a taxa decrescente de uso pois as mudanças intra e interempresas, com a adoção de tecnologias informacionais, a expansão de relações terceirizadas e subcontratadas proporcionam uma maior diversidade de produtos e serviços em tempos cada vez mais reduzidos e de menor custo do trabalho. Formas não tão modernas, mas bastante precárias, como o trabalho em domicílio, também fazem parte dessa racionalidade e são essas relações de produção que, majoritariamente, constituem o espaço de moda íntima do bairro de Olaria.”

Essa análise de Mattos (2011) tem como objeto empírico o bairro de Olaria no distrito sede em Nova Friburgo. Apesar de qualificarmos esse bairro como o lugar da cidade em que essas características mais se manifestam, isso não significa que os processos decorrentes da reestruturação produtiva não possam ser generalizados para outros espaços, dentro e fora do município em regiões rurais e urbanas. Inclusive podemos visualizar formas de organização produtiva domésticas da moda íntima em diversos bairros do município como por exemplo em Conselheiro Paulino, em localidades do centro de Nova Friburgo, no Córrego d'Antas e até mesmo em distritos predominantemente rurais.

Em visita a uma pequena facção doméstica no bairro do Cordoeira podemos observar as casas, os estoques, o cotidiano, a produção e o processo de trabalho. A indústria se localiza em uma garagem de uma casa em uma pequena viela que tem acesso a uma escada, é uma região demograficamente muito populosa, existem dezenas de casas no seu entorno, as casas são construções domésticas, feita pelos próprios trabalhadores nos finais de semana ou feirados. Os estoques de matéria prima era muito precários, literalmente sacos de lixo grandes e pretos no chão já com as peças cortadas para montagem, os produtos prontos era ensacados em embalagens e colocados em outro grande saco preto, que quando chegava a um certo número era fechado. O processo de trabalho se limitava a montagem, eram apenas três máquinas de costura, duas trabalhadoras membros da família e uma contratada, a micro empresa realiza apenas a montagem e era terceirizada de outra confecção. O cotidiano ali era difícil e complexo, ao processo produtivo se somavam os cuidados da casa e dos filhos, que são quatro. Nos intervalos da costura a mãe precisava alimentar as crianças, levar elas à escola, limpar a casa, fazer comida etc.

O conjunto das “empresas”, lojas e confecções, trabalham com uma grande diversidade de peças que se diferenciam nos detalhes, na qualidade, corroborando a desigualdade existente no interior do próprio ramo da moda íntima, já que algumas médias empresas terceirizam parte do processo produtivo para micro ou pequenas fábricas, que muitas vezes, se quer possuem o varejo, assim como a fábrica que visitamos. E ao mesmo tempo as empresas varejistas terceirizam parte ou até mesmo toda a sua produção para médias e pequenas confecções. Portanto existem relações de poder e desigualdades estruturadas no interior da cadeia produtiva. Grandes multimarcas, lojas no município do Rio de Janeiro e até mesmo de São Paulo vem a Nova Friburgo, compram parte da produção e muitas vezes colocam a sua etiqueta, mesmo não tendo produzido absolutamente nada, esse processo foi até mesmo observado em escala internacional, quando tive a oportunidade de trabalhar junto à FIRJAN realizando relatório de exportação, foi observado que uma loja de roupas de ginástica, situada em Boston/EUA comprava os produtos no município de Nova Friburgo e colocava sua própria etiqueta.

Vemos dividindo os mesmos espaços de venda lojas sofisticadas e lojas populares. A característica fragmentada do processo de produção no município e na região se inicia pela aprendizagem e pela habilidade do trabalho que é majoritariamente feminino. Trabalhadoras constituíram suas vidas tradicionalmente tecendo a história fabril do lugar. Hoje essas características são apropriadas e aproveitadas pelos inúmeros capitalistas varejistas, que possuem como objetivo o aumento da mais-valia e a ampliação do lucro e da expropriação. Grandes empresas varejistas como Leader Magazine e Marisa são grandes compradoras da moda íntima do APL de Nova Friburgo. Até mesmo lojas do bairro de Bom Retiro em São Paulo vem ao município, compram seus produtos e colocam etiquetas de suas marcas.

O espaço da indústria de moda íntima no APL de Nova Friburgo tem como principal característica as relações de trabalho predominantemente feminino e intensivo. Esta intensificação da expropriação pode ser percebida por meio do prolongamento da jornada, da participação de outros membros da família (considerando que um significativo percentual da produção é doméstica e familiar) e com remuneração muito baixa. Essa produção tem em seu cerne uma grande participação dos circuitos inferiores da economia. Já que a muitos

burgueses varejistas terceirizam a produção, e muitas trabalhadoras atuam na informalidade. Se estabelece em uma multiplicidade de espaços, seja de representações racionais do percebido, ou oculto, envolvido pelo vivido, pela morada e pelo domicílio. Por fim, Mattos (2011, p.28) conclui que:

“O bairro de Olaria é um espaço apropriado pelo uso, pelo cotidiano, pelo imaginário, mas, também, pela produção da mercadoria que lhe impõe uma divisão do trabalho que ora se reproduz nas representações da racionalidade, ora se acoberta no uso, tornando-o um território híbrido, múltiplo, apropriado tanto pelas forças do oculto, do ilegal uso do produtor de mercadorias, como pelo capital que se representa na estrutura, nas lojas-fábrica, nos símbolos, nas imagens de um uso íntimo que virou moda.”

Neste movimento o capitalismo vem se reproduzindo e aperfeiçoando seus instrumentos de manutenção, de modo que consegue mobilizar as heterogeneidades e diversidades (forças sociais, históricas, culturas e geografias); antes consideradas dispersas e barreira para a sua reprodução, mas que hoje o capitalismo e seus agente atribuem coerência. O sistema de produção capitalista apurou sua capacidade transescalar de ação, pois consegue se articular nas escalas nacional, regional e local para seu próprio propósito, ganho rápido, sem constrangimento. Portanto as ações políticas devem ser mais rápidas, eficazes, potentes e sistemáticas. Devem ser empreendidas concomitantemente em várias direções escalares.

Em última instância a falha mais grave da literatura sobre o desenvolvimento local e regional é a negligência da questão fundamental da hegemonia do poder político. Outra crítica se refere à incapacidade desses cientistas em reconhecer as diversas escalas de atuação, dos sujeitos e de políticas públicas.

O neoliberalismo no senso comum é entendido como uma teoria econômica, no entanto pretendemos abarca-lo de forma crítica e ir além desta visão. Entendemos aqui o neoliberalismo também como um discurso hegemônico de modelo civilizatório, como uma síntese dos pressupostos e valores da sociedade liberal e moderna. Relaciona-se ao humano, ao cotidiano, à riqueza, à natureza, à história, ao processo, ao conhecimento. A expansão do paradigmas de desenvolvimento local e regional no Brasil e no mundo é reflexo

da expansão das políticas neoliberais na contemporaneidade. Nova Friburgo torna-se um protótipo, uma experiência da expansão desses pressupostos. Tal construção tem como pressuposição básica o caráter universal da experiência europeia. Na seguinte citação vemos argumentos que corroboram essas concepções:

“Trata-se de duas dimensões de origens históricas distintas, que só adquirem a sua atual potência neutralizadora pela via da sua estreita imbricação. A primeira refere-se a sucessivas separações ou *participações* do mundo “real” que se são historicamente na sociedade ocidental e as formas como se vai construindo o conhecimento sobre as bases desse processo de sucessivas separações. A segunda dimensão é a forma como se articulam os saberes modernos com a organização do poder, especialmente as relações *coloniais/imperiais de poder* constitutivas do mundo moderno. Essas duas dimensões servem de sustento sólido a uma construção discursiva neutralizadora das ciências sociais e dos saberes sociais modernos.” (LANDER, 2000, p.23)

Ao se construir a noção de universalidade das experiências e a falsa visão de que elas poderiam se consolidar em outros espaços, não levando em consideração suas particularidades se parte de um pressuposto falho. Acredita-se falsamente que a experiência particular da história europeia se realiza na totalidade do tempo - espaço, na experiência humana do ponto de vista dessa particularidade, institui-se uma universalidade altamente excludente. Esta forma de racionalização sobre o espaço constituiu a ação pela qual se deu a urbanização de países periféricos e colonizados, como o caso do Brasil. As formas, a urbanização e as materialidades que aqui foram construídas são espelhadas nos modelos e arquétipos civilizatórios europeus. Entretanto o processo de urbanização e suas materialidades não são os únicos a sofrer com esta influência, as práticas espaciais, os modos de vida e as subjetividades também são reproduzidas. As concepções universalistas são encontradas tanto na filosofia, quanto na história. Hegel já afirmava esse movimento sistemático de exclusões. Para o filósofo, a história universal das sociedades é o espírito universal do homem. Contudo, deste espírito universal não participam todos os povos.

“Já que a história é a figura do espírito em forma de acontecer, da realidade natural imediata, então os momentos do desenvolvimento são existentes como princípios naturais imediatos, e estes, porque são naturais, são como uma pluralidade fora de outra e, ademais, de modo em tal que um povo corresponde a um deles, é sua experiência geográfica e antropológica” (Hegel, 1976, p.334).

Em função do crescimento quantitativo da produção industrial há um fenômeno qualitativo que representa uma nova problemática: a problemática urbana. O urbano neste sentido é espaço em que se apreende e que se explora em medida que ele é construído. O município de Nova Friburgo, e toda a região do Arranjo Produtivo Local elucida o processo de produção/reprodução da sociedade urbana, uma vez que se encontra em um movimento perpétuo de transmutação. A sociedade urbana é nasce da industrialização e da expansão das concepções de modernidade e do capitalismo. Técnicas, materialidades e subjetividades se acumulam ao longo tempo, cada período de acumulação cria uma paisagem diferenciada. Os fatores naturais somam-se ao acúmulo de tempos (materialidades e formas) resultando em diferentes paisagens. Nova Friburgo é a expressão de dois tempos e racionalidades. Um primeiro momento resultante das estruturas e paradigmas impostas pelo capitalismo fordista e um segundo relacionado ao caráter neoliberal do capitalismo contemporâneo. Esse novo paradigma se vincula à uma nova racionalidade de flexibilização da produção e do trabalho. Este movimento compõe o processo que estamos tentando compreender na tese, o movimento do processo de reestruturação produtiva do espaço urbano do município de Nova Friburgo.

Conclui-se, portanto, que o município de Nova Friburgo se configurou no passado e se configura hoje a partir de duas principais lógicas de reprodução, uma ligada ao capitalismo fordista e outra ligada à acumulação flexível, cada uma delas estabeleceu sua racionalidade, produzindo formas, condicionando modos de vida, materialidades, imaterialidades, subjetividades etc. No movimento de reestruturação produtiva existem continuidades e descontinuidades, se transformam as relações de trabalho e as relações de produção, ocorrendo uma flexibilização e uma fragmentação. Porém também existem continuidades, não há uma quebra das estruturas de poder, nem da lógica de acumulação, pelo contrário, há uma intensificação dessas relações. No

próximo capítulo temos como objetivo a análise do processo de reestruturação produtiva do município de Nova Friburgo, tendo como foco central as transformações trazidas pelas políticas públicas de desenvolvimento local e como elas afetam diretamente a organização do mundo do trabalho.

CAPÍTULO 2

2. Políticas públicas e as Transformações no mundo do Trabalho no Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo.

Temos como principal objetivo nesse capítulo a análise do discurso ideológico que sustenta as concepções de desenvolvimento local. Para isso consideraremos o papel do Estado e das agências de desenvolvimento no processo de consolidação do APL de moda íntima do município de Nova Friburgo. Desejamos entender as relações de poder que estruturam e fundamentam tais argumentos, ou seja, o âmbito das representações do espaço (LEFEBVRE, 1973).

Para alcançar tais objetivos no item 2.1 analisamos o âmbito das políticas públicas de desenvolvimento local, que têm como característica uma participação menos marcante dos elementos da escala nacional e até mesmo regional como essenciais ao desenvolvimento, pois os lugares teriam naturalmente a capacidade de associação direta com a escala global. Constituindo a esfera global o campo ou arena prioritária para a ação política pública, deixando as escalas intermediárias com pouco ou nenhuma importância nesta dinâmica. A partir da pesquisa sobre as políticas públicas em escala local, sustentamos nesse capítulo a Tese de que há uma participação menos importante de pesquisas em escala regional e nacional no planejamento do APL de Nova Friburgo. Identificamos neste item os discursos das instituições públicas e privadas que sustentam a nova racionalidade de ação e territorialização do capital neoliberal a partir do desenvolvimento local e da acumulação flexível. Portanto, analisamos os discursos institucionais que sustentam o APL a partir de documentos do (SEBRAE, 2003) e (MSIC, 2004).

Esse processo possui um caráter de cunho político e ideológico, um novo modelo de colonialismo e uma conseqüente precarização das relações de trabalho. Nesse movimento, vende-se uma proposta de cidadania global, que na prática flexibiliza as relações de trabalho, intensificando a expropriação do capital, no objetivo de aumentar a mais-valia capitalista. O processo de transformação da totalidade no neoliberalismo está relacionado às formas atuais de dominação, que culmina em uma reestruturação das relações de trabalho e uma conseqüente flexibilização, ainda que se mantenha, se revolucione e se intensifique a dominação do capital. Por isso, no item 2.2 analisaremos como as

políticas públicas transformam à lógica de territorialização do capital capitalista e a dimensão do trabalho, estimulado pelas instituições de desenvolvimento como o SENAI, SEBRAE e FIRJAN (MATTOS, 2011). O disciplinamento do trabalhador na estrutura fordista entra em depressão por não conseguir sucesso nas arenas do capital. Para entender a crítica ao neoliberalismo nos recorreremos à bibliografia de Furtado (1969). Também torna-se importante ressaltar a dimensão territorial no processo de consolidação do APL em Nova Friburgo e sua relação com as políticas públicas e as ações privadas de desenvolvimento, para alcançar tais objetivos recorreremos a Mattos (2011) e Lefebvre (1991). Neste item faremos um debate a partir da territorialização e urbanização do capital na contemporaneidade. Portanto, começamos a desenhar as mudanças nas funções e formas (LEFEBVRE, 1973) e as relações entre continuidade e descontinuidades, flexibilização do capital e do trabalho e a relação desigual da territorialização do capital (HAESBART, 2002).

Já no item 2.3 analisamos os discursos que mantêm e reproduzem esta lógica, as relações entre o Estado e as políticas públicas de desenvolvimento local, entendendo o papel do neoliberalismo, a diminuição dos gastos públicos e a transferência das empresas dos setores públicos para o privado. Para entender o processo de reestruturação das formas de acumulação de capital e o advento do desenvolvimento de concepções localistas nas ciências sociais e nas políticas públicas realizamos uma análise bibliográfica de Dardot e Laval (2016) e Harvey (2007).

Esse processo de reestruturação da territorialização do capital tem um importante fator na manutenção das relações de classe, mantendo os trabalhadores alienados de sua exploração, trazendo a falsa sensação de empoderamento e liberdade de negociação, porém na prática estas relações são contraditórias. Primeiro analisaremos as políticas públicas de desenvolvimento local, como elas foram instituídas e incorporadas pelo mercado e estimuladas pelo Estado e por agentes privados de desenvolvimento. Depois, analisaremos como essas políticas transformam a vida cotidiana da classe trabalhadora, entendendo as estratégias do neoliberalismo, o conjunto de discursos, práticas e dispositivos de poder visando a manutenção das relações de classe no objetivo do aumento do lucro capitalista a partir da flexibilização e da intensificação da expropriação do trabalho (DARDOT e LAVAL, 2016).

Observamos na expansão da dimensão localista a intenção de se estabelecer um discurso e uma prática neoliberal, por parte do Estado e dos agentes privados de desenvolvimento, que na prática resulta em uma precarização do trabalho. Porém é na escala local que podemos ver a manifestação desse processo, revelando a precarização na vida cotidiana da classe trabalhadora. O neoliberalismo configura-se como uma dinâmica da totalidade. Esse processo se manifesta de forma diferente em cada lugar, tendo em vista suas especificidades. Logo há uma territorialização do capital composta por um mosaico de territorialidades e urbanização, que nossa pesquisa tem como objetivo entender no município de Nova Friburgo.

2.1 A indústria da Moda Íntima, as Políticas Públicas no Arranjo Produtivo Local no município de Nova Friburgo.

Primeiro neste capítulo analisaremos o domínio institucional. Agente do Estado que se manifesta no âmbito das representações do espaço e do espaço concebido é a instituição SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), o discurso ideológico que a instituição sustenta e transmite para a esfera local produz contradições, essas contradições se manifestam na vida cotidiana e na flexibilização das relações de trabalho. O desenvolvimento local é definido pelo SEBRAE, órgão principal na criação e estruturação dos Arranjos Produtivos Locais – APL como estratégia de desenvolvimento urbano no Brasil. As definições das APL's pelas políticas públicas é de extrema importância para o entendimento da dinâmica de transformação do espaço urbano no município, já que este movimento altera a organização do espaço e a produção das relações de reprodução. Em seu Termo de Referência de 2003 é citado que:

É exatamente a destacada presença de atores no território e a capacidade explícita ou tácita de atuarem em um mesmo setor produtivo, a chave para a construção de um desenho territorial que se traduza, efetivamente, numa unidade de desenvolvimento, pois revela seu protagonismo local. São esses sujeitos que instituem o território como uma unidade de desenvolvimento. Ninguém melhor do que eles para reconhecer e valorizar os ativos locais, quer dizer, identificar as potencialidades, vocações, oportunidades e vantagens comparativas e competitivas. Essa dinâmica constituinte do

território é a afirmação do local, como uma resposta à exclusão, integrando-se de maneira não subordinada e articulada às políticas macroeconômicas de um mundo globalizado (SEBRAE, 2003 p.7).

Tendo em vista o Termo do SEBRAE, referentes aos Arranjos Produtivos Locais, percebe-se uma preocupação quanto a diferenciação entre os conceitos de desenvolvimento e crescimento. O SEBRAE é no âmbito municipal um dos principais agentes de estímulo ao desenvolvimento local e a construção de arranjos industriais, estimulando políticas públicas, capacitando a classe trabalhadora e organizando feiras de venda em escala nacional e também internacional. O Termo também apresenta uma visão de desenvolvimento que o diferencia:

É preciso ir além, evitando reeditar modelos do passado, nos quais o desenvolvimento se reduziu ao crescimento da acumulação e concentração do capital – em detrimento do bem-estar do conjunto da população, do equilíbrio das contas externas, do poder de compra da moeda, do meio ambiente e da própria democracia. Não adianta, pois investir no desenvolvimento de iniciativas empresariais sem levar em conta outros pressupostos do desenvolvimento... (SEBRAE, 2003 p.10)

O modelo de Arranjo Produtivo Local é a principal política pública estabelecida pelo Governo Federal nos últimos 20 anos para o município, em relação as políticas de desenvolvimento industrial. Arquétipo baseado nas experiências do Norte da Itália, os Sistemas Industriais locais, ou SIL's. A análise crítica do modelo de desenvolvimento local tem em vista a análise da dinâmica espacial a partir da reestruturação da produção e reprodução da indústria e do espaço urbano no município de Nova Friburgo, esta possibilidade, nos ajuda no entendimento da realidade e dos processos, revelando as estruturas de poder e a complexidade da vida cotidiana. As transformações no âmbito do concebido, influenciam diretamente as dimensões do vivido e percebido, principalmente quando entramos na dimensão do mundo do trabalho.

Imagem 19



Fonte: Reportagem do G1. Disponível em > <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/fevest-em-nova-friburgo-rj-recebeu-19-mil-pessoas-e-fechou-r-54-milhoes-em-negocios.ghtml>

Podemos ver na foto acima a feira FEVEST, promovida pela FIRJAN em parceria com outras entidades, que é a mais importante feira brasileira do setor de moda íntima, praia, fitness e matéria-prima têxtil. É também o principal evento de negócios de Nova Friburgo, o maior polo fabricante de moda íntima em todo o Brasil. A feira é voltada para empresários, compradores, fornecedores e entidades ligadas à cadeia têxtil, movimentando grande capital. A feira recebeu 19 mil pessoas e movimentou R\$ 54 milhões em negócios, em 2016. Segundo balanço publicado pelo Sindvest o evento recebeu empresários de 9 países, 24 estados e 120 cidades.²³

Como demonstrado no capítulo anterior, com a saída de parte dos capitais das grandes indústrias têxteis do município e o consequente desemprego estrutural, vemos uma estratégia do Estado e de agências privadas de introduzir novas concepções de reorganização da lógica da produção e do trabalho. Agências como o SEBRAE em Nova Friburgo estimulam a abertura de micro e pequenas empresas, como forma de redirecionar os trabalhadores desempregados. No bojo desse processo estão algumas contradições. Apesar de redirecionar a massa desempregada do proletariado, nele se intensificam a expropriação do capital. A flexibilização total das relações de trabalho não

²³ Dados retirados de reportagem do G1 disponível em > <https://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/fevest-em-nova-friburgo-rj-recebeu-19-mil-pessoas-e-fechou-r-54-milhoes-em-negocios.ghtml>

seguiram o roteiro do planejamento. A entrada de novas concepções para se gerar desenvolvimento vinha na necessidade de superar a forma como compreenderam a territorialidade em crise sobre a qual agiam. E, portanto, há uma transformação da territorialização fordista para a neoliberal e uma consequente reorganização das formas (como vimos no capítulo anterior) e das práticas cotidianas (como estamos analisando neste capítulo).

“As transformações em curso nas sociedades capitalistas, são interpretadas por diversos autores como expressão de uma crise estrutural do capital e dos mecanismos engendrados na tentativa de sua superação” (JINKINGS, 2002, p.99).

Percebe-se, portanto significativas mudanças culturais, na gestão do trabalho e das políticas públicas, assim como na organização do espaço urbano, e novas formas de organização espacial, os Arranjos Produtivos Locais. As bases políticas e econômicas do mundo atual têm permitido uma revolução nas formas de circulação, monetária e de mercadorias, criando novos modelos de acumulação e subordinação. Para os defensores das teorias de desenvolvimento local a desregulação, facilitaria os fluxos de capital além das fronteiras nacionais e, com eles, imporiam novas mudanças no espaço e na sua forma de organização e produção. A concessão a essas políticas globais não se criam ilusoriamente, elas possuem um enraizamento dos capitais. Porém, na prática, a instabilidade territorial desses capitais só faz aumentar.

Nesse processo há uma transformação da vida cotidiana, manifestada nas contradições entre o concebido e o vivido, mediados pelo percebido. Se transformam as formas de organização no mundo do trabalho e na vida cotidiana, o trabalho doméstico, altamente flexibilizado, caracterizado por grande terceirização da produção torna-se padrão. A vida privada e o trabalho se misturam, se confundem no dia-a-dia. Não há mais uma divisão clara entre as formas industriais e de habitação, a produção se camufla nas residências transformando a escala do vivido.

“Essa relativa superioridade técnica e política do subsistema financeiro resulta em um comando não apenas sobre a economia, mas também sobre as outras instâncias da sociedade, incluindo certamente o território.” (SANTOS E SILVEIRA, 2008, p. 29).

A criação de clusters de empresas nos últimos anos tem sido relevante na organização da economia, principalmente a partir de micro e pequenas empresas, como forma de gerar empregos e renda e de desenvolver espaços ou regiões. As origens das ditas vantagens de uma concentração econômica dentro de um distrito são discutidas desde Marshall em fins do século XIX, com a publicação de *Principles of Economics*. No Brasil, foi adotada a denominação de Arranjos Produtivos Locais – APLs para definir estes agrupamentos.

Portanto, entende-se como APL o agrupamento de empresas que atuam numa atividade principal comum, dentro de um mesmo território, espaço ou região. As empresas que o compõem compartilham iniciativas e interagem, mantendo, entretanto, a competição no negócio final. Na teoria os APL estimulam a cooperação entre as empresas, ou seja, a competição, de modo a diminuir custos, obter ganhos de escala em processos unificados de compras, criação de identidade coletiva, cooperação tecnológica e financeira, entre outros aspectos. Como resultado, os APL teriam como objetivo o crescimento e desenvolvimento econômico e social das regiões em que estão instalados. A criação desses arranjos é uma das intervenções mais importantes e ambiciosas na região pelo alcance e recursos.

Atualmente o Sebrae e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC são os grandes indutores e organizadores da formação e aparelhamento de APL no Brasil, tendo, inclusive, mapeado centenas deles em diversas regiões em todo Brasil. Estes são os principais agentes vinculados ao Estado, entrando no plano do concebido e do planejamento, que estruturam políticas públicas para o desenvolvimento local. O SEBRAE (2003 p.12) define APL como:

[...] “aglomerações de empresas, localizadas num mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.” (SEBRAE, 2003, p.12)

Podemos identificar outra definição oficial do termo segundo ao MDIC entende que um APL se caracteriza por

“[...] um número significativo de empreendimentos e de indivíduos que atuam em torno de uma atividade produtiva predominante, e que compartilhem formas percebidas de cooperação e algum mecanismo de governança, e pode incluir pequenas, médias e grandes empresas.” (MDIC, 2004, p. 05)

Com os avanços da internacionalização das economias, e juntamente com o processo de reestruturação produtiva das indústrias, a formação de APL tem sido incentivada por governos, agentes de fomento ao desenvolvimento e organizações empresariais, como forma e alternativa de mão única de aumentar a competitividade e garantir o desenvolvimento local. Teoricamente a possibilidade de incorporar à economia micro e pequenas empresas fortaleceria a geração de empregos, e também desenvolveria regiões diversificadas no país.

Portanto o Arranjo Produtivo Local constituiria uma das denominações atribuídas a aglomerações de empresas produtivas, de um mesmo setor econômico, que compartilham um território ou espaço geográfico comum. Então, Cluster, distrito industrial e arranjos inovativos são diferentes denominações para um mesmo conceito. De acordo com o site do MDIC, em 2005 foram identificados 957 arranjos no país atendendo a diversos setores econômicos. O foco é numa atuação competitiva e sustentada, nos aspectos econômicos, tecnológico, social e ambiental.²⁴ O Governo vem estimulando a formação e apoiando a produção e comercialização de APL por todo país, também por meio da Agência Promotora de Exportações – APEX, tendo em vista a potencialidade que esses produtos possuiriam para o mercado internacional. Vale lembrar que hoje, o polo de moda íntima de Nova Friburgo e região é considerado pelos órgãos de fomento ao desenvolvimento como o maior e mais dinâmico do país no ramo em que atua. A atividade industrial de confecção gera um faturamento anual de cerca de R\$ 600 milhões, 900 empresas e aproximadamente 20 mil postos de trabalho.²⁵

Nova Friburgo torna-se a materialização desse processo, pois a partir da análise de agentes públicos e privados de desenvolvimento, assim como a FIRJAN e o SEBRAE, o município e sua região de influência apresentariam condições básicas para o sucesso desse APL. Já que o arranjo possuiria alguns ativos intangíveis, ou seja, informação, conhecimento, relacionamentos,

²⁴ www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=2&menu=1507, acessado em 16/08/2019.

²⁵ <http://www.bb.com.br/appbb/portal/emp/mpe/apl/APLNovaFriburgo.jsp>

competências, dentre outros, bem como capacidade para sua aplicação na formação do cooperativismo, do capital social, de uma cultura empreendedora e na construção do denominado capital humano. Tais ativos seriam mobilizados e integrados por meio de uma governança que articularia e orientaria as iniciativas coletivas. Porém, na prática, observamos que essas condições não estavam plenamente desenvolvidas, principalmente quando nos referimos ao desenvolvimento tecnológico e na cooperação. Observamos a partir dos relatos e conversas com os trabalhadores que a cultura empreendedora e autônoma estava mais estabelecida e desenvolvida do que as iniciativas coletivas. Não há no arranjo cooperação entre as partes ou entre seus agentes. Também observamos que o estímulo ao desenvolvimento de tecnologias vem mais das agências públicas ao desenvolvimento, como o SEBRAE, do que por iniciativa das empresas.

O entendimento de tais proposições como válidas e necessárias para a promoção do desenvolvimento como meio e não um fim em si mesmo, requer que se avalie em que medida a disseminação de APL no país está efetivamente promovendo o aumento das liberdades substantivas para os indivíduos e a sociedade dessas regiões, será que este discurso não passa de uma retórica ideológica para promover o desenvolvimento único ligado à racionalidade neoliberal? Ora, na prática este processo se manifesta de forma contraditória, se parte do pressuposto que o indivíduo, o micro ou pequeno empreendedor teria a capacidade inata de associação em escala local-global. Porém as relações de trabalho, de cooperação tecnológica ou de inovação continuam muito precárias, indicando a baixa dinamização do polo. Esse baixo e precário desenvolvimento tecnológico atinge, principalmente, as micro e pequenas empresas e afeta, conseqüentemente, a dimensão do vivido e a estrutura familiar, uma vez que a baixa tecnologia ou a falta de infraestrutura nessas empresas influencia diretamente a produtividade e a qualidade do trabalho. As empresas doméstica tem baixíssimo ou nenhuma inovação tecnológica e técnica, quando encontrada, elas são observadas geralmente a partir de inovação nos materiais, como o uso de tecidos verdes ou sustentáveis, a inovação técnica na produção, no desenvolvimento de peças e no conforto são pouco ou nunca encontrados.

Essas políticas públicas de desenvolvimento social desvinculado do crescimento econômico vêm de um conjunto de literatura fundado em

argumentos como de Furtado, o autor também explicita a importância de um projeto de desenvolvimento coletivo (1969, p.19):

“[...] o desenvolvimento não é uma simples questão de aumento de oferta de bens ou de acumulação de capital, possui ele um sentido, é um conjunto de respostas a um projeto de autotransformação de uma coletividade humana. Mesmo quando se trata de um fenômeno induzido, isto é quando o fator dinâmico primário vem do exterior, o sentido do desenvolvimento decorrerá o projeto de autotransformação que se crie na coletividade, ou nos grupos que nela exerçam uma atividade política. O fator dinâmico externo não será jamais condição suficiente para o desenvolvimento.” (FURTADO, Celso. 1969, p.19)

A linha investigativa de Celso Furtado se vincula à perspectiva de que o desenvolvimento de uma sociedade mais justa está associado à ação política econômica consciente. As finalidades das políticas estabelecidas pelo autor teriam como objetivo o desenvolvimento ético do crescimento econômico, se voltando às ideias de que o desenvolvimento está vinculado às melhorias da qualidade de vida da população e não somente às questões qualitativas. Furtado contribuiu para o desenvolvimento de teorias que se vinculavam às reformas políticas como instrumento de superação do subdesenvolvimento. Lançou portanto, bases para o crescimento econômico fundado na igualdade social. A análise do projeto econômico social de Furtado, considera sua perspectiva sobre um desenvolvimento econômico distinto do crescimento. Para o autor, a preocupação com os problemas sociais exigia tanta atenção quanto os econômicos, as desigualdades internas de um país só seriam superadas a partir da identificação das dificuldades sociais existentes nele. Portanto era essencial a elaboração de um projeto nacional que definissem os planos de ação para alcançar os resultados desejados para toda nação, partindo do social, para possibilitar a construção do nacional desenvolvimentismo.

As concepções de desenvolvimento localista resgatam alguns paradigmas fundamentados por Furtado quando se refere à importância da construção de um desenvolvimento estabelecido em um projeto de autotransformação que se crie na coletividade, ou nos grupos que nela exerçam uma atividade política, como mostrado na citação. Porém, na prática não acreditamos que o paradigma de crescimento econômico tenha sido quebrado,

como na perspectiva objetivada pelo autor. Essas concepções localistas não dissolvem com a perspectiva de crescimento econômico, muito pelo contrário, elas reforçam essas estruturas.

Tendo em vista a tríade de Henri Lefebvre espaço concebido, espaço vivido e espaço percebido, as políticas de desenvolvimento local, se relacionam dialeticamente com o âmbito do Estado e de agentes privados de desenvolvimento, com maior intensidade no domínio das representações do espaço. Representações do espaço, ou seja, o espaço concebido é aquele dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas fragmentadores, engenheiros sociais e até o de certo tipo de artistas próximos da cientificidade, todos os quais identificam o vivido e o percebido ao “concebido” (LEFEBVRE, 2013, p. 97). O autor afirma que é este o espaço “dominante em qualquer sociedade:

“O espaço concebido é símbolo que carece de perceptos, que busca se incorporar às estruturas cognitivas sem a legitimação das práticas espaciais cotidianas, influenciando, porém, diretamente nos espaços de representação” (SERPA, 2005, p. 222).

Na medida em que as representações do espaço influem nos espaços de representação se torna importante a necessidade de interação entre as três categorias espaciais. O espaço concebido é um ato do planejamento; essa ação do pensamento é também produtora, organizadora e construtora. Essa construção se dá a partir do concreto. O espaço é concebido tanto em sua dimensão mais palpável quanto no conjunto de signos que forma o espaço simbólico. Dessa maneira, as duas categorizações, o percebido e o concebido se relacionam dialeticamente:

“[...] Para os homens do Estado, o nível do Estado é, evidentemente, decisivo. Com efeito, esse é o nível das decisões, pelo menos no nível burocrático. Essas pessoas têm uma forte tendência, isto é, uma tendência apoiada na força, a conceber os demais níveis e dimensões do fenômeno em relação ao seu saber (representações) e ao seu poder (vontade). É nesse nível que a prática industrial da empresa torna-se ideologia (representação) e vontade (redução). O Estado e as pessoas do Estado são, assim, redutoras por essência, e, não raro, têm posição ofensiva.” (LEFEBVRE, 2008, p.84)

As transformações ocorridas a partir do processo de reestruturação produtiva da indústria possibilitaram o surgimento de um novo padrão organizacional e de técnicas de gestão informacionais, que permitiram o desenvolvimento de uma estrutura mais “flexível”, através de processos de externalização de etapas do processo produtivo e de deslocamento de unidades para espaços com vantagens locacionais mais “competitivas”. Entretanto, a presença do trabalho polivalente, qualificado, multifuncional, combinado com uma estrutura produtiva mais horizontalizada e flexibilizada, possibilitaram a quebra da rígida estrutura verticalizada taylorista/fordista, do trabalho rotineiro e massificado. Essas mudanças que têm afetado o “chão da fábrica” são consequências de fatores históricos e geográficos e não, apenas, de novos métodos organizacionais e tecnológicos. Já que as mudanças ocorridas não eliminaram elementos fundamentais de continuidade com o padrão produtivo anterior, como um maior controle na gestão e nos fluxos produtivos, assim como os elementos de descontinuidade asseguram os pilares fundamentais e o caráter essencialmente capitalista e exploratório do sistema metabólico e da reprodução das relações de produção.

No cenário brasileiro e internacional, é cada vez maior a preocupação com aspectos econômicos e sociais, com uma economia em constante mudança, novos modelos de gestão e produção baseados na gestão empresarial e na participação popular são sempre criados, visando incluir cada vez mais trabalhadores no mercado de trabalho. Tais modelos possuem como características o cooperativismo e o associativismo como geradores do desenvolvimento local de um território, canalizando a coletividade de cada região para o crescimento econômico. As definições de Sistemas Industriais Locais são muitas, de acordo com Lastres & Cassiolatto (2004), Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – SPILs – designam:

[...] “aglomerados de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas e que apresentam vínculos expressivos de interação, cooperação e aprendizagem”. (LATRES e CASSIOLATTO, 2004, p.16)

Em primeiro lugar, é importante citar o fato de que em quase todos os arranjos produtivos na Europa, sua criação e desenvolvimento se deu de forma

relativamente autônoma, com bases nas vantagens territoriais de cada arranjo, através de um número de empresas ou indústrias, o que permitiu o surgimento de estruturas produtivas com certo grau de especialização. A maioria deste processo não se originou através de políticas de incentivo público, e a especialização dessas regiões, nos territórios se consolidou antes da participação dos agentes públicos e privados, ponto de vista sustentado pelo autores (LATRES e CASSIOLATTO, 2004).

Já no caso brasileiro os arranjos que se desenvolveram de forma menos autônoma, apesar das aglomerações industriais já existirem elas não possuíam muito dinamismo produtivo ou econômico, dessa maneira os arranjos produtivos brasileiros foram se consolidando nas décadas de 70 e 80, durante o declínio do modelo fordista e com a crise fiscal brasileira, que acabou com muitos dos empregos formais. Em consequência, e na falta de empregos, essas pessoas se reuniram na tentativa de criar pequenas unidades de produção, na sua maioria familiar e doméstica, se concentrando em pequenas faixas territoriais, com pequeno agrupamento setorial, usando o entorno como oportunidade de mercado, crescimento e dinamização. Mesmo com todo o cenário adverso, tais agrupamentos geraram grandes estruturas, com canais de distribuição próprios e diversos, conquistaram importante parte de mercado e o mais importante, conseguiram manter um alto nível de flexibilidade em relação ao trabalho, o que diminuiu altamente os custos produtivos. Com todas essas circunstâncias controversas, conseguiram se consolidar em estruturas adaptativas e resistentes, principalmente devido ao capital produtivo: a intensificação da exploração do trabalho.

Os APL's se mantiveram uma organização produtiva em desenvolvimento, uma vez que possuem estruturas mais dinâmicas, similares às concorrentes internacionais, com alta exploração do trabalho, como os países asiáticos, com uma rede de comercialização já definidas, possuindo um crédito a baixo custo e um baixo custo de mão-de-obra, puderam concorrer de igual para igual com os novos concorrentes do mercado internacional.

Como já mencionado, tem-se que a maior parte dos meios para o desenvolvimento dos APLs no Brasil está concentrado nas instituições públicas e privadas. Temos como agentes de promoção ao desenvolvimento local o Ministério do Desenvolvimento e Ciência e Tecnologia, sendo os principais

agentes públicos o SENAI, SEBRAE, SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), como autônomos e, além disso, muitas consultorias privadas, que possuem a intenção da geração da competitividade. O objetivo é construir um amplo sistema que distribua as competências técnicas, junto com uma gestão de planejamento eficaz que tenha como meta a otimização dos recursos públicos, administração dos mesmos e a intensificação da cooperação e desenvolvimento tecnológico entre as empresas.

O desenvolvimento de um Arranjo Produtivo Local está focado no sistema de estímulo a iniciativa privada, que vai desde o empreendedorismo individual e coletivo até o compartilhamento de competências em gerenciamento empresarial entre as indústrias e empresas. Na teoria seriam trabalhadas a organização produtiva, concepção de produtos, inovação tecnológica, design e as estratégias de mercado, sendo estabelecido um patamar mínimo de especialização produtiva em um determinado território ou região, que concentre algumas dezenas de empresas que trabalhem no entorno de outras empresas que atendam além das fronteiras territoriais locais. Uma vez atingido esse número de empresas, a densidade empresarial é diagnosticada, pelas políticas pública. Neste movimento há a intensão de agentes públicos e privados a construção de uma cultura sócio econômica de aprendizado e cooperação entre as empresas. Todas as informações técnicas circulariam com grande facilidade e velocidade neste arranjo territorial, as inovações tecnológicas acabariam por encontrar um ambiente promissor para o desenvolvimento, o que levaria as iniciativas de mercado a encontrar a base que as tornam possíveis.

Interessante aqui resgatar que o APL de Moda Íntima do município de Nova Friburgo compreende uma região fictícia estipulada pela FIRJAN (Federação das indústrias do estado do Rio de Janeiro, similar a FIESP em São Paulo) em que estão os municípios de Nova Friburgo, Cachoeiras de Macacu, Teresópolis, Santa Maria Madalena, Bom Jardim, Cordeiro, Trajano de Moraes, Macuco, Duas Barras, Cantagalo, São Sebastião do Alto, Carmo e Sumidouro. Tendo Nova Friburgo como centro dinâmico e principal município produtor do arranjo. Na prática, essa regionalização se realiza pela influência da produção da indústria da moda íntima em uma escala regional. Porém não existe efetivamente um planejamento de integração regional desse projeto político, as

agências de fomento ao desenvolvimento, os cursos de capacitação da mão-de-obra, centros de desenvolvimento tecnológicos ou de inovação são poucos em todo o Arranjo e, quando encontrados, se localizam apenas em Nova Friburgo.

Muitas estruturas deste tipo podem ser encontradas por todo o território nacional, o que demonstraria uma relativa maturidade do conjunto produtivo de pequenas empresas com alto grau de especialização. Como já mencionado anteriormente no desenvolvimento da Tese o território dos APLs normalmente engloba mais de um município e em cada um deles a população economicamente ativa é absorvida, podendo se tornar um projeto regional, como no caso específico do APL de moda íntima do município de Nova Friburgo. Em dado momento, quando os projetos englobarem um número maior de municípios, seria possível e desejável gerar sua integração através de redes, formando um arranjo de organização regional.

Contudo, como já mencionado anteriormente a integração entre os municípios é baixa, manifesta-se somente a partir da flexibilização e terceirização da produção, não é observado no arranjo cooperação entre os agentes, nem desenvolvimento/cooperação tecnológica entre e nas empresas. Quando encontrado, mesmo que incipiente, essas inovações estão no município de Nova Friburgo e não nos outros municípios que compõem a área de influência do arranjo. As empresas encontradas fora do município central são de baixíssima tecnologia, também caracterizada pela flexibilização e informalidade. Município que mais concentra essas atividades depois de Nova Friburgo é Bom Jardim, acreditamos que essas dinâmicas afeta principalmente esse último município pela sua proximidade territorial e pela centralidade do Nova Friburgo, que influenciando na organização dessa lógica de forma regional.

Tendo em vista o discurso ideológico dos promotores do desenvolvimento local os países que estão em um patamar de desenvolvimento industrial mais avançado enfrentaram mudanças estruturais na organização industrial e no mundo do trabalho decorrentes do processo de globalização, através de formas diferenciadas. A análise da escala local e das transformações na dimensão do vivido em Nova Friburgo revelam que o planejamento não só não evita, mas também acarreta a precarização do trabalho, essas características se intensificam em países oprimidos pelas lógicas mais gerais do capital, como o Brasil. Em particular, pode-se ressaltar que políticas de desenvolvimento que

estão hoje em vigor nos países membros da ODCE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico ou Econômico) não devem ser confundidas com as gerações anteriores de políticas industriais e tecnológicas rígidas, já que não possuem nem simplicidade, nem a relativa legitimidade daquelas. Por mais que as novas políticas utilizem certos instrumentos tradicionais para a alavancarem o desenvolvimento de um país, elas cada vez mais recorrem a um número maior e mais complexo de instrumentos de flexibilização e intensificação das relações de expropriação do trabalho.

No município de Nova Friburgo, esses processos mais gerais se manifestam a partir da intensificação da expropriação do trabalho e da generalização de um trabalho doméstico que é altamente flexibilizado e caracterizado pela fragmentação e terceirização. Em um abito geral as políticas industriais, comerciais e tecnológicas tornaram-se enormemente integradas a partir da década de 80, com as políticas subnacionais aparecendo com grande força, através da valorização das características locais e com foco no desenvolvimento endógeno e regional, na tentativa de proporcionar o desenvolvimento econômico e social de determinadas regiões e, assim de toda a nação. Com este foco, aumenta o papel dos Estados para a formulação de políticas públicas nacionais, subnacionais e de desenvolvimento local.

A abordagem de APLs é um marco teórico-conceitual alinhado com o entendimento de que esses sistemas de inovação teriam sua dinâmica e configuração fortemente condicionadas por determinantes locais e pelas tradições culturais próprias e inerentes ao território ou lugar. Porém na prática essas “potencialidades” ou “tradições” são construídas socialmente ou impostas ao território por agentes públicos ou privados de desenvolvimento? Entendemos como um movimento dialético entre o território e as políticas públicas e agentes de fomento ao desenvolvimento, que percebem as tradições construídas no espaço, mesmo insipiente, e estimulam o desenvolvimento e especialização territorial.

2.2 Territorialização do Capital, Reestruturação Produtiva e as Políticas neoliberais

Como já mencionado anteriormente, um APL é formado por uma ampla gama de agentes públicos e privados, como empresas, usuários, fornecedores, prestadores de serviços, instituições científico-tecnológicas, universidades e órgãos de políticas, cujas interações ditam sua dinâmica e configuração. Nas teorias de desenvolvimento local tem-se a concepção que a dinâmica de um APL é amplamente influenciada pela capacidade dos elementos do arranjo de criar, absorver e articular conhecimentos localmente, de forma a gerar inovações técnicas e tecnológicas. Quanto mais um arranjo é dotado dessa capacidade, mais intensa seria a sua dinâmica e, portanto, melhores suas condições de competir em escalas nacionais e internacionais, e gerar desenvolvimento local ou regional.

Constituído por seus elementos internos e pelas interações entre eles, é importante mencionar que um APL não se encerra exclusivamente na esfera local, tendo em vista que pelas abordagens sistêmicas ele constituiria um sistema aberto. Então, o Arranjo estabeleceria relações com elementos pertinentes às escalas regional, nacional e internacional. A inserção do arranjo no contexto internacional é determinada por sua dinâmica, pelas características do seu tecido produtivo e pelo contexto econômico internacional e da condição do país na configuração da geopolítica internacional. Nas escalas nacional e regional, além dos vínculos estabelecidos pelo sistema produtivo e com a demanda, a inserção do APL é determinada pela sua interconexão com as políticas explícitas e implícitas dos sistemas nacional e regional de inovação tecnológica. Como observamos a manifestação desse processo no arranjo de Nova Friburgo estabelece uma contradição. Apesar de algumas iniciativas de inovação e desenvolvimento tecnológico, como o Espaço de Moda do SEBRAE, essas iniciativas ainda são pontuais e estão mais voltadas para capacitação técnica da força de trabalho do que para a inovação tecnológica.

Desde que foi desenvolvido, no final da década de 1990, o conceito de APLs se difundiu rapidamente através de órgãos fomentadores ao desenvolvimento, políticas públicas, e agentes privados. Essa difusão foi acompanhada do desenvolvimento de toda uma institucionalidade formal em

diferentes órgãos de política irradiada, principalmente. As características defendidas pelos agentes do processo derivado da adoção desse conceito podem ser sintetizadas a partir do três pontos a seguir: (i) representaria um resgate, das políticas de desenvolvimento com a preocupação nas especificidades territoriais e locais; (ii) a inclusão de atividades, atores e regiões normalmente pouco contemplados pelas ações de apoio e (iii) a intensificação das articulações e esforços de coordenações e cooperação de ações de política em diferentes escalas.

O conjunto de proposições ligadas ao desenvolvimento local gira em torno de outros três pontos: (i) trazer para o foco central das ações a assimilação e a incorporação de conhecimento e a inovação técnica e tecnológica, reconhecendo-os como base para a construção de capacitações produtivas e inovativas e para o desenvolvimento local ou regional em longo prazo. (ii) incluir definitivamente a variável territorial e local às políticas públicas, levando as especificidades do contexto como pressuposto para o planejamento, o desenho e a execução das iniciativas de apoio. (iii) estimular ações coletivas e sistêmicas, superando práticas tradicionais, buscando o desenvolvimento de novas formas de apoio e cooperação entre as empresas, que enfatizem o papel das sinergias e interações entre os atores dentro de um APL e entre APLs.

O conceito de APL (e seu caráter sistêmico) se encaixa na base teórico-conceitual reiterada por (FURTADO, Celso. 1969, p.19), como visto no segmento anterior. O discurso dos programas de desenvolvimento incorpora o termo APL de maneira, no mínimo, reducionista, considerando o desenvolvimento de um distrito industrial como um evento dividido em etapas hierárquicas, evolutivas e sequenciais (i) Aglomeração produtiva (ii) APL – Sistema Local de Inovação (iii) Distrito Industrial. Essa concepção do termo se dá com diversos prejuízos ao objetivo do conceito e às perspectivas de desenvolvimento. Nesse sentido, a competitividade e a eficiência de um APL ou DI seriam determinadas pela capacidade das empresas em interagir em um contexto de proximidade territorial e geográfica para gozar dos benefícios das externalidades de aglomeração, e de outros fatores socioeconômicos. O tipo de vantagem competitiva a ser construída dentro desse APL ou DI, necessariamente, se escoraria nessas externalidades financeiras e tecnológicas, traduzindo-se em uma maior eficiência produtiva e dinamismo.

O arranjo de moda íntima inclui em seu subsistema de produção, além das atividades de confecção de lingerie, outros tipos de confecções nas áreas de moda praia, moda fitness, couros e bolsas, além de todo um conjunto de atividades relacionadas aos fornecedores, ao comércio e distribuição dos produtos. Abordar a intervenção no arranjo pela ótica de APLs ou DIs negligencia em seu planejamento os impactos paralelos sobre essas outras atividades que integram o arranjo. No limite, os estímulos podem ser caracterizados como não sistêmicos, uma vez que não têm como público alvo a coletividade dos agentes do arranjo produtivo local, mas sim apenas uma fração desta, mesmo que a mais significativa. Também podemos encontrar no município e no arranjo como um todo, outras atividades industriais do segmento têxtil, como a produção de bolsas de couro, joias e sapatos. No entanto o estímulo, o financiamento, e a capacitação técnica no arranjo estão voltadas quase exclusivamente para indústria de moda íntima, o que especializa ainda mais essa produção e esse território. O estímulo a outras atividades produtivas poderia levar o município a uma maior diversificação e resiliência frente as crises, contudo falta iniciativas desse tipo por parte do Estado e das agências privadas.

Outra dimensão que podemos colocar em plano central quando nos referimos às concepções de desenvolvimento local é a dimensão territorial. Por privilegiar a perspectiva setorial e segmentada, a política pública não levou em consideração a forma heterogênea como as atividades de um mesmo arranjo se organizam no espaço, e de todos os seus subsistemas e derivações, e sua distribuição territorial. Dentro da lógica produtiva, evidentemente, a parcela do público-alvo localizada em Nova Friburgo desfrutou de melhores condições para captar os frutos das ações de promoção ao desenvolvimento local. Na lógica do subsistema de capacitações, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, Nova Friburgo também se viu privilegiada, ao passo que a maior parte das instituições voltadas à pesquisa e ao treinamento, com destaque à UERJ e ao SENAI, estão localizadas neste município. A UERJ, porém, está mais voltada à formação de pessoal para as indústrias de metalomecânica; seu curso mais antigo e consolidado é o de engenharia mecânica. O SENAI, entretanto, possui cursos de formação técnica no desenvolvimento de peças para a moda íntima, mas falta pesquisa e inovação, não há cursos de nível superior, onde poderíamos encontrar maior ênfase no desenvolvimento de pesquisas. Na lógica do

subsistema de políticas, os benefícios também se concentraram no município-núcleo do APL, já que é neste lugar que se concentram as principais instituições de promoção ao desenvolvimento, representação e financiamento, como o SEBRAE, a FIRJAN e o Banco do Brasil. Segundo Mattos (2011, p.02):

Grandes transformações têm contribuído para redefinir o capitalismo contemporâneo. Esse processo de mudanças ocorreu inicialmente nos países capitalistas centrais, decorrentes dos antagonismos estruturais do denominado fordismo-keynesiano, evidenciando sintomas de esgotamento de um modo de regulação, gestão e organização da produção e do processo de trabalho. Alastrando-se, posteriormente, em nível mundial, sua natureza globalizante deflagrou processos (des)estruturantes dos espaços produtivos e sociais locais, transfigurando uns, arruinando outros. (MATTOS, Regina. 2011, p.02)

A globalização é, portanto uma tendência proveniente da natureza do capitalismo neoliberal, desde o princípio: o desenvolvimento de um sistema internacional de dominação e subordinação onde o Estado tem um papel fundamental neste processo, assim como afirma (MATTOS. 2011, p.02). O sistema do capital compõe-se de estruturas internamente fragmentadas e de concepções sistêmicas e hierarquizadas. A produção e a circulação, se articulam com os Estados nacionais através de um duplo padrão: (i) internamente, nos países centrais, propiciando um melhor padrão de vida para as classes burguesas e para agentes locais e (ii) na “periferia subdesenvolvida” exercendo o seu autoritarismo, subordinação, dependência e avalizando a exploração do trabalho (MATTOS. 2011, p.02-03).

Tendo a perspectiva da reestruturação produtiva, e da mudança na lógica de produção fordista/taylorista, para uma lógica ligada a máxima flexibilização da produção, do trabalho e fragmentação produtiva, vemos uma transformação na racionalidade da dinâmica de organização industrial e conseqüentemente na produção do espaço urbano no município de Nova Friburgo e na região do arranjo como um todo, movimento este que também acontece em países centrais, porém com outro caráter, nos clusters industriais e nos Sistemas Industriais Locais do Norte da Itália observa-se o mesmo caráter fragmentário e flexibilizante da produção e do trabalho, porém lá existem características que aqui não se consolidaram nos APLs brasileiros. No caso Europeu, a localização

das firmas em um distrito não é um resultado da atração de determinados processos produtivos por força da disponibilidade de recursos, ao contrário, as empresas territorializadas são decorrência de desenvolvimentos históricos específicos, possuindo relações bastante sólidas com a região (MATTOS. 2011, p. 07). Portanto, haveria um alto grau de cooperação entre os agentes dos sistemas, que compartilham inovações técnicas, tecnológicas e informações sobre clientes, também lá é notável a cooperação entre instituições científicas (institutos e universidades) e os agentes locais quando nos referimos ao desenvolvimento científico de ponta (inovação).

Apesar do capitalismo fordista não ter se consolidado no Brasil, assim como aconteceu em países como Alemanha ou Estados Unidos, em alguns territórios, aqui, esses paradigmas se desenvolveram, apesar de suas especificidades, e Nova Friburgo foi um desses lugares. Portanto, Lefebvre entende que o cotidiano industrial deixou de ser construído por sujeito (em relação à sua subjetividade possível) para tornar-se um objeto. Sob esse paradigma, o autor sugere uma nova denominação da sociedade industrial como “sociedade burocrática do consumo dirigido”, pois é um nome que traduz a racionalidade neste momento, ao mesmo tempo que infere seus limites ao apontar a burocracia, também o objeto de planificação social que é o consumo, planejado na forma dirigida. Sobre a “sociedade burocrática do consumo dirigido” Lefebvre entende que:

[...] é necessário compreender essa sociedade segundo suas próprias representações, porque suas categorias também têm uma finalidade. Elas figuram entre as peças de um jogo estratégico. Elas não tem nada de gratuito nem de desinteressado e servem duplamente: na prática e na ideologia. Há um século o individualismo dominava; ele fornecia aos filósofos e sábios (historiadores, economistas etc.) categorias e representações. Para atingir a realidade, isto é, também os possíveis, era preciso levantar o véu. Hoje as ideologias mudaram; elas têm nome: funcionalismo, formalismo, estruturalismo, operacionalismo, cientificismo. Ela se apresentam como *não-ideologias*, misturando-se mais sutilmente que antes ao imaginário. Elas mascaram o fato fundamental, isto é, o fundamento de fato: tudo importa, tudo em peso sobre a cotidianidade, que revela o “tudo” em questão (ou seja, que sua análise crítica mostra o “tudo” colocando-o em questão). (LEFEBVRE, Henri. 1991, p.81)

Nesse sentido, Lefebvre sugere que a lógica industrial da modernidade instituiu valores calcados em finalidade, organização, técnica e eficiência, se considerando racional, entretanto, o que a vida cotidiana aponta é o contrário, essa sociedade é tomada por racionalismo limitado e um irracionalismo fomentados pelo economicismo e o tecnicismo, de um lado alto desenvolvimento “técnico”, enquanto do outro vazio e alienação. O modelo de desenvolvimento moderno também não se sustenta e entra em declínio com as rupturas trazidas pelo processo de reestruturação produtiva da indústria.

Em referência à perspectiva tecnológica e produtiva, o processo de expansão do fordismo proporcionou uma grande massificação da produção, pela disponibilidade de uma fonte de energia barata que permitiu a expansão do núcleo tecnológico energético-intensivo, como o complexo automotriz e os bens de consumo duráveis tanto mecânicos como elétricos. Portanto, esta forma de produção demanda estruturas que exigem grandes plantas industriais, mais adequadas para maiores ganhos de escala de produtos padronizados, em série e massificados. Como vimos, o município de Nova Friburgo industrializa-se com bases na estrutura produtiva fordista. No município podemos encontrar grandes plantas industriais, principalmente de origem têxtil e metal mecânica. Hoje as indústrias de tecido e rendas estão, em sua maioria, fora de operação, e recebem novos usos, ligados ao capitalismo neoliberal e à lógica contemporânea de acumulação. Grandes fábricas estão ganhando novos usos. Apesar destas materialidades apresentarem as mesmas formas da racionalidade anterior, apresentam uma nova função, determinada pela nova lógica da estrutura. As duas grandes indústrias de metal-mecânica Haga - S.A. Industria E Comercio e Stan - Stam Metalúrgica Ltda; ambas produtoras de cadeados e fechaduras, permanecem fortes no município, porém também tiveram parte de sua planta industrial reduzida. Também, como visto no capítulo anterior, devido ao desenvolvimento de novos maquinários autônomos e novas tecnologias, na indústria de metalmecânica, há a diminuição da necessidade de mão-de-obra, que culmina em um desemprego estrutural e na maior necessidade de qualificação dos trabalhadores.

Neste movimento dialético, o espaço se transforma. As antigas plantas industriais hoje dão lugar à escolas, universidades, centro comercial de escritórios, bares, restaurantes ou academias. Um destes exemplos é a antiga

Fábrica de Rendas ARP que hoje dá lugar ao “Espaço ARP”. Na antiga planta da fábrica hoje estão instaladas atividades de usos diversificados, entre elas estão: a sede do jornal local – A Voz da Serra; um curso pré-vestibular; uma filial da UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná; dois restaurantes; um bar; uma panificadora; um café; escritórios de empresas de tecnologias; algumas confecções de moda íntima; uma pequena fábrica de joias artesanais; são mais de 50 estabelecimentos comerciais, entre confecções, pequenas empresas de tecnologia, ateliê de joias e artesanato. E também será inaugurado, até o final de 2019, espaço para escritórios. Nas antigas instalações da fábrica também se encontra hoje o SENAI – Espaço de Moda de Nova Friburgo; lá são oferecidos cursos técnicos de vestuário e qualificação profissional para costureiro industrial do vestuário, modelista de roupa, desenhista de moda, mecânico de máquinas reta e overloque.

Hoje, no antigo prédio da sede da fábrica de rendas ARP, frequentam estudantes, jovens e adultos que veem na capacitação técnica uma nova oportunidade de trabalho. A rotina do trabalho é substituído pelas salas de aula onde esses alunos aprendem uma nova profissão. Aquela antiga rotina do trabalho industrial é substituída pela aprendizagem. Na imagem 20 a seguir, podemos observar imagem de alunas no curso técnico de vestuário.

Imagem 20



Fonte: Jornal Local “A Voz da Serra”. Disponível em >
<http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/desfile-principal-da-fevest-tera-looks-de-alunos-do-senai>

Entretanto, neste movimento de transformação estrutural e de mudança de paradigma na lógica de reprodução do espaço, evidencia como a estrutura hierárquica compartimentada da organização do trabalho é quebrada, fragmentada e pulverizada, com a introdução da lógica sistêmica que impõe mudanças na prática produtiva através de tecnologias baseadas em informação que permitem um maior grau de flexibilidade nas áreas de processo e organização. Assim como, flexibilidade de produtos, da diversificação da produção, flexibilidade de volumes, flexibilidade de desenhos, flexibilidade de rotinas produtivas, flexibilidade de bens de capital e flexibilidade do processo de trabalho:

[...] a reestruturação do mercado de trabalho foi acompanhada por uma reorganização industrial, isto é, o aumento do desemprego industrial levando ao surgimento de formas de sobrevivência através de “negócios” que revivem relações familiares, paternalistas, do “antigo trabalho doméstico”, agora articulado à lógica da acumulação contemporânea. São as chamadas economias “negras”, “informais”, “subterrâneas” que simbolizam as precárias condições de trabalho e de vida dos “fora do circuito formal” mas geradoras de lucros bastante atrativos. [...] Ao mesmo tempo, a quebra da rigidez estrutural fordista proporcionou uma maior fluidez espacial, isto é, um relativo grau de liberdade, de “flexibilização”, de reorganização da produção e da circulação, proporcionando novas ou recuperando “velhas territorialidades” (MATTOS, Regina. 2011, p.05)

Como vimos, essa quebra da rigidez estrutural fordista proporcionou uma maior fluidez na organização no território, isto é, um relativo grau de liberdade, de flexibilização, fragmentação, e reorganização da produção e da circulação, proporcionando novas configurações espaciais, como já afirmado no capítulo I. Há, portanto, o surgimento e valorização de novas formas de aglomeração espacial que derivaram uma nova divisão regional do trabalho, destacando aquelas identificadas como complexos científicos-produtivos, denominados na literatura como tecnopolos, centros de inovação, parques científicos, sistemas industriais locais, arranjos produtivos locais, entre outros.

O interesse destes estudos é chamar atenção para o fato de que até bem pouco tempo, as condições que favoreceriam a industrialização de pequena escala ancorada em estruturas baseadas em relações de familiaridade, tradição, hereditariedade, etnicidade ou religiosidade eram consideradas como obstáculos

para o surgimento e expansão da produção capitalista moderna, de cunho fordista. Hoje, porém, parecem constituir vantagens para a geração de formas propulsoras de um desenvolvimento mais localizado e territorializado. Mattos, também mostra a importância territorial para as concepções de desenvolvimento local:

“O debate sobre as dinâmicas e as organizações produtivas territorializadas coloca em evidência a especificidade e a heterogeneidade das localizações, pois a diversidade dos territórios empiricamente observados, bem como a variedade dos processos de territorialização das práticas sociais, mostram que não é mais possível manter uma concepção normativa do desenvolvimento em uma só trajetória, resultados dos desafios dos “desequilíbrios” do sistema, mas apreender a dialética do local e do global como relação possível do desenvolvimento localizado. A partir de um mesmo conjunto de constrangimentos, os territórios reagem diferentemente em função dos recursos específicos ativados pelos atores locais, definindo uma diversidade de possibilidades e possíveis ações, indicando que o desenvolvimento resulta dessas múltiplas possibilidades, a partir de uma construção social. As experiências resultam, portanto, de dinâmicas cuja origem e primeiras formas de evolução repousam em trajetórias sociais e tecnológicas longas, favorecendo uma dependência do território em relação ao seu passado.” (MATTOS, Regina. 2011, p. 9-8).

O conceito de território carrega a noção de pertencimento, apropriação, seja através de um controle legitimado por grupo(s) social(ais) ou instituições públicas e privadas, seja pela dimensão afetiva, produzida pelas práticas de construção da vida social, sendo, portanto, uma parcela do espaço que é apropriada seja de “direito”, de fato ou afetivamente. O território, entendido, portanto, como uma construção social, contém representações de forças políticas, sociais e econômicas (locais, nacionais e internacionais) as quais estabelecem intensos conflitos que acarretam limites espaciais para os agentes de sua gestão, que buscam introduzir formas, métodos e tecnologias adequadas às suas necessidades de controle social.

Tanto nos distritos industriais como nos sistemas produtivos locais o território é fonte de recursos, “força produtiva” material, mas também imaterial, pois aprofunda interação dialética entre a produção da vida social e a natureza, o que gera uma forma particular de configuração espacial, um espaço de referência identitária e pertencimento. Portanto, o território traduz uma forma de

organização, uma territorialidade, ações e estratégias do “vivido”. A revalorização das condições territoriais promove o reconhecimento do espaço socialmente construído como meio, condição e produto do desenvolvimento capitalista, e não apenas do crescimento econômico, a partir da utilização dos recursos que devem ser orientados para a satisfação das necessidades da população onde as medidas mais adequadas seriam aquelas destinadas a valorizar as potencialidades territoriais ou locais. Haesbaert (2002, p. 121) afirma que:

“[...] o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados.” (HAESBART, 2002, p.121)

Nesse sentido, a diversidade de territórios, assim como a multiplicidade de processos de territorialização considerados, ao longo do tempo, nos mostra que não podemos conceber uma forma única de desenvolvimento linear. No bojo do processo mais geral de reestruturação produtiva da indústria, que possui um caráter global (totalização), se manifestam particularidades iminentes da contradição do capital. O processo de reestruturação produtiva da indústria se expressa na totalidade, porém suas particularidades locais se materializam nas contradições iminentes ao capital, consolidando em cada expressão territorial características e organizações próprias, de forma material e imaterial. Importante relacionar os desdobramentos do processo de territorialização do capital expressado por Haesbart como territorialidades e as dimensões do vivido de Lefebvre. Estas são duas dimensões e formas de observação que indicam um mesmo processo: a transformação da vida da classe trabalhadora.

A partir de relações de subordinação ou relativa autonomia, a dimensão territorial traduz diferentes modos de reprodução social e territorial, diversificadas formas de organização, múltiplas possibilidades de ação ao longo do tempo e diversas formas de reprodução da vida cotidiana. Portanto, a dimensão territorial torna-se central para o entendimento das transformações trazidas pelo processo de reestruturação produtiva. As representações, e as políticas públicas trazidas no âmbito do planejamento e do Estado modifica significativamente formas de reprodução da vida cotidiana, influencia

diretamente na organização da produção e do trabalho e modifica a produção do espaço urbano no município.

Esse processo se manifesta no município de Nova Friburgo a partir de um triplo movimento. (1) A reestruturação das antigas formas industriais da cidade, ou seja, a transformação do uso das grandes fábricas, que adquirem novas funções, geralmente ligadas ao serviço, a atividade industrial em pequena escala ou escolas de capacitação técnica. (2) A reorganização da produção, fragmentando-a, pulverizando-a e flexibilizando-a; a concentração industrial do período fordista produziu um fenômeno urbano, que explode e seus fragmentos começam a incorporar novas áreas; a produção deixa o chão da fábrica e incorpora o domicílio em uma escala regional. E (3) a modificação do cotidiano e do mundo do trabalho, ressignificando-os e os flexibilizando, uma vez que há um aumento significativo do trabalho doméstico, altamente exploratório e intensivo, caracterizado pela terceirização em larga escala, esse movimento transforma a vida cotidiana, pois a dimensão do trabalho invade a vida privada e reorganiza o núcleo familiar.

2.3 Globalização, Empreendedorismo, Estado e as Políticas de Desenvolvimento Local.

Neste seguimento analisaremos as relações entre o Estado e as Políticas Públicas de Desenvolvimento Local. No objetivo de entender o movimento pelo qual a ação das instituições públicas se transformam no objetivo da diminuição de gastos e na adaptação daquele espaço produtivo às concepções mais modernas trazidas pelo pensamento neoliberal. O Estado neoliberal tem como objetivo principal a diminuição do gasto público, a transferência das empresas públicas para o setor privado, a restrição da proteção social, o privilegiar “soluções individuais” diante dos riscos, controlar o crescimento da massa monetária para diminuir a inflação, possuir uma moeda forte e estável, desregular os mercados, em particular no âmbito do trabalho. O compromisso “socialdemocrata” era sinônimo de intervenção do Estatal.

A globalização, e também o paradigma neoliberal trazem novas representações, transformações na produção do espaço e novas concepções na organização do mundo do trabalho. A partir de 1980 há o triunfo no Ocidente de

uma política “conservadora” e “neoliberal”. Vemos uma crise do “welfarismo” da sócio democracia e a implementação de novas políticas por parte do Estado. A política conservadora e neoliberal pareceu sobretudo, construir uma resposta política à crise econômica e social do regime “fordista” de acumulação de capital. Para entender este processo de reestruturação das formas de acumulação do capital e elucidar as concepções localistas que às sustentam usamos como respaldo teórico Dardot e Laval (2016), porém nos posicionamos de forma crítica as concepções dos autores.

Os defensores das concepções localistas de desenvolvimento, que se sustentam em ideias como de Dardot e Laval (2016), alegam que a sociedade fordista estava sobretaxadas e super-regulamentadas. Havia múltiplas pressões dos sindicatos, corporações e funcionários públicos. Os governos conservadores questionavam a alta regulação keynesiana macroeconômica, a propriedade pública das empresas estatais, o sistema fiscal progressivo, a proteção social, o enquadramento do setor privado por regulamentações estritas, especialmente em matéria de direito trabalhista e representação dos assalariados. Daí vemos o crescimento do trabalho doméstico, autônomo e majoritariamente feminino encontrado em todo a região do arranjo de Nova Friburgo, como será discutido mais a frente neste capítulo.

Portanto, vemos uma alteração radical do modo de exercício do poder governamental, assim como as referências doutrinárias no contexto de mudança das regras de funcionamento do capitalismo global. Há, então o aumento da subordinação à racionalidade política e social articulada à globalização e financeirização de todos os âmbitos da sociedade, mesmo nas escalas mais pessoais, no âmbito do vivido.

Há uma reorganização e uma flexibilização na organização das estruturas do trabalho. Uma quebra nos movimentos sindicais e uma flexibilização das leis laborais, que chegam ao seu ápice hoje com as reformas da previdência e trabalhista. Muitos, principalmente os mais jovens, não percebem esse processo, inclusive acreditam que sindicatos são um impasse nas transações mais diretas entre fornecedor, intermediários e compradores. A terceirização torna-se padrão da circulação e fornecimento, ela acontece em diversas escalas de empresas, desde as mais bem estruturadas às mais flexíveis. Porém, quem sofre mais

nesse processo e possui maior intensificação na exploração do trabalho, são as empresas familiares, domésticas e informais.

A estratégia neoliberal consiste principalmente de um conjunto de discursos, práticas e dispositivos de poder visando à instauração de novas condições políticas, a modificação de regras de funcionamento econômico e a alteração de relações sociais de modo a impor estes objetivos: concorrência generalizada entre empresas, economias, Estados e pessoas. O aumento brutal da taxa de juros à custa de grave recessão e aumento do desemprego, permitiu lançar rapidamente uma série de ofensivas contra o poder sindical, baixar os gastos sociais, impostos e facilitar a desregulamentação. A partir destas concepções há uma diminuição do papel do Estado no regulamento das relações trabalhistas, criando uma “cultura do homem empreendedor”, tendo uma concepção que o indivíduo, seria capaz, autonomamente de regular sua vida cotidiana e estabelecer relações diretas com escalas nacionais ou internacionais, sem passar pelo demasiado controle do Estado. Importante aqui ressaltar que o processo que se manifestou em Nova Friburgo, a partir da reestruturação do trabalho na indústria foi a precarização laboral movida por estratégias e justificativas que podem ser identificadas nos argumentos de autores como Dardot e Laval. Como já apresentado nesse capítulo esses argumentos seriam qualificados como intrínsecos ao desenvolvimento econômico na contemporaneidade, para entender este processo recorreremos ao diálogo e à crítica desses autores.

“O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoregulador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se reproduzir. O processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é autoconstrutivo.” (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.140)

A obra de Dardot e Laval é resultado de pesquisas pelas quais os autores pensaram continuamente sobre as dimensões da opressão e empobrecimento da condição humana decorrência de uma economia política do capitalismo financeiro e, do neoliberalismo. Os autores tinham como entendimento que os paradigmas do neoliberalismo diminuía em valor as relações coletivas, favorecendo as ações de instituições que legitimavam ou que promoviam a

acumulação, mas que ao mesmo tempo eram vistas como via única de tomada de poder pelas classes trabalhadoras para a superação das desigualdades. Esses autores estão realizando uma crítica sobre a teoria marxiana, principalmente no que diz respeito à dificuldade desta de reagir à superação do Estado, tinham como objetivo fazer frente à uma ação estatal que hoje estaria diluída e, também modificada pelas reestruturações que passou a organização do trabalho e da classe trabalhadora. Apesar de uma percepção de diluição dos valores coletivos esses autores não quebram com o paradigma individualista do capitalismo liberal.

As concepções relacionadas à construção de um sujeito empreendedor e o Estado empresarial são centrais no processo de entender os novos paradigmas do neoliberalismo e as concepções pertinentes aos autores. Para Dardot e Laval, a ideia de *welfare to work*, isto é, passar da ajuda social para o trabalho, serve como um excelente mecanismo de controle social, como uma “corrente invisível”. A cultura do desempenho não só divide os trabalhadores, minando as relações de cooperação e identidade de classe, como cultiva o sentimento de culpa em relação ao fracasso individual. Se a pessoa não alcançou o sucesso, é porque fez más escolhas. Nessa perspectiva, não se deve auxiliar o trabalhador quando ele perde o emprego ou o idoso que não investiu o seu dinheiro corretamente durante sua fase mais produtiva, da mesma forma como o doente, o obeso, o mau aluno. Eles seriam todos exemplos de perdedores que não se adaptaram como deveriam. Portanto este processo formaria um sistema de autocontrole e culpa que interioriza as formas de opressão e heteronomia. O resultado da aplicação dessa racionalidade foi o aumento de trabalho, a diminuição de prazos e salários, e a corrosão da coletividade.

Tais concepções de pensamento teriam chegado a um ponto tão esdrúxulo que fez surgir uma forte contradição, uma “esquerda neoliberal”. Nessas perspectivas a bandeira da igualdade, por exemplo, é trocada pela pauta da luta contra a miséria. Essas correntes de pensamento perdem sua radicalidade assumindo as pautas mínimas e, sobretudo, uma racionalidade neoliberal, inconscientemente. Pois partem dos mesmo pressuposto de competitividade, privilegia a concorrência no lugar da solidariedade e cooperação, intensificando, assim, as obrigações individuais no mercado de

trabalho. As ações sociais e políticas de um Estado, nesse cenário, seriam mais investimentos do que um ato de proteção e segurança da dignidade humana.

Neste movimento e intrusão do pensamento neoliberal nas esferas públicas de planejamento vemos portanto, um impulso na direção de um objetivo estratégico por parte da políticas públicas do Estado: a concorrência generalizada se constitui como “nova ordem mundial”. Com a crise da sócio democracia uma “nova promessa” torna-se necessária. O mesmo autor continua a argumentação:

“[...] O homem sabe se conduzir por “natureza”, mas graças ao mercado, que constitui um processo de formação. Posto cada vez mais frequentemente em situação de mercado, o indivíduo pode aprender a conduzir-se racionalmente. Esboça-se assim, dessa vez de maneira indireta, o tipo de ação ligado a governabilidade liberal: a criação de situações de mercado que permitem esse aprendizado constante e progressivo. Essa ciência da escolha em situação de concorrência é, na realidade, a teoria do modo como o indivíduo é conduzido a governar a si mesmo no mercado.” (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.140 - 141).

Podemos observar portanto algumas formas de ação do Estado dentro deste novo paradigma, dentre elas estão os quatro elementos a seguir: (i) Relação de apoio recíproco, relações neoliberais e as transformações do capitalismo amparam-se mutualmente para produzir a grande virada, ou seja, a implementação plena do neoliberalismo. (ii) A luta ideológica e uma crítica sistemática e duradoura de ensaístas e políticos do “Estado de bem-estar-social”. (iii) Técnicas e dispositivos de disciplina / sistema de coerção – tanto econômico quanto social, cujo a função era obrigar os indivíduos a governar a si mesmos sob a pressão da competição, segundo os princípios do cálculo maximizador e a uma lógica de valorização do capital. (Ampliação do trabalho doméstico e autônomo). (iv) A progressiva ampliação desses sistemas disciplinares – instauração de uma racionalidade geral, novo regime de evidências que se impôs aos governantes de todas as linhas como único quadro da inteligibilidade da conduta humana. (Implementação de políticas de desenvolvimento local e incentivo aos Arranjos Produtivos Locais ou Sistemas Industriais Locais).

Podemos observar a materialização do ponto (i) quando há o maior incentivo por parte do Estado e das agências privadas de desenvolvimento na organização de sistemas ou arranjos produtivos industriais, de turismo ou de produção diversificada por todo território brasileiro. (ii) Essas estruturas se consolidam a partir da crítica ao fordismo e a falta de capacidade dos estados de bem estar social sustentar as condições de desenvolvimento social e de crescimento econômico, quando há efetiva saída, reestruturação ou falência dos capitais das grandes empresas no município de Nova Friburgo. (iii) Nesse sentido há um incentivo por parte do Estado e das agências privadas na construção de uma ideologia fundada na tradição ou cultura, estabelecida a partir do trabalho industrial e na iniciativa pessoal e autônoma. O ponto (iv) percebemos a partir da análise do grande crescimento de pequenas e médias empresas (MEI) no município como será discutido mais a frente nesse capítulo.

A ideia diretriz dessa orientação é a liberdade que se dá aos atores privados e aos micro e pequenos empreendedores, que conheceriam melhor a situação do mercado, e de seus próprios interesses, seria sempre mais eficaz do que a intervenção direta ou a regulação pública do Estado. Se a ordem econômica keynesiana e fordista repousava na ideia de que a concorrência entre empresas e entre economias capitalistas de Estado deveria ser enquadrada por regras fixas comuns, no que diz respeito a taxas de câmbio, políticas comerciais e divisões de renda, a nova norma neoliberal instaurada no final dos anos de 1980 erige a concorrência em regra suprema e universal do governo.

O resultados dos planos de ajuste foram bastante destrutivos na maioria das vezes. As “terapias de choque” sufocaram o crescimento com taxas de juros muito elevadas, arruinaram a produção local expondo-a sem cautela à concorrência dos países mais desenvolvidos, ou à concorrência com países de alta exploração do trabalho. Muitas vezes, este processo agravou a desigualdade e aumentou a pobreza, reforçando a instabilidade econômica e social e submetendo economias “abertas” à volatilidade dos movimentos do capital e do mercado financeiro. A intervenção do FMI e do Banco Mundial visava impor um quadro político do Estado concorrencial uma falsa promessa, que se relaciona com a impossibilidade das concepções de desenvolvimento da modernidade não sustentar o orçamento positivo das indústrias e, ao mesmo tempo, condições de vida digna para a classe trabalhadora, ou seja, do Estado

cujo as ações tendem a fazer concorrência a lei da economia nacional, seja essa concorrência a dos produtores estrangeiros, seja a dos produtores nacionais. Dentro desta perspectiva, tomam corpo as concepções ligadas às ideias em empreendedorismo e do natural espírito de concorrência do mercado:

“[...] “Segue-se disso que cada um de nós é um empreendedor potencial, já que o papel empresarial puro não pressupõe uma boa sorte inicial, na forma de ativos de valor.” O empreendedor não é um capitalista ou um produtor nem mesmo o inovador schumpeteriano que muda incessantemente as condições da produção e constitui o motor do crescimento. É um ser dotado de espírito comercial, à procura de qualquer oportunidade de lucro que se apresente e ele possa aproveitar, graças as informações que ele tem e os outros não. Ele se define unicamente por sua intervenção específica na circulação dos bens.” (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.145)

Portando, segundo os defensores da literatura neoliberal, o empreendedorismo não é apenas um comportamento econômico, isto é, que visa a maximização de lucros. Ele também incorporaria dimensões externas a economia de mercado, da atividade de descobrir ou detectar boas oportunidades. Então, a liberdade de ação seria a possibilidade de testar suas faculdades, aprender, corrigir-se ou adaptar-se. Desta forma, o mercado seria um processo de formação de si:

A pura dimensão do empreendedorismo, a vigilância em busca da oportunidade comercial, é uma relação de si para si mesmo que se encontra na base da crítica à interferência. Somos todos empreendedores, ou melhor, todos aprendemos a ser empreendedores. Apenas pelo jogo de mercado nós nos educamos a governar como empreendedores. Isso significa também que, se o mercado é visto como um livre espaço para empreendedores, todas as relações humanas podem ser afetadas por essa dimensão empresarial, constitutiva do humano. (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.146)

Portanto, dentro das concepções neoliberais, a coordenação do mercado teria como princípio a descoberta mútua dos planos individuais. O processo de mercado seria como um cenário em que ignorantes isolados, ao interagir, pouco a pouco revelam uns aos outros as oportunidades que vão melhorar a situação de cada indivíduo. Neste sentido, o mercado seria um processo de aprendizagem contínua e de adaptação permanente. Estas concepções

renovam as ideias de livre mercado e alteram o próprio conceito. Portanto, o mercado necessitaria de liberdade individual como elemento estruturante:

“[...] O mercado precisa de liberdade individual como um dos seus componentes fundamentais. Essa liberdade individual consiste menos em definir sua própria escala de preferências do que fazer suas próprias descobertas empresariais: “o indivíduo livre possui a liberdade de decidir o que quer”. A liberdade sem objetivo não é nada, somente adquirir valor pelo sistema que lhe dá objetivos concretos, isto é, oportunidades de lucro! O capitalista não tira suas vantagens do livre contrato entre intercambiadores que sabem a antecedência do que querem. O que move é o processo de descoberta “competitivo-empresarial”.” (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.148)

Percebemos portanto que nestas concepções há uma tentativa de se criar uma universalidade do homem-empresa. Essa valorização do empreendedorismo e a ideia que esta faculdade só pode se formar no meio mercantil seriam partes interessadas na redefinição do sujeito referencial da racionalidade neoliberal. Trata-se de fazer com que cada indivíduo se torne mais empreendedor possível. Desta forma o empreendedor da indústria seria o principal agente da produção. As outras operações seriam indispensáveis para a criação dos produtos, portanto é o empreendedor que as implementariam, lhes dando impulso útil e tirando valor delas. Seria o próprio empreendedor que julgaria as necessidades e, sobretudo, os meios de satisfazê-las e de comparar o objetivo com esses meios; sua principal qualidade seria o julgamento.

Portanto, o Estado assumiria novas funções. Na teoria a interferência do Estado poderia destruir a economia de mercado e arruinar a prosperidade, alterando a informação transmitida pelo mercado. Os preços orientam temporariamente os projetos individuais e permitem coordenar suas ações. Quanto mais intervenção do Estado, mais ele provocaria perturbações e mais ele intervêm para eliminá-las. Então, o controle do Estado seria indivisível:

“[...] ou é todo privado ou é todo estatal; ou ditatorial do Estado ou soberania do consumidor. Não existe meio-termo entre totalitarismo de Estado e o mercado definido como uma “democracia de consumidores”. Essa posição radical, que proíbe qualquer tipo de intervenção, baseia-se na disjunção de dois processos autogeradores e de sentido contraditório: o processo negativo do Estado que cria seres assistidos e o processo de mercado, que cria seres criativos. [...] O que perturba a perfeita

democracia do consumidor e abre o caminho para o despotismo totalitário é a intrusão de princípios éticos heterogêneos ao processo de mercado, que não sejam o do interesse.” (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.136)

Portanto, as classes dominantes nesse processo não estariam preocupadas em estabelecer se os lucros devem ser apropriados ou condenados do ponto de vista moral ou ético, já que ela visa a intensificação da reprodução do capital, ou lucro. Como em Nova Friburgo existem vários agentes privados que se estruturam em diferentes escalas há uma relação de poder interna no processo produtivo, entre e nas empresas. A economia simplesmente estabelecia o fato de que os lucros e as perdas são fenômenos essenciais da economia de mercado. Desta forma, a intervenção do governo significaria sempre uma ação violenta. Em última análise, o Estado ficaria responsável por servir-se de homens armados, policiais, guardas, soldados, carcereiros e executores. O aspecto fundamental do poder é que ele pode impor suas vontades usando o cassetete, prendendo e matando. Poder é a faculdade inerente ao Estado e sua competência de limitar, condicionar o exercício dos direitos individuais, a liberdade, a propriedade, por exemplo, tendo como objetivo a instauração do bem-estar coletivo, do interesse público.

No município se manifestam diversos conflitos, conflitos entre empresas, entre agentes privados e entre indivíduos. Nele ocorre a reprodução das relações mais excludentes dos capitais, porém há também resistência. Artistas, agricultores urbanos e orgânicos, professores, hippies, punks e músicos possuem um grande papel na resistências aos processos mais verazes de reprodução do capital. Essas relações se manifestam no cotidiano, nas praças e nas ruas. As contradições entre os agentes que compõem o município são desiguais, principalmente quando nos referimos à iniciativa individual e privada da moda íntima, há uma variedade de agentes que funcionam em diversas escalas, sendo elas terceirizadas, varejistas ou compradores. Existe uma diversidade de relações que se manifesta em estruturas de poder, que vão das pequenas facções, às médias empresas e às grandes lojas de departamento. Em outras palavras, um pequeno burguês, dono de uma micro confecção pode e sofre expropriação de outros burgueses varejistas ou de empresas maiores e mais bem estruturada, a partir da terceirização e venda dos seus produtos.

Nesta concepção, o indivíduo deve ser o único a decidir a finalidade de suas ações, porque somente ele sabe o que é bom pra ele. Na economia de mercado, o indivíduo seria livre para agir dentro da órbita da propriedade privada e do mercado. Suas escolhas são teológicas e fundadas no dogma do livre mercado. Suas ações são fatos que seriam levados em consideração por ele em sua própria atividade. A coordenação de ação autônomas de todos os indivíduos é assegurada pelo funcionamento de mercado. A sociedade não diria a alguém o que fazer. Não haveria necessidade de tornar a cooperação obrigatória por ordens ou proibições. A não cooperação penalizaria o próprio indivíduo. Não haveriam conflitos entre o ajustamento às exigências do esforço produtivo na sociedade e a busca dos objetivos próprios do indivíduo. O sistema poderia então funcionar e desempenhar seu papel sem a intervenção de uma autoridade que emite ordens e interdições. Porém autores de visão materialista teriam outras concepções em relação ao papel do Estado, mesmo sendo influenciado pela economia de mercado. Esse processo se manifesta no APL de Nova Friburgo a partir do crescimento intenso de micro e pequenos empreendimentos individuais (MEI), que discutiremos mais a frente nesse capítulo.

Nas visões materialistas, haveria a necessidade de relacionar o arcabouço institucional do Estado, com as relações capitalistas de produção e sua divisão social de trabalho. Nestas concepções, uma teoria de Estado capitalista não poderia construir seu objeto pela referência apenas às relações de produção, como se a luta de classe só intervisse nas formações sociais como um simples fator de variação, ou de concretização desse Estado. Porém, também devemos levar em consideração a genealogia desse Estado e a reprodução histórica desse Estado. Uma teoria do Estado capitalista deve poder explicar as metamorfoses de seu objeto. Por isso devemos analisar as teorias de Estado e seu papel na sociedade a partir do seu movimento de transformação ao longo do tempo.

Portanto, levamos em consideração que, em relação às classes dominantes, em particular a burguesia, o Estado neoliberal hoje tem um papel principal de organização. Ele representa e ou, organiza as classes dominantes, em suma, representa e organiza interesses políticos a longo prazo do bloco no poder, compostos por várias frações de classe da burguesia. O Estado constitui portanto a unidade política das classes dominantes: ele instaura essas classes

como classes dominantes. Essa papel fundamental de organização não concerne aliás a um único aparelho ou ramo do Estado (os partidos políticos), mas, em diversos graus e gêneros, ao conjunto de seus aparelhos, inclusive seus aparelhos repressivos (exercito ou polícia). O lugar privilegiado dessa classe ou fração de classe é, ao mesmo tempo, um elemento constitutivo da sua hegemonia na constelação das relações de força.

No ramo de moda íntima e da indústria têxtil, uma fração de classe altamente estrutura no município de Nova Friburgo são os empresários da moda íntima, cabe aqui uma pequena análise. Eles são diferentes entre si e se estabelecem em relações de poder e dominação internamente na fração de classe. Como já mencionado micro e pequenos empreendedores individuais podem estar em uma relação de opressão a partir da terceirização de sua produção para médias e grandes empresas, por sua vez, essas as médias empresas podem estar em uma relação de opressão em relação as grandes empresas e as lojas varejistas, e as grandes empresas em uma relação de opressão com as empresas varejistas. Porém quem está na ponta inferior da cadeia produtiva são as empresas informais. Outra fração de classe que se organiza de forma contundente no município são os empresários donos das lojas varejistas de tecido, que, pela venda e comercialização de matérias bases à indústria têxtil, acumulam muito capital e exercem grande poder político e econômico, existem famílias no município que tradicionalmente exercem essa atividade e concentram grande renda.

O Estado pode preencher a função de organização e unificação da burguesia e do bloco no poder, na medida que detém uma autonomia relativa em relação a tal ou qual fração ou componente desse bloco, em relação a tais ou quais interesses particulares. O Estado estabelece concretamente a sua política em favor do bloco no poder: a burguesia, instituindo um papel de manutenção poder de classe. O Estado, no caso capitalista, não deve ser considerado como uma entidade intrínseca, mas como também é o caso do capital, como uma relação, mais exatamente como condensação material de uma relação de forças entre classes e frações de classe, tal como ele expressa, de maneira sempre específica, no seio do Estado. O poder de uma classe significa de início seu lugar objetivo nas relações econômicas, políticas e ideológicas, lugar que recobre as práticas das classes em luta, ou seja, as

relações desiguais de dominação/subordinação das classes estabelecidas na divisão do trabalho, e que consiste desde então em relações de poder. O lugar de cada classe, portanto seu poder, é ao mesmo tempo designado e delimitado, pelo lugar das outras classes, ou frações de classe. O poder não é portanto uma qualidade imanente à uma classe em si no sentido de uma reunião de agentes, mas depende e provém de um sistema relacional de lugares e materiais ocupados por determinados agentes.

O papel do Estado diminui e aqui entram a participação das instituições privadas de fomento ao desenvolvimento como SEBRAE, SENAI e FIRJAN, elas suprem um papel de incentivo e de profissionalização da força de trabalho que no período de acumulação anterior era função constitutiva dos Estados Nacionais. Essas agências de desenvolvimento se configuram por possuírem um interesse público, porém seu capital é privado. Elas realizam uma função na condensação material na relação entre e interna as classes e frações de classes. Aqui recorreremos à citação de Poulantzas, se contrapondo às concepções trazidas por Dardot e Laval, pois concordamos com o primeiro no que se refere ao papel do Estado ao estruturar as relações de poder.

“[...] esse papel do Estado diante das classes dominadas, tanto como seu papel frente ao bloco no poder, não deriva de uma racionalidade intrínseca como entidade “exterior” às classes dominadas. Ele está igualmente inscrito na ossatura organizacional do Estado como condensação material de uma relação de forças entre classes. O Estado concentra não apenas a relação de força entre frações do bloco no poder, mas também a relação de forças entre estas e as classes dominadas.” (POULANTZAS, Nicos.1985, p.162)

O Estado é lugar de organização estratégica da classe dominante, que na cadeia de moda íntima em Nova Friburgo são as grandes empresas e as empresas varejistas, em relação às classes dominadas, que no município e na indústria moda interior são as pequenas e micro empresas individuais, com destaque às pequenas fabriquetas informais. É, portanto, lugar e centro do exercício de poder, mas que não possui poder próprio. A ideologia dominante, que o Estado reproduz, tem igualmente função de constituir o cimento interno dos aparelhos de Estado e a unidade de sua população e da força de trabalho. Esta ideologia é precisamente a do Estado neutro, representante da vontade e

dos interesses gerais, árbitro entre as classes em luta – a administração ou a justiça acima das classes, o exército pilar da nação, a polícia seria a garantia da ordem republicana e das liberdades dos cidadãos, a administração motor da eficiência e do bem-estar de todos.

Poulantzas sintetiza o conceito de bloco no poder como uma unidade contraditória e dinâmica entre distintas classes e ou frações de classes, sob a hegemonia de uma dessas frações ou classes. Portanto, as contradições de classe representam a base material, imaterial e organizacional do Estado Capitalista que se organiza em uma dupla relação dialética (1) a relação do Estado com as classes dirigentes e (2) a relação do Estado com as classes dirigidas, ou, as massas. Nessa Perspectiva, o Estado capitalista se fundamenta exclusivamente pelas contradições intrínsecas às tensas relações de classes, que a partir do processo de reestruturação produtiva são refuncionalizadas e reorganizadas para o estabelecimento da hegemonia de poder. Apesar do Estado servir para organizar as classes dominantes e para desorganizar as classes dominadas este pode, por meio de contestações organizadas e recorrentes das classes subordinadas, ser disfuncional aos interesses intrínsecos da burguesia.

Destaca-se o argumento das agências privadas de fomento ao desenvolvimento e do Estado de se estabelecer no arranjo do município de Nova Friburgo uma ideologia. Ideologia fundada na capacidade individual dos micro e pequenos empreendedores de construir um espaço produtivo capaz de se relacionar em rede e em diversas escalas. Estrutura-se assim um discurso fundado na tradição, no saber fazer, na identidades e nos discursos de desenvolvimento local. Nesse movimento se reorganizam as relações de trabalho e de opressão. De uma relação de poder entre proletariado e burguesia à uma estrutura muito mais complexa, entre micro, pequenos e médios empreendedores, além dos grandes burgueses e varejistas, todos se relacionando entre si em múltiplas escalas. Entre formalidade e informalidade.

Vale reiterar que podemos reinterpretar e qualificar a territorialidade do ciclo de acumulação fordista, assim como visto no capítulo anterior, uma territorialidade que é precarização, apesar e por causa das políticas neoliberais. No período caracterizado pelo nacional desenvolvimentismo houve contradição entre os interesses de Estado e os da burguesia. Esta organização foi usada

como resistência da classe trabalhadora. Durante esse tempo foram empregadas estratégias de organização da classe trabalhadora para busca e conquista de direitos. ARAÚJO (2003) apresenta retrato das condições precárias dos trabalhadores no princípio do processo de industrialização do município:

“[...] os salários pagos nas indústrias de Nova Friburgo, a partir de 1911, eram inferiores aos salários pagos aos trabalhadores rurais da região e igualmente inferiores à média nacional dos operários industriais. A questão da superexploração da força de trabalho associava-se também à extensa jornada de trabalho, independentemente do acréscimo de horas extras. As jornadas de trabalho variavam de dez a doze horas diárias e, em muitas ocasiões, eram tais jornadas acrescidas de “serões”. Efetivamente, a opção pelo “serão” significava acréscimo substancial na jornada de trabalho e representava para o trabalhador a única possibilidade de elevação de seus minguados rendimentos. [...] elemento da exploração do trabalho relacionava-se a disciplina férrea imposta pelos capitalistas aos operários no decorrer do processo produtivo. Além da falta de iluminação adequada, da precariedade da higiene no local de trabalho, e do fato de trabalharem de pé, os operários eram proibidos de fumar, de conversar na hora do almoço, de tomar cafezinho no horário do expediente e eram controlados nas idas ao banheiro. A vida no interior da fábrica acontecia num quadro de extrema rigidez. Fora da fábrica, as situações não era tão diferente: moradias precárias, baixos salários, alimentos caros, tudo isso deixava a vida do trabalhador friburguense beirando o insuportável.” (ARAÚJO, João Raimundo de. 2003, p. 116-117)

Resistência contra essas formas de exploração aconteceram em um formato bastante precário e espontânea como afirma o autor, constituindo-se em movimentos nos quais não se percebe, até pelo menos 1930, a presença de organização sindical (ARAÚJO, 2003, p.117). Porém, após este período durante o avanço e consolidação das grandes indústrias os sindicatos, do município de Nova Friburgo, tiveram um importante papel na luta e conquista de direitos trabalhistas. A formação da classe operária tem raízes no final do século XIX com a criação da Estrada de Ferro Leopoldina e a consequente implementação das grandes fábricas. Durante este período houve a criação, em 1883, da Sociedade Humanitária dos Operários de Nova Friburgo, um “movimento mutualista que tinha como objetivo promover auxílio jurídico aos seus filiados”, e a mesma sociedade está presente no município até os dias atuais (ARAÚJO, 2003, p.117). Desde o final do século XIX e o início do século XX são observados

movimentos grevistas de operários que reclamavam contra o atraso nos pagamentos e condições de trabalho precárias, portanto desde o princípio de sua industrialização já estavam expressadas no cotidiano as contradições entre o capital e o trabalho.

Neste movimento de luta e conquista de direitos as relações de trabalho também foram se transformando. Com o tempo e a resistência da classe operária os trabalhadores de Nova Friburgo conquistaram melhores relações de trabalho. Foram construídos inúmeros conjuntos habitacionais nos bairros operários como a Vila Amélia, Perissê e Bela Vista. Também foram estabelecidos no período após 1930 jornadas de trabalho mais justas e melhores salários (ARAÚJO, 2003, p.1176). Nessa década o movimento operário assumiu um novo comportamento com a criação do sindicato têxtil, que irá fundamentar o movimento em novas bases.

Com o advento das políticas neoliberais e a não capacidade de se manter o desenvolvimento e acumulação do período fordista essas relações e direitos, estruturadas no ciclo anterior, vem se reestruturando, transformando as dimensões do vivido e a forma de manifestação/organização do Estado (concebido) e das formas de resistência (percebido). O Estado, nesse movimento emprega não apenas a relação de força entre frações de classe do bloco no poder, mas também a relação de forças entre estas e as classes subordinadas, e portanto a autonomia relativa do Estado é necessária para a organização da hegemonia. Outro elemento que Poulantzas abarca, no processo de condensação das relações socioeconômicas é o poder de classe como categoria estruturante no desenvolvimento das relações sociais de produção e do Estado Capitalista. Poulantzas afirma que o processo econômico é luta de classes e portanto também é relações de poder (e não somente de poder econômico) mas também poderes políticos e ideológicos. A conjugação de tais formas de poder, relacionam-se dialeticamente aos lugares de classes, conforme a divisão social do trabalho. Assim:

Essas relações de poder, lastreadas na produção da mais-valia e na ligação aos poderes político-ideológicos, materializam-se nas instituições-aparelhos específicos que são as empresas-fábricas-unidades de produção, lugares de extração da mais-valia e de exercício desses poderes (POULANTZAS, Nicos.1985, p. 41).

Neste sentido nos aproximamos das visões de Poulantzas e de Lefebvre. Entendemos o Estado como aparelho político e ideológico da classe burguesa. E nos afastamos das visões de Dardot e Laval, pois não acreditamos nas concepções que entendem o mercado como algo concebido. Aqui pretendemos realizar uma crítica das concepções que entendem o processo de desenvolvimento como auto-formativo do sujeito econômico. Não acreditamos que o processo de mercado constrói seu próprio sujeito, este processo não é autoconstrutivo, mas construído em um movimento dialético entre Estado, classes e frações de classes. Assim como nas concepções de Poulantzas acreditamos que o processo econômico é luta de classes e portanto também é relações de poder, e não somente de poder econômico, mas também poderes políticos e ideológicos, como já afirmado.

Conclui-se portanto que o Estado torna-se elemento chave dessa concorrência exacerbada, procurando atrair uma parte maior de investimentos pela criação de condições fiscais e sociais favoráveis à valorização do capital. Assim contribuem para a criação de uma ordem que o submete a novas restrições que, por sua vez, levam a comprimir salários e gastos públicos, reduzir “direitos adquiridos” considerados muito onerosos e enfraquecer os mecanismos de solidariedade que escapam à lógica assistencial privada. Os Estados são cada vez mais submetidos à intensificação da lógica de expropriação do capitalismo financeiro e das dinâmicas da globalização, que no APL de Nova Friburgo se manifesta a partir do crescimento da flexibilidade e de múltiplas micro e pequenas empresas formais e informais.

Por fim nesse capítulo podemos compreender como o discurso ideológico sustenta as políticas públicas e as ações privadas relacionadas ao desenvolvimento local. Portanto é importante ressaltar a centralidade do Estado, das políticas públicas e das agências de desenvolvimento no processo de consolidação do APL de moda íntima do município de Nova Friburgo. Para isso analisamos as relações de poder que estruturam e fundamentam tais argumentos no âmbito das representações do espaço.

CAPÍTULO 3

3. Crise e Reestruturação do Mundo do Trabalho e as Transformações do Cotidiano no Município de Nova Friburgo

Temos como objetivo principal neste capítulo a análise do processo de reestruturação produtiva urbano do município de Nova Friburgo, tendo em vista as políticas públicas de desenvolvimento local e as transformações na organização do mundo do trabalho e na vida cotidiana, no âmbito do vivido e dos espaço de representações (LEFEBVRE, 1973). Pretendemos realizar uma análise crítica referente as transformações trazidas pelo processo de reestruturação produtiva da indústria e as mudanças no vivido do trabalhador, considerando as características do trabalho no município de Nova Friburgo e na região que compreende o Arranjo Produtivo Local, suas especificidades. Este processo tem como principais características o trabalho doméstico, feminino, fragmentado e altamente flexibilizado.

No item 3.1 analisaremos as transformações no mundo do trabalho a partir do processo de reestruturação e reorganização da indústria, tendo em vista a reorganização/flexibilização da produção e do trabalho. Para isso realizamos um diálogo entre os textos de Dardot e Laval (2016) e Mattos (2011). Aqui realizaremos uma análise da crise e a reestruturação do capitalismo fordista e sua manifestação no âmbito do mundo do trabalho e da vida cotidiana trazidos, pelo processo mais geral de reestruturação produtiva da indústria e do urbano. Para atingir tais objetivos é feita uma relação com os textos de Mattos (2005, 2011) e Dardot e Laval (2016), visando realizar uma análise do processo de flexibilização no mundo do trabalho e destacando o protagonismo do trabalho doméstico majoritariamente feminino caracterizado pela alta informalidade na organização da vida e do trabalho no APL de Nova Friburgo (MATTOS, 2011). Reforçamos aqui o papel do MEI (micro empreendedor individual) em consolidar uma ideologia do empreendedorismo, do livre mercado e da meritocracia.

No item 3.2 vamos analisar as características do APL de Nova Friburgo e a força do trabalho feminino e doméstico, considerando a produção local no Arranjo Produtivo de Moda de Nova Friburgo. Entender as novas características nas relações de trabalho no APL de Nova Friburgo, tendo em vista o trabalho a domicílio caracterizado pela alta informalidade e flexibilização. Ressaltar o papel da mulher nesse processo como força de trabalho majoritária, que constrói uma

identidade pessoal, coletiva e local das mulheres no trabalho produtivo. Para alcançar tais objetivos dialogamos com os textos de Mattos (2005) (2011) e Oliveira (2012) que nos ajudam a compreender as relações de poder entre micro e pequenas empresas (ressaltando o papel do MEI), as relações entre formalidade e informalidade, como corroborado nos dados e tabelas. Dardot e Laval (2016) também nos auxiliam neste item para entender a análise do discurso flexibilizante.

No item 3.3 temos como finalidade realizar a espacialização da produção de moda íntima em Nova Friburgo, para isso fizemos um mapeamento as empresas associadas ao Sindvest (Sindicato das Indústrias do Vestuário) na região do município de Nova Friburgo. Aqui é importante destacar a questão da informalidade e a falta de dados das empresas domésticas que torna impossível o mapeamento das empresas informais. Também podemos identificar o processo de implosão/explosão das indústrias e do urbano em uma escala regional, deixando o antigo centro industrial do município e abrangendo novas áreas, rurais ou urbanas, dentro e fora do Nova Friburgo.

Por fim, no item 3.4 analisaremos o processo de reestruturação produtiva, suas rupturas no tecido social, sua transformação e reorganização das relações de trabalho que culmina naquilo que muitos autores denominam de um trabalho altamente precarizado, com alta densidade de flexibilização das relações de trabalho, e dos direitos adquiridos. Para alcançar tais objetivos recorreremos a autores como Standing, que definem uma nova classe de trabalhador, aquele altamente precarizado e flexibilizado, que o mesmo denomina de “precarizado” (STANDING, 2014). Aqui, pretendemos entender as relações entre o proletariado e a precarização do trabalho, que hoje é caracterizado pela flexibilização e pela instabilidade.

O processo de reestruturação produtiva da indústria e o avanço do pensamento, racionalização e ação do neoliberalismo, como já foi visto, modificam drasticamente as relações de trabalho, da produção e do “chão da fábrica”. A rigidez fordista é quebrada e o trabalho deixa a antiga planta industrial. A concentração fordista no centro da cidade explode e nesse movimento se urbanizam outras áreas na periferia da cidade, pulverizando e fragmentando a produção. Essa produção deixa a fábrica e invade a vida doméstica, reorganizando as dimensões do vivido e as relações estabelecidas entre família

e trabalho. O trabalho doméstico feminino é altamente intenso e flexibilizado torna-se o padrão de organização. Acompanhando a produção, também se flexibilizam as relações de trabalho. Como vimos no capítulo anterior existem discursos ideológicos que sustentam essas concepções e viabilizam ações de políticas públicas e de agências privadas no objetivo de “modernizar” as estruturas do trabalho e da produção.

Aqui apresentamos um breve relato introdutório dos contatos em campo. Tivemos certas dificuldades no contato com as costureiras durante o trabalho de campo. Como se trata de uma produção doméstica, oculta e muitas vezes informal, muitas mulheres tem medo em realizar entrevistas, de falar sobre as opressões e sobre a flexibilização que as atingem. Mesmo nas indústrias formais esse contato é difícil, já que os empresários não querem dar informações sobre a terceirização da produção, e mesmo as trabalhadoras formais ficam inseguras em relatar tais experiências. Porém tivemos a oportunidade de visitar duas empresas, uma facção, que é altamente flexibilizada, responsável por uma etapa do processo produtivo (a montagem de peças) e que trabalhava a partir da terceirização de médias e pequenas empresas. Essa pequena facção trabalhava apenas com três empregadas e era exclusivamente informal e doméstica tendo como toda sua força de trabalho a mão-de-obra familiar e feminina.

Outra empresa que tivemos oportunidade de fazer visita técnica e observar a produção é uma das confecções mais bem estabilizadas no município. Essa empresa trabalha em escala nacional e possui domínio sobre várias etapas do processo produtivo. Trabalha majoritariamente na formalidade, pelo menos segundo os relatos dos funcionários, porém não descartamos a possibilidade de ocorrer a terceirização de parte ou de uma etapa da produção. Ela se encontra no bairro de Olaria, em um sobrado que no andar inferior fica o varejo e no andar superior, a produção. Apesar da estabilidade da empresa, observamos muitas mulheres trabalhando nas máquinas com baixas condições de ergonomia, conforto e salubridade. Muitos tecidos espalhados e muita poeira, que diminui a qualidade do ar. Ainda assim, as condições de trabalho eram substancialmente melhores que as encontradas na facção doméstica.

Nesse âmbito há o crescimento exponencial de micro e pequenos empreendedores individuais especializados na moda íntima e fitness, as confecções. Também há o crescimento de empresas informais, altamente

flexíveis, essas empresas geralmente participam de circuitos inferiores da economia, são domésticas e majoritariamente comandado por mulheres que praticam múltiplas funções. Essas mulheres usam da produção doméstica de moda íntima como formas de resistência ao desemprego estrutural trazido pela crise da produção fordista e como complemento à renda familiar.

A produção doméstica permite uma flexibilidade de horas e permite à mulher realizar múltiplas funções. Entretanto tais relações de trabalho não garantem a ela plenos direitos, já que essa produção é informal, assim como mostram as autoras Mattos (2005, 2011) e Oliveira (2012). Essas autoras fundamentam tais características, nesse capítulo iremos realizar uma articulação entre o movimento de flexibilização do trabalho, fundamentado pelas autoras e as mudanças na vida cotidiana e na organização da família e do trabalho, culminando naquilo que (STANDING, 2014) define como “precariado”.

O advento do pensamento ideológico neoliberal cria uma cultura empreendedora e uma falsa sensação de empoderamento que escondem estruturação de poder e subordinação. É vendido a trabalhadora a possibilidade de flexibilidade e dela ter seu próprio negócio, porém na prática seus direitos são tirados ou diminuídos, se vende uma ideologia fundada na tradição e no saber fazer, também na possibilidade de ação individual que mascara estruturas de dominação. Na prática há uma transformação profunda no núcleo familiar e na organização do trabalho/produção. O trabalho torna-se majoritariamente doméstico invadindo a vida privada, a morada e a casa; essa produção se esconde em fundos dos quintais, garagens e sobrados nos antigos bairros operários, e mesmo em áreas rurais. Em meio as estradas de chão, plantações e florestas algumas vezes podemos observar pequenas placas com os dizeres: vende-se calcinhas e sutiãs.

3.1 Reestruturação Produtiva da Indústria, flexibilização e terceirização no mundo do trabalho no APL de Moda Íntima de Nova Friburgo.

O trabalho é o principal elemento de organização e o principal fator no lucro das empresas do arranjo. Como o trabalho doméstico permite a extensão da jornada de trabalho, a necessidade da análise da vida cotidiana da classe trabalhadora e as transformações advindas do processo de reestruturação

produtiva se torna relevante. Acontece um aumento da expropriação consequente da intensificação das horas necessárias à reprodução, uma vez que no trabalho doméstico não há como se regular as horas trabalhadas ou controlar a dupla jornada, também não há seguridade dos benefícios sociais, já que os trabalhadores tornam-se, muitas vezes, a própria empresa. Esses custos e encargos são terceirizados e saem do âmbito do Estado, ficam as custas da própria classe trabalhadora, é um processo geral que se manifesta em Nova Friburgo com suas especificidades.

O mundo do trabalho vem passando nas últimas décadas por uma substancial reestruturação e reorganização, seja nos países centrais, seja na periferia do capitalismo, e conseqüentemente influem na realidade da classe trabalhadora no Brasil e no APL de Nova Friburgo, a partir da reorganização/flexibilização da produção e do trabalho. Estamos todos sendo conduzidos em direção da precarização das relações de trabalho no contexto contemporâneo de neoliberalização de todos os aspectos da vida. O processo de precarização do trabalho, e a constituição do precário mundo do trabalho são traços da nova estrutura do sócio-metabolismo do capital nas condições da mundialização financeira.

Essa “mundialização financeira” é conduzida pelo neoliberalismo que tem provocado significativas avarias no tecido social da sociedade contemporânea, não deixando ilesas nem mesmo os países que se situam no centro do processo de acumulação capitalista, acertando em cheio os direitos sociais, no cerne dos quais se encontram os direitos trabalhistas. Pierre Dardot e Christian Laval, afirmam o seguinte:

“Por múltiplos caminhos, o neoliberalismo se impôs como a nova razão do mundo, não deixando incólume nenhuma esfera da vida. O que se acha em causa é a forma de existência na modernidade última. Sua norma fundamental é a competição mortífera modelando tudo da vida social introjetada na subjetividade dos indivíduos pelo capital e seu mercado”.
(DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p. 202)

O neoliberalismo vem promovendo historicamente uma desagregação do tecido social, e uma flexibilização de todas as relações de trabalho estruturadas no período de welfarista, enfraquecendo as mobilizações coletivas, os

movimentos trabalhistas e sindicais, submetendo todos à lógica da concorrência generalizada em todos os âmbitos e níveis. Na especificidade da materialização do neoliberalismo no caso brasileiro estabelece suas origens na abertura externa da economia mundial, nas privatizações, na desregulamentação, nos contratos de prazo determinado, na subcontratação e principalmente nas terceirizações. Os anos 1970 e 1980 foram palco de uma crise econômica mundial sem precedentes, que geraram rupturas e reestruturações, em que o ambiente recessivo produziu reflexos significativos sobre as demandas e as margens de lucro, provocando a racionalização das estruturas produtivas das empresas e das indústrias, com a inserção de tecnologias que, elevaram consideravelmente o nível de desemprego, contradizendo todas as previsões dos que defendiam à flexibilização como alternativa para o crescimento orçamentário. Assim, segundo Pierre Dardot e Christian Laval:

“As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação”. (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p.149)

O processo de precarização do trabalho, portanto, vem como consequência da onda neoliberal globalizante e estruturante, que se estabelece no mundo nas últimas décadas e ancora entre nós, de modo explícito e impudico, a partir do início dos anos 90, com o governo de Fernando Henrique Cardoso, e acentuou-se com as famosas privatizações promovidas por ele, nos fins dessa década, as quais já foram objeto de muitas críticas e de suspeitas graves de prevaricação e corrupção. Depois de uma década e meia de avanços no âmbito dos direitos sociais, cujo período mais promissor se deu entre os anos de 2003 - 2010, o Brasil, a partir do governo ilegítimo do presidente Temer, e com acentuação no governo atual governo Bolsonaro, retomou, de forma violenta, a pauta neoliberal com ataques sistemáticos aos direitos sociais e trabalhistas, produzindo estragos de monta aos direitos do trabalhador, com a edição de leis que suprimiram ou feriram de muitos desses seculares direitos. A Consolidação das Leis do Trabalho foi erigida à condição de vilã, a ela sendo atribuída as características de arcaica, atrasada, ultrapassada e corporativa.

Mattos (2011), apresenta alguns elementos que nos permitem realizar uma interlocução e compreender melhor informações de nossa pesquisa. Neste artigo a autora tem como objeto principal de estudo a análise da constituição do trabalho em domicílio e feminino na construção do Arranjo Produtivo Local (APL) denominado Polo de Moda Íntima de Nova Friburgo e Região, RJ. Ela ainda constatou que as estratégias adotadas para modernização do polo pouco modificaram a precariedade da informalidade na medida em que estavam voltadas para as empresas, e não para as relações de trabalho. (MATTOS. 2011, p.01). Ainda nos mostra como o trabalho em domicílio sempre esteve integrado à (re)produção do capital, mas “à margem”, constituindo uma “válvula de escape” das pressões do exército industrial de reserva, esse tipo de trabalho exerce importante papel na construção desse espaço produtivo do APL de Nova Friburgo. A interlocução com essa pesquisa nos ajuda a perceber os processos de flexibilização no mundo do trabalho no arranjo.

“Outras formas de aglomeração espacial, bastante distintas das anteriores, são as chamadas áreas-sistema ou distritos industriais, constituídas por um conjunto de empresas concentrado territorialmente, com baixo volume de capital fixo, forte fragmentação do processo de trabalho e voltado para um mercado bastante diversificado. São pequenas e médias empresas fortemente integradas através de formas específicas de coordenação e de organização da produção. Esses espaços produtivos são identificados com os “distritos marshallianos” cujas vantagens frente às grandes escalas de produção decorrem da agregação territorial de pequenas empresas especializadas e com produção diversificada, constituindo um único mercado de trabalho local e envolvido por um “espírito de iniciativa empreendedor”.” (MATTOS, Regina. 2011, p. 6)

As nossas pesquisas corroboram com a Tese central estruturada pela autora. Podemos perceber de forma clara a transformação na fluidez espacial no APL, notamos que o arranjo vem apresentando um alto grau de “flexibilização” e de reorganização da produção, assim como das relações de trabalho. Podemos observar esse processo a partir das análises de campo e da alta fragmentação encontrada na produção da facção visitada, uma microempresa que se quer possuía a escala do varejo e terceirizava toda sua produção.

O trabalho nas vielas e garagens do município é difícil, altamente intenso, com condições baixas de saneamento e ergonomia, as mulheres respiram poeira

dos resíduos de tecido, muitos lugares não possuem circulação de ar, são fechados e úmidos. A jornada de trabalho é exaustiva, às vezes passam de 8 horas por dia, já que não existe regulamento por parte do Estado, no caso das empresas informais. A produção é vendida por número de peças, o que intensifica ainda mais a exploração, porque a trabalhadora produz e é paga por demanda, não por horas. Essa nova lógica normativa é capaz de incorporar e reorientar duradouramente políticas e comportamentos em uma nova direção: Economia livre e Estado forte, porém com papel de regular a economia neoliberal. Há o reengajamento político do Estado, sobre novas bases, novos métodos e novos objetivos. Vemos então o retorno ao mercado. Aqui entra o papel das agências de fomento ao desenvolvimento, como o SENAI, SEBRAE e FIRJAN sendo elas entidades privadas com interesses públicos, agentes de estímulo ao crescimento econômico e industrial, presentes com ações diferenciadas no arranjo, como já mencionado no capítulo anterior.

Teoricamente as empresas em um arranjo produtivo local partilhariam de uma cultura comum, especializada e altamente tecnológica, interagindo como um grupo no ambiente sociocultural. As interações normalmente cooperativas, porém na maioria das vezes competitivas, vão além das relações comerciais e costumam agregar ganhos de escala, economias externas, voltadas sempre para o conhecimento comum e para as reduções dos custos de transação entre as empresas. Neste tipo de cluster, as unidades produtivas usualmente possuem atividades similares e até mesmo complementares, com uma divisão de trabalho altamente fragmentada entre os diversos membros, empresas produtoras de bens e serviços, centros de pesquisa, capacitação, treinamento e unidades de pesquisa e desenvolvimento, de origem pública e privada.

No APL do município de Nova Friburgo algumas dessas características podem ser encontradas, como por exemplo a divisão do trabalho fragmentada e alguns centro de capacitação e treinamento. Porém a integração entre as empresas que compõem a cadeia produtiva é baixa, ela se configura apenas na terceirização de parte ou de uma etapa da produção. Não há cooperação, troca de informação ou tecnologia entre os agentes. Na verdade, as relações de opressão é que estão estabelecidas na prática. Empresas grandes e médias, principalmente as que possuem varejo veem as pequenas e micro empresas apenas como fornecedores de mão-de-obra barata. Os centro de capacitação

tem como maior preocupação a formação técnica dessa força de trabalho e não dão muita ênfase ao desenvolvimento de novas tecnologias. Essas são características da territorialização do capital neoliberal em Nova Friburgo e configuram suas especificidades, principalmente quando nos referimos à intensificação da expropriação das relações de trabalho.

O fato de as empresas estarem territorialmente perto umas das outras seria de extrema importância para a geração da inovação técnica e tecnológica, pois o capital humano é praticamente fixo em relação ao território externo, mas altamente móvel dentro do arranjo, o que possibilitaria um processo de aprendizado coletivo local, o que não se observa na prática no caso do APL de Nova Friburgo, que apresenta alta concorrência entre as empresas. Em segundo, tal proximidade levaria à formação de uma complexa rede de contatos informais junto aos agentes locais. No arranjo de Nova Friburgo esse processo não se manifesta a partir da cooperação tecnológica, porém estabelece uma contradição. A expansão da territorialidade neoliberal acaba intensificando sua pior faceta – a flexibilização das relações de trabalho. Há uma generalização da terceirização e de uma rede de contratos informais entre os agentes locais, estabelecendo uma relação de poder dentro da cadeia produtiva.

Grande parte das definições sobre os sistemas locais de produção possuem duas características comuns: a forma cooperativa de associar e interagir das empresas e a proximidade espacial e/ou setorial entre elas. Quando se fala em clusters, deve-se atentar a outras diferenças, relativas às características do setor dominante na região, das interdependências existentes entre as empresas, da disponibilidade de suporte institucional e governamental e devido ao grau de associativismo. Portanto, os clusters, distritos industriais e os arranjos produtivos locais, quando envolvidos em ações de desenvolvimento econômico local, geram o envolvimento de pequenas e médias indústrias ou empresas em um dado espaço territorial, ou regional, delimitado. Tais sistemas produtivos também se baseiam na especialização de um dado setor de atividade e/ou ao redor de uma profissão ou produto, reunidos por uma enorme rede de cooperação, interação e relacionamentos. Teoricamente esses sistemas são criados sob diferentes formas de cooperação e competição entre as empresas e outras instituições participantes, que agem da mesma forma, na tentativa de:

melhorar e reparar, através da coletividade, todas as diferentes falhas existentes nos mercados de atuação.

Os distritos indústrias e os APLs possuem semelhanças já que em ambos, a maior parte de toda a produção e emprego é gerada por pequenas e médias empresas agrupadas territorialmente em uma região. Tais sistemas se caracterizam também pela grande flexibilidade nas relações de trabalho e alta fragmentação da produção, em suas estruturas produtivas possuem se comparadas com o modelo fordista tradicional vigente até então. Teoricamente então, a competição e cooperação entre empresas, criaria uma comunidade sociocultural, altamente participativa na construção do conhecimento e da produção industrial.

Tais concepções reestruturam questões relacionadas ao direito do trabalho resultado de uma longa histórica de lutas e reivindicações, que se travaram nos mais diferentes países, cujos primórdios se situam no bojo da Revolução Industrial, em enfrentamento às degradantes e abusivas condições de trabalho e vida, a que era submetida a classe trabalhadora. Determinados setores empresariais vêm dirigindo ataques frequentes ao arcabouço legal de proteção aos direitos da classe trabalhadora, assumindo uma posição de “vítimas” face à suas normas e exacerbada rigidez, as quais “inviabilizariam”, segundo alegam, o exercício de suas atividades e a expansão de seus lucros e desenvolvimento econômico. Sabemos que o conflito Capital X Trabalho tem suas raízes mergulhadas nas origens do Capitalismo Liberal e vem acompanhando todas as suas fases, cíclicas e sazonais de transformação e reestruturação.

O governo Temer e mais recentemente o governo Bolsonaro assumiram o compromisso com o desmonte total desse arcabouço legal de proteção aos direitos sociais trabalhistas, devendo promover seu desmantelamento na maior brevidade possível, devido ao pouco tempo que teria a sua disposição para tal reestruturação. No seu exíguo e, paradoxalmente, interminável mandato, Michel Temer, contando com o apoio do parlamento brasileiro, tão leal à causa dos poderosos, conseguiu produzir avarias substanciais aos referidos direitos da classe trabalhadora. Sua primeira ofensiva contra os direitos dos trabalhadores foi a edição da Lei 13.429/2017, 31 de março de 2017 (Brasil, 2017) que transformou a “terceirização”, até então restrita às “atividades meio” das

empresas, em regra para contratação de empregados para suas “atividades fim”. A terceirização, que já fora, há décadas, objeto de críticas, mesmo quando restrita às “atividades meio” das empresas, passou a gozar de irrestrita existência constitutiva e legal desde a entrada em vigor da tirânica lei.

Em vigor desde 1º de novembro de 2017, a Lei 13.467/2017, conhecida como Reforma Trabalhista de 2017, regulamentou novas modalidades de contratação trabalhista que cunharam alicerce jurídico para a expansão e generalização da “nova informalidade” do mundo do trabalho no Brasil. Portanto, concomitante à da Lei 13.429/2017, conhecida como Lei da Terceirização, que permite de modo geral e irrestrito a contratação terceirizada de força de trabalho, a Reforma Trabalhista de 2017 regulamentou novas formas de contratações precárias e flexíveis, como trabalho de *home office* ou teletrabalho e o *trabalho intermitente* (o trabalhador exerce suas atividades apenas quando convocado pelo empregador, recebendo por período trabalhado, não mensalmente). Essas novas formas de organização do trabalho e da produção doméstica já eram muito características do Arranjo Produtivo Local de moda íntima de Nova Friburgo, porém as novas leis, consolidam e legitimam tais formas de organização no mundo do trabalho.

O trabalho doméstico se configura pela alta flexibilização, pela falta de direitos trabalhistas como, férias, décimo terceiro e jornada de trabalho fixa. Já que o trabalho é, por diversas vezes, informal e feito na residência, a intensificação da expropriação é ainda maior, já que a venda dos montantes produzidos, ou tecidos cortados, é feita pela demanda do comprador pela quantidade e ele não paga as trabalhadoras pelas horas trabalhadas. Na indústria informal e doméstica, também não existe regulamentação quanto às condições de salubridade e ergonomia, sendo um trabalho exaustivo e em condições precárias. Muitas fábricas flexíveis se encontram em área de encostas de construção autônoma e não comporta nenhuma estrutura em casos de emergência, as saídas são em vielas e ruas estreitas, feitas nos sobrados, nos fundos do quintal ou garagens. Impossível o rastreamento dessa produção já que o domicílio as torna invisíveis aos olhos de quem passa pelas ruas dos bairros periféricos. O cotidiano é precarizado, o trabalho invade a morada e não há mais separação entre espaço produtivo e habitação, a indústria fordista, que se concentrava no centro do município no ciclo de acumulação anterior explode

para suas periferias e bairros operários em um processo de urbanização generalizada, transformando o espaço produtivo da moda íntima em um espaço regional.

Como já mencionado, desde a década de 1990 tem-se ampliado diferentes formas de trabalho flexível como as modalidades pós-modernas de informalidade, além do contrato-padrão por tempo indeterminado, oferece-se uma ampla variedade de formas de organização do trabalho flexíveis ou preconizadas: estágio, jovem aprendiz, contratação temporária, terceirização, home-office, trabalho intermitente, trabalho eventual, autônomo, em regime de tempo parcial. Pode-se explicar a ânsia de flexibilização da contratação de força de trabalho no Brasil pela necessidade imediata do capital dar base jurídica para tal intensa exploração da força de trabalho, tendo em vista às condições da crise estrutural do capitalismo welfarista no mundo e no caso brasileiro.

Portanto, a Reforma Trabalhista e a Lei da Terceirização de 2017 teriam o papel, segundo os defensores da flexibilização trabalhista, de recompor a lucratividade capaz de atrair investimentos e fazer com que a economia volte a crescer e saia da estagnação/recessão. Entretanto, é improvável que isso ocorra, tendo em vista outros fatores mal resolvidos para um crescimento sustentável da economia nas condições de um capitalismo altamente financeirizado e com baixa capacidade de investimento público.

Na imagem 21 que podemos ver a seguir, observamos uma confecção de tecidos bem estruturada no bairro de Olaria no distrito do centro de Nova Friburgo. Percebemos um trabalho intenso, porém com condições relativamente boas de trabalho, nas indústrias domésticas, flexíveis e informações as condições de trabalho encontradas são muito mais precárias.

Imagem 21



Fonte: Reportagem do Jornal O Globo, costureiras de uma grande empresa no bairro de Olaria, empresa possui mais de 300 funcionários. Disponível em > <https://oglobo.globo.com/economia/em-friburgo-moda-intima-gera-81-das-vagas-do-setor-21596970>

Em 2018, a informalidade bateu recorde no país e já atinge 43% dos trabalhadores, segundo dados retirados do site do IBGE²⁶. O pequeno crescimento do emprego ocorrido em 2018 foi puxado pela “velha informalidade laboral” que sempre caracterizou a “miséria brasileira” dos trabalhadores alienados à margem da regulamentação trabalhista (o trabalhador assalariado, por conta própria, doméstico ou do setor público sem carteira de trabalho). Importante aqui ressaltar a alta taxa de trabalho feminino à domicílio característico do APL de Nova Friburgo, que apresenta, devido às suas características, intensa expropriação da trabalhadora, por ser um trabalho doméstico, que por muitas vezes, se cumpre uma dupla jornada. Entretanto, os efeitos da Reforma Trabalhista e da Lei da Terceirização devem ampliar, ao lado da velha informalidade, a nova informalidade caracterizada pelo trabalho flexível regulamentado e com carteira assinada, já que torna-se legal por parte do Estado.

Podemos sustentar tais afirmativas a partir da análise da transformação da e na vida cotidiana da classe trabalhadora. A partir de análises de campo e visita à uma pequena facção doméstica, podemos observar na garagem de uma

²⁶ <https://www.ibge.gov.br>, acessado em 17/08/2019.

casa simples no bairro do Cordoeira (no distrito central do município), como se organiza uma facção. As facções são caracterizadas por produzirem apenas uma, ou duas etapas da montagem do produto (mercadoria). No caso da facção que visitamos, ela se organizava pela montagem das peças, que já vinham cortadas de outra facção (responsável pelo corte dos tecidos). Nesta garagem, sem janelas, em um ambiente escuro, no domicílio, a pequena facção era composta por apenas três máquinas, a dona da facção empregava apenas mais uma pessoa, e os outros responsáveis pela montagem das peças eram membros da sua família, sua mãe e vizinha e seu marido. Se configurando como uma pequena empresa familiar. As peças eram vendidas por apenas 0,80 centavos cada. Neste local não há condições de salubridade ou ergonomia, assim como não se configura como uma empresa formal, já que é familiar, doméstica e trabalha a partir da terceirização, vendendo o montante da sua produção para empresas maiores (algumas marcas e confecções, que possuem a escala do varejo). A trabalhadora principal deste pequeno negócio descrito é mãe de quatro crianças, e trabalha na montagem das peças no intervalo de seu trabalho doméstico, nos momentos em que seus filhos estão na escola ou com os avós.

Diferentemente da “velha informalidade”, muito característica e presente no APL de Nova Friburgo, a partir da flexibilização das estruturas de trabalho da modernidade, da fragmentação da indústria fordista e do avanço de relações como a terceirização, como mencionado no parágrafo acima. Essas tornam-se característica constituintes do capitalismo dependente brasileiro, com a ausência de registro do empregado na carteira de trabalho, mas que lhe garantia condições mínimas de direitos trabalhistas e previdenciários, a “nova informalidade” incorporou aspectos “pós-modernos” e neoliberais. Nesta nova estruturação das relações trabalhistas se implodiu a base padrão da regulação salarial propriamente dita: a forma, salário, jornada e local de trabalho. Com a nova informalidade, a relação de exploração instaurou novos alicerces “pós-salariais” que escondem os vínculos de subalternidade estrutural entre capital/trabalho, e portanto, o vínculo empregatício. É a negação generalizada do capitalismo no interior do próprio sistema capitalista. Não temos mais a forma-emprego padrão tal como nós a conhecíamos, mas persiste de modo falacioso a relação-capital por meio da nova materialidade salarial ocultada pela ideologia da liberdade, da autonomia e do “empreendedorismo”.

No passado, tais parâmetros: salário, jornada de trabalho e local de trabalho, definiam o que era ter um emprego. No século XXI, com a nova precariedade salarial, disseminou-se a nova informalidade que são modalidades de trabalho onde os parâmetros laborais foram absolutamente redefinidos e reestruturados; fragmentados e flexibilizados. Temos ainda como exemplo da “nova informalidade” os ditos “nômades digitais”, onde intermitência salarial e novas tecnologias informacionais executam a nova característica da exploração do capital, sob a ideologia da liberdade do empreendedor individual e digital ou “trabalhador do conhecimento”. A ideologia do empreendedorismo opera na ocultação ideológica da exploração da força de trabalho pelo capital, pois o fato de os novos trabalhadores exercerem uma atividade laboral com maior componente imaterial (conhecimento) e terem uma suposta “autonomia” no processo de trabalho contribui para a ilusão de serem “patrões de si mesmos” e auto suficientes, com a incrível capacidade dele aliar-se diretamente às escalas globais e internacionais do mercado.

Deste modo, essa “nova informalidade” baseia-se na implosão do coletivo das estruturas de trabalho, reforçando o individualismo possessivo festejado pelo capitalismo neoliberal, tornando os “empreendedores” adversos a práticas associativas como fizeram no passado com os sindicatos, pulverizando-os. Tornam-se então, os trabalhadores cegos à lógica da exploração, pois não acreditam que vendem a força de trabalho, mas sim o produto digno de sua atividade individual, tal como os velhos artesãos e pequenos burgueses e seu orgulho profissional (constitui que a nova precariedade salarial significa, de certo modo, no plano ideológico, a reposição antiquado e do atrasado nas condições da acumulação flexível). A ilusão de autonomia pode desaparecer quando perceberem que estão inseridos na cadeia de valorização das grandes empresas por meio da rede de subcontratação/subordinação e subsumidos à lógica do mercado internacional e neoliberal, tal como o operário ou trabalhador assalariado, embora funcionem efetivamente de outro modo, por conta dos parâmetros da nova informalidade.

Diferentemente da classe proletarizada taylorista, esse novo trabalhador “assalariado” não é comandado por uma chefia no processo de trabalho por conta de sua flexibilidade operativa, fragmentação produtiva e desenvoltura cognitiva. Segundo os defensores da flexibilização, o novo proletário funcionaria

como “trabalhador do conhecimento”, portanto não é comandado, mas sim, comandaria, o elemento reforçador da ilusão de liberdade (uma ilusão que é efetivamente real no sentido de possuir base material, pois a implicação salarial da “nova informalidade” desconstrói a forma taylorista do controle do capital, instaurando outras formas mais sutis e ideológicas de manipulação). Mas o operador não pode ser livre pois está objetivamente subsumido às forças do mercado e às demandas prescritivas das grandes empresas que comandam o processo de valorização. Executam seu trabalho de modo autônomo, é claro, mas delimitado por prescrições dadas pelo contratante, a grande empresa ou marca, que se encontra na ponta do processo produtivo. É a contradição viva do capital (livre e não-livre, onde, escravidão é sinônimo da mais alta liberdade do mercado).

O trabalhador da nova informalidade é o que alguns denominam de “trabalhador imaterial”, embora o adjetivo seja inadequado para caracterizar o novo “trabalhador flexível”. O imaterial é a forma de ser da nova materialidade da exploração. O novo operador refém da lógica do mercado e do capital deve ter alta qualificação cognitiva no sentido de lidar com novas interfaces tecnológicas, novas “máquinas de subjetividade” e novas tecnologias inovativas. Seria, portanto um operário do conhecimento que movimenta a materialidade da produção de valor no interior de novos parâmetros salariais descritos acima. Na verdade, o que ainda estrutura as relações trabalhistas nessa nova ideologia neoliberal é a categoria de exploração, que continua estruturante e motor de toda produção capitalista.

Portanto, dessas transformações rumo à informalização nas relações de trabalho e à fragmentação/opressão/empobrecimento do proletariado, questões centrais no mundo do trabalho atual, os mercados empregadores e as grandes marcas na ponta do processo produtivo funcionam como o meio de viabilização dessas condições, já que se dedicam a reduzir o número de trabalhadores essenciais e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos ao empregador. Uma lógica em que predomina o desemprego como o maior problema do mundo do trabalho do século XXI. Ocorre a descentralização e fragmentação intensa no mundo do trabalho, a perda de seu espaço no projeto de emancipação social e histórica, perecendo, dessa forma, a possibilidade do emprego para constituir nova sociedade, que

transcendesse a questão do capital, e cuja dinâmica privilegiasse a apropriação da riqueza produzida para o desenvolvimento do tempo livre da força de trabalho e não como fonte de acumulação do capital. Essa crise da sociedade do trabalho, e a perda da centralidade do trabalho como categoria sociológica, deveu-se a um duplo deslocamento da atividade laboral, em que o trabalho não só foi deslocado objetivamente de seu status de uma realidade de vida central e evidente por si própria; como consequência desse desenvolvimento objetivo, mas inteiramente contrário aos valores oficiais e aos padrões de legitimação dessa sociedade, o trabalho está perdendo também seu papel subjetivo de força estimulante central na atividade da classe trabalhadora. São esses os elementos que hoje fundamentam os questionamentos relativos ao papel decadente exercido pelo do trabalho como construtor das identidades dos indivíduos:

“[...] o trabalho deixa de ser tratado como o mais importante princípio organizador das estruturas sociais, dado que as pesquisas voltam-se para a vida cotidiana, fora da esfera do trabalho; a vasta heterogeneidade empírica do trabalho, a partir da qual o fato de ser um empregado, ou da dependência em relação ao salário, não mais constituiria foco da identidade coletiva e da divisão social e política; o declínio da ética do trabalho, à medida que, no nível da integração social, o trabalho como um dever humano ético está provavelmente se desintegrando; e, o trabalho vem perdendo sua característica de se colocar como uma necessidade, ao nível da integração do sistema.” (OFFE, Claus 1989, p. 15).

Materializa-se, a promessa da mercantilização universal do trabalho humano, no contexto do desenvolvimento desse novo e precário mundo do trabalho que se está a descrever, no qual a valorização do mundo das coisas é diretamente proporcional à desvalorização do mundo dos homens, não é o operário que utiliza os meios de produção: são os meios de produção que utilizam o operário, ou seja, a atividade laboral, transpondo a produção de bens, produz, também, a si e ao homem que a executa, como mercadoria. Portanto, um processo de intensificação da alienação do trabalho e de consolidação de uma dimensão ideológica que estrutura novas formas de poder e de organização das atividades econômicas e mercantis.

A formação da legislação trabalhista brasileira tem origem à Revolução de 1930, quando o então presidente, Getúlio Vargas, criou o Ministério do Trabalho,

Indústria e Comércio e, por meio do Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, promulgou a Consolidação das Leis do Trabalho. Consagra-se, no espaço nacional, um novo modelo trabalhista, marcado pelo forte intervencionismo estatal e bastante influenciado pelo corporativismo profissional e sindical, cujos fundamentos permanecem praticamente inalterados até as últimas modificações impostas pela Lei da Terceirização. Após a Segunda Grande Guerra, até meados da década de 1970, o mundo verificou o apogeu do capitalismo, momento em que se combinavam o crescimento econômico e o pleno emprego, resultando em elevados níveis de produtividade e efetiva distribuição de renda. Nas relações de trabalho, percebia-se a efetiva participação sindical, além da contratação coletiva como instrumento preferencial de regulação do trabalho, o que proporcionou o aumento da participação e do controle dos trabalhadores sobre as relações de trabalho, especialmente quanto aos processos de admissão e demissão de trabalhadores, definição da jornada de trabalho, introdução de novas tecnologias, entre outros.

Com a expansão e mundialização do capitalismo, a sociedade se reestrutura, ocorre, em especial, a mundialização de mercados e produtos, cresce a competitividade das empresas no mercado neoliberal e globalizado, neste novo cenário, discutem-se portanto, as formas de regulamentação das relações de trabalho, são fortalecidas as teses neoliberais, que pediam uma nova análise sobre a rigidez das leis e garantias trabalhistas vigentes, nada podendo, dessa forma, impedir o absoluto crescimento e controle do capital. Com origem nesse momento, a precarização das relações de trabalho afirmou-se como tendência global. O desemprego volta a crescer, como no início dos anos 1930, após a grande crise de 1929. Milhões de trabalhadores há tempos desempregados lançam-se no mercado de trabalho com poucas possibilidades de valorizar sua mão-de-obra, se dispondo, inclusive, a abrir mão de seus direitos legais em troca de uma ocupação. A informalidade passa a tomar dimensões consideráveis.

É nesse contexto que surgem as discussões sobre a flexibilização das leis trabalhistas, pois as teses neoliberais viam na manutenção das leis de trabalho um obstáculo à competitividade e ao crescimento econômico. Os direitos sociais são tidos como os culpados pelo desemprego, pois elevam os custos do emprego e da demissão. A flexibilização é voltada para o capital, para o

acréscimo da produção, visando a maximização dos lucros em decorrência da internacionalização das economias. Durante a década de 1980, na Inglaterra, Margaret Thatcher, então primeira ministra, adota o sistema de redução das atividades do Estado, sendo realizadas privatizações e restrições à atuação sindical e ao direito de greve, estabelecendo a flexibilização das relações de trabalho.

Como já mencionado anteriormente, no Brasil o neoliberalismo também escora suas origens na abertura externa da economia mundial, privatizações, desregulamentação, contratos de prazo determinado, subcontratação e principalmente a terceirizações, como veremos mais especificamente no caso do APL de Nova Friburgo. Os anos 1970 e 1980 foram palco de uma crise econômica mundial sem precedentes, em que o ambiente recessivo produziu reflexos significativos sobre a demanda e as margens de lucro, provocando a reestruturação e a racionalização das estruturas produtivas das empresas e das indústrias, com a inserção de novas tecnologias que, por sua vez, elevaram consideravelmente o nível de desemprego, contrariando todas as previsões dos defensores da flexibilização, das vantagens dessas tecnologias para o mundo do trabalho e da vida de seus integrantes.

A flexibilização assume o status de palavra de ordem do contexto vigente, valendo para os mercados, os produtos e, até mesmo, para os trabalhadores e sua atuação no âmbito do trabalho, do vivido, e da reprodução de suas relações de produção, dentro desse novo modelo gestor, que na visão de Alves (2005, p. 32), pode ser considerado

[...] como a mais radical e interessante experiência de organização social da produção de mercadorias, sob a era da mundialização do capital. Ela é adequada, por um lado, às necessidades da acumulação do capital na época da crise de superprodução, e, por outro, ajusta-se à nova base técnica da produção capitalista, sendo capaz de desenvolver suas plenas potencialidades de flexibilidade e de manipulação da subjetividade operária. (ALVEZ, Giovanni 2005, p.32)

Retomando ao contexto da crise do capital, há que se evidenciar o fato de ter sido a partir de sua eclosão que se deflagrou todo um processo de reorganização produtiva no mundo do trabalho e na organização da indústria, concomitantemente à implementação de mudanças profundas na ideologia e na

política de dominação até então em vigor, impulsionado pela globalização e pelo neoliberalismo, cujas consequências mais expressivas se fizeram sentir nas privatizações das atividades do Estado em suas regulamentações mais essenciais, com o desmonte de seu setor produtivo, e na desregulamentação dos direitos do trabalho.

Vale citar que a flexibilização do Direito do Trabalho praticamente se instalou juntamente com o surgimento deste, já que se leva em conta a sua concepção histórica como um processo contínuo que se propõe a internalizar no âmbito do Direito Trabalhista as ideias neoliberais. Isso porque, dentro do princípio da eficácia econômica defendido pelos adeptos da flexibilização, o Direito do Trabalho brasileiro é considerado um conjunto de normas altamente rígidas, conservadoras e ultrapassadas que visa apenas à proteção dos trabalhadores, impeditivo da adaptação das relações trabalhistas à atual conjuntura das demandas do mercado mundializado, contrário, portanto, aos interesses capitalistas.

Este processo se materializa no espaço como uma crise da territorialidade fordista, que provoca um movimento de reestruturação produtiva da indústria, que provoca uma reterritorialização, este é um movimento contínuo de territorialização/reterritorialização, a implementação da políticas neoliberais transforma a racionalidade da produção do espaço urbano. E aqui mais uma vez se relaciona o conceito de territorialização e do vivido. As mudanças de racionalidade trazidas pelas concepções localistas produzem uma nova territorialidade, transformam as relações do vivido e a produção do espaço. No período do nacional desenvolvimentismo o trabalho se organizava nas bases fordistas, grandes plantas industriais, grandes máquinas de tecelagem, linhas de montagem, trabalho cronometrado e altamente alienante, o relógio é símbolo de produtividade, podemos encontra-los nas fábricas até os dias atuais; esta forma de organização do trabalho, tão rígida acaba proporcionando possibilidade de associação. As grandes fábricas, o grande número de empregados facilitava o surgimento de movimentos sindicais. Como já mencionado, estes sindicatos lutam por melhores condições de trabalho, regulamento de horas trabalhadas, direitos à férias e décimo terceiro, etc. Com o avanço do nacional desenvolvimentismo o Estado entra como regulador do pacto entre burguesia e

proletariado, ele acaba regulando estas relações, multando empresas e indústrias que não cumprem com os direitos recentemente conquistados.

Estas formas de regulação possibilita uma melhoria substancial da vida da classe trabalhadora, há a construção no município de diversas escolas e vilas operárias, presentes até hoje. Porém, com a crise do nacional desenvolvimentismo essas melhorias e direitos conquistados pelo proletariado torna-se um entrave ao desenvolvimento econômico. O nacional desenvolvimentismo moveu a mobilização do trabalho, modernizando, territorializando, produzindo o espaço da territorialidade fordista, porém os lucros não pagam os juros, o Estado keynesiano socializa perdas, mas não pode evitar o déficit na balança e pagamentos, que move câmbio e gera inflação criando uma crise e uma conseqüente transformação e reterritorialização, reorganizando as dimensões do vivido e a vida cotidiana, mudando a racionalidade da produção do espaço. Neste movimento de territorialização/reterritorialização há a transformação de principalmente dois fatores principais (1) a reorganização da produção industrial e (2) as transformações no mundo do trabalho e do cotidiano.

Em relação ao fator (1) observamos uma reterritorialização na organização da indústria, a produção deixa as grandes plantas industriais, se reterritorializa. Há um movimento de implosão/explosão da indústria. A produção deixa as indústrias do centro do município, se fragmenta e se pulveriza, ela começa a ocupar uma diversidade de espaços, a residência, sobrados enfurnados nas ladeiras do município, casas e garagens em regiões rurais e urbanas. A produção alcança a escala do vivido pois entra no cotidiano, transformando a racionalidade da produção e reprodução da vida. A produção se fragmenta, se caracteriza pela terceirização, flexibilização e fragmentação. Foram estratégias das classes burguesas e dos grandes varejistas com o objetivo de se diminuir custos, pois na indústria doméstica não há regulação por parte do Estado, como havia no momento do nacional desenvolvimentismo. A produção doméstica se caracteriza pela informalidade e pelo individualismo.

Em relação ao fator (2) há uma flexibilização total das relações de trabalho. A dimensão do trabalho invade a escala cotidiana, transforma a dimensão do vivido, reestrutura e reorganiza a vida da família e principalmente da mulher. A terceirização torna-se padrão, assim como a flexibilidade. As mulheres são incentivadas pelo Estado e por agentes de desenvolvimento como

a Firjan a tornarem-se sua própria patroa, ou abrir uma micro e pequena empresa. Este discurso parece empoderador, porém na prática é aprisiona. Este discurso ideológico é apresentado como única solução ou alternativa à crise do nacional desenvolvimentismo. As trabalhadoras não veem outra solução a não ser o trabalho doméstico, acabam tornando-se micro e pequenas empreendedoras. Porém na prática o trabalho doméstico intensifica a exploração. Nela não há regulação das horas trabalhadas, e nem nenhuma garantia dos direitos trabalhistas como férias, ou décimo terceiro. O trabalho doméstico também é caracterizado pela dupla jornada. Pois, como observado em campo, a mulher acumula trabalhos domésticos, o cuidado com a casa e família à produção têxtil. Nas casas ou garagens não há condições de higiene ou ergonomia. O trabalho doméstico torna-se única via ou alternativa ao desemprego estrutural causado pela crise do nacional desenvolvimentismo. Este movimento reestrutura a dimensão do vivido, transformando o cotidiano, ocultando a jornada laboral e misturando o cotidiano e o trabalho.

A maioria das costureiras, principalmente as empregadas em confecções médias, não gostam de falar sobre direitos ou suas jornadas, tivemos a possibilidade de visitar área de produção de uma média empresa no bairro de Olaria e quando o assunto era referente à flexibilização, essas costureiras preferiam não se posicionar. Este medo vem da possibilidade do desemprego ou do subemprego e elas acabam se contentando com pouco, deixando de lado pretensões de carreira ou emprego para simplesmente trabalhar. Já na pequena indústria doméstica, que tivemos contato e podemos visitar, as trabalhadoras possuem maior percepção da flexibilização, sabem que seus produtos (corte) vendido por menos de 1 real, é altamente exploratório. Porém, elas não veem outra alternativa e acreditam que o trabalho doméstico facilita a vida no município, pois não há perdas em deslocamento e transporte.

Sendo assim, costureiras trabalham em centenas de micro e pequenas empresas, formais e informais, e em domicílio, ou não, especializadas na produção de roupa íntima feminina. Entretanto, este processo não se iniciou a partir de um processo de terceirização da produção de grandes empresas, mas foi parte das contradições da luta de classe trabalhadora no município. A transformação do parque industrial local com o desemprego estrutural e a resistências de grupos operários, como os tecelões, a necessidade de

sobrevivência do grupo doméstico e as ações e contradições de resistências das operárias costureiras ao longo dos anos 90 e 2000 são os principais fatores para este movimento de reestruturação.

3.2 O Trabalho Feminino à Domicílio: a força da produção local no Arranjo Produtivo de Moda de Nova Friburgo.

O trabalho em domicílio foi considerado, durante muito tempo, um tipo de relação impróprio às sociedades ditas desenvolvidas e em desenvolvimento, e estaria, portanto, destinado ao fim. O modelo de produção e regulação da sociedade até meados do século XX se estrutura na ideia de que em sociedades democráticas o crescimento econômico estaria diretamente relacionado à ampliação dos direitos trabalhistas e sociais, através de relações formais de trabalho. Entretanto, a dinâmica socioeconômica que surge no mundo ocidental na contemporaneidade, após a crise estrutural da década de 1970, fez esse paradigma não ser único. O avanço tecnológico, junto com a constante necessidade de ampliar a produtividade do trabalho, gerou redução no número de empregos formais e fez expandir outras formas de ocupação, baseadas na informalidade e flexibilização. Sendo assim, empregos em tempo parcial, terceirização, trabalho em domicílio e contratos de trabalho cada vez mais instáveis deixam de ser relações consideradas arcaicas e impróprias para se tornarem o centro das novas estratégias de gestão da força de trabalho.

As atividades produtivas realizadas em domicílio são formas de organização do trabalho, que promovem um rompimento e uma reestruturação na organização do espaço e do tempo do trabalho conhecidos até então. A produção de moda íntima em Nova Friburgo é, desde a década de 1980, formada majoritariamente por trabalhadoras que realizam seu trabalho em domicílio, sendo a produção na região composta por um grupo bastante heterogênea de situações. Sabemos, também, que o trabalho em domicílio nunca deixou de existir, principalmente nos países periféricos e em setores tradicionais, como o têxtil, por exemplo, sendo marcado por condições precárias, produção de artigos de baixo valor, tecnologia e qualidade, além da força de trabalho predominantemente feminina.

O que ocorreu com a mudança nos padrões produtivos foi que esse tipo de relação se expandiu, ganhando novas características e maior relevância. E essa situação não foi diferente no APL de Nova Friburgo. A mão-de-obra no setor de confecção de artigo do vestuário (moda íntima) de Nova Friburgo é predominantemente feminina, acompanhando a tendência mundial. O trabalho realizado em domicílio e por mulheres favorece ainda mais a estrutura da acumulação flexível, ficando o universo feminino cada vez mais explorado pela lógica da divisão sexual do trabalho. Portanto, a divisão sexual do trabalho tem relação direta com as relações sociais entre homens e mulheres; relações essas que são desiguais, hierarquizadas, assimétricas e antagônicas. São relações de opressão e exploração entre duas categorias de sexo socialmente construídas.

A maior participação feminina tem resultado na construção de identidades pessoais, coletivas e locais das mulheres ligadas ao trabalho produtivo. A entrada mais intensa das mulheres no mercado de trabalho tem contribuído para colocar em questão certas representações de gênero nos espaços e territórios sociais, reestruturando e modificando as funções entre homens e mulheres. As mulheres que ingressam no mundo do trabalho têm uma forte carga simbólica de ligação com uma ideia de autonomia e de respeito social, ideologia construída com a intrusão do pensamento neoliberal e com as ideias de empreendedorismo.

Este processo é comprovado empiricamente na escala da vida cotidiana. Manifesta-se a partir da explosão de inúmeras micro e pequenas empresas, com um caráter unifamiliar, como a pequena fazção visitada em trabalho de campo. A partir da flexibilização e fragmentação industrial essas trabalhadoras foram induzidas à uma nova forma de organização no mundo do trabalho. Em um movimento dialético entre formas de resistência da reprodução da vida cotidiana e subordinação às novas lógicas do capital elas se reorganizam e reestruturam, a partir, principalmente do trabalho à domicílio e composto por membros da família. Na fazção visitada observamos tais representações construídas socialmente. A pequena fazção visitada se configura por ser composta por duas principais trabalhadoras (mãe e filha). A mãe, mais velha, aprendeu sua função nas antigas indústrias do município, e passou o conhecimento para filha. Hoje, as duas tornam-se a força motriz desta fazção e ali estão construídas subjetividades relacionadas à ideologia de autonomia, mas que na prática se manifestam de forma contraditória.

O trabalho doméstico dá essa impressão de autonomia e liberdade, pois mexe com o subjetivo da classe trabalhadora, dando à ela uma falsa sensação de empoderamento. No entanto, setores tradicionais, como o de confecções, por exemplo, sempre estiveram forte ligação com o trabalho feminino em domicílio. No caso da produção de moda íntima de Nova Friburgo que até 1980 predominava a produção realizada em grandes indústrias, as mulheres tiveram esse momento de parcial saída do domicílio, ampliando seus espaços de reprodução da vida para as fábricas, estruturaram relações sindicais e conquistaram direitos políticos, sociais e econômicos. As mulheres estudadas, em sua grande maioria, não percebem este movimento de flexibilização de direitos. Nelas estão entranhadas as ideias e subjetividades que o trabalho doméstico traz liberdade e autonomia, pois elas seriam suas próprias chefes, podendo regular suas horas de trabalho e sua organização. Porém, na prática elas são submetidas à altas taxas de juros, empréstimos com o objetivo de abrirem seus próprios negócios, muitas vezes há endividamento familiar, pois a grande intensificação do trabalho doméstico faz com que os lucros sejam baixos e não cobrem os custos da abertura das fábricas. Essas territorialidades se manifestam em uma relação de poder entre as fábricas que não possuem o varejo e as confecções e marcas que possuem.

Contudo, com a crise estrutural do capital no final da década de 1970, o processo de reestruturação produtiva da indústria no início de 1980, e a reorganização no mundo do trabalho (o setor de confecções no Brasil sentiu mais intensamente na década de 1990), as mulheres e a classe proletária tiveram que se reorganizar, se adaptando às novas situações que as recolocaram ou mantiveram no domicílio, mas agora realizando um trabalho produtivo, visto que esse tipo de relação de trabalho se apresenta como uma “nova” estratégia de reprodução do capital nesse contexto de maior fragmentação e flexibilidade. O significado simbólico da solidão do trabalho doméstico é alto, pois nele não há possibilidade de associação e portanto não há luta ou resistência frente às políticas de flexibilizações impostas pela nova racionalidade de organização no mundo do trabalho.

Outro fator característico do APL de moda de Nova Friburgo é o processo de externalização da produção, frequente em nossos dias com a intensificação da terceirização, é uma tendência tradicional no setor de confecções, entretanto,

a terceirização foi aprofundada não só por ter se difundido entre empresas de diferentes tamanhos, mas por ter suas distintas modalidades de subcontratação resgatadas e generalizadas como sendo a melhor alternativa para se obter lucratividades em escala ampliada. Entre estas modalidades destacam-se a revitalização do trabalho domiciliar e a implantação de cooperativas. Como os salários pagos pelo de confecção são baixos, os empregadores procuraram reduzir os custos com os encargos sociais e com os gastos da produção, transferindo-os para as trabalhadoras a domicílio ou para as trabalhadoras em cooperativas.

Uma nova racionalidade do neoliberalismo reestrutura a forma de ação das empresas. Transforma sua gestão, há uma necessidade de diminuição de custos e por consequência uma transformação na organização do mundo do trabalho que afeta de forma direta o cotidiano do proletariado. As marcas e confecções terceirizam parte ou toda sua produção, a produção industrial deixa o chão da grande fábrica, esta forma de regulação dos capitais implode em suas contradições e explode, se fragmentando e flexibilizando. A produção industrial da moda íntima toma um caráter regional e doméstico. O trabalho doméstico e familiar torna-se o padrão produtivo do Arranjo, em um movimento dialético de resistência e imposição à nova racionalidade do capital. Com o fechamento ou falência das grandes indústrias do município as costureiras não veem outra alternativa. Elas são forçadas a aceitar a nova racionalidade de organização do trabalho e ao mesmo tempo usam do trabalho doméstico como única alternativa ao desemprego em massa causado pela falência das fábricas. O trabalho doméstico, majoritariamente feminino e familiar torna-se uma alternativa ao desemprego, concomitantemente a este movimento há o estímulo de políticas públicas por parte do Estado e das agências de fomento ao desenvolvimento para que essas costureiras abram suas próprias pequenas e micro empresas.

Se o processo de terceirização vem expulsando o trabalho das indústrias de confecção e favorecendo o crescimento do trabalho informal, a domicílio, esse quadro se agrava, já que, esse tipo de trabalho é, essencialmente, feminino. As tendências de terceirização do setor se somam a uma realidade da divisão sexual do trabalho que torna, especialmente as mulheres casadas, com filhos e que se encontram fora de alguma atividade produtiva, uma clientela disponível para esse tipo de emprego. Portanto, é a partir dessa articulação que poderemos

compreender as razões que levam esse grupo de mulheres a estar disponível para o mercado de trabalho a domicílio e conseqüentemente a intensa exploração e expropriação que se configura esta forma de organização.

As condições que sempre existiram para a utilização do trabalho feminino a domicílio, soma-se à intensa busca por “flexibilização” e fragmentação que caracteriza o setor, reconhecido por ser intensivo em trabalho e buscar competência em estratégias de redução de custo. Uma das estratégias da fragmentação do trabalho é justamente o enfraquecimento do movimento sindical, já que em grandes indústrias as associações sindicais tinham grande força, pois as grandes plantas e a quantidade alta de trabalhadores em um mesmo espaço produtivo favoreciam à associação. Já o trabalho, fragmentado e à domicílio dificulta e desarticula qualquer tipo de associação e luta por direitos.

Temos que ter em vista aqui as concepções relacionadas ao conceito de superpopulação relativa, este excedente populacional incorporado ao exército de reserva proveniente do fechamento ao da falências das grandes indústrias têxteis do município tenciona o mercado de trabalho. Neste processo há o aumento da mais valia relativa, pois há no cerne deste processo a flexibilização, este aumento da mais valia relativa possibilita a ampliação da mais valia absoluta. Por isso muitas marcas ou confecções usam de estratégias como a terceirização. Existem no município marcas varejistas que terceirizam toda sua produção, e confecções que terceirizam parte da sua produção. Em visita técnica a fábrica de uma confecção média e bem estruturada do município (aqui preferimos não revelar o nome) constatamos que a confecção, apesar de possuir o varejo, exportava para uma marca norte americana, com sede na cidade de Boston, que colocava as etiquetas de sua marca nos produtos, ou seja, uma terceirização completa da produção em escala internacional. Movimento que comprova empiricamente esta flexibilização.

A feminização do trabalho a domicílio é uma marca nesse tipo de atividade, entretanto, a sua expansão decorre de uma dinâmica mais geral: a tendência do crescimento da atividade feminina nas últimas décadas cujas explicações, necessariamente, decorrem da combinação de fatores econômicos, demográficos e culturais que vêm ocorrendo em nossa sociedade, derivado do processo de reestruturação produtiva da indústria. Também é importante ressaltar a crescente urbanização e acelerado ritmo de industrialização dos anos

setenta que favoreceram a entrada de novos trabalhadores, inclusive mulheres ao mercado de trabalho. Já os anos de 1980, foram marcados por um intenso processo de terceirização da economia, o que possibilitou a expansão de atividades notoriamente associadas ao trabalho feminino, menos convencionais e pouco rentáveis, sem proteção laboral ou previdenciária, realizadas muitas vezes no próprio domicílio ou na rua ou em jornadas parciais de trabalho. Dialeticamente frente à este quadro de precarização, ampliaram-se, também no setor formal, ocupações de melhor qualificação, rendimentos mais compensadores e benefícios trabalhistas. Tendo em vista às concepções que sustentam este discurso flexibilizante Dardot e Laval definem este novo mercado como:

É um processo regulado que utiliza motivações psicológicas e competências específicas. É um processo menos autorregulador (isto é, que conduz ao equilíbrio perfeito) do que autocriador, capaz de autorregular o tempo. E, se não necessita de poderes reguladores externos, é porque tem sua própria dinâmica. Uma vez instaurado, poderia prosseguir em perfeito movimento perpétuo, autopropulsivo, se não fosse desacelerado ou pevertido por entraves éticos e estatais que constituem atritos nocivos. [...] O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir. O processo de mercado constrói seu próprio sujeito. Ele é autoconstrutivo. (DARDOT, P. LAVAL, C. 2016, p. 138 - 139)

Estas concepções e discursos nos parecem falaciosas ou ingênuas. Elas parecem acreditar na potencial possibilidade dos agentes locais em se organizar em diversas escalas. Porém na prática, na dimensão do vivido e do cotidiano esse processo se manifesta em diversas contradições. Esses discursos se fundamentam em uma ideologia em estabelecer uma dimensão de poder, essas concepções fundamentam as necessidades do mercado financeiro e sua reprodução no espaço da sociedade capitalista contemporânea, estrutura suas intencionalidades e sua forma de ação, reorganizando as territorialidades, a dimensão do vivido e do trabalho.

No entanto, a crescente entrada da mulher no mundo do trabalho, as mudanças nas ideias de feminino e masculino, as mudanças na organização da família, a maior abertura de mentalidade acerca do trabalho feminino esbarram

com a resistência do modelo tradicional de família e de divisão sexual do trabalho social. Mesmo entrando no mercado de trabalho ou realizando um trabalho produtivo ao lado do marido em domicílio, as mulheres têm que enfrentar um conjunto de normas masculinas que dificultam a real equidade entre homens e mulheres.

Essas mudanças nem sempre garantem uma real e igualitária distribuição do tempo do trabalho social entre homens e mulheres. E esse tempo do trabalho tem se ampliado de forma assustadora, ficando a mulher trabalhadora não mais voltada a uma dupla jornada de trabalho (trabalho produtivo e reprodutivo). Com a intensificação do trabalho e as atuais condições precárias na produção de moda íntima de Nova Friburgo, observa-se um crescimento referente às jornadas triplas de trabalho feminino: o trabalho formal ou informal em confecção (pequena ou média, externa a residência da trabalhadora), o trabalho em sistema de facção após o expediente em próprio domicílio (ou não) e os “afazeres domésticos”. A partir das análises de campo comprovamos empiricamente este processo. Quando visitamos pequena facção familiar observamos que nela, trabalhavam 3 mulheres, a mãe (com 60 anos), sua filha (que possui 4 filhos) e uma empregada contratada, como a pequena facção estava instalada na garagem da casa da filha e sua mãe morava ao lado, as duas se dividiam entre a facção e o trabalho doméstico, intercalando horas de trabalho nas máquinas de corte e costura com atividades cotidianas, como limpar a casa, preparar almoço, levar as crianças na escola, etc. Enquanto o pai das crianças vai para seu emprego formal em uma das fábricas metalúrgicas do município.

Para compreendermos como ocorre essa tripla jornada de trabalho, é fundamental entender como se organiza a produção local. Existe na produção de moda íntima de Nova Friburgo dois tipos básicos de empresas: as informais e formais (legalizadas), que são bastante heterogêneas, tanto uma em relação a outra como dentro do próprio grupo, pois possuem características diferentes quanto à quantidade de funcionários (se subdividindo entre micro, pequenas, médias e uma grande, no caso das formais), grau de inovação tecnológica, participação no mercado, qualidade e valor da produção, entre outros fatores. Mattos (2005) identifica na produção de moda íntima de Nova Friburgo cinco tipos de redes, sendo quatro tipos de empresas formais e uma de informais:

1) - micro e pequenas empresas, provavelmente restritas à configuração do arranjo; 2) - empresas médias que se destacam pela maior possibilidade de participação nos mercados nacionais e internacionais; 3) - a grande empresa que parece estabelecer dois níveis de conectividade: 3.1) - com as fábricas terceirizadas em outros municípios e 3.2) - com os fluxos para a produção de sua própria fábrica local. 4) E as redes de fluxo das empresas informais. (MATTOS, 2005, p. 16)

Com relação ao trabalho em domicílio, segundo Oliveira foi possível identificar dois tipos diferentes de organização do trabalho na região do APL de moda íntima de Nova Friburgo:

“[...] de um lado, estão as micro e pequenas empresas (confeccões), que possuem marca própria e que têm certa autonomia na produção (que no caso de Nova Friburgo tem diminuído segundo as pesquisas e os entrevistados), e de outro, os micro produtores que prestam serviços para médias e até pequenas empresas, sendo apenas montadoras. Nesse segundo caso, as relações de trabalho são ainda mais precárias. Este segundo tipo de “empresa” é denominado na região como: “facção”. De acordo com os entrevistados, no município de Nova Friburgo as facções são, em sua maioria, formadas por empresas informais e de pequeno porte, visto que no município não existe uma de grande porte terceirizada. Mattos (2005), em sua pesquisa sobre Polo de Moda Íntima da Região, constatou que o município de Nova Friburgo não é o espaço local apropriado pela Triumph S/A - ou nenhuma outra grande empresa - para terceirizar a sua produção, ficando essas relações de terceirização mais distribuídas entre três municípios próximos: Cordeiro, Cachoeira de Macacu e Santa Maria Madalena. No entanto, a terceirização e as relações de subcontratação, que existiam de maneira menos intensa no município, têm se ampliado com o aumento da competitividade entre os pequenos produtores.” (OLIVEIRA, Priscila de Mello. 2012, p.84)

É importante também ressaltar que mesmo as empresas ditas formais não garantem a legalização de suas relações de trabalho em todas as escalas de produção. Portanto, existe informalidade dentro da formalidade, posto que algumas empresas formais não registram a totalidade de seus funcionários, ou terceirizam parte de sua produção. Além disso, a utilização de facções tem se expandido na produção local. Tanto trabalhadoras do setor, como alguns pequenos empresários e órgãos envolvidos com a produção (como SEBRAE e Sindicato dos trabalhadores) relataram que muitos pequenos e médios produtores (que em alguma medida eram formalizados) têm dispensado mão de

obra de suas confecções e recorrido a facções, terceirizando parte da sua produção ou alguma etapa do processo produtivo, como por exemplo, o corte ou parte da montagem.

Importante aqui diferenciar as relações de trabalho estabelecidas nas facções e confecções. As facções são responsáveis por geralmente uma, ou no máximo duas etapas do processo produtivo, como por exemplo, o corte e a montagem e trabalham por meio de contratos de terceirização, podendo ser uma micro empresa unifamiliar ou conter poucos empregados, três ou até mesmo dois. Já as confecções trabalham de forma regular em relação ao trabalho, podem contratar dez ou mais empregados, podem terceirizar parte ou um montante da produção, porém na maioria das vezes possui domínio sobre grande parte do processo produtivo, pode ter o varejo, ou não.

Visitamos a fábrica de uma média empresa com produção no bairro de Olaria. Lá não podemos estabelecer contato direto com as empregadas para conversar sobre direitos do trabalho, pois muitas se negam em comentar, porém podemos observar as condições de trabalho, melhores que as encontradas em empresas domésticas, porém o trabalho também é altamente intenso. A confecção se localizava no segundo andar da loja (que também é uma marca) uma das mais bem estruturadas do município, no primeiro andar do sobrado, voltado para rua localizava-se o varejo, subindo as escadas estava a produção. Esta mesma confecção possui varejo no bairro da Ponte da Saudade, localidade onde se encontram a maioria das lojas voltadas para os turistas, já em Olaria estão localizadas as lojas de negócio para grandes varejistas, por isso nesse bairro encontra-se produtos mais baratos, também é o bairro que concentra grande parte da produção doméstica, mas como já mencionado, esta produção é camuflada, pode estar em qualquer lugar, até mesmo nos fundos de uma propriedade rural, dentro e fora do município, abrangendo todos os municípios do arranjo.

Um fenômeno que vem aumentando no APL de moda íntima de Nova Friburgo é o fato de os grandes empresários estarem retirando as funcionárias das empresas e vendendo a ilusão delas abrirem seu próprio negócio através do MEI (Micro Empreendedor Individual), projeto para pequenos produtores em domicílio incentivado pelo governo, que tem aumentado a exploração dos trabalhadores, que formam “novas microfacções em formato de MEI” e passam

a não ter horário de trabalho regulados, nem orientação formal etc. Nos anos 1990 temos um contínuo processo de desindustrialização no Brasil e nos países centrais, como um todo, movimento geral do capitalismo. Esse processo diminui a complexidade do setor industrial brasileiro, na medida em que o governo federal adotava as políticas econômicas defendidas pelo Consenso de Washington e pelos defensores do neoliberalismo como solução às crises estruturais. Porém a análise do processo de desindustrialização deve ser inserida na resposta da burguesia internacional aos avanços conquistados por categorias de trabalhadores nos países centrais e em alguns lugares na periferia, como no município de Nova Friburgo. Ou seja, a uma necessidade da burguesia da retomada do aumento da taxa de mais-valia a partir dos anos 1970.

Esta prática de terceirização demonstra uma nova estratégia dos pequenos empresários que têm dispensado as costureiras, e feito acordos para elas continuarem produzindo em casa, contratando seus serviços em domicílio (precarizando ainda mais relações que já eram precárias). Muitas vezes, quando a costureira não aceita este tipo de relação ela é dispensada, já que há, no município em geral, grande oferta de trabalho doméstico, ou de pessoas desempregadas. O empresário, então, fecha a sua empresa e também abre um MEI, onde fica apenas uma funcionária revisando as peças vindas dessas “novas micro facções”. Esses empresários passam a lucrar mais, pois perdem as responsabilidades de manter uma pequena empresa, principalmente em relação aos direitos trabalhistas e responsabilidades sobre os operários, e as funcionárias dispensadas passam a concorrer entre si para tentar sobreviver, intensificando a mais-valia.

Na tabela III podemos observar o número de MEI (Micro Empreendedor Individual), no município de Nova Friburgo em toda ramo de moda íntima e indústria têxtil. Observa-se que a maior concentração de MEI está na atividade de confecção de artigos do vestuário e acessórios, principalmente nas atividades específicas de confecção e facção de roupas de moda íntima.²⁷

²⁷ Dados extraídos do Relatório Estatístico do Portal do Empreendedor: Total de Empresas Optantes no SIMEI, do Estado RJ, por Município e CNAE. Disponível em: <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/estatisticas>

Tabela III: Número de Micro e Pequenos Empreendedores Individuais da Indústria Têxtil no município de Nova Friburgo

ATIVIDADE GENÉRICA	ATIVIDADE ESPECÍFICA	NÚMERO DE MEI POR ATIVIDADE ESPECÍFICA	NÚMERO DE MEI POR ATIVIDADE GENÉRICA
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS TÊXTEIS	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão (1322700)	14	102
	Estamparia e texturização em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário (1340501)	21	
	Outros serviços de acabamento em fios, tecidos, artefatos têxteis e peças do vestuário que não sejam estamparia, texturização, alveamento, tingimento e torção em fios (1340599)	15	
	Fabricação de artefatos têxteis para uso doméstico (1351100)	10	
	Fabricação de outros produtos têxteis que não sejam artefatos têxteis para uso doméstico, de tapeçaria, de cordoaria e de tecidos especiais (1359600)	42	
CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS	Confecção de roupas íntimas (1411801)	459	1.400
	Facção de roupas íntimas (1411802)	388	
	Confecção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas e as confeccionadas sob medida (1412601)	268	
	Confecção, sob medida, de peças do vestuário, exceto roupas íntimas (1412602)	122	
	Facção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas (1412603)	130	
	Facção de roupas profissionais (1413403)	14	
	Fabricação de acessórios do vestuário, exceto para segurança e proteção (1414200)	2	
	Fabricação de artigos do vestuário, produzidos em malharias e tricotagens, exceto meias (1422300)	17	

PREPARAÇÃO DE COUROS E FABRICAÇÃO DE ARTEFATOS DE COURO, ARTIGOS PARA VIAGEM E CALÇADOS	Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material (1521100)	10	23
	Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente (1529700)	7	
	Fabricação de calçados de couro (1531901)	1	
	Fabricação de calçados de madeira, de tecidos e fibras, de borracha, e de outros materiais não especificados, inclusive para esporte e para segurança pessoal e profissional (1539400)	5	

Fonte: Própria, a partir dos dados do Portal do Empreendedor. Disponível em <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/estatisticas>

Esse incentivo tem resultado no aumento de novas micro facções irregulares e altamente flexíveis. Nesse caso, o que diferencia as tradicionais facções já existentes na região dessas “novas micro facções” é que, no primeiro caso, há, mesmo que de forma decadente, uma relação direta entre o dono da facção (patrão) e funcionários, pois na maior parte das vezes essas organizações produtivas funcionam como “confeccões” clandestinas que, geralmente, funcionam no interior da residência do patrão, prestando serviço como montadoras para outras pequenas ou médias confeccões. Já nas “novas micro facções”, as costureiras produzem de forma isolada em seu próprio domicílio, mas esse processo não resulta em real autonomia para tais trabalhadoras, que, na verdade, se tornam meras subcontratadas de outra microempresa em formato de MEI (intermediária – antiga facção ou confeção), que também é subcontratada de uma terceira mais estruturada no mercado ou uma grande loja varejista. Essas mulheres são o elo mais fraco e de menor segurança de toda cadeia produtiva.

Podemos observar a manifestação deste processo quando visitamos a pequena facção doméstica, nela toda a produção (na escala do corte e montagem) era feita por três mulheres em domicílio e todo o montante da produção era vendido (terceirizado) para outras empresas mais estruturadas que colocavam suas etiquetas e finalizavam as peças. Já as empresas mais estruturadas, algumas confeccões, terceirizam parte ou etapas da sua produção, por não possuir total capacidade produtiva. Observamos que praticamente todas as empresas, mesmo as mais estruturadas usam desse recurso, já que o

trabalho doméstico é altamente intensivo, barateando muito o produto. Esse recurso vira uma estratégia das marcas e confecções mais estruturadas para aumentar o lucro e se livrar dos encargos trabalhistas.

Apesar dessas relações de subcontratação sempre terem existido na região, elas têm se expandindo de forma assustadora desde aproximadamente 2007- 2008. Com o objetivo de redução de custos, o aumento da utilização de facções tem imposto aos trabalhadores relações ainda mais instáveis de emprego, redução de benefícios e salariais, flexibilização produtiva, perda de direitos trabalhistas, enfraquecimento dos movimentos sindicais, condições precárias de trabalho e, conseqüentemente, aumento de acidentes e doenças resultantes do tipo de trabalho. E até aqueles que ainda trabalham formalmente em confecções passam a também ter seu trabalho mais intensificado para tentar assegurar condições de competitividade da empresa. Além disso, muitas também trabalham em facções informais após o expediente formal para ampliar a renda.

Essas relações informais de trabalho estão cada vez mais presentes no atual regime de acumulação e regulação capitalista. E nesse contexto, trabalhadoras que realizam seu trabalho em domicílio ficam ainda mais suscetíveis a esse tipo de relação, visto que formalizar relações de trabalho que ocorrem no âmbito domiciliar é ainda mais complicado por parte dos agentes de Estado. No domicílio, por exemplo, o tempo de jornada do trabalho se confunde com o tempo livre. Há também uma transferência de responsabilidade de melhorias das condições de trabalho para o próprio trabalhador e o grupo, o que dificulta a formação de uma classe na luta por melhores condições e direitos.

O trabalho a domicílio integra o cotidiano da família e o da produção, sobrepondo-os, influenciando e redefinindo a escala do vivido e do lugar, o nível local, intercalando múltiplas práticas e distintas territorialidades. O espaço da indústria de moda íntima surge como uso, da reprodução da família através do aprendizado adquirido por ex-operários de fábricas voltadas para a produção de confecção, rendas e acessórios em couro, que quando dispensados, após a falência das grandes fábricas, receberam máquinas de costura como forma de pagamento dos compromissos trabalhistas.

O espaço de moda íntima do município de Nova Friburgo é composto por uma população de baixa renda, pois, esta, parece ocupar-se produtivamente no

próprio local, seja como costureira de loja de confecção ou como costureira a domicílio. Suas formas-conteúdo (função) se materializam, em lojas que tem a sua “fábrica” no andar superior do pequeno sobrado, enfurnado em ruas e ruelas de bairros populares, ou em outro lugar, lojas sem fábrica (onde está a sua produção?), casas-fábrica e casas-trabalho, territorialidades múltiplas, condicionadas pelo som das máquinas de costura que emana das janelas fechadas mas, que se observa no cotidiano, no horário do almoço através das mulheres sentadas à beira da calçada, aguardando o momento do reinício de sua jornada de trabalho oculta. As mulheres trabalhadoras parecem não perceber este processo como uma degradação e perda de seus direitos. No bojo do movimento de reestruturação produtiva foram vendidas à elas ideias e subjetividades de empoderamento e liberdade. Foi construído uma cultura anti-sindical que estimula o trabalho autônomo, criando uma falsa sensação de que a mulher é uma empreendedora, de que ela possui o controle de regular seu próprio trabalho e de que o trabalho doméstico é mais produtivo. Essas subjetividades são construídas com um discurso de autonomia, liberdade e empoderamento, mas que na prática se manifesta em opressão, endividamento e flexibilização.

O crescimento do espaço da moda íntima modificou a lógica reprodutiva local na medida em que, a tradição fabril, até então, era constituída de tempos forjados pela lógica taylorista e fordista, deste modo, mais longos e repetitivos nos quais se implantava a produção de peças íntimas, valores de uso tornados mercadorias para compor a reprodução social. Seu rápido crescimento e desenvolvimento, além de expressar as consequências dos antagonismos estruturais vividos pelo capital em momento de “crise” e reestruturação, o desemprego, derivou, de sua própria lógica expansionista que transforma a relação do tempo de uso social e modifica a vida cotidiana da classe trabalhadora e a reprodução da família. As transformações no cotidiano são observadas nas práticas e nas relações com que esses trabalhadores se relacionam com o espaço urbano do município. Há uma nova lógica de produção e reprodução do espaço que se manifesta materialmente, nas formas do município, há uma explosão de construção doméstica, sem regulamentação por parte do Estado, com baixa infraestrutura que se espalha pelos morros e montanhas dos bairros populares, nesses becos escondem-se a produção e a morada. A produção

abandona o chão da fábrica, deixa de se organizar em estrutura rígida, se flexibiliza e invade a vida cotidiana. Não há mais separação entre trabalho e vida privada, não há mais regulamentação de direitos do trabalho ou das horas trabalhadas. O trabalho flexibilizado invade o cotidiana e o transforma em diversas dimensões.

Em consequência do instante em que os meios de produção são convertidos em capital, o seu desenvolvimento não é mais para consentir as necessidades humanas diretas, mas para converter-se de novo em capital, em um ciclo de auto-reprodução ampliada, onde os ganhos produtivos sempre alteram o padrão de consumo, assim como a maneira pela qual são utilizados tanto os bens a serem consumidos, como os aparelhos com os quais são produzidos. Esse movimento modifica o tempo de uso das mercadorias, em outras palavras, a taxa decrescente de uso dos bens e serviços socialmente produzidos, alterando a proporção variável da atividade produtiva dos bens consumidos mais imediatos, aqueles com um ciclo de vida mais duradouro assim como dos equipamentos empregados. Na prática os bens duráveis tornam-se obsoletos mais rápido, sua vida útil diminui, assim como a qualidade do produto. O mesmo acontece com os bens não duráveis, como as roupas e vestuários. Elas perdem qualidade, se caracterizam por aquilo que podemos caracterizar como o *fast fashion*.²⁸

A chamada acumulação flexível, ou seja, a expansão o movimento de construção e reconstrução do capital, acelera a taxa decrescente de uso pois as mudanças internas e entre as indústrias, com a adoção de tecnologias informacionais e flexibilização, a expansão de relações terceirizadas e subcontratadas proporcionam uma maior diversidade de produtos e serviços em tempos cada vez mais reduzidos e de menor custo de trabalho. Formas não tão modernas, mas bastante precárias, como o trabalho a domicílio, também fazem parte dessa nova racionalidade e são essas relações de produção que, majoritariamente, constituem o espaço de moda íntima do APL de Nova Friburgo.

²⁸ Fast fashion (moda rápida) significa um padrão de produção e consumo no qual os produtos são fabricados, consumidos e descartados – literalmente – rápido. Este modelo de negócios depende da eficiência em fornecimento e produção em termos de custo e tempo de comercialização dos produtos ao mercado, que são a essência para orientar e atender a demanda de consumo por novos estilos a baixo custo.

Devido à camuflagem da produção doméstica é muito difícil levantamento de dados oficiais para análise quantitativa, este tipo de trabalho está oculto nas casas, becos e garagens do município. Porém podemos observar a partir de dados oficiais sobre empregos formais a importância do setor da indústria têxtil nos municípios do polo de moda íntima de Nova Friburgo. Na tabela IV, observados, a partir de dados do RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) o crescente número de empregos formais no setor têxtil, em números totais e em proporção em relação à população economicamente ativa nos municípios do polo. É notória a participação de empregos formais no setor têxtil, principalmente no município sede do polo. Como podemos observar na tabela IV em Nova Friburgo, a indústria têxtil em 2010 gerou 17.769 empregos formais (fora a informalidade) e este município concentra, neste mesmo ano quase 57% da população economicamente ativa no APL.

Tabela IV – Empregos formais no setor de indústria têxtil número total e proporção em relação aos municípios que compõem o APL de moda íntima de Nova Friburgo (1985 – 2010)

	1985		1990		1995		2000		2005		2010	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Bom Jardim	2	0,04	43	0,58	77	0,96	171	2,22	347	3,36	1.178	5,75
Cantagalo	0	0,00	6	0,08	0	0,00	30	0,39	45	0,44	275	1,34
Cordeiro	41	0,89	23	0,31	175	2,19	219	2,84	295	2,86	1.065	5,2
Duas Barras	44	0,96	39	0,53	13	0,16	51	0,66	76	0,74	189	0,92
Nova Friburgo	4.520	98,11	7.234	98,37	7.717	96,68	7.229	93,70	9.550	92,58	17.769	56,77

Fonte: Própria, a partir dos dados do RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm

Também é interessante notar o crescente número de empregos formais entre os anos de 1985 e 2010, justamente período em que as teorias de desenvolvimento local tomam grande proporção nas políticas públicas no Brasil e no mundo, a partir do avanço das ideias ligadas ao neoliberalismo e advinda reestruturação produtiva da indústria e a reorganização das fábricas e do trabalho trazidas pela lógica produtiva da acumulação flexível. Vemos, nesse

sentido, uma articulação entre o pensamento autonomizado das políticas públicas e econômicas e as contradições do neoliberalismo, esse movimento elucida os efeitos do keynesianismo, em que há uma forte intervenção econômica do Estado com o objetivo principal de garantir o pleno emprego e manter o controle da inflação, porém esta concepção afeta as contas públicas e principalmente impacta nos lucros da classe burguesa, tornando essa forma de organização da produção pouco interessante para o capitalista e causando um desemprego estrutural. Aqui se observa uma contradição do neoliberalismo e a adoção dele como alternativa ao desemprego estrutural, a flexibilização torna-se uma estratégia, apesar do aumento relativo dos empregos formais, também há o aumento estrutural da flexibilização, na formalidade e na informalidade, no trabalho doméstico ou nas pequenas e médias confecções. Importante aqui ressaltar o expressivo aumento do trabalho formal na indústria têxtil no município de Nova Friburgo e também nos municípios que compõem o polo.

Em 1985 Nova Friburgo apresentava 4520 empregos formais na indústria têxtil, devido principalmente à falência de grandes indústrias no município, como a ARP (indústria de couros) e a Filó (fábrica de rendas); porém com o princípio da articulação do arranjo e os incentivos para a criação de micro e pequenas fabricas e indústrias este número aumenta significativamente até o ano de 2010. Relevante observar o crescimento da participação dos outros municípios do Arranjo durante este período. Observa-se um grande incremento no número de empregos formais em todos os municípios do polo ao longo do período de 1985 e 2010. Nova Friburgo em 1985 concentrava 98,11% de todo trabalho formal no APL de moda íntima, em 2010 essa proporção diminuiu para 56,77%, devido ao crescimento de empregos formais fora do município, o que configura uma nova dinâmica de organização produtiva e geográfica que configura em uma região da produção de moda íntima.

Entretanto, é interessante ressaltar aqui que a lógica de organização do trabalho e do espaço da indústria de moda íntima de Nova Friburgo é diferente da do restante dos municípios que formam o APL da região. Essa produção em Nova Friburgo é inerente a sua genealogia, o que afasta a probabilidade de ser o espaço local apropriado por uma única grande empresa a partir da terceirização de sua produção, pois grande parte das empresas da região formou-se como mecanismo de sobrevivência dos trabalhadores despedidos de

grandes e tradicionais indústrias têxteis da região como Filó (aonde hoje está alocada a indústria Triumph), Ypú (outra grande indústria têxtil de artigos de couro, que decretou falência no início da década de 90) e a indústria de rendas ARP (fechada mais recentemente em junho de 2011). As relações de terceirização da produção da *Triumph S/A*²⁹, por exemplo, distribui-se entre três municípios próximos de Nova Friburgo: Cachoeira de Macacu, Cordeiro e Santa Maria Madalena. Porém, o município de Nova Friburgo não tem fugido do alto grau de precarização e flexibilização do trabalho produtivo doméstico e do aumento da terceirização entre os pequenos e médios produtores, sobretudo nos últimos anos. A conformação do espaço de produção da moda íntima de Nova Friburgo é formado, fundamentalmente, por dois tipos de empresas, as empresas formais, compostas por micros, pequenas e médias, e uma grande empresa (*Triumph S/A*) e as informais (uma produção oculta e doméstica, com alto grau de flexibilização, fragmentação, baixa tecnologia e com alta exploração das relações de trabalho). A materialização desse processo se expressa no espaço e na territorialidade. Essa nova forma de racionalização material e imaterial expressa a crise da indústria geral, da indústria têxtil em particular e do nacional desenvolvimentismo, que produzia uma outra territorialidade (grandes plantas industriais, bairros operários e bairros burgueses). Hoje estas formas produzidas pela antiga lógica e racionalização adquire novas funções, características do capitalismo na contemporaneidade. Portanto, a territorialização do capital têm em seu cerne a crise, que força com que a classe trabalhadora aceite a redução dos direitos conquistados anteriormente.

Na tabela V também podemos observar que é no município de Nova Friburgo onde está concentrado o maior número de estabelecimentos formais no setor de confecção da indústria têxtil na região do Arranjo Produtivo Local de moda íntima, é também neste município que estão instalados diversos órgãos envolvidos no APL, como: SEBRAE (O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro), SINDVEST (Sindicato das Indústrias do Vestuário de Nova Friburgo) e

²⁹ A Triumph é uma indústria de moda íntima que atua em escala internacional, está no mercado desde 2014. Pertence ao Grupo Rosset, e é a maior tecelagem de tecidos com lycra da América do Sul. Única grande indústria têxtil remanescente no município, porém também possui alto grau de terceirização da produção.

o STIVNF (Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário de Nova Friburgo).

O município de Nova Friburgo concentrou em 2010 86,47% dos estabelecimentos formais no setor de confecção têxtil dentre os municípios do APL, apresentando um grande dinamismo e uma grande concentração industrial frente aos outros municípios. O segundo município que apresenta maior concentração de confecções formais é Bom Jardim (5,84% do total de estabelecimentos formais); este município é o mais próximo territorialmente do município de Nova Friburgo, encontra-se praticamente em conurbação com o distrito de Conselheiro Paulino, em Friburgo; se configurando portando em uma forma regional da produção industrial da moda íntima. Este município também é o segundo em concentração de empregos formais no APL com 1.178 trabalhadores, 5,75% do total de empregados formais no polo, segundo a tabela IV, se configurando como segunda maior concentração de estabelecimentos de confecção da indústria têxtil e também segundo com maior número de empregos, não abrangendo a informalidade.

Tabela V – Estabelecimentos formais no setor de confecção têxtil nos municípios do APL em número total e proporção (2010)

Município	Número total	Porcentagem
Bom Jardim	96	5,84%
Cantagalo	36	2,19%
Cordeiro	65	3,95%
Duas Barras	25	1,52%
Nova Friburgo	1.420	86,47%

Fonte: Própria, a partir dos dados do RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). Disponível em > http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm

Dentre as empresas produtoras de moda íntima em Nova Friburgo prevalecem, como já foi abordado antes, as micro e pequenas. A Tabela V apresenta a quantidade de estabelecimentos formais e o percentual do número total de estabelecimentos têxteis no APL. Estabelecemos portanto, um quadro da configuração da produção da moda íntima no polo. OLIVEIRA apresenta a importância da moda íntima para a economia do município de Nova Friburgo.

“A produção de moda íntima da região se desenvolveu de tal forma que, além de ser a principal atividade econômica na

geração de emprego em Nova Friburgo, tem uma importante participação no PIB municipal. Segundo dados de 2007 do CIDE, em 2004 as indústrias têxteis e de vestuários eram responsáveis por 43,9% do total industrial, e por 7,8% do PIB a preços básicos total do município. [...] De acordo com o SEBRAE, a comercialização da produção de moda íntima é basicamente “sustentada” pelo esquema de “sacoleiras”, concentrando o comércio nas classes de baixo poder aquisitivo e acompanhando a variação do salário mínimo.” (OLIVEIRA, Priscila de Mello. 2012, 67- 68)

Portanto, com a análise dos dados das tabelas IV e V constata-se que o Município de Nova Friburgo é o condutor na produção de moda íntima na região. De 1985 até 1995 ele concentrava mais de 95% dos empregos formais em relação ao total dos municípios que hoje constituem o APL de Moda íntima da região. Após a consolidação do APL em meados da década de 90, essa posição tem se reconfigurado, compreendendo um pouco mais de 86% em 2010, o que pode ser um indício de que os outros municípios começaram a desenvolver mais essa atividade produtiva. Porém, a alta porcentagem de Nova Friburgo ainda demonstra uma grande participação do município na produção de moda íntima da região do APL. É evidente o grande peso da produção de moda íntima na economia dos municípios que integram o APL, especialmente em Nova Friburgo. Essa fabricação influencia a produção e organização desses espaços. Neste sentido, as contradições e diferenças sociais também são grandes entre estes municípios, tendo Nova Friburgo como centro dinâmico do APL, maior concentração de agências de desenvolvimento, centro de pesquisas, universidades, varejo e serviços.

As políticas públicas condicionam o desenvolvimento de cada região, à atribuindo uma tradição ou identidade, no caso do município de Nova Friburgo uma tradição voltada para o trabalho têxtil. Esta atribuição dada pelo poder públicos e pelos agentes locais de desenvolvimento aumenta uma demanda local, intensificando aquelas formas de organização, mas na prática o polo não sustenta essas relações, por ainda ser pouco dinâmico, principalmente quando nos referimos a cooperação e desenvolvimento tecnológico.

Como já mencionado anteriormente, o trabalho feminino é determinante na configuração do Polo de Moda Íntima de Nova Friburgo. A mão-de-obra no setor de confecção de artigo do vestuário (moda íntima) do município é predominantemente feminina e acompanha uma tendência mundial. Na Tabela

VI podemos observar a porcentagem de trabalhadores formais desse setor por gênero, identifica-se que o número da participação feminina aumentou de 1985 a 2010, chegando em 2010 a 75% do total de trabalhadores do setor, enquanto pessoas de sexo masculino correspondiam a apenas 24%.

Os dados da Tabela VI compreendem os trabalhadores formais; entretanto, estima-se que haja um grande número de trabalhadores informais no setor, e nesse sentido o trabalho realizado em domicílio e por mulheres favorece ainda mais a estrutura da acumulação flexível, ficando o universo feminino cada vez mais explorado pela lógica da divisão sexual do trabalho, já que na residência o trabalho pode ser intensificado, por não existir por parte do Estado uma regulação mínima de horas trabalhadas, ou direitos adquiridos, além da dupla jornada, característica do trabalho feminino à domicílio. Já que muitas vezes a mulher cuida da casa, dos filhos e dos afazeres domésticos nos intervalos do trabalho.

Tabela VI – Percentual de empregos formais no setor de confecção têxtil em Nova Friburgo por gênero (1985 – 2010)

	1985	1990	1995	2000	2005	2010
Masculino	46%	39%	35%	30%	30%	24%
Feminino	54%	61%	65%	70%	70%	75%

Fonte: Própria, a partir dos dados do RAIS (Relação Anual de Informações Sociais). Disponível em: http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_empregos.htm

Apesar de o trabalho no setor têxtil sempre ter tido grande participação feminina, esta tem se expandido cada vez mais no Brasil e no mundo. O trabalho feminino tem aumentado, e muito, no mundo capitalista como um todo. No entanto, a mulher é muitas vezes absorvida pelo capital para realizar trabalhos de tempo parcial, precarizados, desregulamentados e livres de qualquer tipo de direitos. Apesar da alta intensificação da exploração do trabalho, a maior participação feminina tem resultado na construção de identidades pessoais e coletivas das mulheres ligadas ao trabalho produtivo. A entrada mais intensa das mulheres no mercado de trabalho tem contribuído para colocar em questão certas representações de gênero nos espaços e territórios sociais, das funções entre homens e mulheres.

“[...] as mulheres que ingressam no mundo do trabalho têm uma forte carga simbólica de ligação com uma ideia de autonomia e de respeito social. O trabalho extradoméstico dá essa impressão de autonomia e liberdade, pois mexe com o subjetivo feminino. No entanto, segundo a autora, setores tradicionais, como o de confecções, por exemplo, sempre estiveram forte ligação com o trabalho feminino em domicílio. No caso da produção de moda íntima de Nova Friburgo que até 1980 predominava a produção realizada e grandes indústrias, as mulheres tiveram esse momento de parcial saída do domicílio, ampliando seus espaços de reprodução da vida para as fábricas. Contudo, com a crise estrutural do capital no final da década de 1970 e início de 1980 e as reestruturações no mundo do trabalho (que no Brasil o setor de confecções sentiu mais intensamente na década de 1990), elas tiveram que se readaptar às novas situações que as recolocaram ou mantiveram no domicílio, mas agora realizando um trabalho produtivo, visto que esse tipo de relação de trabalho se apresenta como uma “nova” estratégia de reprodução do capital nesse contexto de maior flexibilidade.” (OLIVEIRA, Priscila de Mello. 2012, p. 80 – 81)

Neste sentido, se estabelece uma associação entre a maior utilização da força de trabalho feminina no setor de confecções em domicílio, devido a sua íntima relação com o trabalho doméstico, sendo uma “tradição” ou construção sócio cultural de divisão sexual do trabalho. No entanto, apesar dos dados e das estatísticas, é observado também que recentemente tem aumentado o número de homens no setor da moda íntima, pois, além da procura dos próprios trabalhadores homens, alguns empresários vêm demonstrando o interesse de contratar pessoas do sexo masculino. Em compensação, esse aumento de empregados do sexo masculino no setor é ainda irrisório, já que a preferência e disponibilidade para esse tipo de trabalho ainda é de predominância da mulher. Os homens são principalmente empregados na etapa do corte, alguns empresários tem aumentado o interesse na contratação de trabalhadores do sexo masculino pois algumas das máquinas de corte são grandes e demandam força. Também existe o adicional da mão-de-obra masculina nas empresas domésticas e familiares, muitas vezes como alternativa ao desemprego. Sabemos que as configurações familiares vem mudando, porém algumas estruturas se mantem. A força de trabalho majoritariamente feminina ainda prevalece como característica principal do polo quando nos referimos ao mundo do trabalho. Essa característica intensifica a exploração e expropriação, devido

as duplas jornadas e ao acúmulo de funções domésticas, como já relatado anteriormente.

Para todos os efeitos, observamos uma transformação e uma ruptura. Ruptura esta que gera um processo de reestruturação, e neste movimento se transformam formas de organização da produção industrial, do trabalho, da produção e reprodução do espaço, e também se transforma a vida cotidiana e as subjetividades. Portanto, neste movimento de estruturação/reestruturação, reorganização da vida do trabalhador, se introduz uma nova dinâmica para classe proletária. Na realidade observamos uma transformação das subjetividades e da forma de organização, processo que tende à uma alta flexibilização e fragmentação do processo produtivo, visando a intensificação do processo de alienação.

3.3 Espaço da produção de Moda Íntima no município de Nova Friburgo

Neste segmento temos como objetivo realizar a espacialização da produção de moda íntima em Nova Friburgo, para atingir tais objetivos mapeamos as empresas associadas ao Sindvest³⁰. As camadas dos bairros e distritos foram disponibilizadas pela Prefeitura de Nova Friburgo.³¹ Foram mapeados 159 pontos, dos quais 3 pontos não foram encontrados e preferimos desconsiderar no mapa, podem ser novos endereços ou ruas recém renomeadas. Como as empresas informais não são associadas ao sindicato dos empresários de moda, foi impossível o mapeamento. Também sabemos que nem todos os micro e pequenos empreendedores individuais estão associados ao sindicato patronal. Porém, a localização das empresas formais e associadas já nos ajuda a enxergar o processo de fragmentação da produção de moda.

Como já mencionado, a produção, principalmente a informal, encontram-se em todos os distritos, porém aqui, não foi detectada tanta concentração em algumas regiões como Lumiar e São Pedro (**mapa 5**). Entretanto, na prática, existem confecções domésticas nessas áreas, que podem se configurar em pluriatividade, sendo elas rurais ou urbanas. Esses distritos tem como

³⁰ Sindicato das Indústrias do Vestuário de Nova Friburgo. Lista de associados. Disponível em > <http://sindvest.com.br/industria/associados/>.

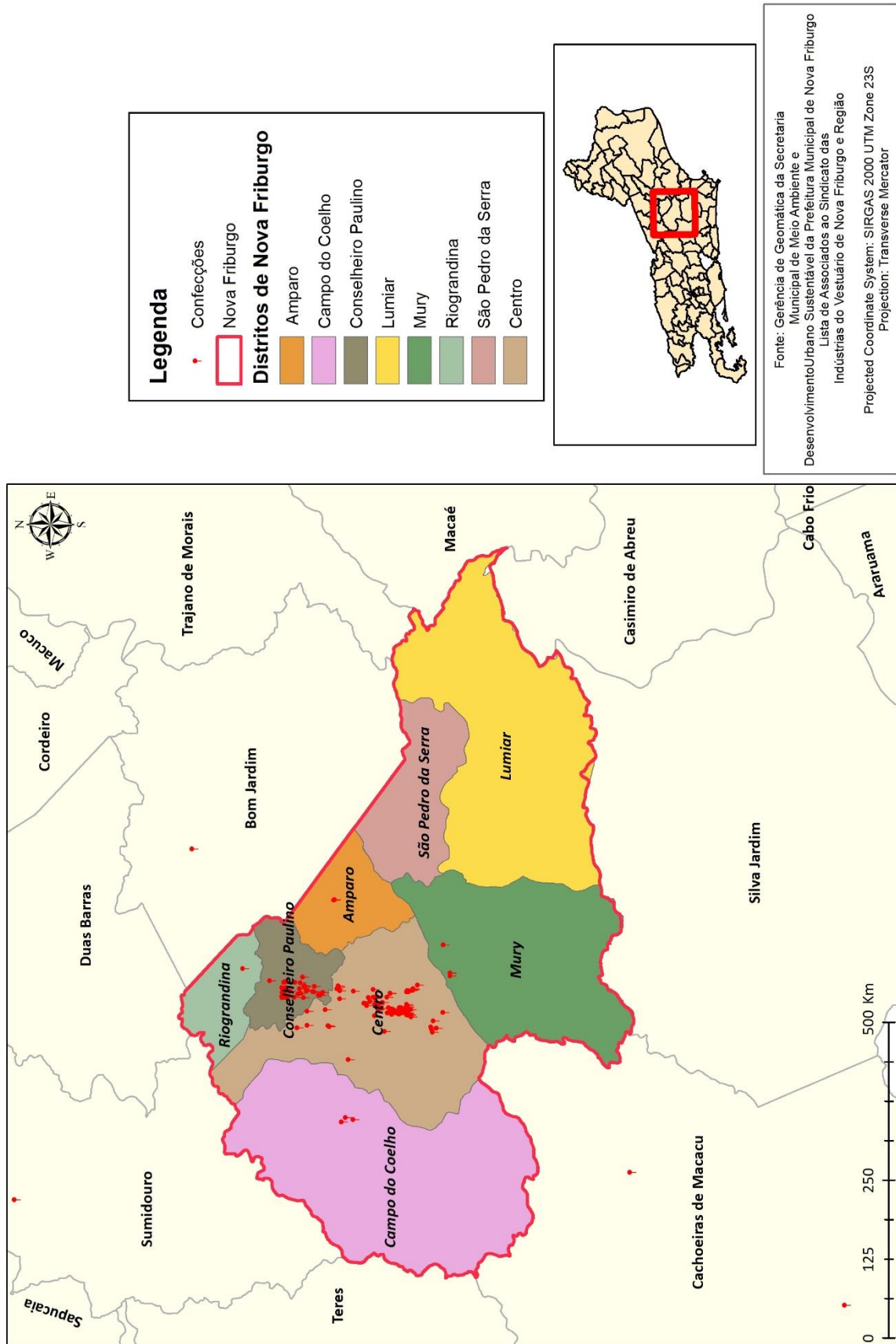
³¹ Informações disponibilizadas pela Prefeitura de Nova Friburgo – Gerência de Geomática da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano Sustentável.

características a pequena produção rural, o artesanato, turismo natural e rural, serviços, restaurantes, pequenas fábricas de laticínios, piscicultura, muitas pousadas e restaurantes, entre outros. No distrito de Campo do Coelho e Amparo (**mapa 5**), a produção doméstica é feita em pluriatividade em pequenas propriedades rurais como forma de compor renda, nesses distritos também há turismo rural e natural, porém em menor escala comparados aos distritos de São Pedro e Luminar, neles podemos encontrar pequenas fábricas de cervejas artesanais, cachaças, produtos rurais, apicultura e piscicultura, assim como muitos hotéis, pousadas e restaurantes, em sua maioria especializados em turismo rural e natural. A localização das empresas segue o traçado urbano do município abrangendo os vales dos rios. Outros distritos que encontramos fábricas de moda foram Riograndina e Mury (**mapa 5**). O distrito de Mury segue um padrão produtivo e de urbanização parecido com de Luminar e São Pedro, nele existem muitos hotéis e pousadas, porém também há um polo de moda íntima, com muitas lojas de varejo, pequenas confecções e fábricas de vestuário, com um padrão alto, destinado aos turistas que frequentam essas regiões. Já o distrito de Riograndina segue um padrão produtivo flexível e popular, mais similar ao distrito de Conselheiro Paulino, que iremos descrever mais à frente.

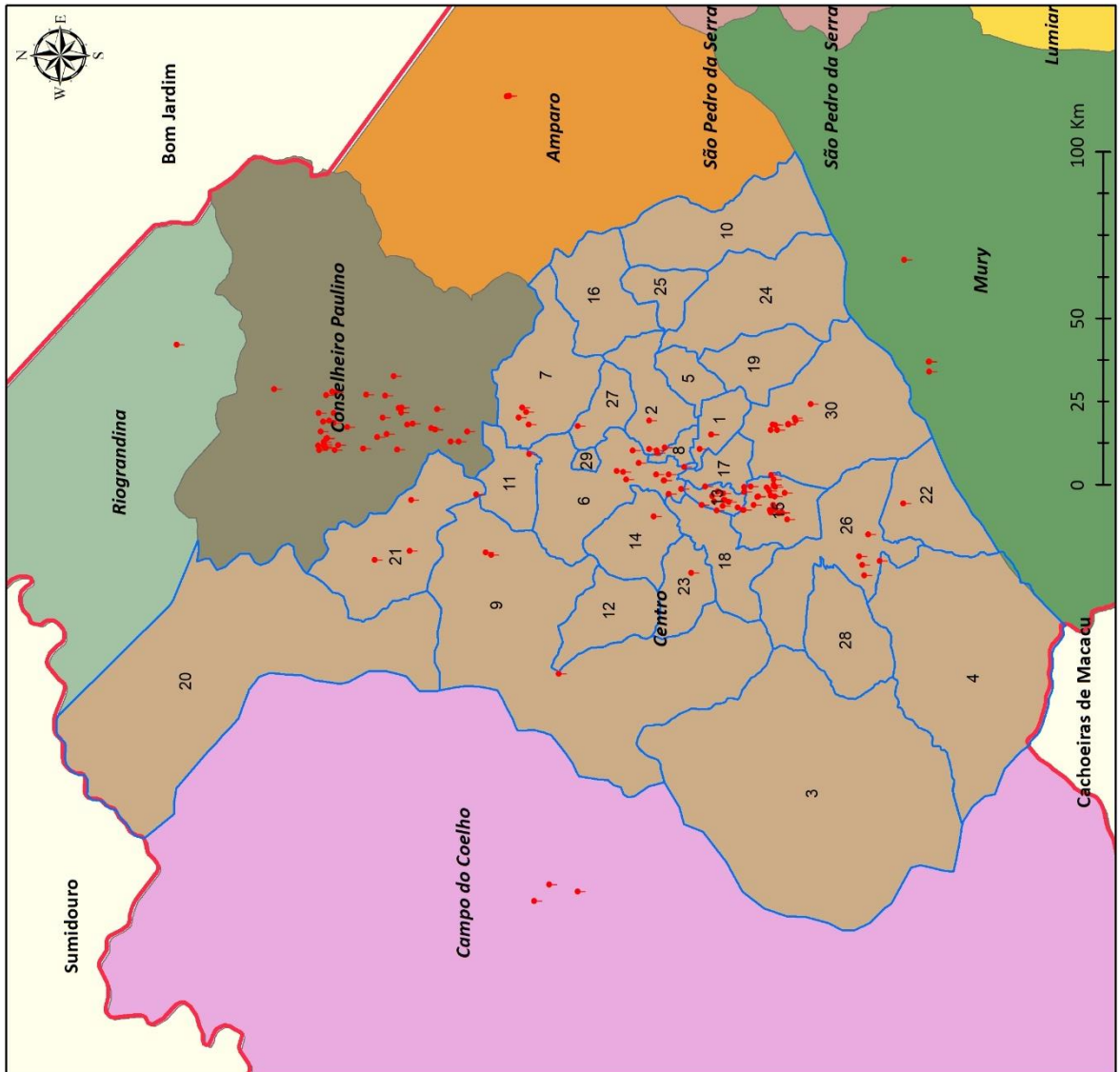
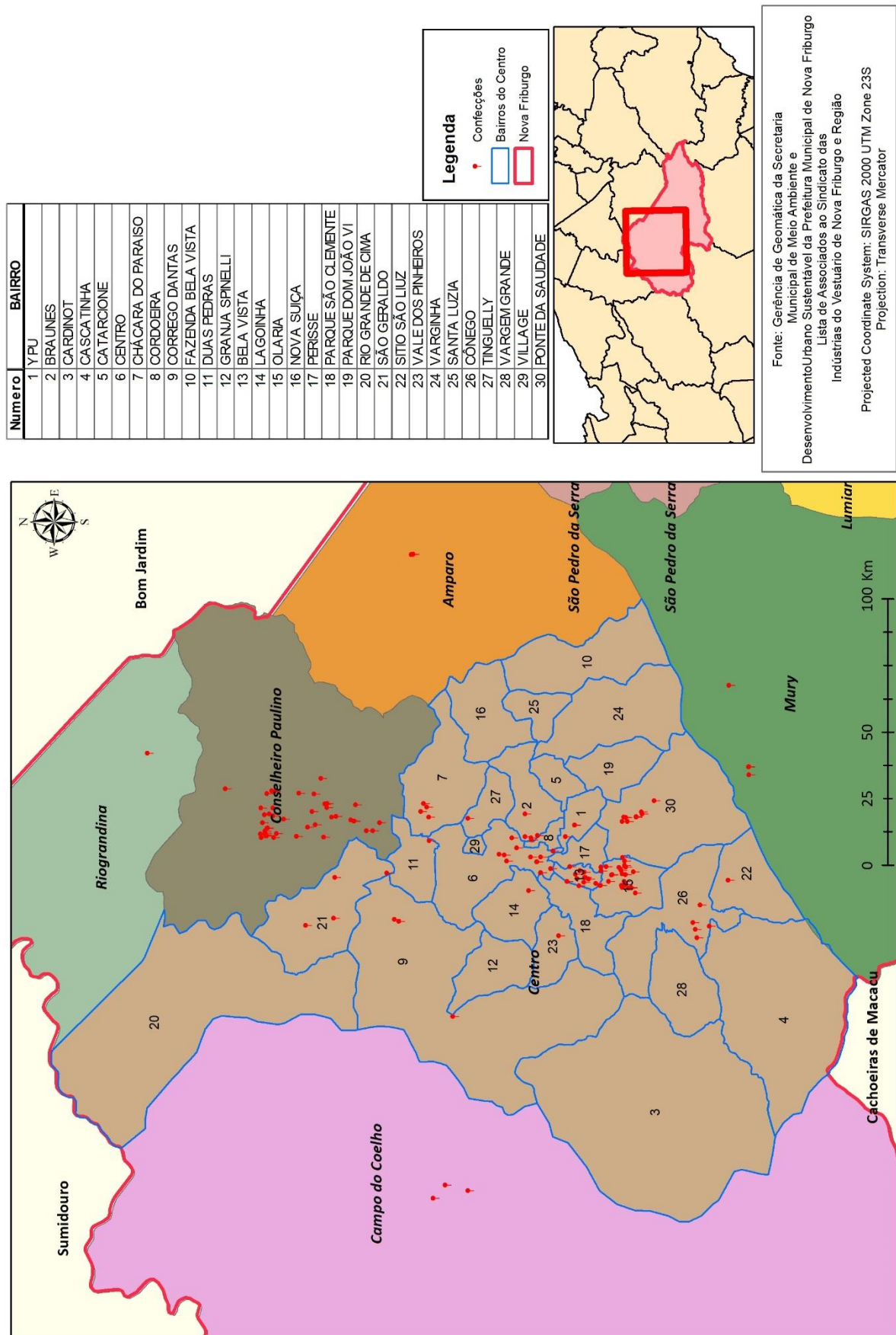
Também foi mensurada empresas associadas ao Sindvest fora do município, na região de influência do APL de moda íntima, nos municípios Bom Jardim, Sumidouro e Cachoeiras de Macacu. Analisar a espacialização dessa produção nos permite observar seu movimento de fragmentação. Como sabemos, esse processo se relaciona à implosão-explosão da indústria fordista e do urbano, e sua conseqüente reestruturação e reorganização, em que o espaço urbano se espalha pra diversas áreas, nas periferias, regiões rurais e franjas urbanas do município.

No mapeamento, focamos nas dois principais regiões de produção de moda íntima de Nova Friburgo. A região do Centro, em que estão os bairros de Olaria e Bela Vista, e o distrito de Conselheiro Paulino, vamos, nos itens seguintes, descrever um pouco da organização produtiva e urbanização nesses dois bairros.

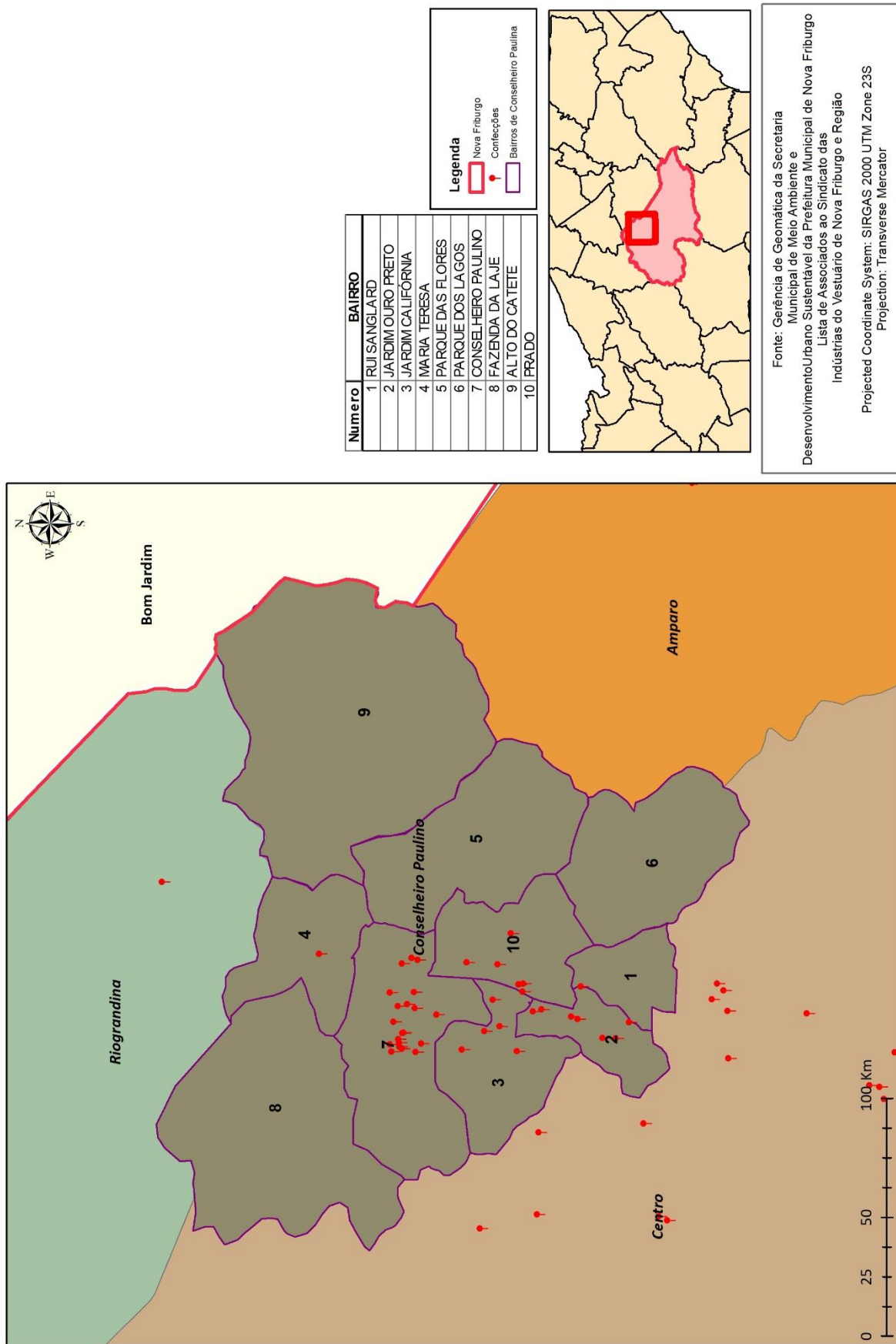
MAPA 5: Distribuição distrital das empresas de moda associadas ao Sindvest no município de Nova Friburgo



MAPA 6: Distribuição por bairros das empresas de moda associadas ao Sindvest no distrito sede no município de Nova Friburgo



MAPA 7: Distribuição por bairros das empresas de moda associadas ao Sindvest no distrito de Conselheiro Paulino, município de Nova Friburgo



3.3.1 O Distrito do Centro: Bela Vista e Olaria.

Nós escolhemos duas principais regiões do município para a realização de um mapeamento mais detalhado, em maior escala, os distritos escolhidos foram o Centro e Conselheiro Paulino, pois são eles os maiores concentradores da produção de moda. No **mapa 6** podemos observar o distrito do Centro, em que estão localizados os bairros de Olaria e Bela Vista, que são os maiores concentradores de empresas, além de outros bairros operários como Vila Amélia, Cordoeira, Perissê e o bairro do Centro, em que também se localizam diversas pequenas indústrias. Esses bairros possuem variados padrões produtivos, empresas mais organizadas (as confecções) estão em grande parte localizadas nessa região, nos bairros da Ponte da Saudade, Olaria e Bela Vista. Aqui estão as empresas mais bem estruturadas, com alto padrão produtivo e menor flexibilidade, porém como já mencionado, mesmo as empresas mais bem consolidadas podem terceirizar uma etapa ou parte da produção.

Estão localizadas nesses distritos os dois principais polos de varejo Olaria (com um padrão mais popular, voltada para atacado e sacoleiros) e a Ponte da Saudade (voltado para o turista com alto padrão aquisitivo); Olaria também é o principal polo de produção, nele se misturam facções flexíveis e fábricas bem estruturadas agindo em diversas escalas. Importante lembrar que nessa região também está o bairro do Centro e ali foi a principal área de concentração das antigas empresas fordistas. O bairro de Olaria segue um padrão de urbanização irregular, diferente dos bairros de origem operária que ainda mantêm suas antigas construções e vilas. Apesar da origem do bairro de Olaria remontar uma antiga vila operária da fábrica ARP, ela foi completamente demolida. Olaria segue um padrão urbano ligada a construção doméstica, porém também surgem nesse bairro condomínios fechados de classe média e revela-se como segundo principal centro de serviços.

No bairro da Bela Vista estão localizadas diversas pequenas e médias empresas, com diferentes padrões produtivos. Pequenas confecções e facções flexíveis e domésticas, formais e informais, nele também está localizado a antiga planta industrial da ARP, em que hoje estão diversos serviços, universidades, além de confecções, facções, lojas, fábricas de joias, artesanato, moda íntima, restaurantes, padaria, escritórios etc. Por isso é observado grande concentração

de empresas formais no ramo da moda íntima, como podemos observar no **mapa 6**.

Nesse distrito também estão o bairro da Vila Amélia e Lagoinha, onde está localizada a planta industrial da Filó. E os bairros do Perissê e Bairro Ypú, onde está localizada a planta industrial da Ypú. Esses bairros tiveram sua origem em vilas operárias das respectivas fábricas e por isso concentram muitos trabalhadores que foram dispensados das mesmas, e abriram seus pequenos negócios na residência. Por isso há uma grande concentração de facções e confecções domésticas.

O bairro da Ponte da Saudade também é grande aglutinador dessa produção, nesse bairro estão diversas galerias e lojas de moda íntima e têxtil, aqui encontram-se empresas mais bem estruturadas abrangendo a escala do varejo, enquanto Olaria e Bela Vista concentram micro e pequenas empresas individuais e familiares, assim como muitas micro facções informais, formais e domésticas, lojas populares, além de muitos sobrados e galpões onde se instala a produção doméstica.

3.3.2 O bairro de Conselheiro Paulino

No **mapa 7** podemos visualizar o distrito de Conselheiro Paulino, esse distrito é o segundo maior produtor de moda do município, onde se concentra população de classes média e baixa, e muitos operários. Nele hoje localizam-se diversas micro e pequenas empresas, seguindo o mesmo padrão do bairro de Olaria, porém menos consolidadas e ainda mais flexíveis. A origem desse distrito e dos bairros localizados nele remonta as vilas operárias das empresas de metalmecânica, a Haga e a Stam (empresas de chaves e fechaduras), porém ele é a principal região de urbanização recente do município, que segue um padrão irregular, flexível e doméstico.

Casebres, favelas, sobrados, galpões com produção têxtil se misturam a condomínios populares. Este espaço concentra grande parte da produção flexível da cidade, as empresas menos estruturadas, com baixo padrão produtivo, marcadas pela flexibilidade e terceirização. Muitas micro e pequenas empresas individuais e unifamiliares. É o bairro que mais rapidamente se urbaniza com características desiguais e ligadas ao neoliberalismo, há nele

muitas construções domésticas em áreas de risco. Também se desponha como importante subcentro de serviços.

Existem muitas indústrias domésticas, em quartinhos, garagens, galpões e sobrados. A urbanização do espaço nessa região é caracterizada pela informalidade e pela produção doméstica das casas. A infraestrutura urbana nesse distrito é baixa, comparada ao centro, mesmo ao bairro de Olaria. Os bairros que mais concentram produção no distrito de Conselheiro Paulino são o bairro sede do distrito, Jardim Ouro Preto, Jardim Califórnia e Prado. Todos esses bairros estão em conurbação com o distrito do Centro e segue o traçado da urbanização no vale do Rio Bengalas, são áreas passíveis de inundação e deslizamentos, já que apresentam baixa infraestrutura e intensa urbanização.

A análise dos mapas nos permite identificar o fenômeno de fragmentação/flexibilização da produção da indústria da moda íntima hoje no município de Nova Friburgo e em sua região de influência. Além disso, também nos possibilita observar a característica regional da produção industrial de moda íntima e sua natureza pulverizada e fragmentada. A geografia montanhosa do município facilita essa fragmentação. É importante lembrar que a produção doméstica e informal é intensa, porém impossível de ser mapeada, já que encontram-se na residência. Mesmo com as perdas de dados por não ser possível o mapeamento das empresas domésticas, esse levantamento nos permite identificar a natureza fragmentada da produção de moda íntima no município. Essa fragmentação corrobora com nosso argumento de que esse espaço passa por um processo de reestruturação produtiva da indústria têxtil e de transformação na territorialização dessa produção, tornando-a regional, pulverizada e fragmentada.

3.4 O novo proletariado

Como foi apresentado, o processo de reestruturação produtiva, suas rupturas com o tecido social, sua transformação e sua reorganização das relações de trabalho geram aquilo que muitos autores denominam de um trabalho altamente precarizado, com alta densidade de flexibilização das relações de trabalho, e dos direitos adquiridos. Alguns autores como Standing vão além, e definem uma nova classe de trabalhador, aquele altamente

precarizado e flexibilizado, que o mesmo denomina de “precariado” (STANDING, 2014).

A pesquisa realizada pelo economista britânico tem o objetivo de realizar um esforço de análise e levantamento de dados empíricos, e realizar uma identificação da emergência de uma classe social intermediária, em nível mundial, que ele denominou precariado. Seguindo a sua linha de raciocínio, a origem do termo é bastante controversa, já que segundo o autor o precariado carece de uma identidade ocupacional.

Uma maneira de descrever o precariado é como ‘habitantes’. O ‘habitante’ é alguém que, por uma razão ou outra, tem um conjunto de direitos mais limitado que o dos cidadãos. A ideia de ‘habitante’, que pode ser rastreado até os tempos romanos, tem sido, geralmente, aplicada a estrangeiros que recebem direitos de residência e direitos para exercerem seu comércio, mas não direitos plenos de cidadania (STANDING, 2014, p. 33).

Entretanto esta explicação, ainda é muito simplificada. Por essa razão, Standing sugere que as intersecções semânticas entre o proletariado e o precariado representam de forma mais legítima as novas facetas do mundo do trabalho. Ao contrário do proletariado – assinalado por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista em 1848 como a classe revolucionária –, o precariado estaria mais afeito aos valores sociais/morais associados à classe da burguesia. Logo, a gênese do termo (precariado) remonta aos estudos sociológicos da década de 1980, tendo como descrição sinônima ‘trabalhadores temporários’ ou ‘sazonais’. Novas características dessa classe de trabalhadores precarizados são os contratos de empregos temporários, porém não podem ser compreendidos como trabalho temporário. Isso pode ser observado na citação que segue

[...] não é o nível de salários em dinheiro ou de rendas auferidas em qualquer momento específico, mas a falta de apoio da comunidade em momentos de necessidade, a falta de benefícios assegurados da empresa ou do Estado e a falta de benefícios privados para complementar ganhos em dinheiro (STANDING, 2014, p. 30).

O precariado, nesta direção, por meio da argumentação do autor, não se localizaria no mesmo status dos proletários clássicos e muito menos em relação

aos assalariados da classe média. O precariado está inserido em ofícios degradantes, como são os casos dos call centers, em práticas mal remuneradas das médias e grandes empresas, definidos pelo “curto prazo”, sem qualquer chance de construção de uma carreira profissional. Tais situações degradantes de subempregabilidade têm levado ao aumento alarmante de suicídios e doenças psicossociais em diversas partes do mundo. No Brasil, por exemplo, podemos mencionar as costureiras domésticas, que não possuem direitos trabalhistas e estão sujeitas à alta flexibilização do trabalho, porém são convencidas pelas subjetividades do mercado que possuem empoderamento e autonomia de decisão.

Ao tratar e entender o precariado como uma nova classe social em formação, uma de suas principais características é o seu tímido radicalismo em relação à violência da lógica do capital no mundo do trabalho contemporâneo. Tendo em vista, empiricamente o caso das costureiras em Nova Friburgo, este movimento se intensifica devido à construção de uma falsa sensação de empoderamento e liberdade, com o fechamento das grandes indústrias, houve o empreendedorismo foi um movimento de resistência frente ao desemprego estrutural, porém junto à ele, se criou uma falsa ideologia fundada na liberdade individual, e na crença que o indivíduo teria a possibilidade de ação em diversas escalas e poderia se associar diretamente às escalas internacionais. A alienação do precariado possui um caráter muito perigoso ao tecido da sociedade contemporânea, já que falta a ele engajamentos políticos, já que possuem pouquíssima adesão sindical e até mesmo são avessos aos regimes democráticos (vide as últimas manifestações de cunho fascista em nosso país). Logo, esta ‘nova’ classe é virtualmente refém de concepções totalitárias.

O precariado tem relações de produção bem definidas e este tem sido o seu aspecto mais acentuado, apesar de não ser, efetivamente, o mais determinante para a sua compreensão. O trabalho desempenhado pelo precariado é, de sua natureza, frágil e instável, andando associado à casualização, à informalização, às agências de emprego, ao regime de tempo parcial, ao falso autoemprego e a esse novo fenômeno de massas chamado *crowd-sourcing*³².

³² Crowdsourcing é um modelo de criação e/ou produção, que conta com a mão-de-obra e conhecimento coletivos, para desenvolver soluções e criar produtos.

Todas estas formas de trabalho flexível têm aumentado um pouco por todo o mundo. O que já não é tão visível é que, nesse processo, o precariado se vê obrigado a desempenhar uma proporção elevada e em crescimento de trabalho-para-trabalhar relativamente ao trabalho propriamente dito. Assim, ele acaba por se ver tão explorado fora do local de trabalho e do período laboral remunerado como quando se encontra no emprego dentro do horário normal. Esse é um fator que distingue o precariado do velho proletariado. Visto que no trabalho feminino doméstico o lugar de trabalho é a própria residência, essas relações de exploração são ainda mais intensificadas, já que em casa não há regulamentação de horas trabalhadas, ou nenhum tipo de direito trabalhista garantido pelo Estado.

O capital global e o Estado defendem fortemente estes interesses, já que têm necessidade de um precariado grande, razão pela qual esta é uma classe-em-construção e não uma subclasse. Se, durante os períodos de organização do trabalho de cunho fordistas/tayloristas, o capital industrial nacional se propunha habituar o núcleo do proletariado a um trabalho e a uma vida de estabilidade, hoje a partir do processo de reestruturação produtiva e da introdução de concepções neoliberais o capital global pretende habituar o precariado a um trabalho e a uma vida de instabilidade. Esta diferença fundamental é motivo para crer que juntar o proletariado e o precariado numa única categoria seria impossível e impediria uma reflexão analítica e a imaginação política.

Outra característica do precariado se refere às relações de distribuição bem definidas, na medida em que depende quase exclusivamente de salários nominais, estando normalmente sujeito a flutuações e não dispondo nunca de um rendimento seguro. No caso do trabalho doméstico no APL de Nova Friburgo, podemos observar que o pagamento é feito à partir do montante da produção, ou seja, pelo número de peças montadas, ou cortadas e não a partir do número de horas trabalhadas. Ao contrário do que, se passava com o proletariado do século XX, cuja insegurança no emprego podia estar coberta por medidas de proteção social, o precariado encontra-se hoje completamente sujeito a uma incerteza crónica, tendo pela frente uma vida de desconhecidas incógnitas.

Podemos também estabelecer as relações do precariado com o Estado, no sentido em que este possui menos direitos do que todos os demais. O

precariado caracteriza-se por uma fundamental *insegurança no que toca a direitos*. Vemos, portanto um movimento em que o Estado retira sistematicamente direitos aos seus próprios cidadãos. Há cada vez mais pessoas, e não apenas migrantes, sendo transformadas em “denegadas”, limitadas no alcance e no aprofundamento dos respetivos direitos cívicos, culturais, sociais, políticos e económicos.

Existe fundamentalmente na origem do precariado, terreno comum para uma rejeição do velho consenso político e dos partidos do centro-direita e centro-esquerda, daí o grande apoio dos micro e pequenos empreendedores às concepções conservadoras em avanço nos últimos anos, vemos, frente as lojas, fábricas e becos dos bairros de produção industrial e doméstica muitas bandeiras do Brasil e se escuta nas ruas frases de apoio às políticas de extrema direita. Daí a percepção de que se assiste a uma crise da democracia, pois o precariado não se sente representado e recusa entregar-se a uma realidade política de luta de direitos e associação, já que a ideologia individualista está tão bem enraizada em suas subjetividades.

Essas relações altamente flexíveis, informais e sem direitos de trabalho estão cada vez mais presentes no atual regime de acumulação e regulação capitalista na contemporaneidade. Portanto, trabalhadoras que realizam seu trabalho em domicílio ficam ainda mais suscetíveis a esse tipo de relação, visto que formalizar relações de trabalho que ocorrem no âmbito domiciliar é ainda mais complicado, na residência essa produção é oculta e camuflada, com pouca possibilidade de associação trabalhista, já que a produção encontra-se pulverizada e fragmentada em um espaço regional.

A luta contra a exploração capitalista na fábrica é bem diferente da luta contra um pai ou tio que organiza o trabalho familiar num esquema de exploração altamente disciplinado e competitivo que atende às encomendas do capital multinacional. (HARVEY, David. 2007, p.146)

No domicílio, por exemplo, o tempo de jornada do trabalho se confunde com o tempo livre e com o tempo dos afazeres domésticos. Há também uma transferência de responsabilidade de melhorias das condições de trabalho para o indivíduo ou ao pequeno grupo de trabalhadores, que geralmente é a família,

o que dificulta a formação de uma classe na luta por melhores condições de trabalho e pela luta por direitos.

No APL de Nova Friburgo também se configura pelo trabalho a domicílio em pequenos empreendimentos familiares, sendo estes bastante heterogêneos, variando muito de empresa para empresa, devido às diferenças em capacidade técnica e número de pessoas envolvidas na produção. Esse tipo de organização, apesar de também ser instável, é menos precário do que aquele das facções, visto que a pequena ou média empresa ganha forma de um empreendimento familiar autônomo, sendo ou não legalizado. Essa forma de organização laboral diminui a subordinação e dependência de uma contratante, visto que ela pode tanto prestar serviço para terceiros como gerenciar sua própria produção. Porém, apesar destas formas de organização de trabalho poder se configurar como uma empresa mais independente não exclui a informalidade de relações de trabalho. Essas empresas podem, em algumas situações, utilizarem-se do trabalho realizado pelas facções ou subcontratarem funcionários por tempo determinado, dependendo da demanda à partir da terceirização de parte da produção ou de alguma etapa do processo produtivo.

Por fim, neste capítulo tivemos como principal objetivo a análise do processo de reestruturação produtiva do município de Nova Friburgo, tendo em vista as políticas públicas de desenvolvimento local e as transformações na organização do mundo do trabalho. Aqui tivemos a intensão de realizar uma análise crítica referente as transformações trazidas pelo processo de reestruturação produtiva da indústria e as mudanças na vida cotidiana da classe trabalhadora, e das políticas que sustentam esta dinâmica. Tendo em vista as características do trabalho no município de Nova Friburgo e na região que compreende o Arranjo Produtivo Local, com suas especificidades. Como vimos neste processo há como principais características o trabalho doméstico, feminino, fragmentado e altamente flexibilizado.

Foi detectado que o trabalho altamente flexibilizado e fragmentado é o principal elemento de organização e o principal fator no lucro das empresas do arranjo Produtivo Local de Moda Íntima de Nova Friburgo e região. O trabalho doméstico intensifica a expropriação do trabalhador (principalmente do trabalho feminino, ainda mais exploratório), já que não há como se regular horas trabalhadas, ou controlar a dupla jornada, também não há seguridade dos

benefícios sociais, já que os trabalhadores tornam-se, muitas vezes, a própria empresa. Esses custos e encargos são terceirizados e saem do âmbito do Estado, e tornam-se responsabilidade da própria classe trabalhadora. Também foi necessário analisar e entender os discursos que mantêm e reproduzem esta lógica. A ideologia neoliberal teve um importante papel em manter a classe trabalhadora alienada de sua exploração (inclusive intensificando esta dinâmica), trazendo a falsa sensação de empoderamento e liberdade de negociação, porém na prática estas relações se estabelecem de forma desigual e contraditória.

Cada momento histórico apresenta um correlato geográfico e urbano. E portanto, cada período apresenta uma diferente forma de organização laboral, de produção material e imaterial, de organização da indústria e do mundo do trabalho. Sendo assim, no próximo capítulo pretendemos analisar a dimensão material deste processo de reestruturação. As novas formas de configuração territorial e seus correlatos geográficos. A nova dinâmica de organização da indústria e do mundo do trabalho apresenta um correspondente geográfico, já que ele se manifesta de forma diferente do período fordista/taylorista. As grandes plantas industriais adquirem novos usos, as formas se mantêm, mas a estrutura muda, e conseqüentemente as funções também mudam. Estas fábricas adquirem uma nova funcionalidade, ligada ao capitalismo, sua manifestação e racionalização na contemporaneidade. Também pretendemos analisar a dimensão regional da produção do APL de moda íntima de Nova Friburgo, característica que se intensifica a partir do estímulo à fragmentação e à produção doméstica, alavancado pelo processo de reestruturação produtiva da indústria; essa produção não é mais feita no lugar ou no município, mas em múltiplos espaços, com diferentes formas e paisagens. E por fim, analisaremos a intensificação do processo de urbanização e sua manifestação desigual no espaço do município de Nova Friburgo e do APL de moda íntima.

CONCLUSÃO

Conclusão

Retomando, o município de Nova Friburgo localiza-se na Região Centro-Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro e configura-se como o principal centro de serviços e industrial da região Centro-Norte fluminense. O município possui uma indústria diversificada, observamos que dois segmentos da indústria são mais consolidados: a Têxtil, principalmente o segmento da moda íntima e a Metalurgia. O município concentra uma diversificada planta industrial desde o final do século XIX. E hoje ele se configura como um importante centro regional de serviços para todo o interior do estado, também tem como o turismo e a agricultura setores econômicos bem desenvolvidos. No entanto, o seguimento têxtil, principalmente a moda íntima é o segmento da divisão do trabalho que mais recebe atenção por parte de políticas públicas, das agências privadas e programas de desenvolvimento de instituições privadas e do governo federal, caracterizando o município e a região que compreende o APL como o maior centro produtor de lingerie do Brasil. Portanto há no espaço do município uma tendência à especialização e territorialização do capital ligada à produção industrial na moda íntima e fitness.

Encontramos por todo o município formas que se configuram como vestígios (rugosidades) de diferentes tempos; as antigas plantas industriais de fábricas de tecido ou renda, as vias estreias das vilas operárias, ao redor de praças e igrejas, próximos às margens de rios e nas encostas das montanhas e nos fundos dos vales, como já apresentado na introdução da Tese. A maior concentração urbana do município se espalha ao entorno de três principais Rios: os Rios Cônego, Bengalas e Santo Antônio, vales estreitos, que, em certas áreas, não passam de 1km de extensão de lado a lado, rodeado por montanhas com grandes altitudes. No distrito do Centro do município e em outros distritos como Conselheiro Paulino esse vale encontra-se completamente urbanizado, até mesmo em áreas de encostas, e ocupado por atividades humanas, sejam elas habitacionais, industriais ou atividades agrícolas. No tecido do espaço urbano ainda se reproduz por vezes o desenho do fracionamento rural, indicando a um tempo o avanço da cidade sobre o campo.

Importante aqui retomar que essa Tese de doutorado teve como principal objetivo compreender o processo de reestruturação do espaço urbano do Arranjo

Produtivo Local da Moda Íntima, de Nova Friburgo, localizado no estado do Rio de Janeiro, relacionar o processo de reestruturação produtiva, que recentemente se manifesta a partir de políticas públicas e ações privadas ligadas às teorias de desenvolvimento local, à transformação do espaço urbano e à organização do mundo trabalho. Na totalização do processo de territorialização do capital do neoliberalismo no município há uma reorganização da racionalidade material, uma transformação na organização do trabalho e da produção, gerando uma flexibilização das relações trabalhistas e uma fragmentação das indústrias fordistas, como discutido nos capítulos 2 e 3 com o diálogo com Mattos (2011) e Oliveira (2012).

Nesse processo podemos identificar dois principais fenômenos ou rupturas: a flexibilização das relações de trabalho e fragmentação da produção. Neste movimento há a conseqüentemente explosão do fenômeno urbano em escala regional, uma vez que acontece uma explosão/fragmentação da indústria fordista. Por fim, foi definido como objeto de pesquisa as diferentes fases do processo de reestruturação produtiva do espaço urbano do município de Nova Friburgo, em relação ao Arranjo Produtivo Local de moda íntima.

Analizamos um processo de reestruturação econômica e produtiva da indústria que influência direta e indiretamente na produção e na manifestação do fenômeno urbano, acentuando certas desigualdades em um modelo de explosão urbana em uma escala regional. Consideramos, portanto, a transformação de uma racionalidade rígida para uma flexível. Em um primeiro momento houve um fenômeno de concentração das atividades industriais, que conseqüentemente culminou em uma explosão da indústria fordista/taylorista. Essa concentração da produção industrial no centro do município e nas grandes fábricas estava fundada no momento do nacional desenvolvimentismo, e possuía características próprias: grandes plantas industriais, movimentos sindicais, trabalho rígido e alienado. No movimento de explosão das atividades industriais e da conseqüente reestruturação das racionalidades do capitalismo, transforma-se o pensamento e a ação prática das instituições, o neoliberalismo se espalha em diversas dimensões, desde processos mais gerais até a vida cotidiana. Lefebvre (1999) se refere a essa nova forma de ação do capitalismo como sociedade burocrática do consumo dirigido.

A cidade explode; o urbano se anuncia; a urbanização completa se prepara; no entanto os antigos quadros (instituições e ideologias vinculadas às antigas formas, funções, estruturas) se defendem, adaptam-se às novas situações. (LEFEBVRE, Henri. 1999, p.84)

Esse movimento culmina numa mudança de racionalidade, de um pensamento de organização industrial rígida e linear para outra, flexível e fragmentada, estruturado a partir das teorias de desenvolvimento local. Portanto, escolhemos como exemplo empírico o espaço do município de Nova Friburgo na região Centro Norte do estado do Rio de Janeiro. Espaço que durante o Século XX se estruturou e urbanizou a partir de uma racionalidade de industrialização fundada em modelos racionais ligados às estruturas fordistas, porém hoje vem passando por modificações, que acarretam uma ruptura e um consequente processo de reestruturação produtiva da indústria e do espaço urbano. Como abordamos no capítulo 2 em diálogo com Mattos (2011), Furtado (1969) e Dardot e Laval (2016) e também a partir da análise de documentos do SEBRAE (2003) e MDIC (2004).

Desta forma acontece uma transformação na racionalidade de produção do espaço, hoje vemos uma produção e uma organização do urbano ligada à flexibilização e fragmentação, característica da acumulação flexível. Deste último processo de reestruturação produtiva decorre uma especialização de áreas e regiões em um certo ramo da produção industrial, na nossa pesquisa este segmento da indústria têxtil foi a moda íntima; para o poder público federal e para agências de desenvolvimento a concentração industrial do município de Nova Friburgo e região pode ser considerado como um Arranjo Produtivo Local.

Importante também retomar que os Arranjos Produtivos Locais são aglomerações de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. Existe uma vasta literatura nacional e internacional sobre o fenômeno da aglomeração de empreendimentos de uma mesma atividade produtiva em uma determinada região geográfica. Há muitas denominações e ênfases diferentes.

Essencial aqui também retomar o problema central da pesquisa. Tendo em vista o objetivo apresentado - o processo de reestruturação produtiva, as transformações no mundo do trabalho, na indústria e no espaço urbano. A pesquisa, a nível do cotidiano, revela a flexibilização e precarização das relações de trabalho, expressa a perda de direitos e demonstra a informalidade como principal elemento para o aumento do lucro capitalista e como forma de organização do trabalho produtivo. As relações de poder entre empresas e micro empresas se revelam na escala do cotidiano, na perda de direitos e no trabalho doméstico, até mesmo na urbanização. Estabelecemos o problema da pesquisa partindo do pressuposto de que o município de Nova Friburgo passa por um processo de reestruturação urbana, que acarreta ruptura e, conseqüentemente, fases de reestruturação produtiva e da ação e organização do capital. Portanto, qual seria a relação entre o Processo de Reestruturação Produtiva do Espaço Urbano do Arranjo Produtivo Local de Nova Friburgo, a explosão do fenômeno urbano em escala regional e a flexibilização/fragmentação do mundo do trabalho?

A tese aqui apresentada é a de que o município de Nova Friburgo passa por um processo de reestruturação urbana estimulada e financiada por empresas privadas e políticas públicas ligadas às teorias de desenvolvimento local. Este processo intensifica a explosão do fenômeno urbano, que tem como características um alcance regional e uma materialização desigual, reorganiza a produção do espaço urbano e transforma a natureza do trabalho, fragmentando-os e os flexibilizando.

Portanto podemos observar ao longo da pesquisa que nos últimos anos ocorre um desenvolvimento e popularização de concepções de desenvolvimento localista, alternativas para as concepções tradicionais de desenvolvimento moderno e linear, porém estas “novas concepções” não quebraram com a lógica econômica, por conseguinte constituem-se como discursos, um grande paradoxo ou um discurso ideológico, pois o neoliberalismo não promoveu crescimento global de distribuição equitativa das rendas, muito pelo contrário, observamos que houve ainda mais concentração, como foi mostrado nos capítulos 2 e 3 em diálogo com Dardot e Laval (2016), Lefebvre (1973) (2006), Poulantzas (1985), Standing (2014).

Sendo assim, ressaltamos que o discurso de regiões “atrasadas” que necessitariam se adaptar e modernizar aos “novos tempos” é um discurso falacioso e ideológico, já que não é da natureza do capitalista assegurar o desenvolvimento econômico e social igualitário em todos os espaços, muito pelo contrário, é de sua natureza do subjuga-lo com o objetivo do aumento da expropriação e da ampliação de seus lucros. Hoje há de se reconhecer que a esfera da produção capitalista se ampliou, envolvendo os domínios não materiais da vida no campo da produção/apropriação de valores, da geração de mais-valia e exploração do mundo do trabalho. As concepções de desenvolvimento localistas entendem o lugar e suas tradições como instrumento ideológico, político e econômico que podem potencializar o domínio e apropriação sobre as diferentes tradições e culturas.

No capítulo 1 tivemos como objetivo específico a análise do processo de reestruturação produtiva do município de Nova Friburgo. Para isso, em um primeiro momento, caracterizamos o processo de industrialização do município, com o objetivo de mostrar as propriedades que estruturaram seu processo de urbanização hoje e no passado. Para isso resgatamos as correntes ideológicas que fundamentam o processo de urbanização ligado às estruturas fordistas, que condicionam a produção e a reprodução de uma territorialidade específica, determinando os principais agentes, conflitos e eventos desse processo, que estruturaram, na prática, o município no passado até o presente. Para alcançar tais objetivos dialogamos com Gramsci (1978) Marx e Engels (1984) e Santos (2014).

Em um segundo momento também foi analisado o processo mais recente de urbanização e produção do espaço urbano ligado ao capitalismo na contemporaneidade. Investigamos, portanto, as novas formas de organização e territorialização do capital, não só de cunho ideológico, mas também das políticas, que substituem aquelas da modernidade e do pensamento único pelas teorias e ideologias ligadas ao desenvolvimento local. Esse conjunto de concepções ideológicas acarreta uma nova racionalidade da produção e reprodução do espaço no município e em sua região, criando outra territorialidade e transformando a lógica estabelecida entre forma-função-estrutura. Nesse movimento houve uma transformação nas relações de trabalho e na vida cotidiana, fragmentando a produção industrial e flexibilizando tanto as

relações laborais quanto a produção. Concluímos, portanto, que o município de Nova Friburgo se configurou no passado e se configura hoje a partir de duas principais lógicas de reprodução, uma ligada ao capitalismo fordista e outra ligada à acumulação flexível, cada uma delas estabeleceu sua racionalidade e produziu uma territorialidade, resignificando formas, condicionando modos de vida, materialidades, imaterialidades, subjetividades etc.

No movimento de reestruturação produtiva existem continuidades e descontinuidades, se transformam as relações de trabalho e as relações de produção, ocorrendo uma flexibilização e uma fragmentação. Porém também existem continuidades, não há uma quebra das estruturas de poder, nem da lógica de acumulação, pelo contrário, há uma intensificação dessas relações.

Nesse sentido foi observado uma desestruturação do grupo operário das fábricas da cidade, assim como a desestruturação de um capital industrial têxtil fordista. Esse fato se dá pela consequência direta das mudanças ocorridas no cerne do processo de reestruturação produtiva da indústria que levou ao desemprego centenas de operários, desencadeado pelas demissões em massa. Com isso, uma grande quantidade de trabalhadoras se voltou ao trabalho doméstico de costureiras autônomas, e muitas vezes informais, dando início a um processo de formação de micro e pequenas confecções nos fundos dos quintais ou garagens no município.

Como vimos, atualmente existem no município milhares de fações e confecções de moda íntima, a maioria micro e pequenas empresas, sendo que muitas atuam de forma informal, sendo impossível catalogá-las ou rastreá-las, uma vez que elas não têm registro legal ou formal. Neste sentido, observamos um processo de reestruturação produtiva e de transformação e resignificação no mundo do trabalho. Visualizamos uma mudança radical na vida cotidiana, fruto da diminuição da classe operária, de tecelões, constituída nas décadas passadas. Esta situação provocou ainda a perda da centralidade destes operários e fábricas no município, os desarticulando, provocando fortes mudanças nas relações sociais/sindicais e a emergência de novas formas de organização da produção e do trabalho, a partir da formação de um novo padrão de exploração e dominação capitalista.

A administração das confecções hoje sai das mãos dos grandes empresários e passa para uma dimensão familiar, sendo que, em boa parte dos

casos analisados, a gestão e o controle da produção é realizada por mulheres. É interessante resgatar que a confecção das mercadorias de moda íntima na maioria das vezes está vinculado ao núcleo familiar de origem da empresa; geralmente as filhas, irmãs e mãe efetivamente trabalham, além dos casos em que também observamos contratação de alguns funcionários e terceirização de serviços externos. Importante ressaltar que as relações de amizade e de família são utilizadas como meio de diminuir o conflito capital/trabalho, de produzir consentimento, como forma de proporcionar uma colaboração de classe por parte das costureiras.

O Arranjo produtivo de moda íntima de Nova Friburgo é composto, principalmente, por micro e pequenas empresas, bastante desorganizadas e tecnologicamente defasadas. Os empresários têm pouca capacitação gerencial e há pouca cooperação entre os agentes do arranjo. Sua produção é especializada nos chamados produtos de moda íntima. O destino da produção é concentrado nas classes econômicas de baixo e médio poder aquisitivo e, na distribuição, predominam esquemas de informalidade, porém também existem no município empresas que fabricam produtos de alta qualidade e trabalham em diversas escalas, assim como a Triumph. Para alcançar tais objetivos, dialogamos com os textos de Santos (2014), Lefebvre (1973) (2006), Carlos (2011), Brandão (2003) e Lencioni (2015).

No capítulo 2 tivemos como objetivo específico a análise do discurso ideológico que sustenta as concepções de desenvolvimento local. Para isso consideraremos o papel do Estado e das agências de desenvolvimento no processo de consolidação do APL de moda íntima do município de Nova Friburgo, portanto desejamos analisamos as relações de poder que estruturam e fundamentam tais argumentos, ou seja, o âmbito das representações do espaço.

As políticas públicas de desenvolvimento local têm como característica uma participação menos marcante dos que enfatizam a escala nacional e até mesmo regional como essenciais ao desenvolvimento, pois os lugares teriam naturalmente a capacidade de associação direta com a escala global, constituindo a esfera global o campo ou arena prioritária para a ação política pública, deixando as escalas intermediárias com pouco ou nenhuma importância nesta dinâmica. A partir da pesquisa sobre as políticas públicas em escala local,

sustentamos nesse capítulo a Tese de que há uma participação menos importante de pesquisas em escala regional e nacional no planejamento do APL de Nova Friburgo.

Esse processo possui um caráter de cunho político e ideológico, um novo modelo de colonialismo e uma consequente precarização das relações de trabalho. Nesse movimento, vende-se uma proposta de cidadania global, que na prática flexibiliza as relações de trabalho, intensificando a expropriação do capital, no objetivo de aumentar a mais-valia capitalista. O processo de transformação da totalidade no neoliberalismo está relacionado às formas atuais de dominação, que culmina em uma reestruturação das relações de trabalho e uma consequente flexibilização, ainda que se mantenha, revolucione e intensifique a dominação do capital.

Também analisamos os discursos que mantêm e reproduzem esta lógica. A ideologia neoliberal tem um importante papel em manter a classe trabalhadora alienada de sua exploração, trazendo a falsa sensação de empoderamento e liberdade de negociação, porém na prática estas relações são contraditórias. Primeiro analisamos as políticas públicas de desenvolvimento local em seu âmbito ideológico, como elas foram instituídas e incorporadas pelo mercado e estimuladas pelo Estado e por agentes privados de desenvolvimento, para depois então, analisarmos como essas políticas transformam a vida cotidiana da classe trabalhadora.

Observamos nesse processo a intenção de se estabelecer um discurso e uma prática neoliberal, por parte do Estado e dos agentes privados de desenvolvimento, que na prática resulta em uma precarização do trabalho. Porém é na escala local que podemos ver a manifestação desse processo e permite revelar a precarização na vida cotidiana da classe trabalhadora. O neoliberalismo configura-se como uma dinâmica da totalidade. Esse processo se manifesta de forma diferente em cada lugar, tendo em vista suas especificidades. Portanto há uma territorialização do capital composta por um mosaico de territorialidades e nossa pesquisa teve como objetivo entender esse processo no município de Nova Friburgo. Para isso, dialogamos com os textos de Dardot e Laval (2016), Poulantzas (1985) e Mattos (2011).

No capítulo 3 tivemos como objetivo específico a análise do processo de reestruturação produtiva do município de Nova Friburgo as transformações na

organização do mundo do trabalho. Para alcançar tais objetivos foi realizada uma análise crítica referente às transformações trazidas pelo processo de reestruturação produtiva da indústria e às mudanças na vida cotidiana do trabalhador. Tendo em vista as características do trabalho no município de Nova Friburgo e região que compreende o Arranjo Produtivo Local e suas especificidades: o trabalho doméstico, feminino, fragmentado, intenso e altamente flexibilizado.

Estabelecemos que o trabalho flexibilizado e fragmentado é o principal elemento de organização e o fator determinante para a intensificação da mais-valia do trabalhador e do lucro das empresas do alto da cadeia produtiva (grandes empresas e varejistas) no arranjo Produtivo Local de Moda Íntima de Nova Friburgo. O trabalho doméstico, em especial quando informal, intensifica a expropriação do trabalhador (principalmente do trabalho feminino, ainda mais exploratório devido a dupla jornada, concentrando a produção e o trabalho doméstico), porque não há como se regular horas trabalhadas e também não há seguridade dos benefícios sociais, já que os trabalhadores tornam-se, muitas vezes, a própria empresa, essas características altamente flexíveis são ainda mais intensas nas empresas informais. Esses custos e encargos são terceirizados e saem do âmbito do Estado, tornando responsabilidade da própria classe trabalhadora.

As relações de poder se alteram, hoje não existe mais uma relação de opressão determinante entre burguesia industrial e proletariado. Essas relações se transformam e se tornam mais complexas, pois o trabalhador se converte em um pequeno burguês. Nesse jogo desenvolvem-se novas estruturas de poder entre classes e frações de classe: trabalhadores terceirizados, empresas informais, micro e pequenas confecções individuais, médios e grandes empresários e varejistas, todos eles relacionando-se entre si, em diversas escalas. Também foi necessário analisar e entender os discursos que mantêm e reproduzem esta lógica. A ideologia neoliberal teve importante papel em manter a classe trabalhadora alienada de sua expropriação (inclusive intensificando esta dinâmica), trazendo a falsa sensação de empoderamento e liberdade de negociação, porém na prática essas relações se estabelecem de forma desigual e contraditória.

Identificamos que situação das operárias friburguenses é expressa no baixo salário, na terceirização e nas condições precárias altamente flexibilizadas do trabalho, principalmente quando nos referimos ao setor informal. Esses empregos são em sua maioria de baixa qualidade, principalmente informais e possuem um controle rígido dos patrões nas médias e grandes fábricas, mesmo na formalidade.

[A estratégia urbana] não pode deixar de se apoiar na presença e na ação da classe operária, a única capaz de pôr fim a uma segregação dirigida essencialmente contra ela. (...) Isso não quer dizer que a classe operária fará sozinha a sociedade urbana, mas que sem ela nada é possível. (LEFEBVRE, 1991, p.113)

A classe operária, segundo Lefebvre, adquire novas características. Sua miséria e exploração não teria mais como único vínculo o processo de produção, a antiga característica proletária do fordismo vai se reestruturando e se ressignificando. Lefebvre anuncia o emergir da miséria do habitar, em que a classe operária é excluída dos centros urbanos. Portanto, essa nova classe operária, excluída e marginalizada dos benefícios da urbanização, teria como principal tarefa dentro da estratégia urbana levar a luta pela reforma urbana. Este cenário de combates da reforma/revolução urbana teria a missão histórica de inaugurar novos tempos revolucionários. Para alcançar tais objetivos, dialogamos com os textos de Mattos (2011), Oliveira (2012), Dardot e Laval (2016) e Standing (2014).

Também se mostra importante retomar o papel das representações e das políticas públicas trazidas no âmbito do planejamento e do Estado, que modificam significativamente formas de reprodução da vida cotidiana, influenciando diretamente na organização da produção da indústria de moda e do trabalho, alterando a forma de produção do espaço urbano no município e na região. É válido resgatar que o processo de reestruturação produtiva da indústria têxtil em Nova Friburgo se materializa a partir de um triplo movimento. (1) A reestruturação das antigas formas industriais do município, ou seja, a transformação do uso das grandes fábricas, que adquirem novas funções, geralmente ligadas ao serviço, à atividade industrial em pequena escala ou às escolas de capacitação técnica. (2) A reorganização da produção,

fragmentando-a, pulverizando-a e flexibilizando-a; a concentração industrial do período fordista produziu um fenômeno urbano, que explode e seus fragmentos começam a incorporar novas áreas; a produção deixa o chão da fábrica e incorpora o domicílio em uma escala regional. E (3) a modificação do cotidiano e do mundo do trabalho, ressignificando-os e os flexibilizando, uma vez que há um aumento significativo do trabalho doméstico, altamente exploratório e intensivo, caracterizado pela terceirização em larga escala; esse movimento transforma a vida cotidiana, pois a dimensão do trabalho invade a vida privada e reorganiza o núcleo familiar.

Cada momento histórico apresenta um correlato geográfico e urbano e, portanto, cada ciclo de acumulação apresenta uma diferente forma de territorialização que reorganiza o mundo do trabalho, a produção material e imaterial do espaço e a produção industrial. Sendo assim foi realizado uma análise da dimensão material deste processo de reestruturação, mapeando as empresas têxteis associadas ao Sindvest, no objetivo de mostrar a fragmentação dessa produção. A nova dinâmica de organização da indústria e do mundo do trabalho apresenta um correspondente geográfico, já que ele se manifesta de forma diferente do período fordista/taylorista. As grandes plantas industriais adquirem novos usos, as formas se mantêm, mas a função-estrutura se altera. Essas fábricas adquirem uma nova funcionalidade, ligada à manifestação e racionalização do capitalismo na contemporaneidade. Também ressaltamos a dimensão regional da produção industrial no APL de moda íntima de Nova Friburgo, característica que se intensifica a partir do estímulo à fragmentação e à produção doméstica, que não é mais concentrada no centro urbano do município, mas em múltiplos espaços, com diferentes formas e paisagens. E por fim, destacamos a intensificação do processo de urbanização e sua manifestação desigual no espaço do município.

Concluimos que o espaço da indústria de moda íntima é reproduzido pelas relações de trabalho predominantemente feminino, bastante intensivo, através do prolongamento da jornada, da participação de membros da família, com remuneração muito baixa. Esses fatores são condicionantes à participação dessa produção em circuitos inferiores da economia local e corroboram o aumento da informalidade e da produção doméstica. Nova Friburgo é um espaço apropriado pelo uso, pelo cotidiano, pelo imaginário, pela resistência de grupos

sociais, porém, também, pela produção da mercadoria. As estruturas do neoliberalismo impõem uma divisão do trabalho, que se reproduz na formalidade e na informalidade, nas relações de poder entre classes e frações de classe, na reprodução de um imaginário e ideologias que sustentam tais relações. Esses espaços são apropriados pelas forças do oculto, escondendo a produção e a força produtiva, misturando o privado e o trabalho, camuflando sua dimensão material, no objetivo de intensificar ainda mais a exploração das mulheres nos bairros proletários. O trabalho torna-se invisível aos olhos de quem vê. Se escondem as relações de opressão nos becos, nos sobrados, nas garagens e nos fundos das residências, invisibilizando os principais agentes dessa produção: as trabalhadoras.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de Sociologia do Trabalho**. 2. ed. Londrina: Práxis, 2007.

AMIM, Ash e ROBINS, Kevin. **Guerra Fiscal e Finanças Federal no Brasil: o caso do setor automobilístico**. Campinas. TE Unicamp (2001).

ARAÚJO, João Raimundo de. **Nova Friburgo: A Construção do Mito da Suíça Brasileira. (1910 – 1960)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2003.

BRANDÃO, Carlos Antonio. **A busca da utopia do planejamento regional**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n.120, p.17-37, jan./jun. 2011.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **O Modo Trans-escalar de Análise e Intervenção Pública: notas para um manifesto anti-localista**. In: X Encontro Nacional da Ampur. 28 a 30 de maio de 2003. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p.1-12.

_____, Carlos Antônio. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global** / Carlos Brandão. Campinas, SP: Editona Unicamp, 2007.

BRASIL. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=3&z=t&o=22&u1=1&u2=1&u4=1&u5=1&u6=1&u3=34>>. Acesso em: setembro 2016.

Brasil, Congresso Nacional, **decreto e eu sanção de Lei nº 13.429/2017 de 31 de março de 2017** (Brasília, DF. 31 de março de 2017). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2017/Lei/L13429.htm.

BRASIL, Congresso Nacional, Decreto-lei nº 5.452, **de 1º de maio de 1943 (Rio de Janeiro, DF. 1 de maio de 1943)**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm.

BRASIL. **Centro de Documentação D. João VI**. Disponível em <<http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home>>. Acesso em junho de 2017.

BRASIL. **Prefeitura municipal de Nova Friburgo. Macrozoneamento. Plano diretor, 2015**. Disponível em <<http://www.planodiretornf2014.org/revisao-final>>. Acessado em março de 2017.

BRITO, J. & ALBAGLI, S. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais**. Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (REDESIST), Rio de Janeiro, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **“A Condição Espacial”**. São Paulo, Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico*. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs). **A**

Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **A (re)produção do espaço urbano.** São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** São Paulo. Paz e Terra. (1999)

CASTORIADIS, Cornelius. **“A crise do processo de identificação”** in As Encruzilhadas do labirinto IV – A ascensão da insignificância. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CASTORIADIS, Cornelius. **“Reflexões sobre o desenvolvimento e a racionalidade e a racionalidade.** IN: As Encruzilhadas do labirinto II, os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto III: o mundo fragmentado** – Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1987 – 1992.

CASTRO, Demian Garcia. **Regionalização do estado do Rio de Janeiro: uma nota sobre o desenvolvimento e políticas públicas.** In MARAFON, G. J. e RIBEIRO, Miguel Angelo. Revisitando o Território Fluminense. Rio de Janeiro: NEGEF, 2003. p. 252.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital.** São Paulo, Xamã, 1996.

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte.** In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.), Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro EDUERJ, 1998.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** Tradução Mariana Echalar. 1º Edição: Boitempo, 2016.

DINIZ, Célio C. **A Nova Geografia Econômica do Brasil.** In: REIS, VELLOSO, João P. Brasil 500 aos. Rio de Janeiro. José Olímpio. (2001).

FURTADO, Celso. **Um projeto para o Brasil.** Rio de Janeiro: Ed Saga, 1969.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

GUIMARAES, Juarez. **Marxismo e Democracia - uma crítica ao determinismo, estatismo e “cultura do coletivismo” na tradição socialista.** Campinas: UNICAMP/IFCH (exame de qualificação), 1996.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos.** Niterói: UFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HARVEY, David. **Natas hacia una teoria Del desarrollo desigual.** Barcelona. 1976. p. 69-116.

HARVEY, David. **Space of the Global Capitalism. Towards a theory of uneven geographical development.** New York: Verso 2006.

HARVEY, David. **Space, time and place.** In HARVEY, David. Justice, nature and Geography of difference. Oxford: Blackwell, 1996.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço.** São Paulo: Anna Blume, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo. Edições Loyola, 2007.

_____. **Espaços de Esperança.** São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Os limites do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013.

HEGEL, G. W. F. **Princípios da Filosofia do Direito.** Editora Martins Fontes. São Paulo. 1976.

HOLZER, Werther. **Paisagem, imaginário e identidade: alternativas para o estudo geográfico.** IN: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Manifestação da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. P. 149-168.

IANNI, Otavio. **A Sociedade Global.** Editora Civilização Brasileira. São Paulo. 1993, p.194.

IANNI, Otavio. **Estado e Capitalismo: Estrutura Social e Industrialização no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

JACKSON, J.B. **Descobriendo El paisaje autóctono [Discovering the vernacular landscape]** Madrid: Biblioteca Nueva, 2010, PP. 27-41.

JINKINGS, Nise. **Trabalho e resistência na “fonte misteriosa” Os bancários no mundo da eletrônica e do dinheiro.** Campinas. Editora UNICAMP. 2002.

LA ROVERE, Renata; HASENCLEVER, Lia; MELO, Luiz Martins de. **Dinâmica de inovação na indústria têxtil e de confecções em Nova Friburgo.** In: TIRONI, Luíz Fernando (org.) Industrialização descentralizada: sistemas industriais locais. Editora Gerencia de Produção. Rio de Janeiro – RJ. Março de 2001. p. 383 - 417

LANDER, Edgardo. **A Colonização do Saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas Latino Americanas. Universidade da Venezuela. Caracas, janeiro 2000.

LASTRES, Helena M. M., CASSIOLATO, José E. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – Terceira Revisão –** www.ie.ufrj.br/redesist. Setembro, 2004.

LATOUICHE, Serge. **A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária.** Vozes. Petrópolis. 1994.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Editora UFMG. Belo Horizonte, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y Política: el Derecho a la Ciudad II**. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sergio Martins. 1 Ed. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1973.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Editora UFMG. São Paulo, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

_____. **O Marxismo**. Tradução de Willian Lagos. Porto Alegre: L&PM, [1971] 2013. Coleção L&PM POCKET, v. 784).

_____. **Sociologia de Marx**. 2. ed. Tradução de Carlos Roberto Alves Dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1966] 1979.

_____. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. Editora Ática: São Paulo, 1991.

_____. **La Production de L'Espace**. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000. (A Produção do Espaço. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Primeira versão: fev.2006.).

_____. **L'Idéologie Structuraliste**. Paris: Éditions Anthropos, 1971.

_____. **O fim da história**. Lisboa: Dom Quixote, 1971a.

_____. *O conceito de estrutura em Marx*. In: BASTIDE, Roger. (Org). **Usos e Sentidos do Termo Estrutura nas Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Herder / Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

_____. **Reflexões sobre o estruturalismo e a história**. In: textos Básicos de Ciências Sociais - O método estruturalista. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1967.

_____. *Claude Lévi-Strauss e o novo eleatismo*. In: **L'home et la Societé** – Debate sobre o estruturalismo: Uma questão de ideologia. São Paulo: Editora Documentos, 1968.

_____. **A re-produção das relações de produção**. Tradução de Antônio Ribeiro e M. Amaral. Porto: Publicações Escorpões, 1973. Coleção Cadernos O Homem e a Sociedade.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

LENCIONI, Sandra. *Reestruturação urbano-industrial no estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada*. In: **Espaço & Debates**. São Paulo: NERU, n.38, 1994, p.54-61.

_____. Região Metropolitana de São Paulo como centro da inovação do Brasil. Cad. Metropolitano de São Paulo, v.17 n.34 pp. 317-128. Nov. 2015.

_____. *Reestruturação: uma noção fundamental para o estudo das transformações e dinâmicas metropolitanas*. In: Anais do VI Encontro de Geógrafos da América Latina, Buenos Aires, 1998, CD-ROM. Disponível em: < <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Teoriaymetodo/Teoricos/856.pdf>>. Acesso em: 03 de maio de 2016.

_____. *Metropolização do espaço e a constituição de megarregiões*. In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia. (Orgs). **Desafios da Metropolização do Espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

_____. *Metropolização do Espaço: processos e dinâmicas*. In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio José; SILVA, Augusto César Pinheiro da. (Orgs). **Metropolização do Espaço: gestão territorial e relações urbanorurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. São Paulo: **Revista GEOUSP**, v. 24, p. 109-123, 2008.

Lins, H.N. Clusters Industriais, competitividade e desenvolvimento regional: da experiência à necessidade de promoção. Estudos Econômicos, São Paulo, 30(2):233-265, abr-jun, 2000.

LIPIETZ, Alain. **The Structuration of Space, the problem of Land, and Spatial Policy**". In Carney ET AL., Regions in Crisis. pp. 60-75. 1980.

LÖWY, Michael. **A Teoria do Desenvolvimento desigual e combinado. Pesquisa do Centre Natinal de Recherches Scientifiques**. (CNRS), Paris, França, 1995.

LUFTI, Eulina Pacheco, SOCHACZEWSKI, Uzanna, JAHNEL, Teresa Cabral. **As representações e o possível**. In MARTINS, José de Souza (Org.). Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, José de Souza. **As Temporalidades da História na dialética de Lefebvre**. In Martins, José de Souza (org.) Henri Lefebvre e o retorno da dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (I - Feuerbach)**. São Paulo, Hucitec, 1984.

MATTOS, Regina Célia. **Arranjos produtivos locais no interior Fluminense: o polo de moda íntima de Nova Friburgo e região**. GEOPUC – Revista do Departamento de Geografia da PUC-Rio Ano 4 número 7 – segundo semestre de 2011.

MATTOS, Regina Célia de. **Desvendando o íntimo espaço da moda Tese de doutoramento**, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFF. Niterói/RJ, UFF, 2005.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **RAIS – Relação Anual de Informações Sociais**. Brasília: MTE, 1995-2010, CD.

MDIC, **Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio. Termo de Referência para Política Nacional de Apoio ao Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais.** Brasília, 2004.

MORIN, Edgar. **Por uma reforma do pensamento.** IN: PENA-VEJA, Alfredo e ALMENIDA, Elimar Pinheiro. *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade.* Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

OFFE, Claus. **Trabalho: a categoria-chave da sociologia?** *Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS.* V. 4, nº. 10, jun. 1989a, p. 5-20.

OLIVEIRA e SCHMID. **Bridging Continents in Teaching Environmental History: Rio de Janeiro and Vienna.** HALAC. Belo Horizonte, volumen I, numero1, setiembre 2011 – febrero 2012, p 74-85.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. **Investimentos Públicos e Desenvolvimento Local: sentidos estratégicos dos recentes projetos e políticas públicas do Rio de Janeiro.** *Revista Scripta Nova.* Vol. XII, nº 270(84). 1 de agosto de 2008. Barcelona. 2008. P. 1-16.]

OLIVEIRA, Prissilla Mello de. **Na intimidade do domicílio: o trabalho feminino na produção de moda íntima de Nova Friburgo – 2012.** 117 f.: il. (color.); 30 cm Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia, 2012.

PINTO, Rodrigo W. P. e FREITAS, Marcelo M. **Considerações a Respeito dos Movimentos de Massa Ocorridos em Janeiro de 2011 na Bacia do Corrego d’Antas, Nova Friburgo – RJ.** Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, jul.-dez. 2012, p. 79-96

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o poder, o socialismo.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2º edição 1985.

RUA, João. **Urbanização em Áreas Rurais no Estado do Rio de Janeiro.** In MARAFON, Glaucio José; RIBEIRO, Marta Fooppel (orgs.) *Estudos de Geografia Fluminense.* Rio de Janeiro. Livraria e Editora Intobook LTDA. 2002. p. 43-70.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo. Editora Hucitec. São Paulo. 2012, p.1-218.

SANTOS, Milton e Maria Laura Silveira. **O Brasil o território e a sociedade no início do sec.XXI.** Rio de Janeiro: editora RECORD. 2001.

SEBRAE – RJ. **Desenvolvimento do Cluster de Moda Íntima da Região Centro Norte Fluminense. Relatório realizado pela Fundação Getúlio Vargas.** Rio de Janeiro – RJ. Março 2000.

Santos, Daniel Teixeira dos; Mattos, Regina Célia de. **A Produção do Espaço da cidade de Nova Friburgo.** Rio de Janeiro, 2014. 148p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SEBRAE, **Termo de Referência para Atuação do Sistema SEBRAE em Arranjos Produtivos Locais**. Brasília, 2003.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução Laura TeixeiraMotta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 410 p.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia das representações sociais**. OLAM - Ciência & Tecnologia. Rio Claro/SP, Brasil Vol. 5 No 1 - Maio / 2005. p. 220-232

SIMITH, Neil. **Desenvolvimento Natural: natureza, capital e produção do espaço**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1988.

SOJA, Edward. **Thirdspace**. Cambridge: Blackwell, 1996.

SOJA, Edward. **Uma Concepção Materialista da Espacialidade**. Editora Abril Cultura, da série “Os Economistas”. São Paulo, 1982.

SOJA, Edward. W. **Thirdspace: Expanding the scope of geographical Imagination**. In, MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. *Human Geography Today*. Oxford, UK: Blackwell, 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A teorização sobre o desenvolvimento em uma época de fadiga teórica, ou sobre a necessidade de uma “teoria aberta” do desenvolvimento sócio-espacial**. Território. Rio de Janeiro, n1, vol.1, p.5-22. Dez 1996.

STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Traduzido por Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SUZIGAN, Wilson. FURTADO, João. GARCIA, Renato. SAMPAIO, Sérgio. **Cluster, ou Sistemas Locais de Produção: Mapeamento, Tipologia e Sugestões Políticas**. *Revista de Economia Política*, vol. 24 n°4 (96) outubro-dezembro 2014.

THRIFT, Nigel. **Space: the fundamental stuff in human geography**. In HOLLOWAY, Sarah, RICE, Stephen P., VALENTINE, Gill. *Key concepts in Geography*. London: Sage: 2004.

TIRONI, Luíz Fernando (org.) **Industrialização descentralizada: sistemas industriais locais**. Editora Gerencia de Produção. Rio de Janeiro – RJ. 2001

VAINER, Carlos Bernardo. **As Escalas do Poder e o Poder das Escalas: o que pode o poder local?** In: *Cadernos do IPPUR*. Rio de Janeiro. IPPUR-UFRJ/DPA Editora, 2002, p.13-32.

VELTZ, Anibal. **Dependencia, Cambio Social y Urbanización**. *Revista Mexicana de Sociologia*. XXX (3), Cidade do México. 1996.

ANEXOS



IMAGEM 22 - Antiga Fábrica Filó 1925 – Grande Planta Industrial. A fábrica produzia rendas e tecidos. Tinha como principal acionista Otto Siems, de origem alemã. No seu entorno localizam-se bairros operários e conjuntos habitacionais.

Fonte: BRASIL. Centro de Documentação D. João VI. Disponível em < <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home> >. Acesso em junho de 2017.



IMAGEM 23 - Antiga Fábricas de Renda Filó 2017 - Hoje abriga a fábrica Triumph (moda Íntima) e o Instituto de Tecnologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2017.



IMAGEM 24 - Antiga Fábricas de Renda Filó 2017 - Hoje abriga a fábrica Triumph (moda Íntima) e o Instituto de Tecnologia da Universidade estadual do Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2017.

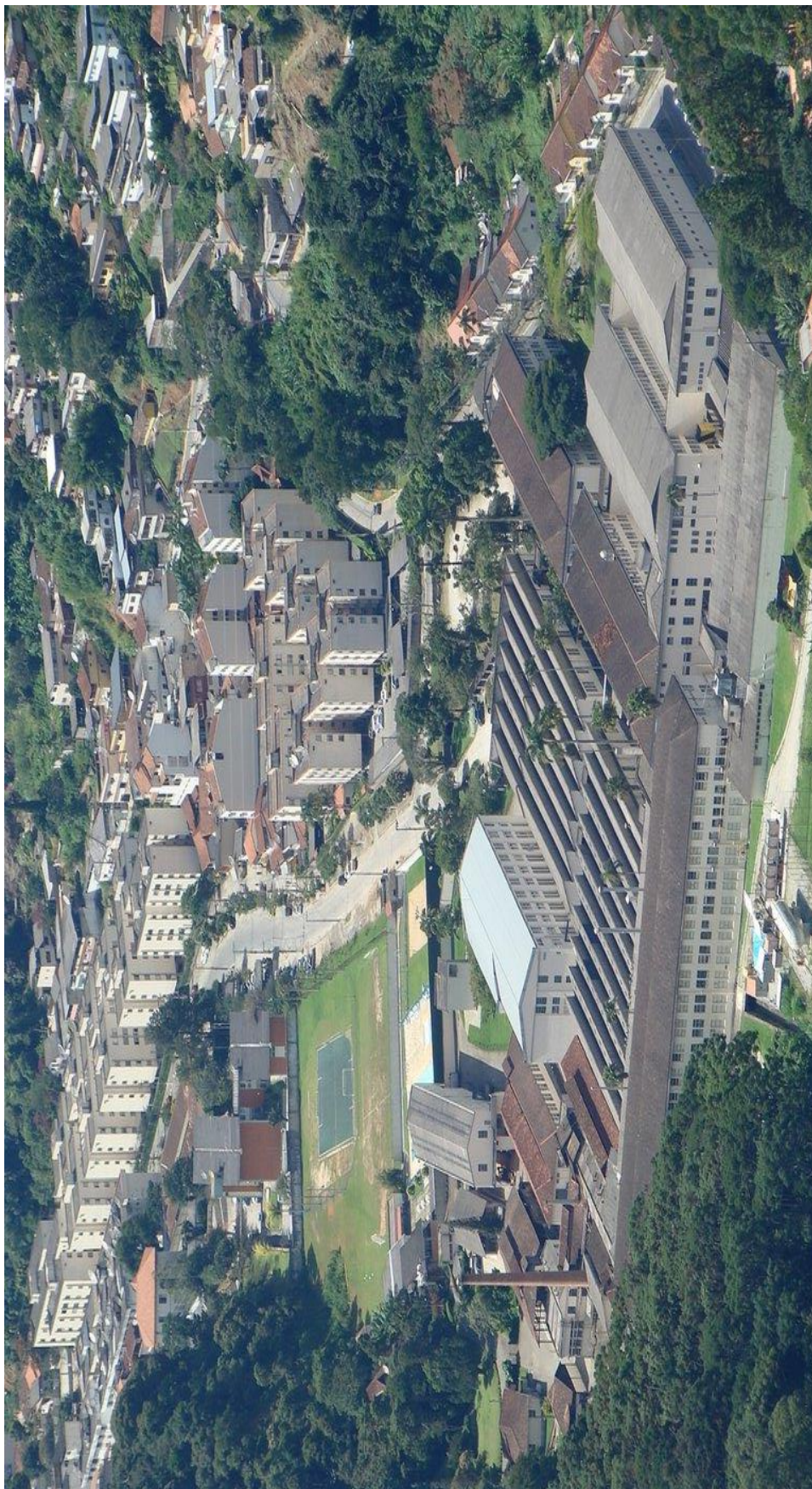


IMAGEM 25 - Vista Aérea do Bairro da Vila Amélia: este bairro se caracteriza como exemplo do processo de reestruturação produtiva do urbano e da indústria, podemos observar a grande planta industrial da antiga fábrica Filó, ao lado vemos conjuntos habitacionais e vilas operárias característica do período fordista, porém nas encostas vemos o avanço das construções domésticas, característica da acumulação flexível.

Fonte: BRASIL. Centro de Documentação D. João VI. Disponível em < <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home> >. Acesso em junho de 2017.

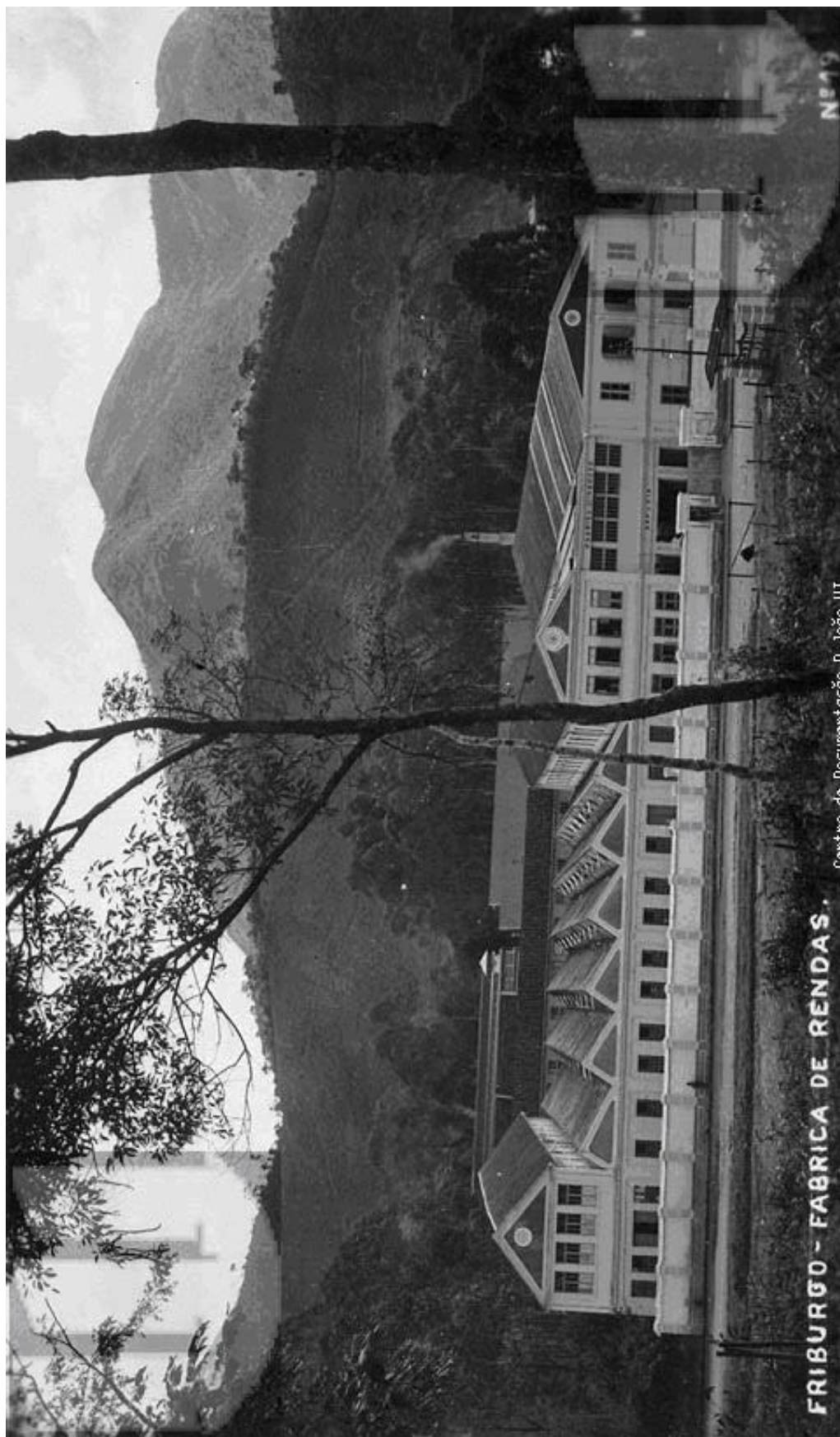


IMAGEM 26 - Antiga Fábrica ARP 1920 – Grande Planta Industrial. A fábrica produzia rendas e tecidos.

Fonte: BRASIL. Centro de Documentação D. João VI. Disponível em < <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home> >. Acesso em junho de 2017.



IMAGEM 27 - Antiga Fábrica ARP 2017 – Grande Planta Industrial. A fábrica produzia rendas e tecidos. Hoje possui múltiplos usos. Abriga a Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR – Campos Nova Friburgo, além do SENAE – Espaço de Moda, que oferece cursos profissionalizantes no ramo da moda íntima, alguns galpões foram alugados para pequenas confecções do ramo da moda íntima e ainda possui um restaurante e um curso pré-vestibular.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2017.



IMAGEM 28 – Antiga Fábrica YPU 1930 – A fábrica produzia produtos derivados do couro. Pode-se observar ao fundo as vilas operárias, formas comuns no município.

Fonte: BRASIL. Centro de Documentação D. João VI. Disponível em < <http://www.djoaovi.com.br/index.php?cmd=home> > . Aceso em junho de 2017.



IMAGEM 29 - Antiga Fábrica YPÚ 2017 – Hoje a antiga YPÚ está com a maior parte da sua planta industrial abandonada. Algumas áreas da fábrica estão sendo alugadas para pequenas confecções, outras abrigam uma transportadora e algumas pequenas empresas, porém grande parte da maior planta industrial do município encontra-se sem uso e se deteriorando.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2017.



IMAGEM 30 – Confeção no Bairro de Olaria – Interessante observar as confeções domésticas, as casas e os sobrados do bairro, lugares mistos de pequenas empresas e domicílio são muito comum em todo município.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2019.



IMAGEM 31 – Confeção no Bairro de Olaria – Interessante observar as confecções domésticas, as casas e os sobrados do bairro, lugares mistos de pequenas empresas e domicílio são muito comum em todo município.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2019.



IMAGEM 32 – Lojas populares no bairro de Olaria. Interessante observar as confecções no andar de cima dos sobrados das lojas

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2019.



IMAGEM 33 – Lojas populares em viela no bairro de Olaria.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2019.



IMAGEM 34 – Lojas de alto padrão localizada no bairro da **Ponte da Saudade**. Interessante notar no andar de cima do sobrado a confecção de moda íntima.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2019.



IMAGEM 35 – Lojas de alto padrão localizada em centro comercial no bairro da Ponte da Saudade.

Fonte: Acervo Pessoal, junho de 2019.